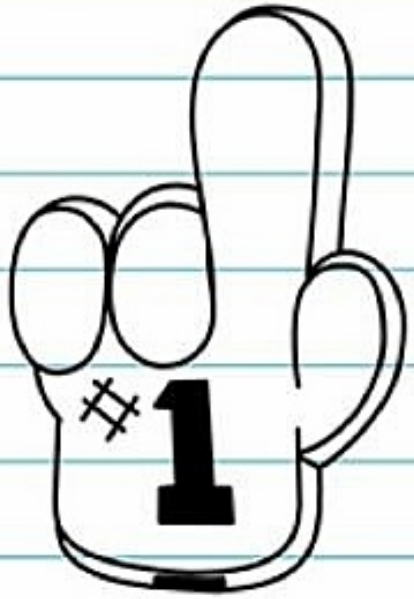
DIÁRIO de um Banana

BOLA FORA

Jeff Kinney


#1

CONHEÇA A SÉRIE

1 *Diário de um Banana*
2 *Rodrick é o cara*
3 *A gota d'água*
4 *Dias de cão*
5 *A verdade nua e crua*
6 *Casa dos horrores*
7 *Segurando vela*
8 *Maré de azar*
9 *Caindo na estrada*
10 *Bons tempos*
11 *Vai ou racha*
12 *Apertem os cintos*
13 *Batalha neval*
14 *Quebra tudo*
15 *Vai fundo*
16 *Bola fora*

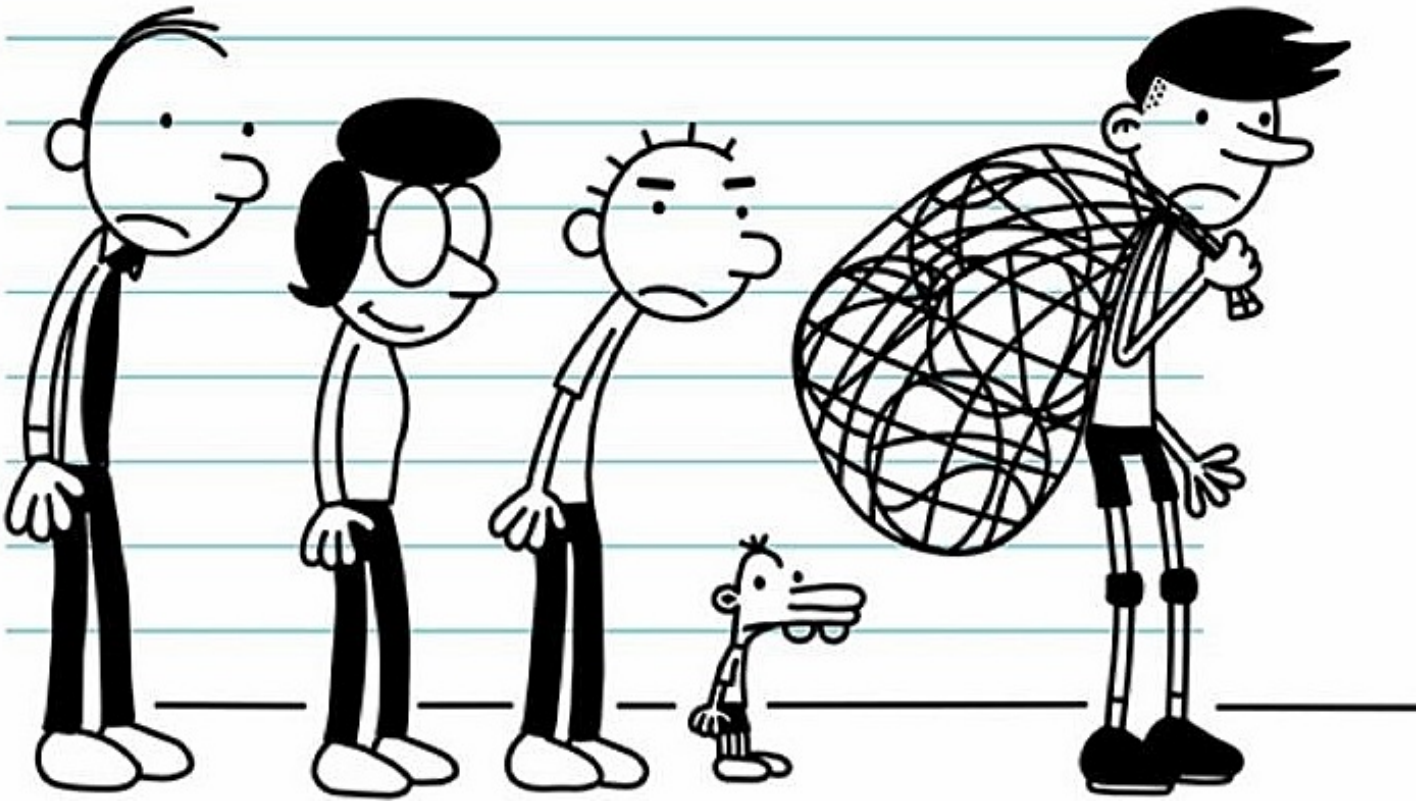
MAIS LIVROS DO UNIVERSO BANANA

Diário de um Banana: Faça você mesmo

Diário de um Garoto Supimpa: As memórias de Rowley Jefferson

Rowley apresenta: Uma aventura supimpa

Rowley apresenta: Histórias supimpas de terror



DIÁRIO de um Banana

BOLA FORA

Por Jeff Kinney

EDITORA

TÍTULO ORIGINAL *Diary of a Wimpy Kid: Big Shot*

Publicado originalmente em 2021 por Harry N. Abrams, Incorporated, New York.
(Todos os direitos reservados em todos os países por Harry N. Abrams, Inc.)

Wimpy Kid text and illustrations copyright © 2021 Wimpy Kid, Inc. DIARY OF A WIMPY KID®, WIMPY KID™, and the Greg Heffley design™ and the design of the book's cover are trademarks and trade dress of Wimpy Kid, Inc. All rights reserved.

Os Veggie Rocker, na página 46, foram criados por Daryl Enos.
Utilizados com permissão e gratidão.

© 2021 VR Editora S.A.

DIRETOR EDITORIAL Marco Garcia
EDIÇÃO Fabrício Valério
TRADUÇÃO Alexandre Boide
PREPARAÇÃO Raquel Nakasone
REVISÃO Natália Chagas Máximo
CRIAÇÃO E DESIGN Jeff Kinney
CAPA Jeff Kinney e Brenda E. Angelilli
DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kinney, Jeff
Diário de um Banana: bola fora [livro eletrônico] / Jeff Kinney; tradução Alexandre Boide. – 1. ed. – Cotia, SP: VR Editora, 2021.

Mobi

Título original: Diary of a wimpy kid: big shot.
ISBN 978-65-86070-63-7

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5
Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Todos os direitos desta edição reservados à
VR EDITORA S.A.
Via das Magnólias, 327 – Sala 01 | Jardim Colibri
CEP 06713-270 | Cotia | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4702-9148
vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br
Facebook | Instagram | Twitter: **/vreditorabr**

1ª edição, out. 2021
FONTE WimpyKidDialogue 12/13,5pt, 15/21,4pt; WimpyKidWeb 15/21,4pt

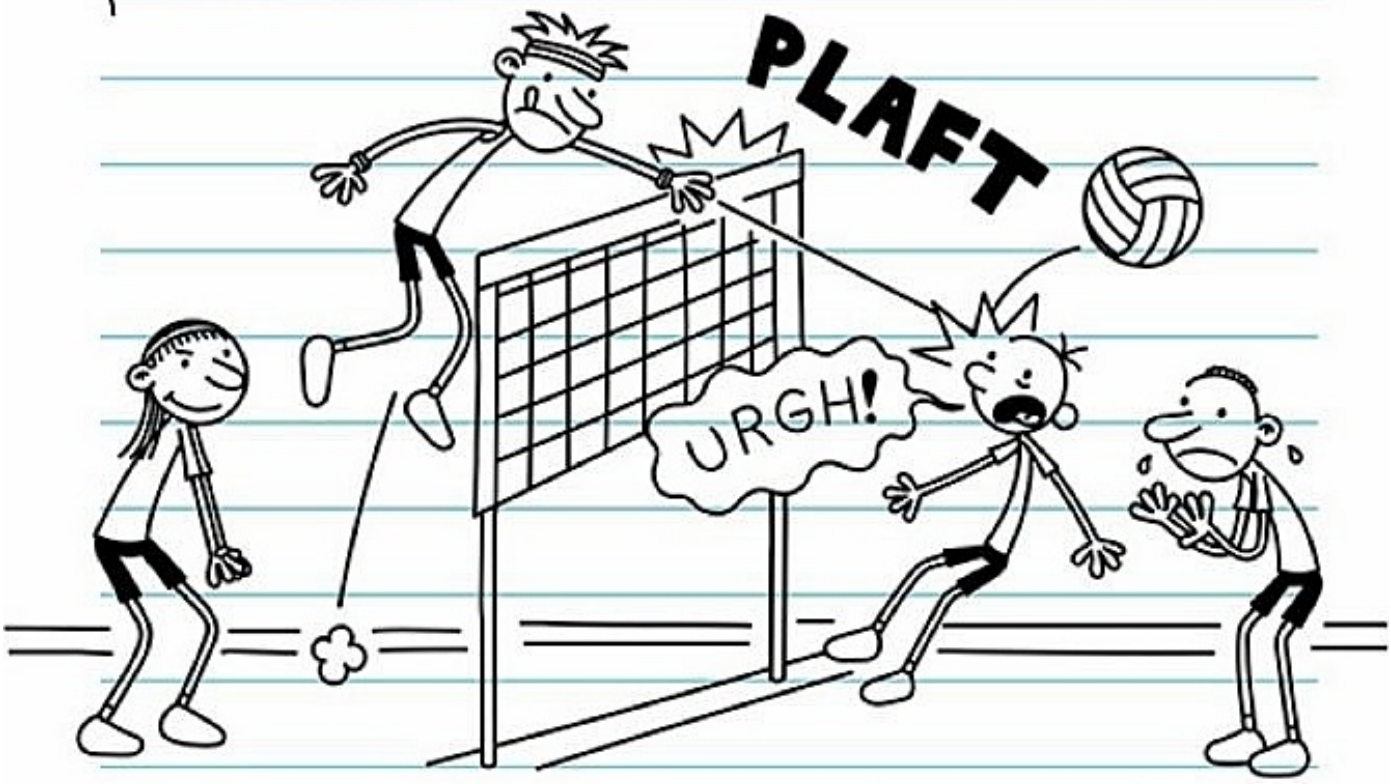
PARA WILL E GRANT

SETEMBRO

Segunda-feira

Ouvi dizer que atletas nascem com genes especiais e que, por isso, são bons nos esportes. Bom, sejam quais forem esses genes, acho que nasci SEM eles.

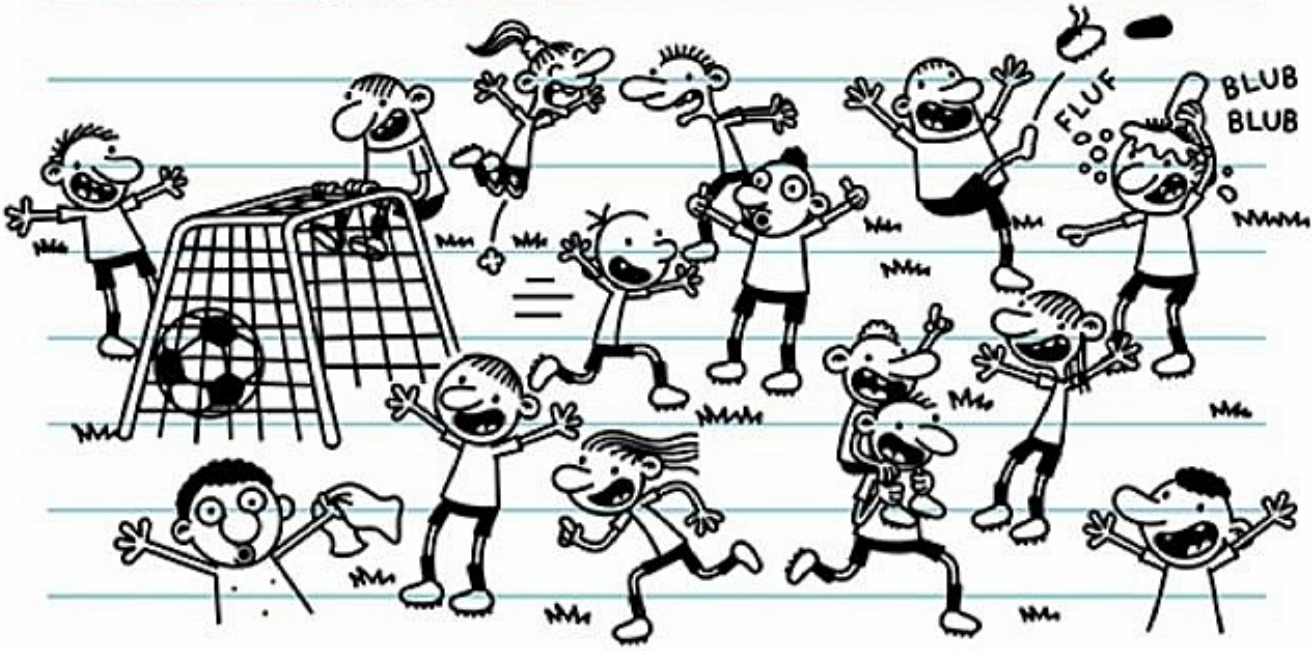
Mamãe vive dizendo que todo mundo que faz parte de um time tem um papel importante a cumprir. Mas pelo visto minha função é fazer os OUTROS parecerem bons.



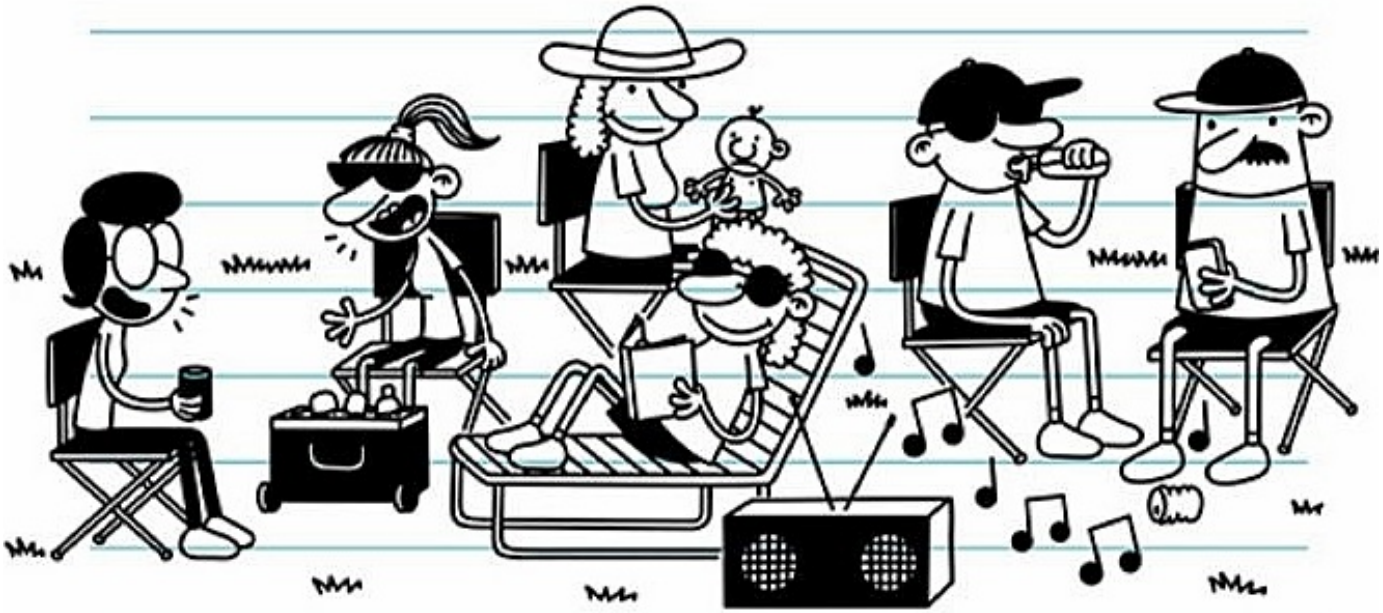
A esta altura da minha vida, tenho certeza de que não vou ser um atleta profissional quando crescer. Então estou anunciando oficialmente minha aposentadoria.

A parte mais louca é que eu já GOSTEI de praticar esportes. Mas isso foi no jardim de infância, quando os jogos eram DIVERTIDOS. O primeiro esporte que aprendi foi futebol. Não sabia as regras, só que o resto das crianças também não. Então o que rolava no campo era o puro caos.

A gente só ficava correndo atrás da bola. De vez em quando, ela acabava escapando do meio da aglomeração e entrava em um dos gols, e aí TODO MUNDO comemorava.



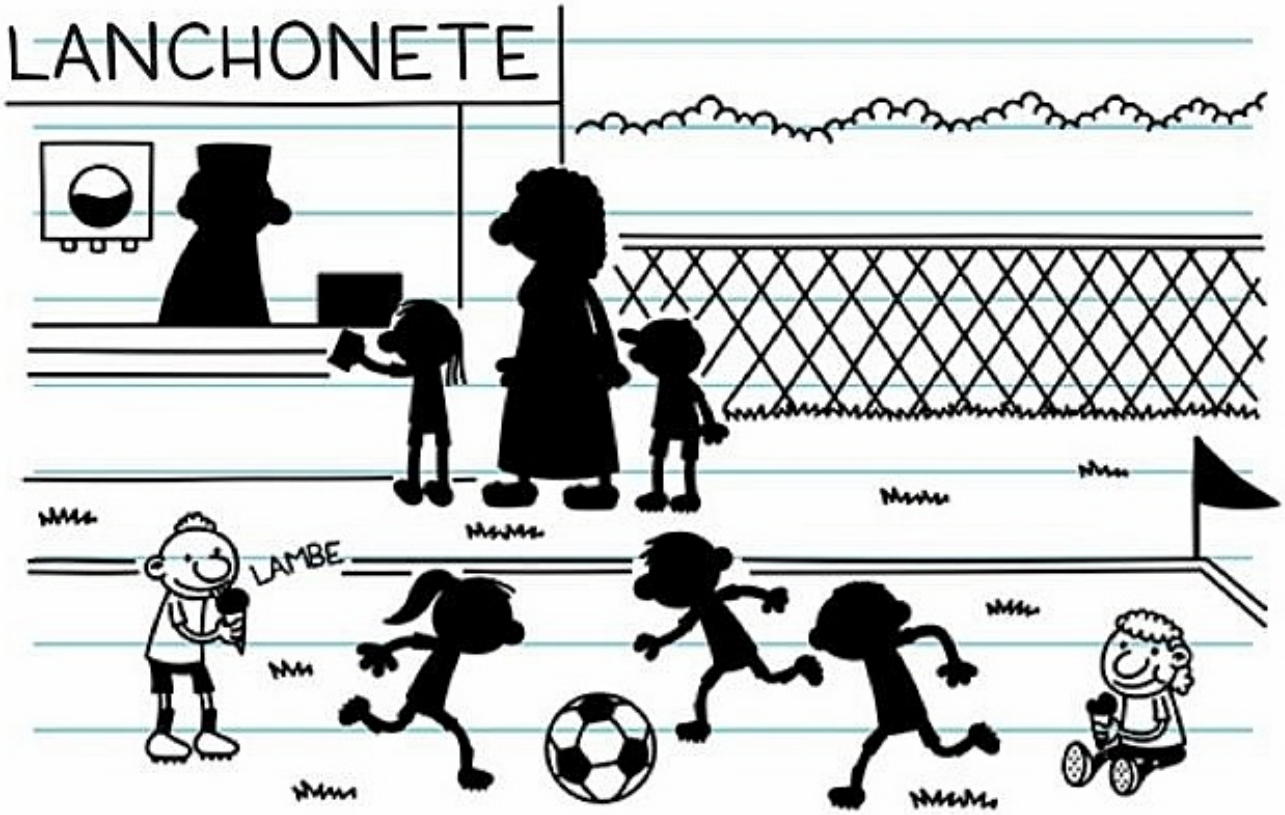
Ninguém marcava o placar, então nunca dava para saber quem estava ganhando ou perdendo. E os pais nem ligavam, porque se ocupavam com as coisas deles.



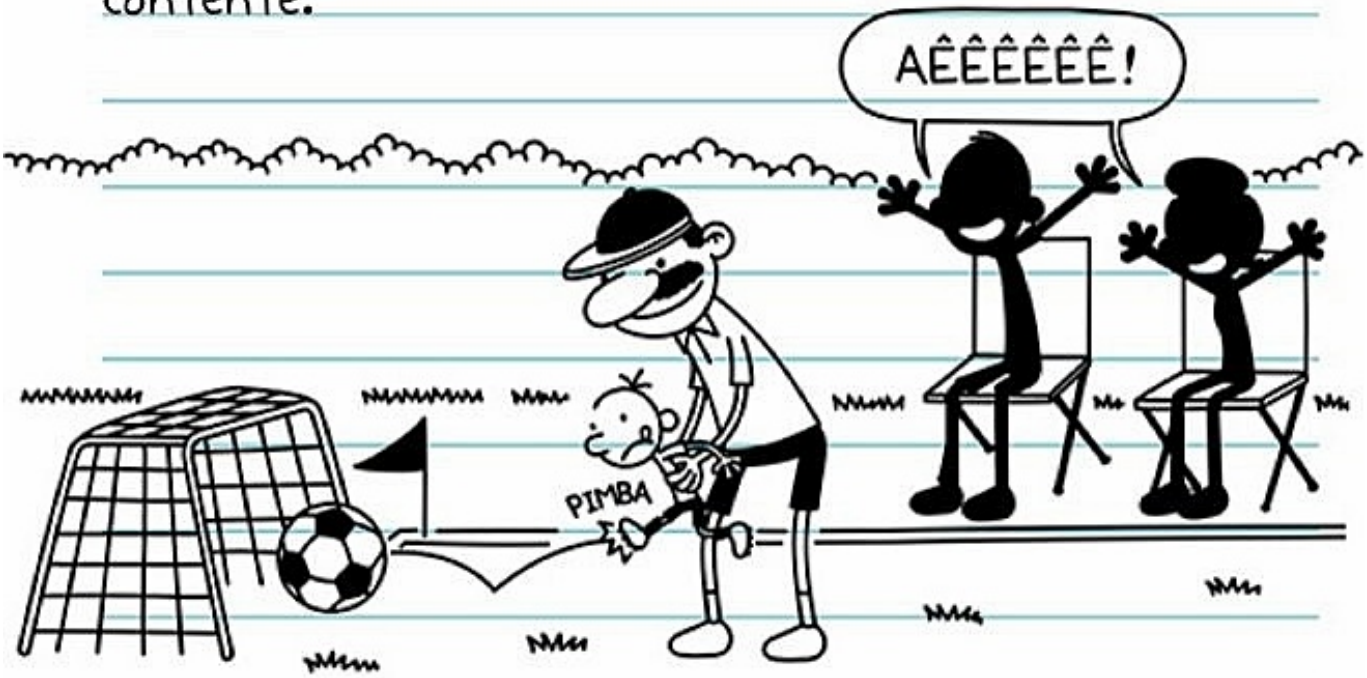
Os juízes eram alunos do Ensino Fundamental II, que também não prestavam a menor atenção no jogo.

Na real, os juízes nem apitavam quando a bola saía do campo de futebol. Então metade do time acabava jogando no campo errado sem nem SABER.

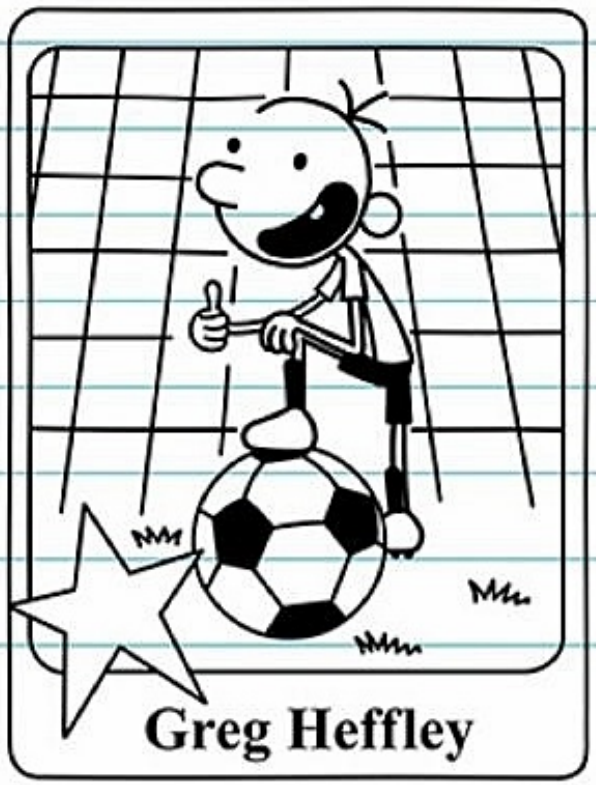
Depois do jogo, a gente sempre ia tomar milk-shake e comer porcarias na lanchonete. E às vezes não era preciso nem esperar o jogo ACABAR para começar a comilança.



Os treinadores eram bem legais e davam chance para todos fazerem gols. Assim todo mundo ficava contente.



Nessa época, tinha CERTEZA de que seria jogador profissional quando crescesse. Até guardei minha figurinha do time infantil na embalagem original, para o caso de virar uma coisa valiosa algum dia.



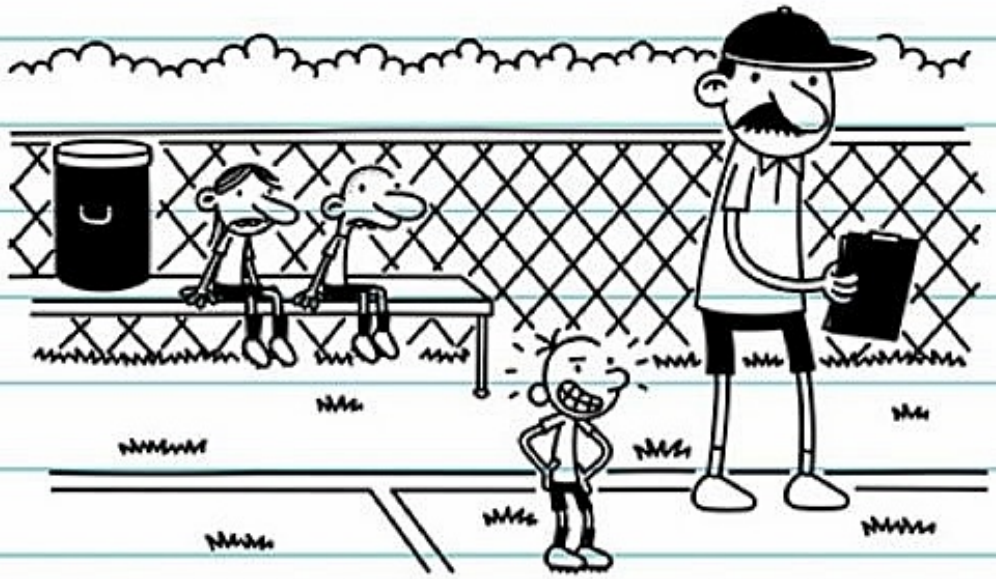
Mas, quando chegou o Ensino Fundamental I, tudo MUDOU. Os juízes usavam o apito toda hora e não deixavam mais a gente fazer as mesmas coisas do ano anterior.

Naquela época, os juízes apitavam sempre que eu pegava na bola. Então, durante a partida, eu ficava parado lá no canto do campo, torcendo pra bola não chegar em mim.

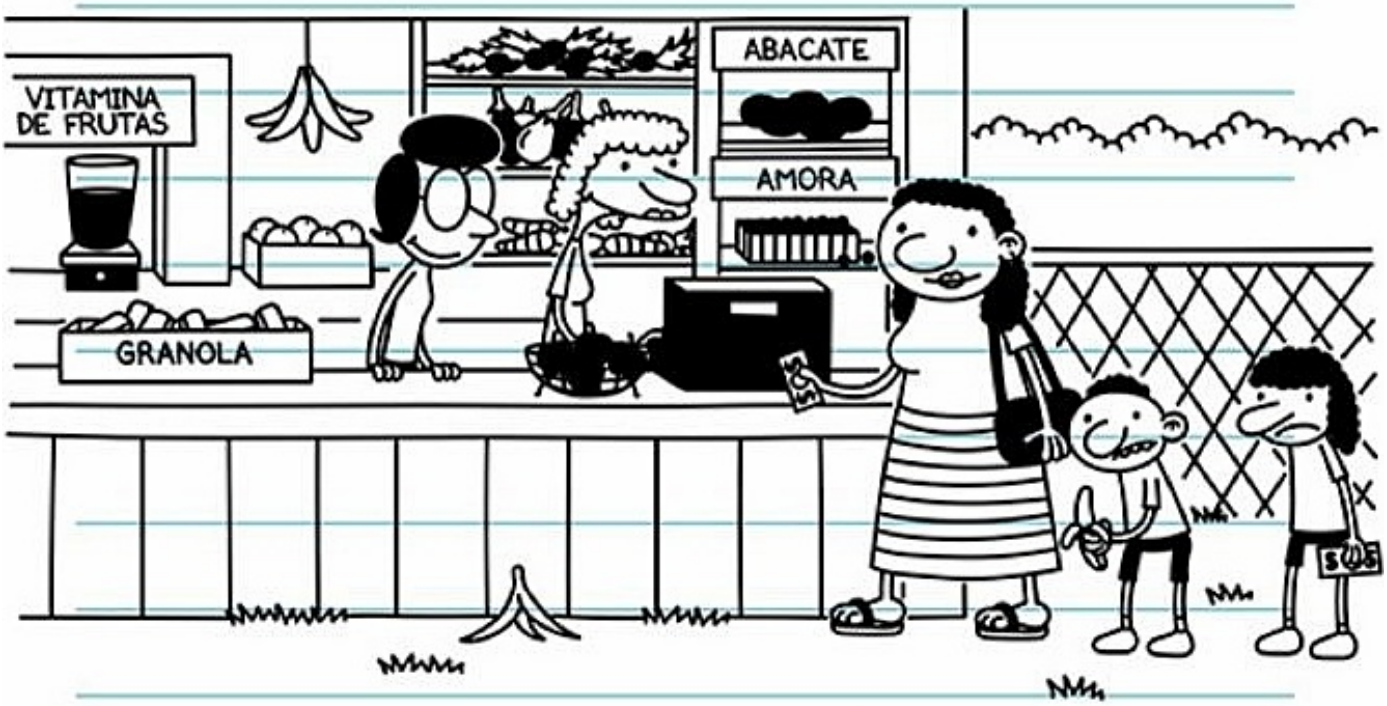
Não que eu jogasse muito no Ensino Fundamental I, aliás. O treinador só colocava quem era BOM no time, e o resto do pessoal ficava sentado no banco.

A mamãe dizia que o treinador não me escolhia porque eu era a "arma secreta" do time e estava sendo guardado para o momento certo.

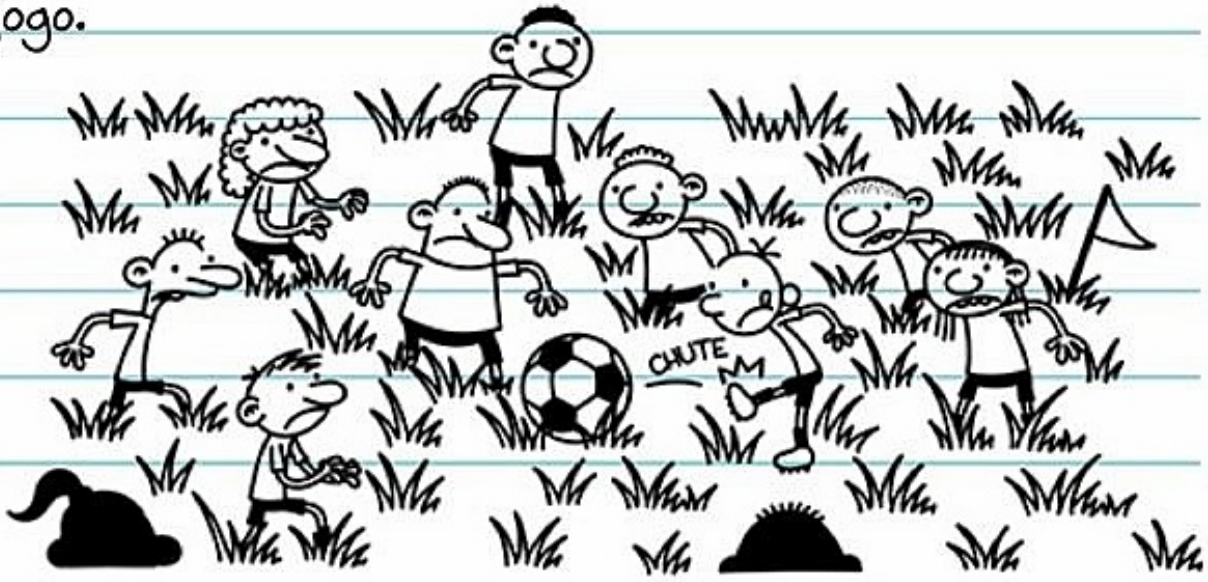
Mas eu não percebia que ela só estava tentando levantar o meu moral. Então, sempre que o treinador me colocava no jogo, eu achava que estava ARRASANDO.



Até a lanchonete perdeu a graça nessa época. Uns pais reclamaram que estavam vendendo muitas porcarias pras crianças, e os refrigerantes e os doces foram trocados por alternativas SAUDÁVEIS.

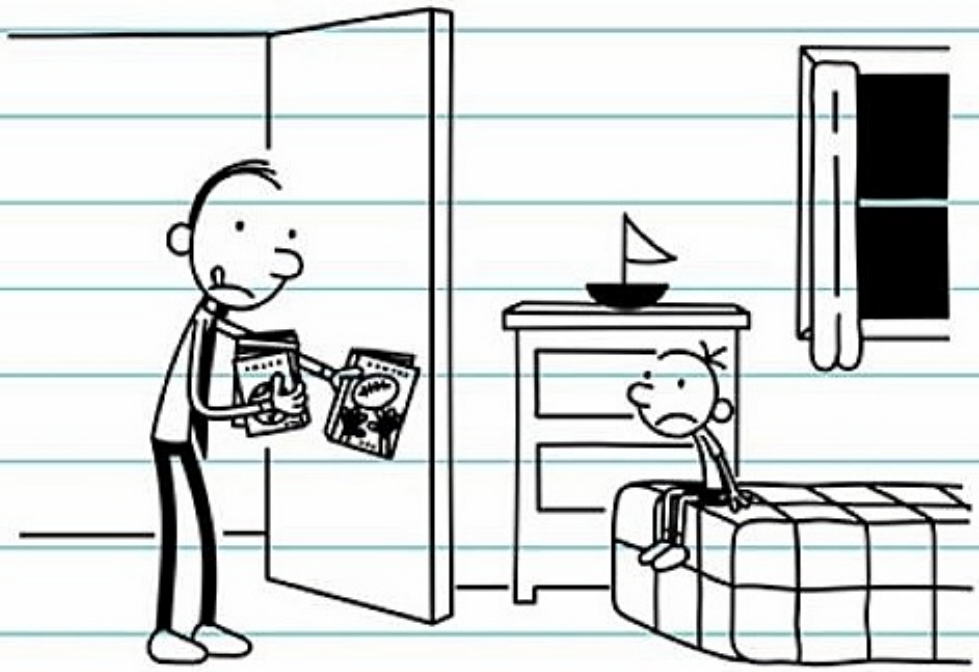


Mas o que pagava a manutenção do campo eram as vendas da lanchonete. Daí, nesse ano, o pessoal da administração não teve como bancar alguém pra cortar a grama a cada três semanas, o que dificultou um bocado o jogo.



Depois que várias crianças pegaram carrapato por jogar bola no meio daquele matagal, decidiram encerrar a temporada mais cedo, o que achei ÓTIMO.

Me sinto meio mal por não levar muito jeito pra coisa, porque acho que o papai esperava que eu fosse ser um grande atleta. Sempre que ia à biblioteca, ele voltava com uma pilha de livros sobre esportes.



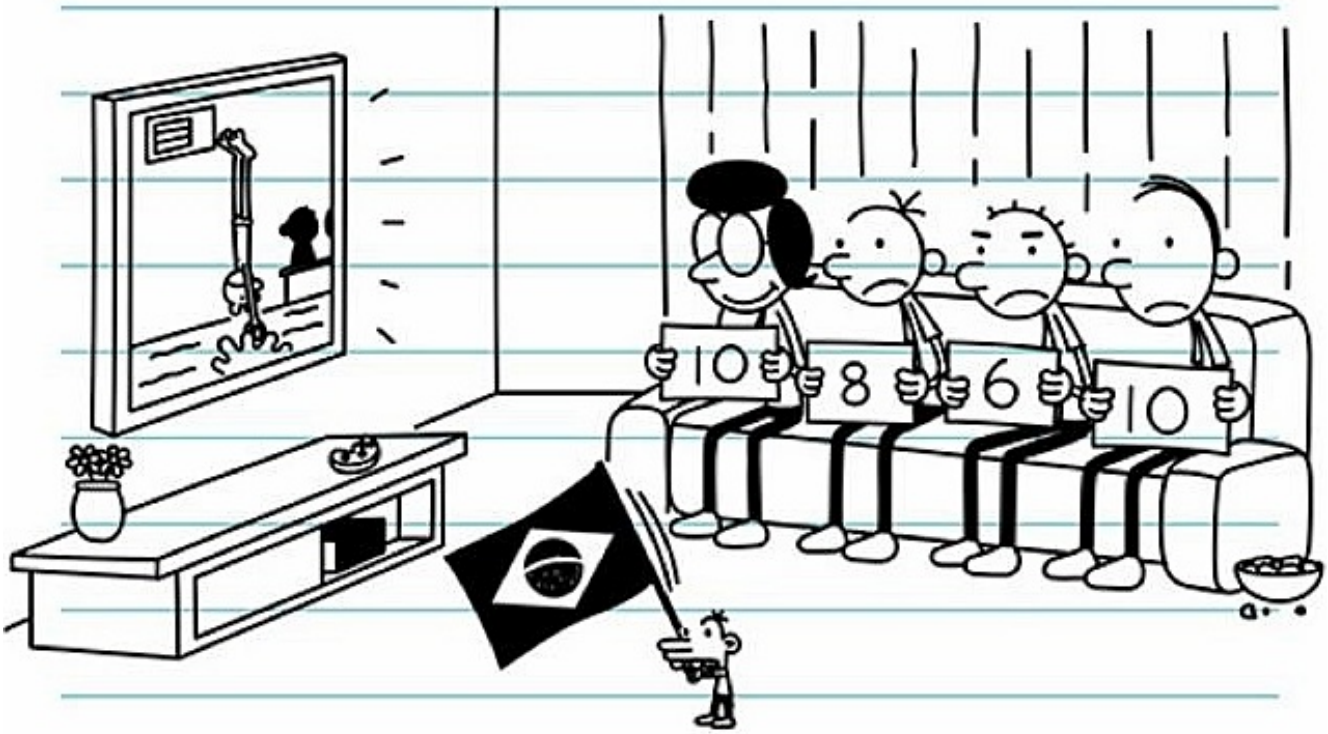
Com certeza, existem garotos que curtem esse tipo de livro, mas não EU.

Na biblioteca sempre tem um monte de livros sobre meninos e meninas que fazem coisas incríveis e levam o time à vitória. Só que eu nunca vivi nada parecido com isso, e aposto que tem um monte de gente na mesma situação.

Algum dia, alguém deveria escrever um livro que incluísse nós, o RESTO.

Não que eu tenha alguma coisa contra os esportes. Eu até gosto, desde que não precise PRATICAR. Inclusive, passei boa parte das minhas férias vendo as Olimpíadas na TV quase sem parar.

Foi ideia da mamãe que a gente assistisse aos jogos em família. Ela falou que hoje em dia cada um vive na sua bolha, e que o esporte é a única coisa capaz de unir as pessoas. Mas acho que não é assim tão simples, não.



Mamãe diz que adora as Olimpíadas porque elas mostram as coisas inacreditáveis que os seres humanos podem fazer. Mas eu gosto mesmo quando tudo dá ERRADO.

É bom que seja OUTRA pessoa lá e não eu. Ficaria nervoso se soubesse que tinha milhões me assistindo de casa. E quando você estraga tudo nas Olimpíadas, ainda tem que mostrar elegância.

Mas se eu passasse quatro anos da minha vida treinando e aí cometesse um erro idiota, teria dificuldade de sorrir para as câmeras.

Por isso, faria um esporte COLETIVO. Porque, quando você faz uma besteira, fica difícil das pessoas saberem.

Se eu fosse às Olimpíadas, ia querer competir nas modalidades com CAVALO. Assim, se alguma coisa desse errado, pelo menos ia ter em quem pôr a CULPA.

Mas, pensando bem, acho que deve ser por isso que os cavalos às vezes se revoltam.

Apesar de ter assistido boa parte das Olimpíadas, ainda não entendo direito como a coisa funciona.

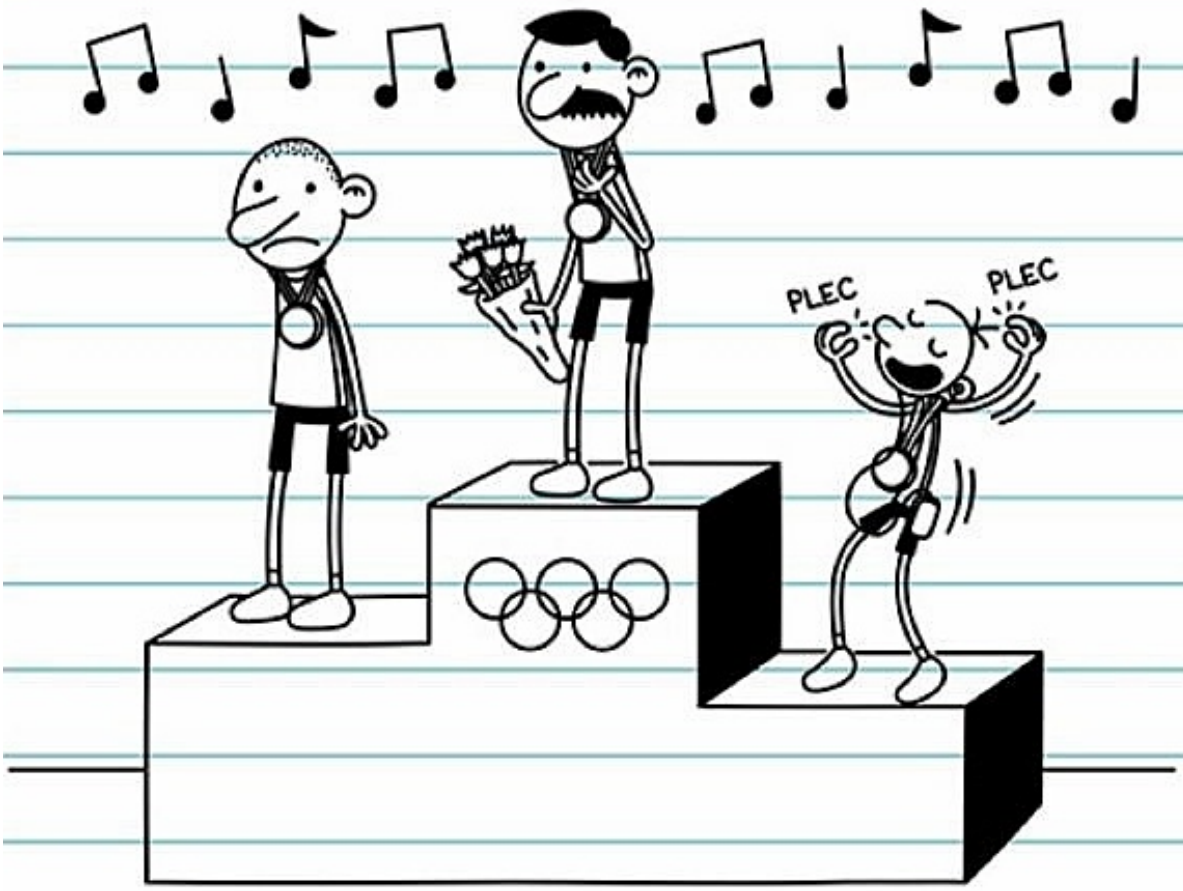
Por exemplo, não sei por que dão medalhas para os três primeiros colocados em cada modalidade. Na minha opinião, eles deveriam continuar distribuindo medalhas até TODO MUNDO voltar pra casa com algum prêmio.

Do jeito como a coisa funciona agora, eles dão uma medalha de ouro pro primeiro lugar, uma de prata pro segundo e uma de bronze pro terceiro. Mas acho que existe uma grande diferença entre prata e bronze.

O ouro e a prata pelo menos VALEM algo. Mas, se você ganhar uma de bronze, pode se considerar sortudo se conseguir algum trocado por ela.

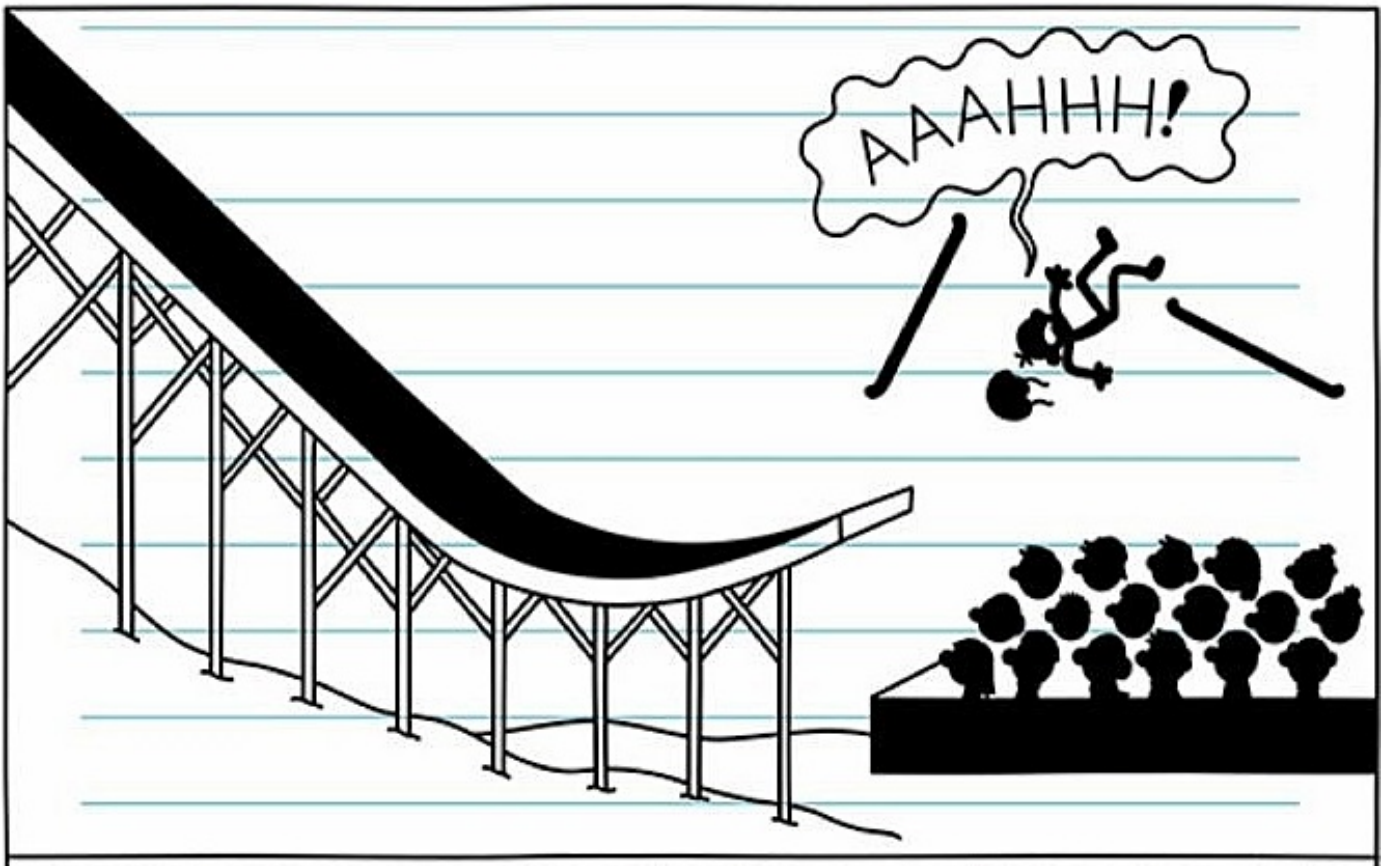
Acho que a medalha tem mais valor assim que ela é ENTREGUE. Então, se conseguisse uma, ia aproveitar o momento de exposição na TV pra tentar descolar um comprador.

Durante a premiação, os três melhores colocados sobem num pódio, e aí tocam o hino do país do medalhista de ouro, e os outros dois têm que ficar lá parados escutando. Se ganhasse a medalha de bronze, ia colocar meus fones de ouvidos e curtir meu próprio som.



Uma das coisas favoritas da mamãe nas Olimpíadas é quando contam sobre a vida dos atletas que estão competindo. Algumas histórias são bem inspiradoras, porque são pessoas que precisaram superar um monte de desafios pra chegar ali.

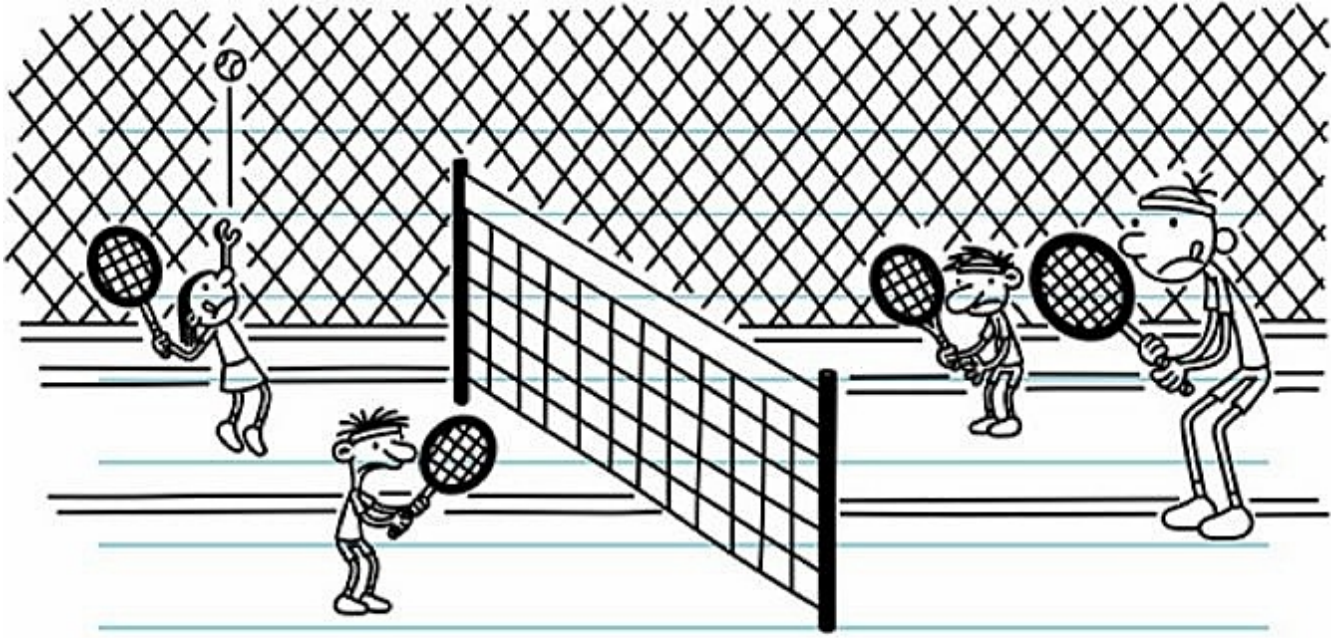
Mas, se algum dia eu disputar as Olimpíadas, minha história não vai ser nada inspiradora.



GREG HEFFLEY: FORÇADO PELOS PAIS A PRATICAR ESPORTES

Mamãe vive dizendo que um dia posso estar nas Olimpíadas, e que eu deveria começar minha "jornada" agora mesmo. Só que tenho certeza de que já é TARDE demais pra isso.

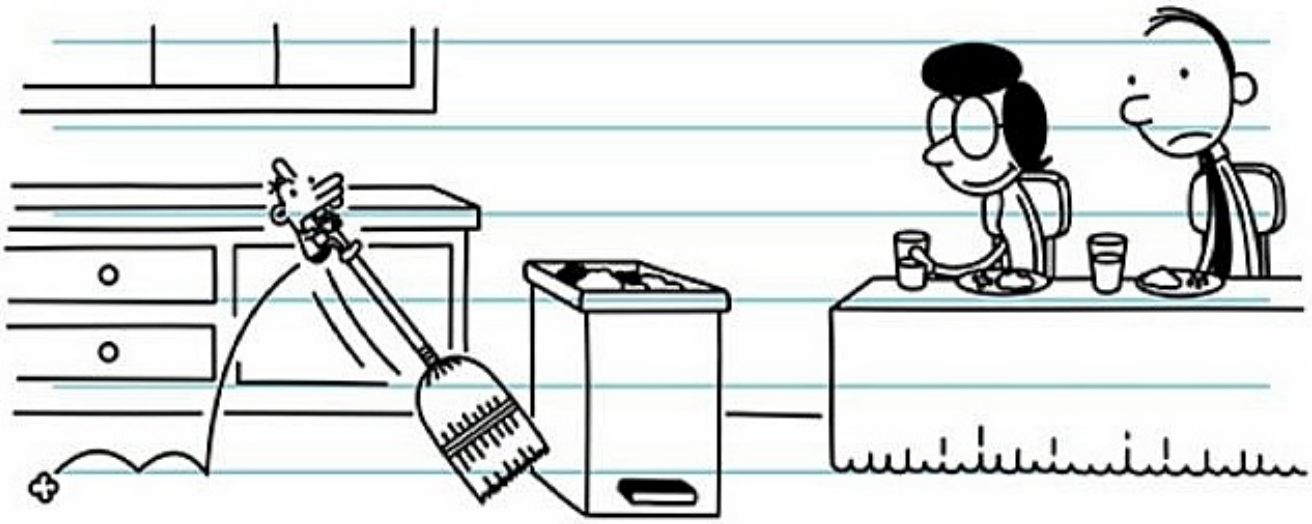
Na maioria dos esportes, as pessoas precisam começar bem cedo se quiserem ser boas de verdade. Então, mesmo se eu levasse a coisa a sério, ia acabar competindo com garotos que têm metade da minha idade.



Ouvi dizer que, em alguns países, o pessoal identifica SUPER cedo quem tem talento, e que essas crianças são mandadas para uns centros de treinamento de elite para poderem se dedicar ao esporte.

Não tenho a menor chance de ser um atleta olímpico. Mas meu irmão Manny ainda está no jardim de infância, então talvez ainda exista esperança pra ele.

Não sou especialista nem nada, mas, pelo que pude ver, o garoto parece ter POTENCIAL.

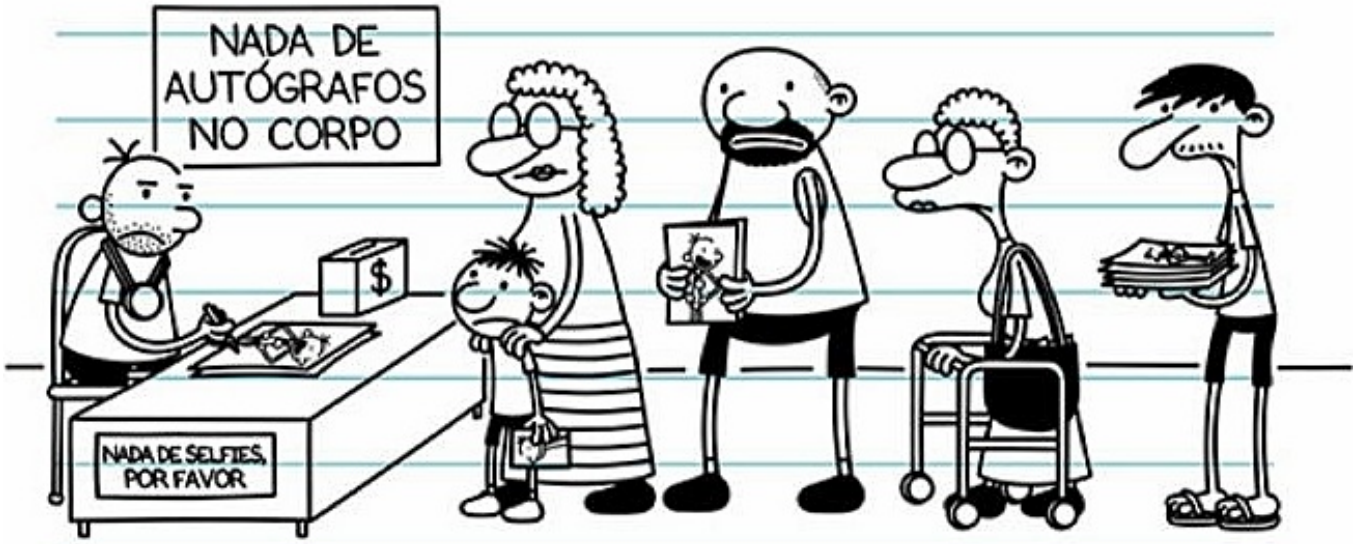


Sendo bem sincero, não ia achar ruim se a mamãe e o papai despachassem o Manny pra um desses centros de treinamento. Porque seria uma pessoa a menos para dividir o banheiro.

Mas talvez existam esportes que se pode começar a praticar um pouco mais tarde, daí haveria esperança pra alguém como eu. Deve ser bem legal representar seu país nas Olimpíadas, não importa QUAL seja o esporte.

E se eu ganhasse uma medalha de OURO, pode apostar que jamais iria querer TIRAR.

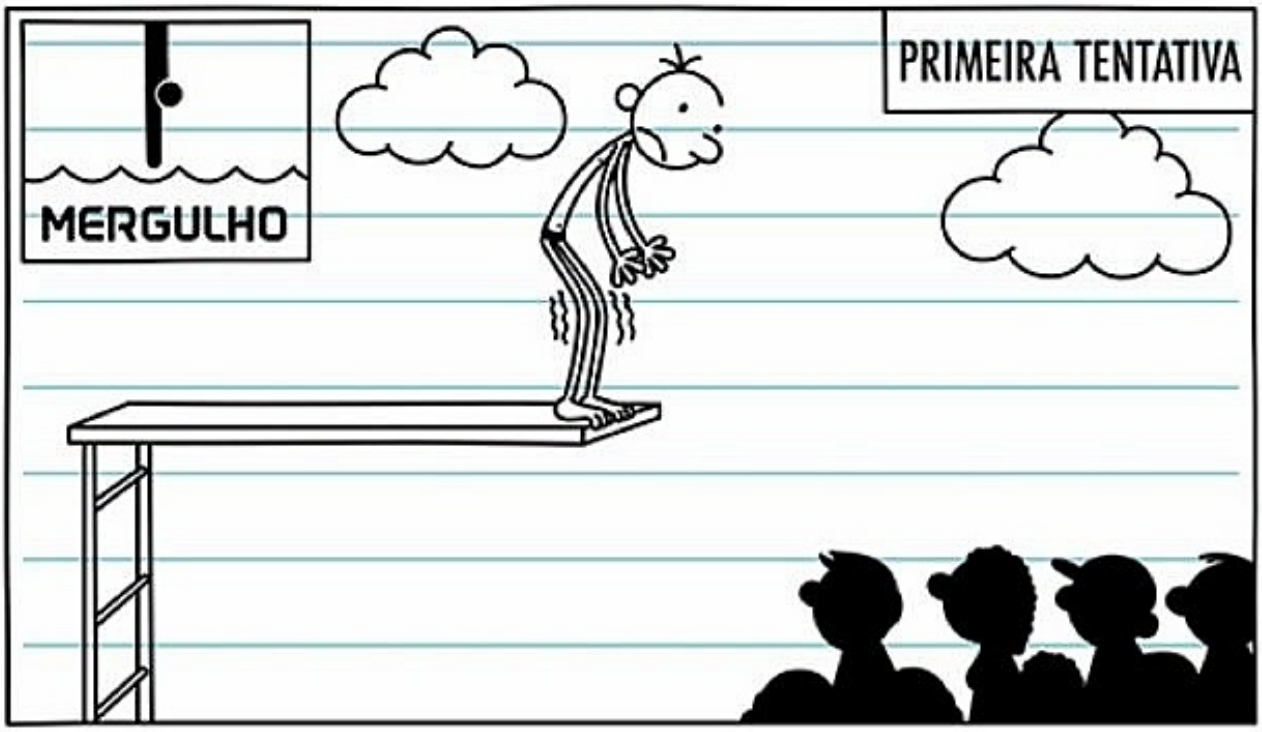
Quando você ganha uma medalha de ouro, está feito pro resto da VIDA. Mesmo quando sua carreira olímpica acabar, você ainda pode faturar uma grana fazendo eventos e dando autógrafos.



Mas sei que a grana de verdade vem dos comerciais de TV. Eu toparia anunciar QUALQUER COISA se o cachê fosse bom.

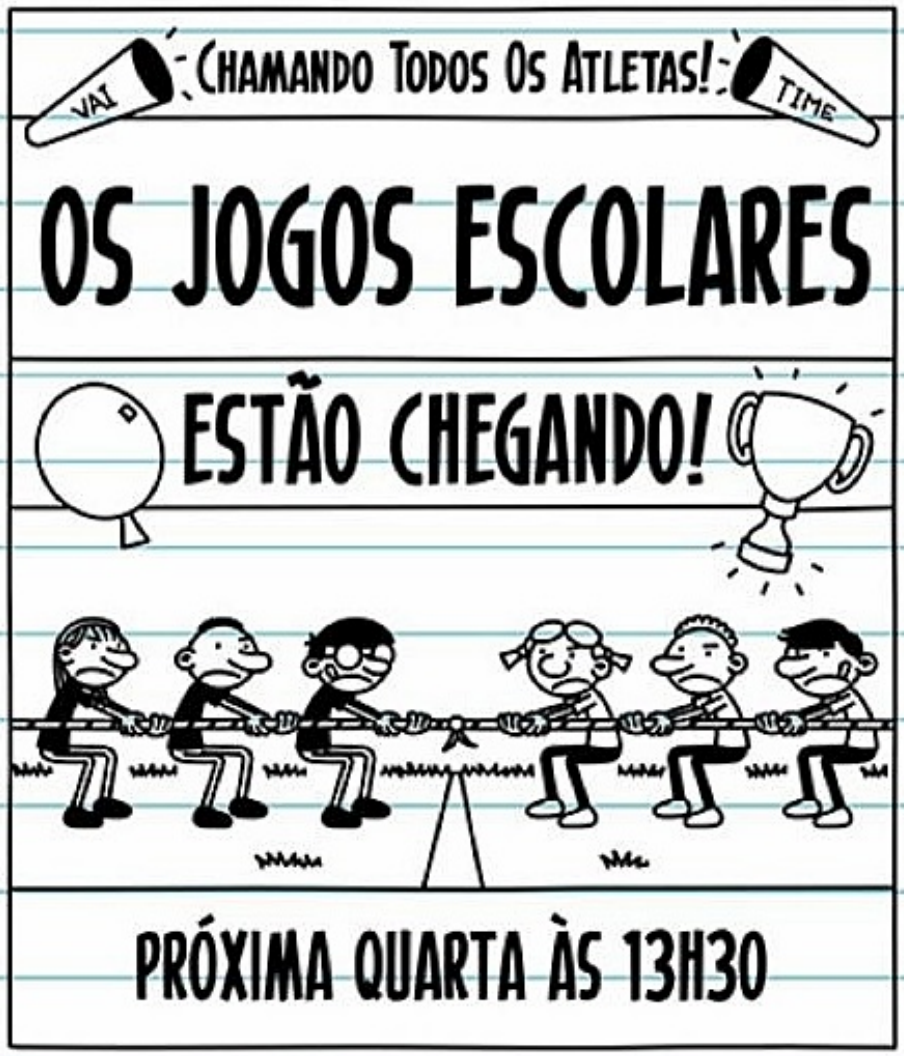
A melhor coisa de ser atleta é que a pessoa pode se aposentar ainda JOVEM. E isso seria ótimo pra mim, porque tem um monte de lugares que eu gostaria de visitar e conhecer.

Então não vou desistir dos esportes ainda. Afinal, quem sabe? De repente, posso virar alguém que inspire as pessoas.



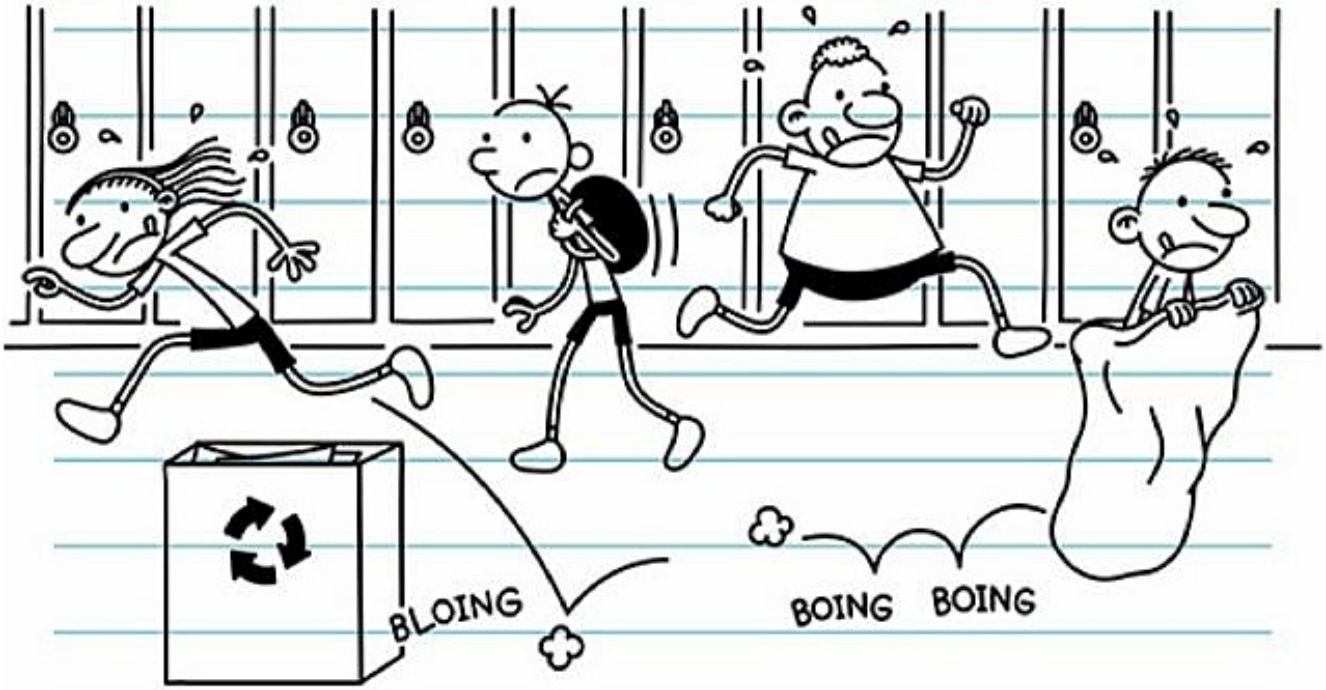
Terça-feira

Pelo jeito, vou ter uma chance de colocar o meu talento à prova MAIS CEDO do que esperava. Quando voltei das férias, os cartazes no corredor da escola anunciavam os Jogos Escolares.

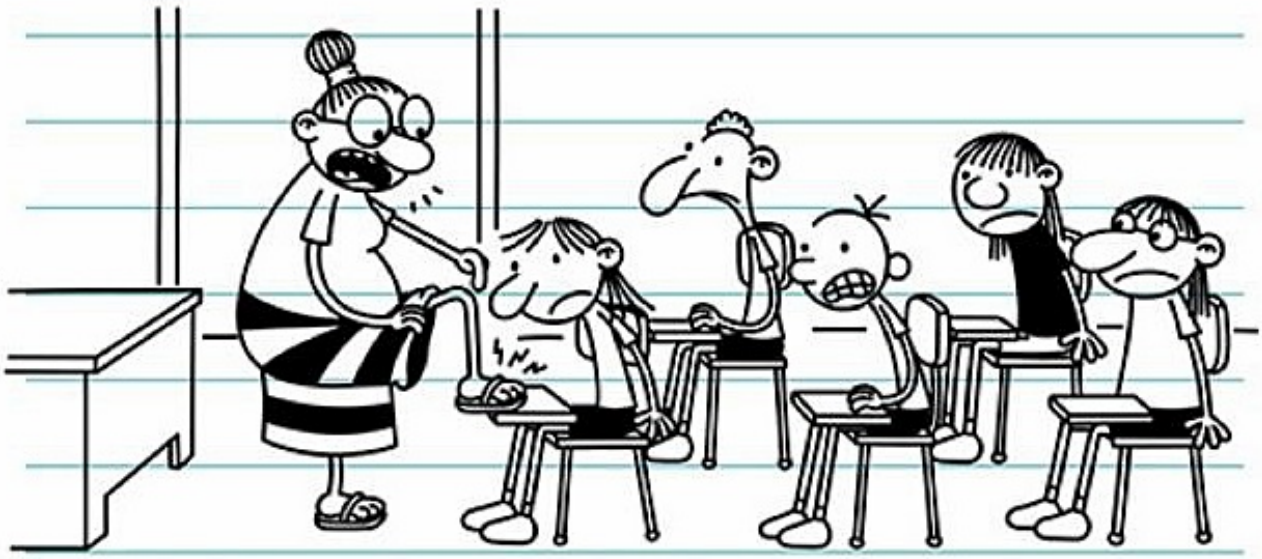


Os Jogos Escolares do Ensino Fundamental II acontecem a cada quatro anos. A última vez que rolou, o Rodrick tinha a minha idade. Ele ficou todo empolgado, porque a turma vencedora ganharia sorvete grátis no almoço.

Bom, este ano a coisa ficou mais séria: a turma vencedora vai poder tirar um dia de folga da escola. Isso deixou todo mundo motivado pra GANHAR.



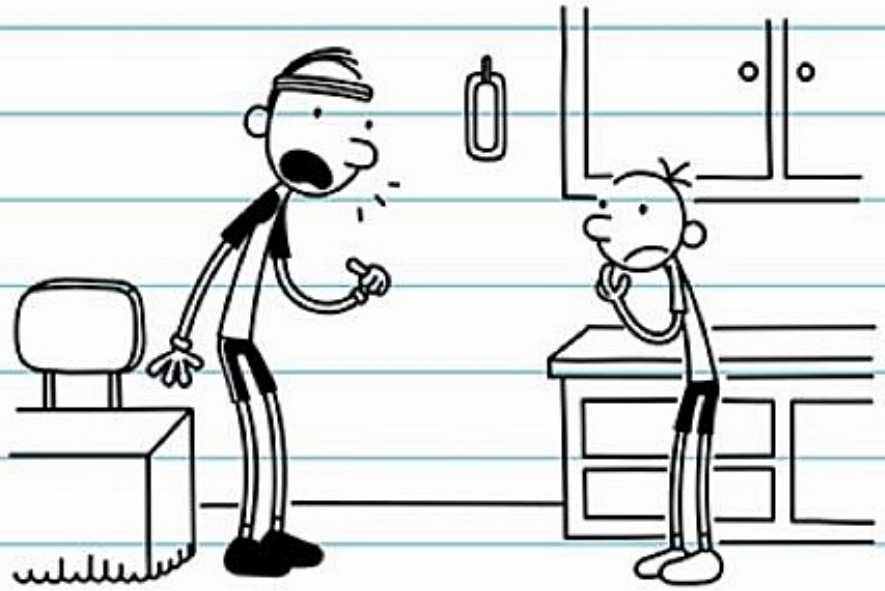
Mas a pessoa que MAIS quer vencer é a sra. Bosh, a professora da minha turma. Ela está grávida e vive dizendo que é um sofrimento passar o dia todo em pé.



Bom, eu também quero um dia de folga da escola. E não quero decepcionar a sra. Bosh nem a galera, então estou levando a competição a SÉRIO.

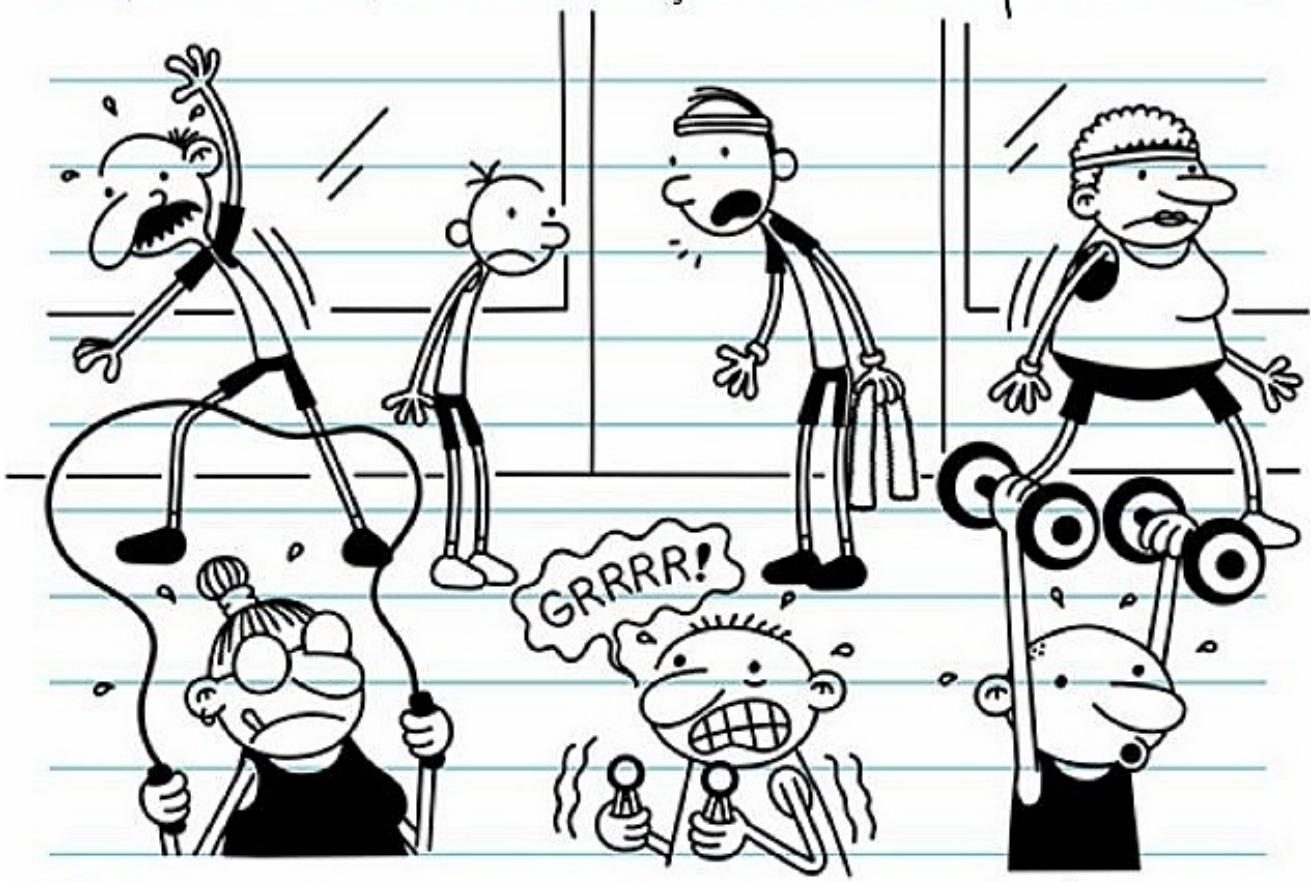
O problema é que, no momento, não estou muito em forma. Então, se não fizer alguma coisa a respeito, não vou ter como ajudar a minha turma quando chegar o grande dia.

Contei pro papai que precisava entrar em forma, e ele disse que eu poderia ir pra academia com ELE. Não quero ser grosseiro nem nada, mas o papai frequenta a mesma academia faz anos e não parece estar dando NENHUM resultado.



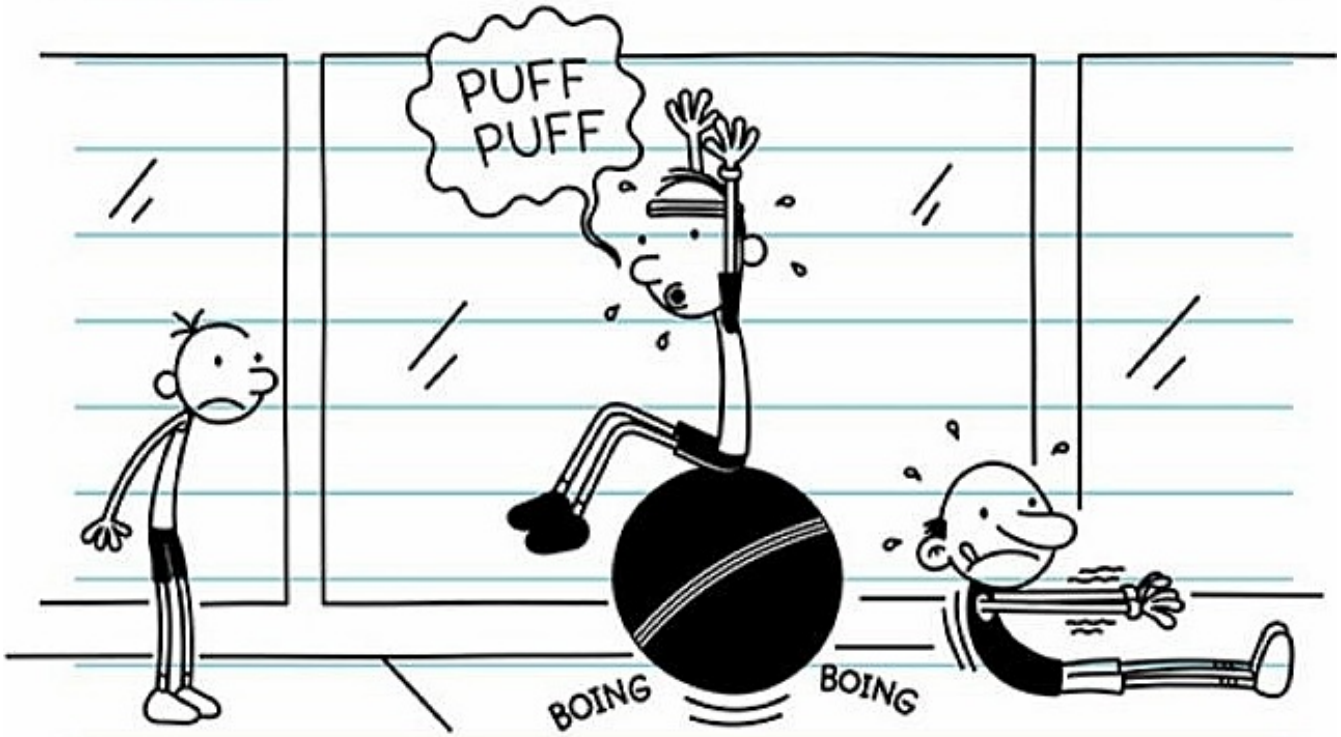
Mas achei que alguma atividade física seria melhor que nada, que é o que eu venho fazendo. Então, depois do jantar, coloquei umas roupas de ginástica e saí junto com o papai.

A academia estava lotada, só que não tinha ninguém da MINHA idade. O papai falou que os menores de idade não podiam entrar, mas que se eu ficasse na minha e não chamasse atenção não teria problema.

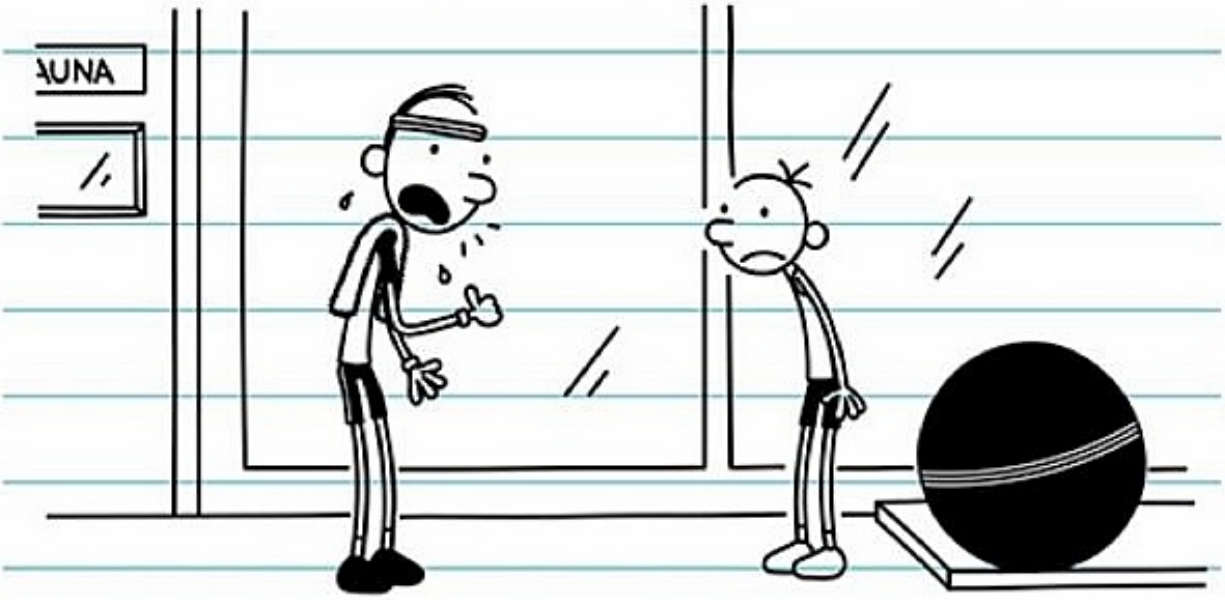


Estava ansioso pra experimentar um monte de aparelhos bacanas. Mas o papai falou que era melhor pegar leve no começo e me arrastou pro lugar da academia onde ele gostava de malhar.

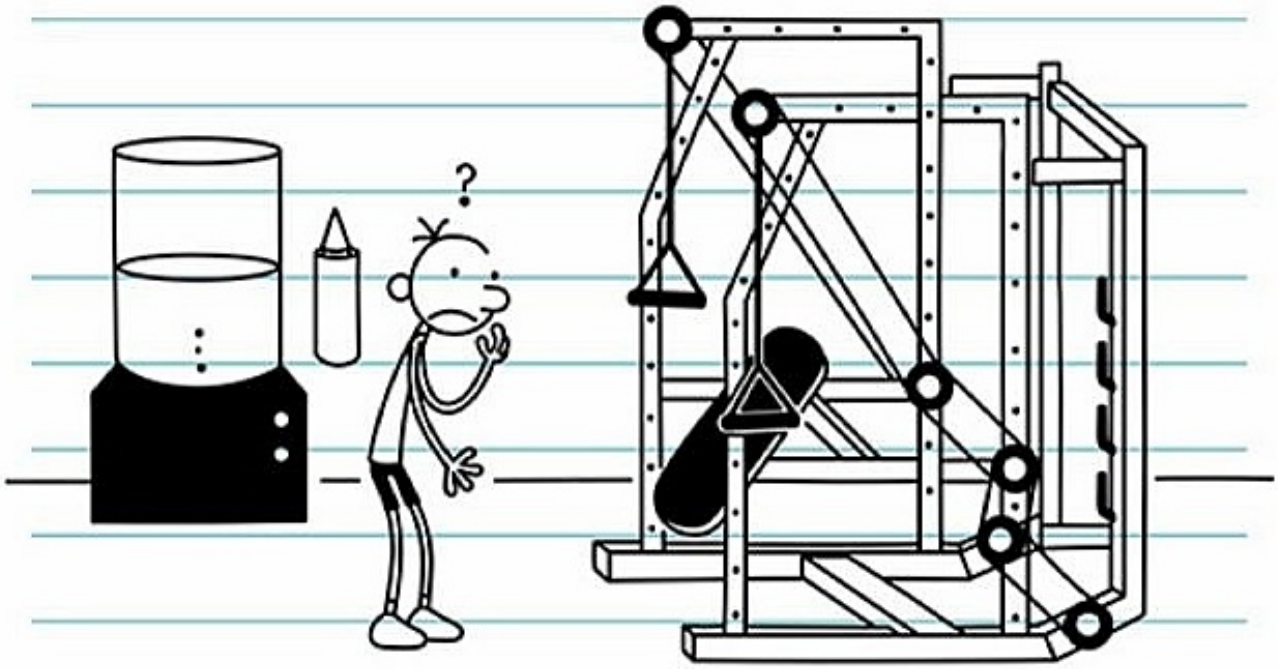
Quando o papai me mostrou o seu treino, entendi por que ele não estava conseguindo RESULTADO nenhum.



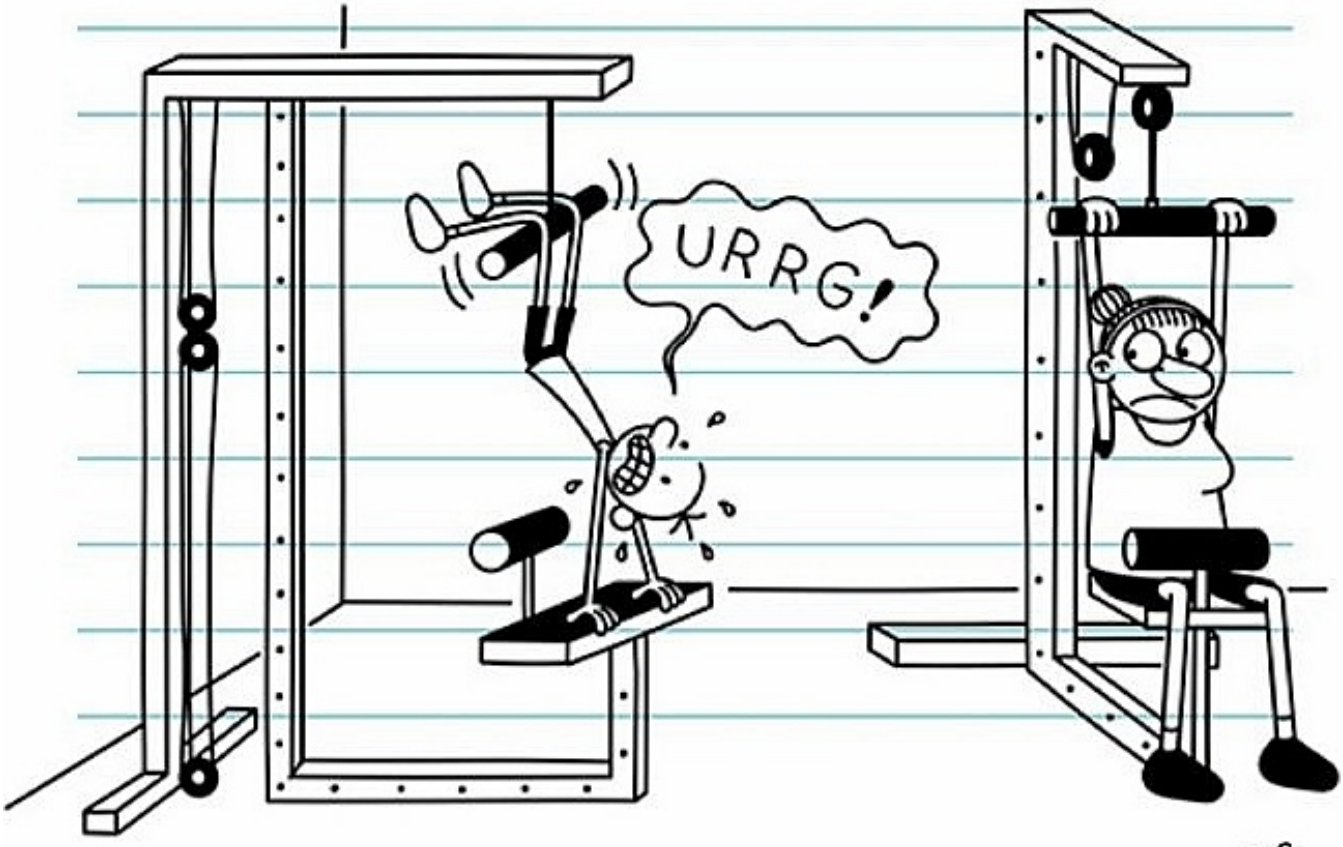
Depois de fazer abdominais e polichinelos, ele avisou que ia pra sauna relaxar um pouco. Isso queria dizer que eu estava livre pra fazer o exercício que quisesse.



Mas o problema era que eu não sabia usar nenhum aparelho, porque essas coisas são bem complicadas.



Então tentei aprender SOZINHO, mas ainda não tenho certeza de que estava usando os equipamentos do jeito certo.



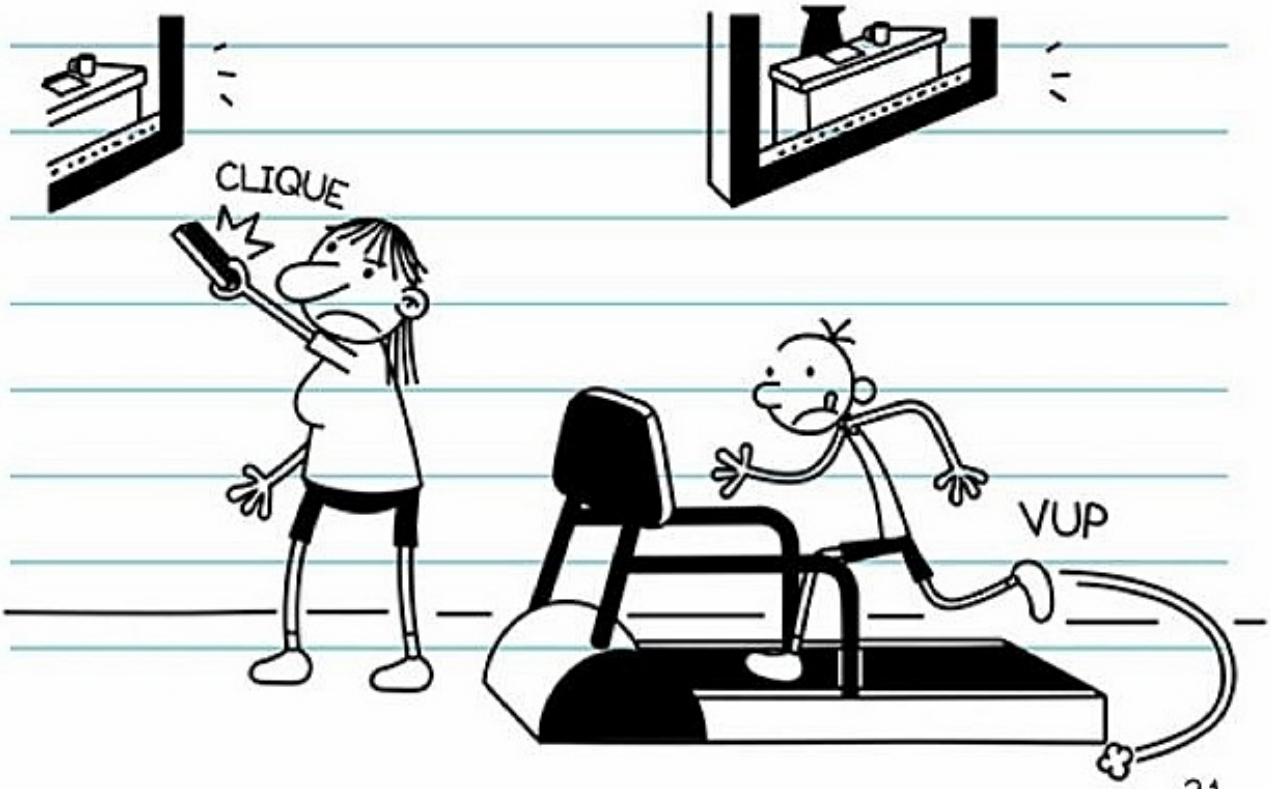
O que eu queria mesmo era usar um daqueles trecos com TELAS, tipos esteiras e elípticos. Mas o pessoal estava monopolizando as máquinas e até ficando mais tempo que o permitido.

E mesmo quando dei uns toques sutis avisando que estava na hora de deixar OUTRA pessoa usar o aparelho, ninguém se tocou.

Enquanto esperava algum equipamento liberar, matei o tempo vendo televisão. Mas todas as TVs estavam ligadas em um programa chato sobre economia.

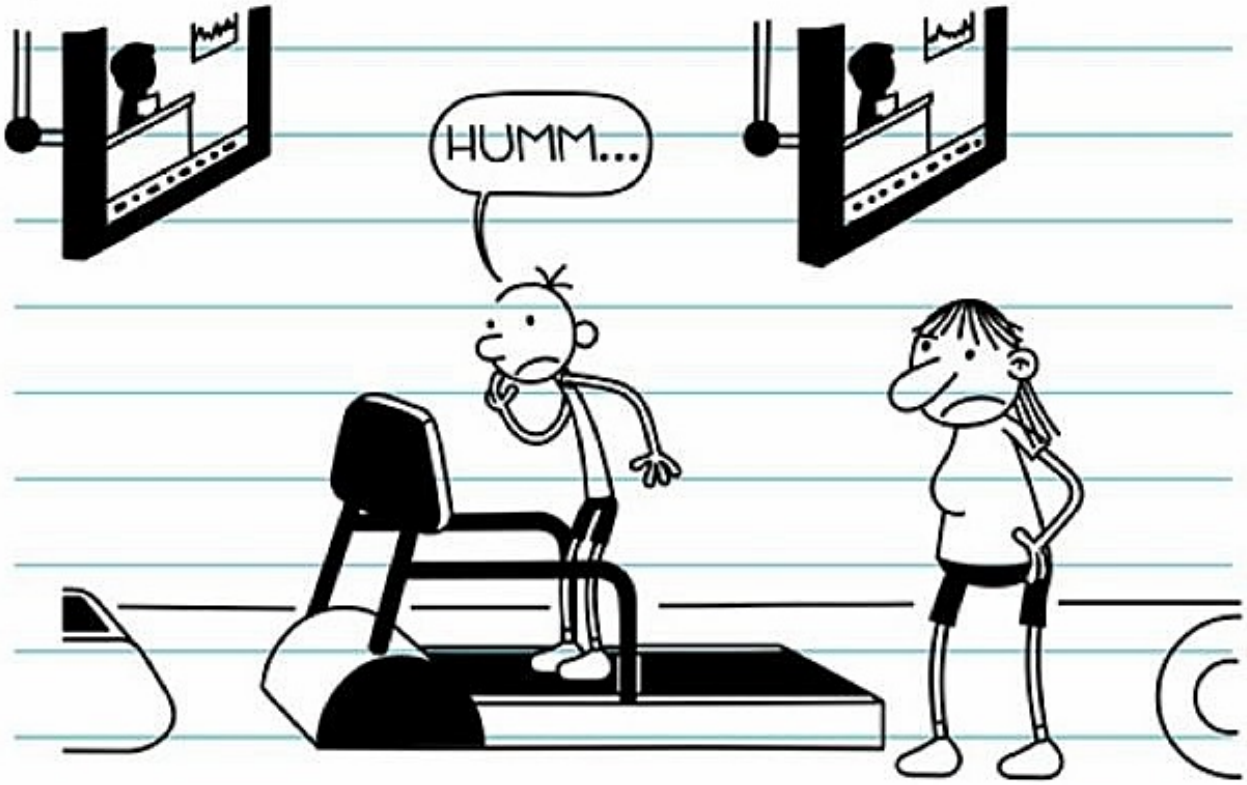
Procurei o controle remoto e mudei pra um canal um pouco mais INTERESSANTE.

Acho que nem todo mundo tem o mesmo gosto que eu, porque uma mulher desceu da esteira pra mudar de canal. Só que, assim que ela desceu do aparelho, eu não dei mole.



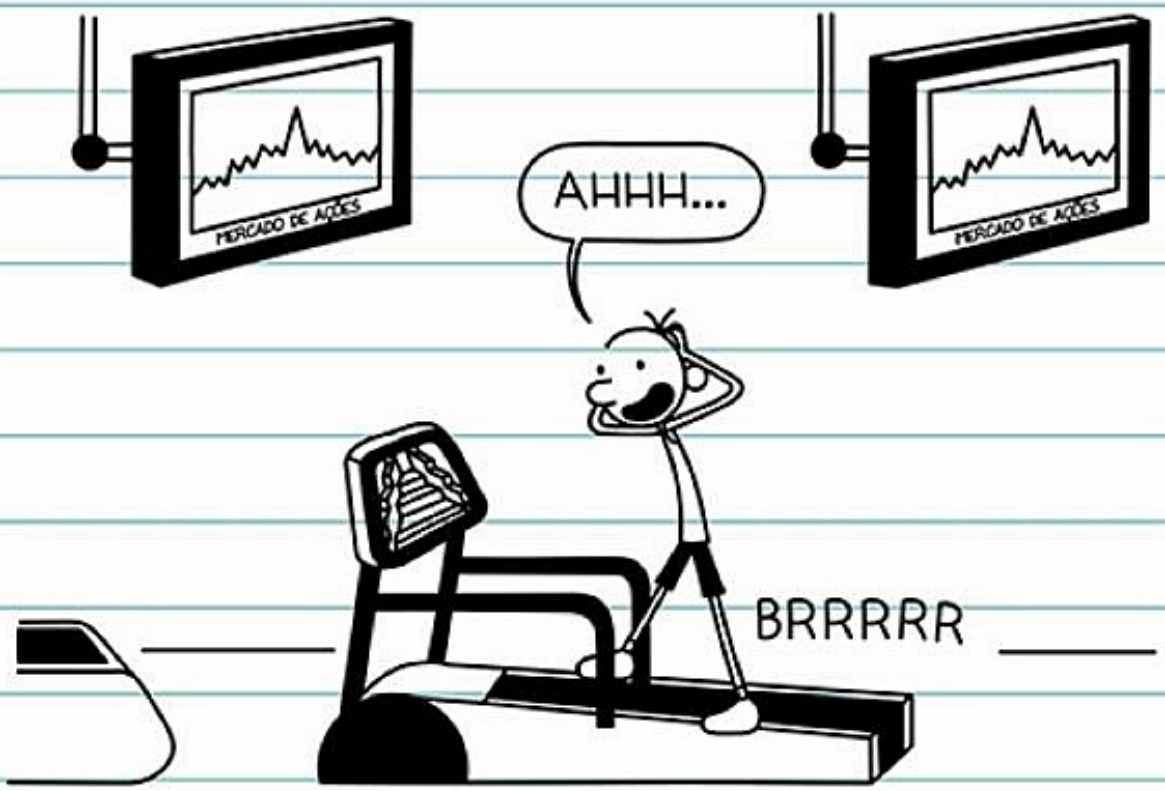
Tinha uma tela enorme na frente da esteira e dava pra escolher vários lugares famosos pra fazer caminhada.

Fiquei uns bons minutos tentando decidir pra ONDE queria ir.



Depois que escolhi um lugar, a esteira começou a se mover, e parecia mesmo que eu estava andando na Grande Muralha da China.

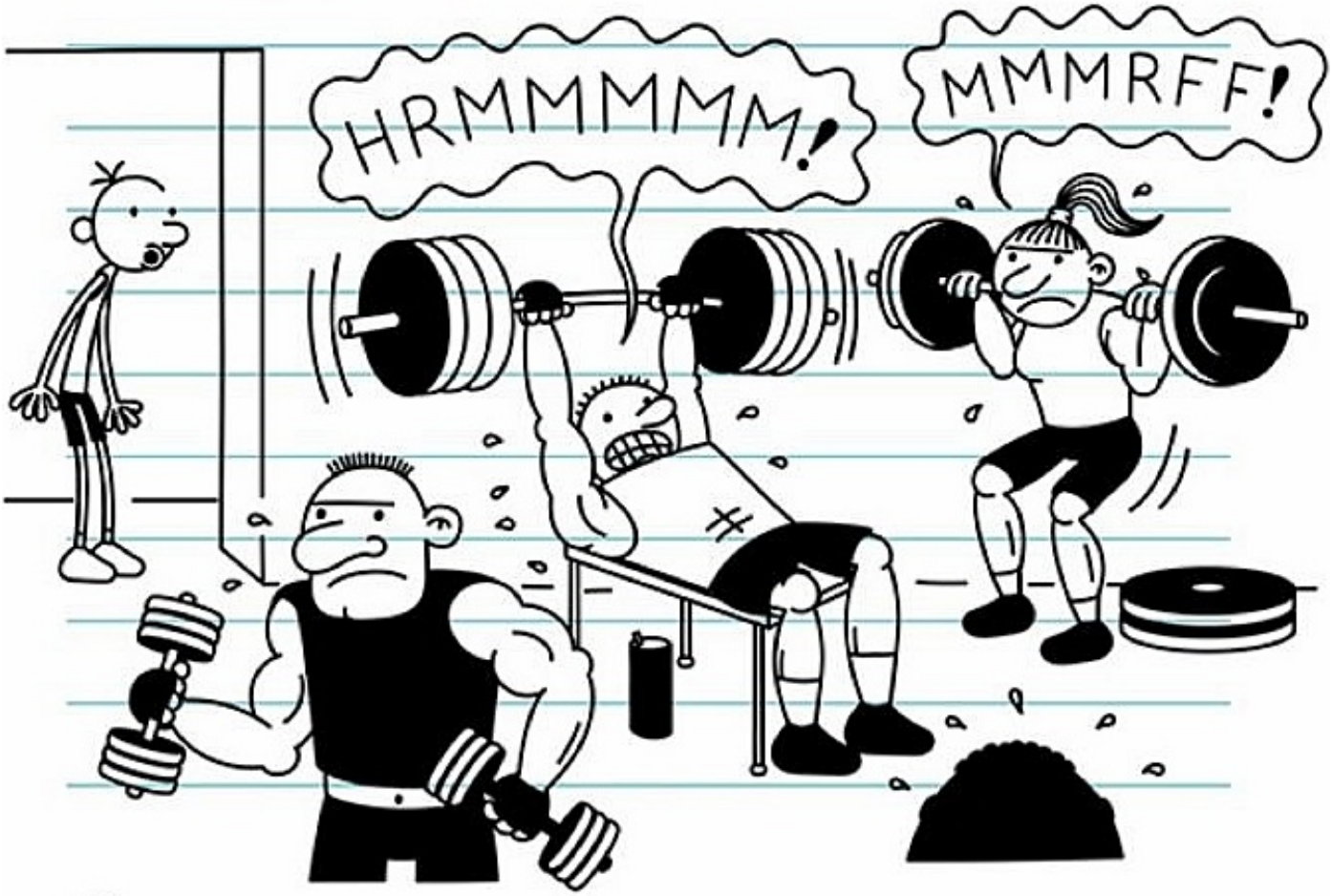
Mas acho que a Grande Muralha é bem ÍNGREME, e ficou difícil de manter o ritmo. Então, depois de um tempo, coloquei os pés nas beiradas da esteira e resolvi curtir a vista do jeito mais FÁCIL.



Percebi que não estava aproveitando meu tempo na academia e comecei a me sentir meio culpado. Só que eu não sabia o que fazer DEPOIS, porque estava ficando meio sem opção.

Foi quando ouvi uns barulhos estranhos vindos de outra sala e fui até lá investigar.

Acabei descobrindo uma área totalmente diferente da academia, e pelo jeito era lá que o povo que levava a coisa a SÉRIO gostava de malhar.



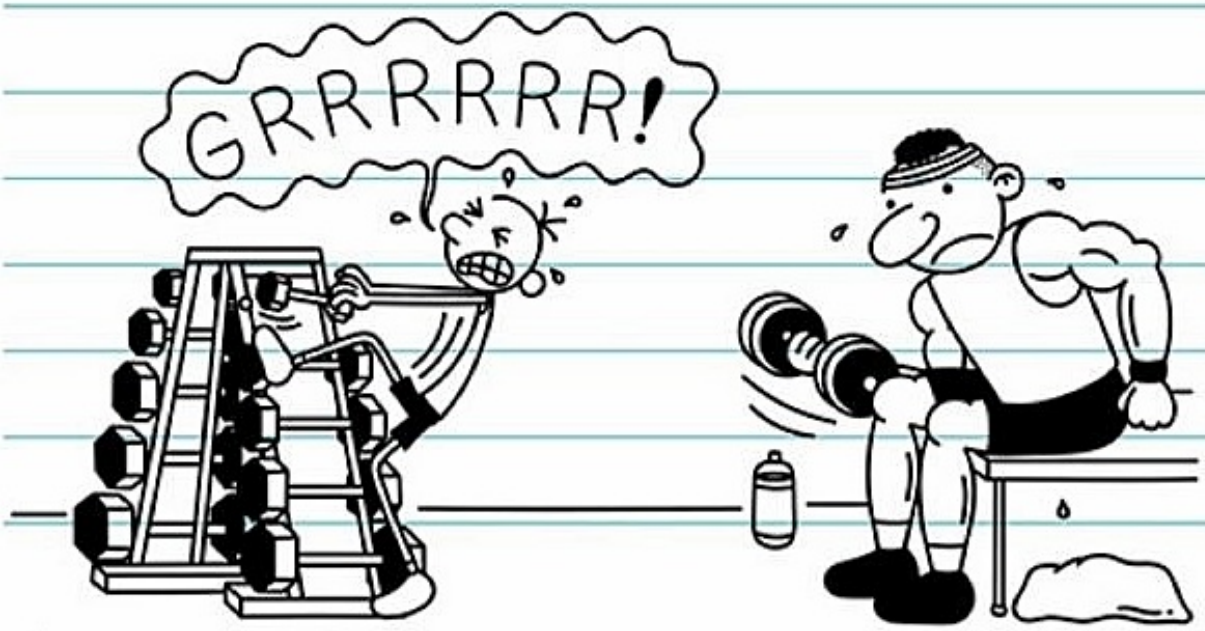
Eu queria ficar parecido com ESSE pessoal, mas não sabia nem por onde começar. E, quando pedi uns conselhos, percebi que ninguém estava muito a fim de conversa.

Depois de um tempo, entendi que o pessoal dali não estava interessado em ajudar um iniciante, então eu estava por minha CONTA. A primeira atitude era escolher quais músculos trabalhar.

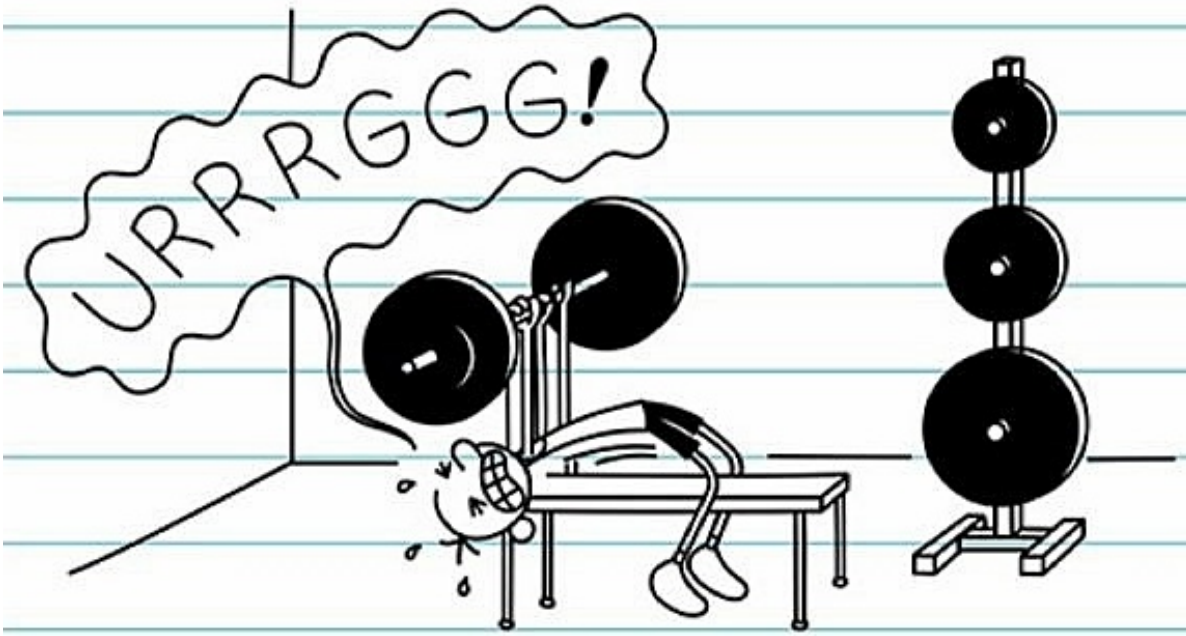
Achei que era melhor começar pelos braços e pelos peitorais, porque são esses os músculos que fazem alguém parecer em forma.

Então decidi fazer uns exercícios para os bíceps. Mas não queria pegar muito pesado, porque ontem na hora do almoço o Albert Sandy contou sobre um fisiculturista que estourou um dos bíceps, e de jeito nenhum eu ia querer que isso acontecesse comigo.

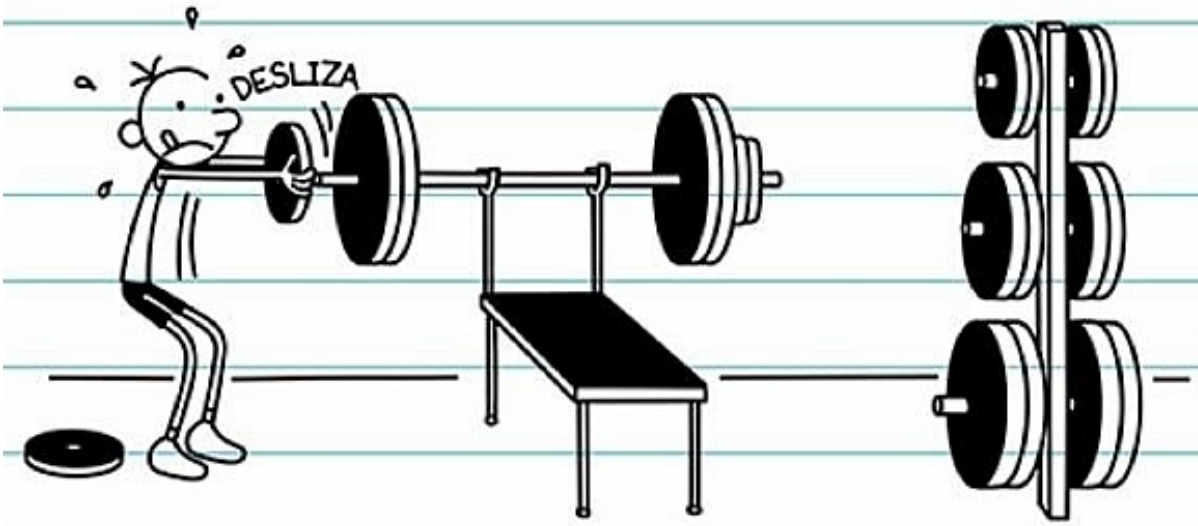
No fim, eu nem precisava me preocupar com isso, porque não consegui tirar os halteres do rack.



Achei que fosse me sair melhor no supino, mas não consegui nem mover a barra. E sou obrigado a admitir que já estava ficando um pouco FRUSTRADO.



A essa altura, já tinha um monte de gente olhando pra mim, e não queria que pensassem que eu não sabia o que estava fazendo ali. Então comecei a retirar uns pesos da barra pra deixar a coisa mais leve.



Mas acontece que a gente não pode tirar todos os pesos de um lado da barra DE UMA VEZ, porque senão os que estão do outro lado começam a cair também. E pelo visto o pessoal da sala de musculação não gosta muito de barulho.

Vai ver que é por isso que menores de idade não podem entrar na academia. Só não me pareceu certo terem expulsado o papai de lá, porque ele é um frequentador assíduo há muito tempo.

Quinta-feira

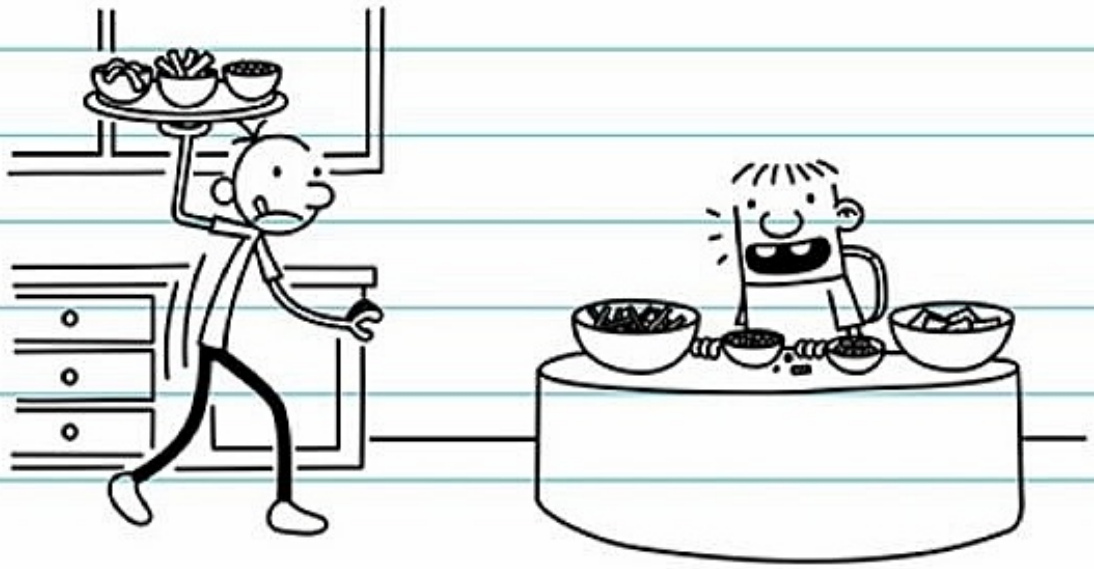
Mamãe falou que, pra quem quer entrar em forma, os exercícios são só METADE da história. Ela disse que a alimentação também é muito importante, e que adoraria me ensinar a comer direito se eu estivesse interessado.

Não estava a fim de ouvir um sermão sobre isso, mas resolvi aproveitar a chance de ir ao mercado com ela. O principal motivo era que eu queria ajudar a escolher o que a gente ia comer em casa.

Sempre que o Manny vai ao mercado com a mamãe, ele SÓ escolhe o que quer. É por isso que tem um monte de coisa nada a ver nos armários da cozinha.

Não que eu queira criticar a mamãe, mas ela é PÉSSIMA pra escolher salgadinhos. Ela sempre pega umas coisas saudáveis com gosto horrível, e só compra coisas NOVAS depois que as velhas acabam.

Então, ultimamente ando convidando o meu amigo Rowley pra fazer uns "lanchinhos" aqui em casa, pra ajudar a esvaziar os armários.



Hoje lá no mercado, me separei da mamãe e enchi um carrinho com minhas coisas favoritas. Depois peguei uns produtos saudáveis e coloquei junto pra ela ficar feliz.

Mas, pelo jeito, a MINHA opinião sobre o que é saudável não é a mesma da MAMÃE. Quando a gente se encontrou, ela olhou um por um os produtos que peguei e foi me explicando por que nada daquilo ia me fazer bem.

A mamãe pegou uma garrafa de suco de frutas que eu tinha pensado ser uma ótima escolha. Mas ela falou que era uma bebida cheia de AÇÚCAR e sem nenhum valor nutricional. Respondi que ela estava errada, porque a embalagem tinha uma foto com várias frutas.

Aí a mamãe me mostrou o rótulo, e eu não consegui acreditar que eles davam uma dessa.

Ela explicou que, se a gente quiser saber de verdade o que tem nos produtos, precisa ler a lista de ingredientes. E ainda disse que as latas de massa do Chef Marinara que coloquei no carrinho estavam cheias de conservantes QUÍMICOS.

Só que eu sabia que ela estava errada sobre ISSO, porque tinha visto nos comerciais da TV que o Chef Marinara preparava as receitas dele à moda antiga lá na Itália.

Aí a mamãe me mostrou o que estava escrito em letras miúdas na parte de trás da lata: tudo vinha de uma fábrica em Detroit. Ela falou que o Chef Marinara não devia nem ser uma pessoa de verdade, e sim um ator contratado pra fazer aqueles comerciais.

Bom, isso fez eu me sentir um idiota por ter me fantasiado de Chef Marinara para a Exposição de Grandes Figuras da escola no ano passado.

Aí me perguntei se o Zé Zoado era de verdade, porque os comerciais de TV dele me deixaram com tanto medo que passei a beber um litro de leite por dia.

A mamãe falou que as indústrias de alimentos são especialistas em fazer anúncios em lugares onde menos se espera, o que me levou a pensar nos cartazes que vejo nos corredores da escola.

Ela explicou que, às vezes, os fabricantes de alimentos processados usam personagens de desenho animado pra fazer as crianças pequenas quererem seus produtos. E acho que ela tem razão, porque hoje, antes de sair, o Manny estava vendo "Os Murples" em que o Murple Mastigador devorava uma tigela de cereais Rocky Crock Crock.

Mamãe falou que, quando compra comida pra família, ela sempre lê os rótulos e não leva nada com ingredientes que ela não sabe nem pronunciar.

E depois disse que a melhor coisa é comprar alimentos que só têm UM ingrediente, tipo frutas e legumes.

Bom, não sei se é um lance da minha geração, mas a verdade é que é meio difícil pra alguém como eu comer algo que não venha numa embalagem plástica ou numa caixa de papelão. Inclusive, se chocolates dessem em árvore, não ia nem querer chegar perto.

Mas, se o pessoal que vende frutas e legumes quiser que as crianças comam os produtos deles, é melhor dar uma caprichada na publicidade.

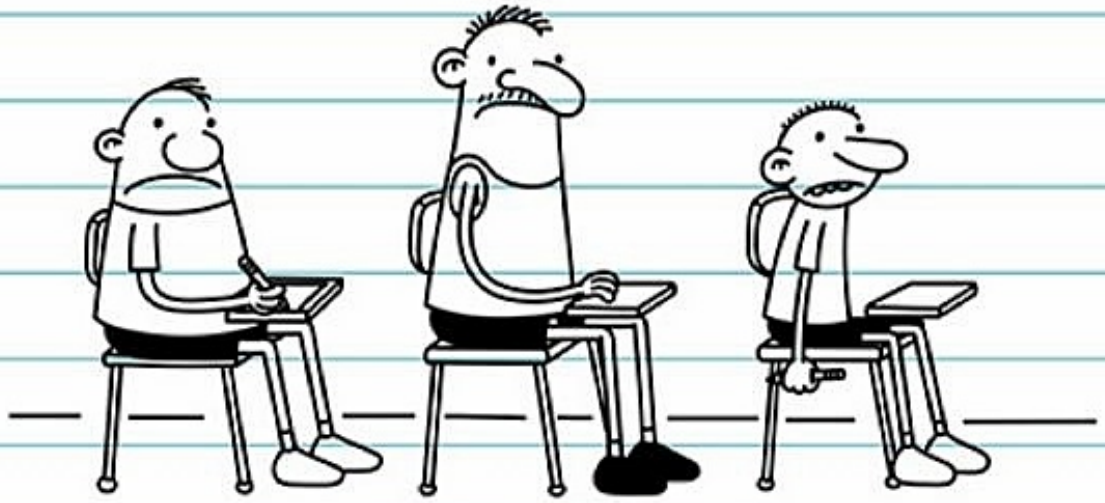
Terça-feira

Os Jogos Escolares são amanhã, e as coisas começaram a ficar tensas de verdade na escola.

A sra. Bosh está fazendo todo mundo chegar meia hora mais cedo, pra gente ter tempo pra bolar nossa estratégia. Ela está ficando paranoica sobre o que as OUTRAS turmas estão fazendo pra se preparar.

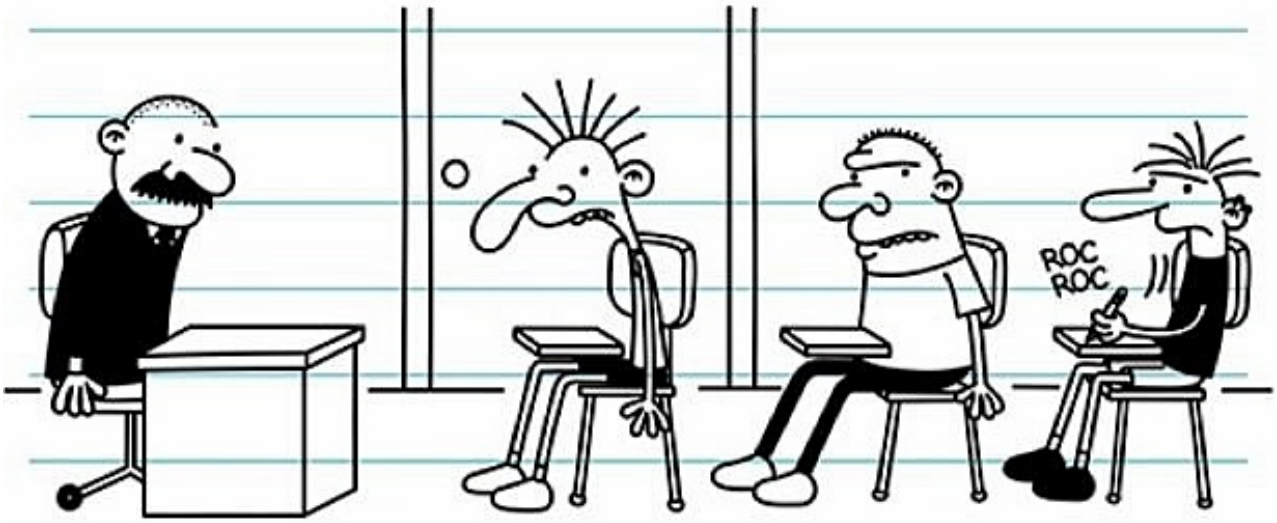
Então, hoje ela mandou o Ledavian Mills subir no forro pra espiar a sala ao lado, que é do sr. Drew. Mas, pelo jeito, as placas de gesso do teto não são fortes o suficiente pra aguentar o peso de uma pessoa.

A turma que está deixando a sra. Bosh mais preocupada é a da sra. Epstein, porque tem um monte de atletas lá. E um desses garotos é o Jesse Range, que repetiu o nono ano DUAS VEZES só pra participar de novo dos Jogos Escolares.

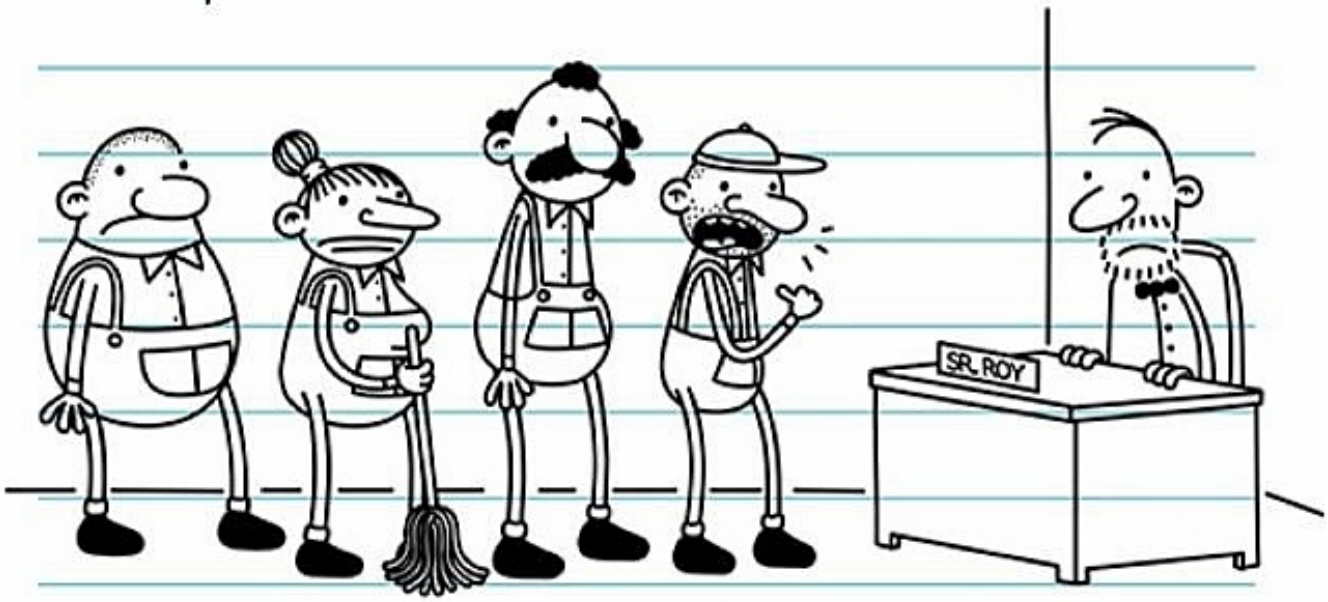


JESSE RANGE

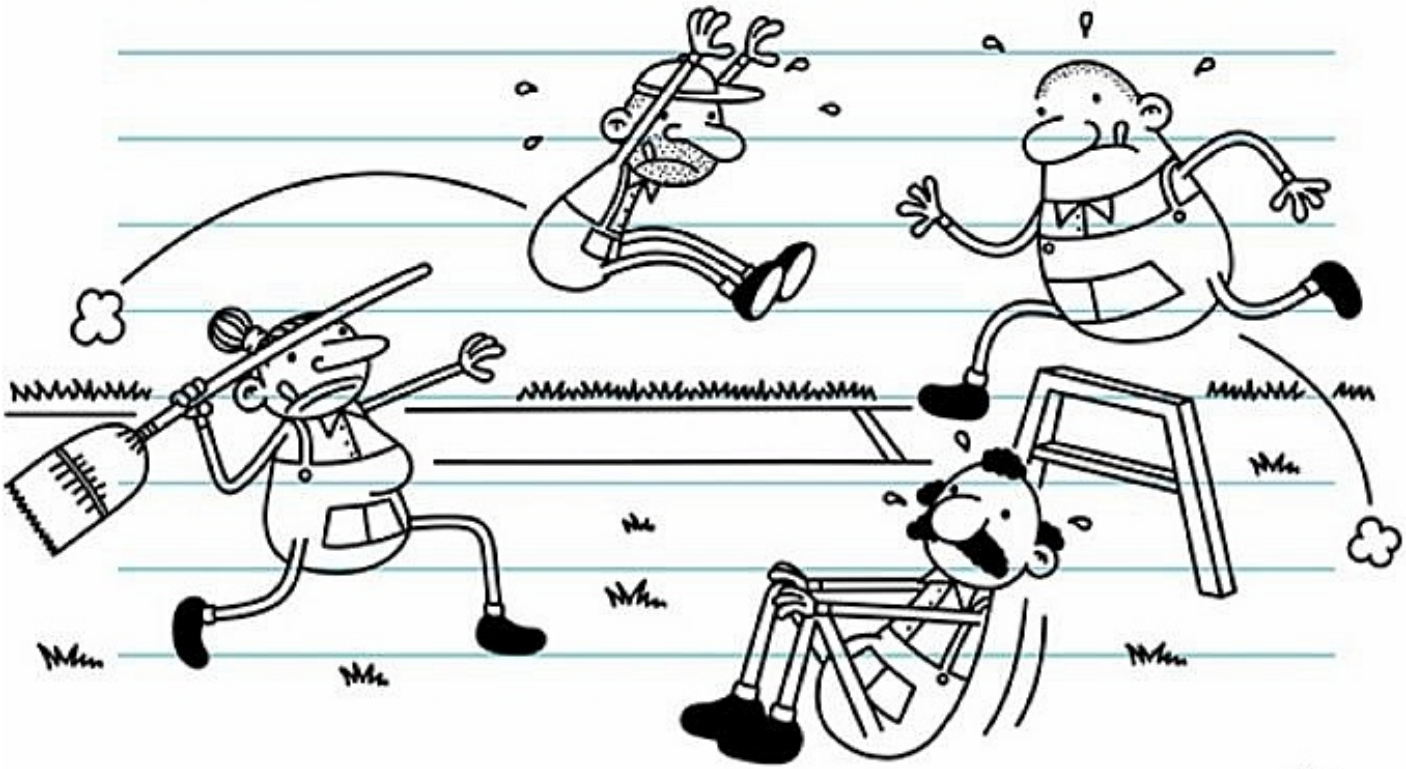
Mas a equipe que mais me preocupa é a do sr. Ray, porque é a do pessoal que passa as manhãs na detenção. E, nos Jogos Escolares, tenho certeza de que esses caras vão jogar SUJO.



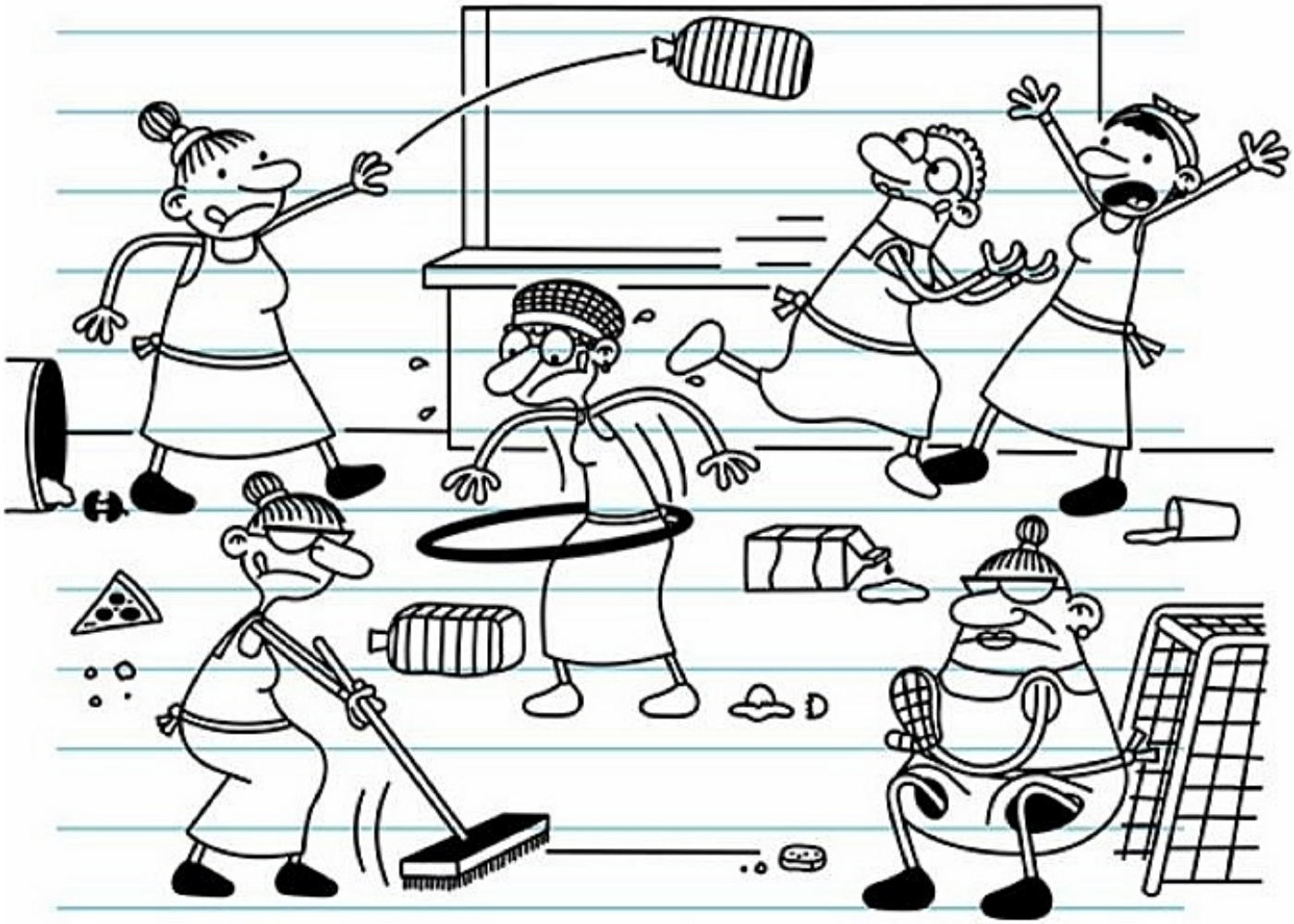
Pra piorar as coisas, descobrimos que vamos competir contra ADULTOS também. Os faxineiros foram falar com o vice-diretor e disseram que queriam montar um time DELES, porque mereciam uma folga tanto quanto os alunos.



Acho que é justo, mas os banheiros começaram a ficar bem nojentos agora que eles passam o tempo todo TREINANDO.



Até as tias da merenda entraram na competição, então o refeitório virou praticamente um ginásio.



Os professores começaram a ficar preocupados, então passaram a TROCAR alunos para melhorar as chances dos seus times. O sr. Esper mandou a menina mais rápida da escola, Ava Hollis, para a sala da sr. Joy, e recebeu em troca Thomas Scheff, que dizem ser especialista em arremesso de esponja.

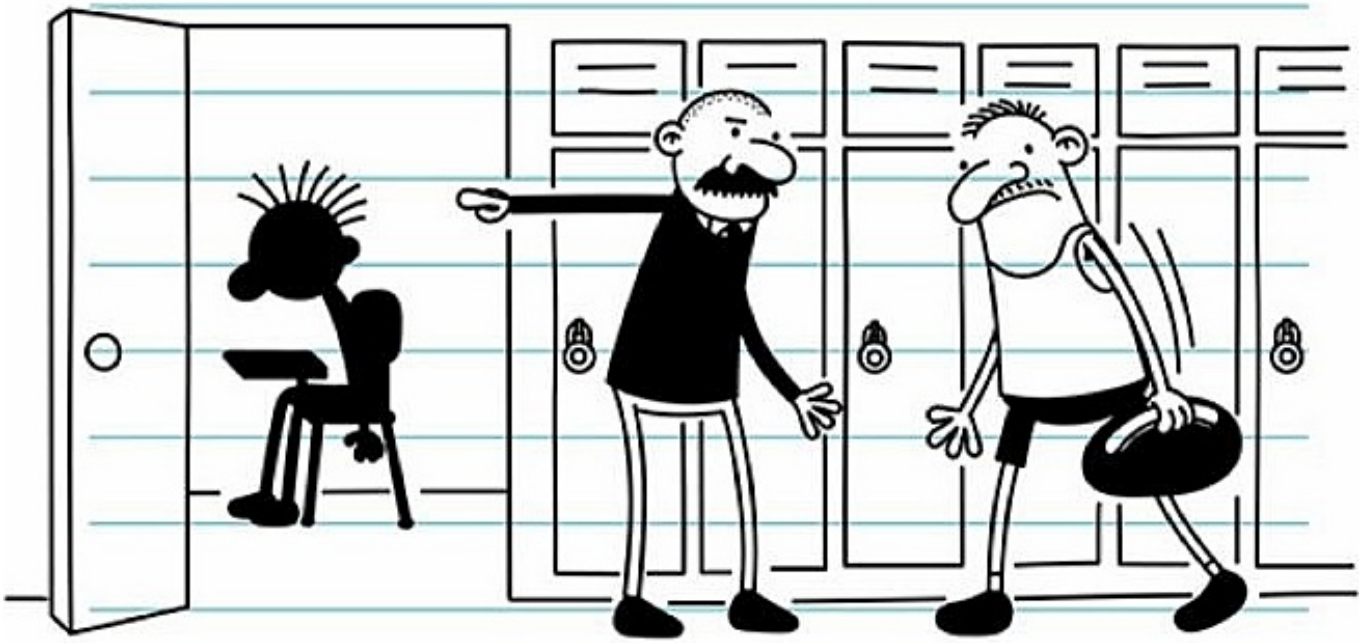
Com toda essa movimentação, a sra. Bosh achou que ela TAMBÉM precisava se mexer.

Ela até me pediu pra observar os alunos das outras turmas pra ver quem podia ser recrutado pro NOSSO time.

Foi por isso que fiquei bem chateado quando a sra. Bosh me trocou, junto com dois outros garotos, pelo Jesse Range, e ainda adicionou um pacote de canetas de quadro branco pra fechar o negócio.

Quinta-feira

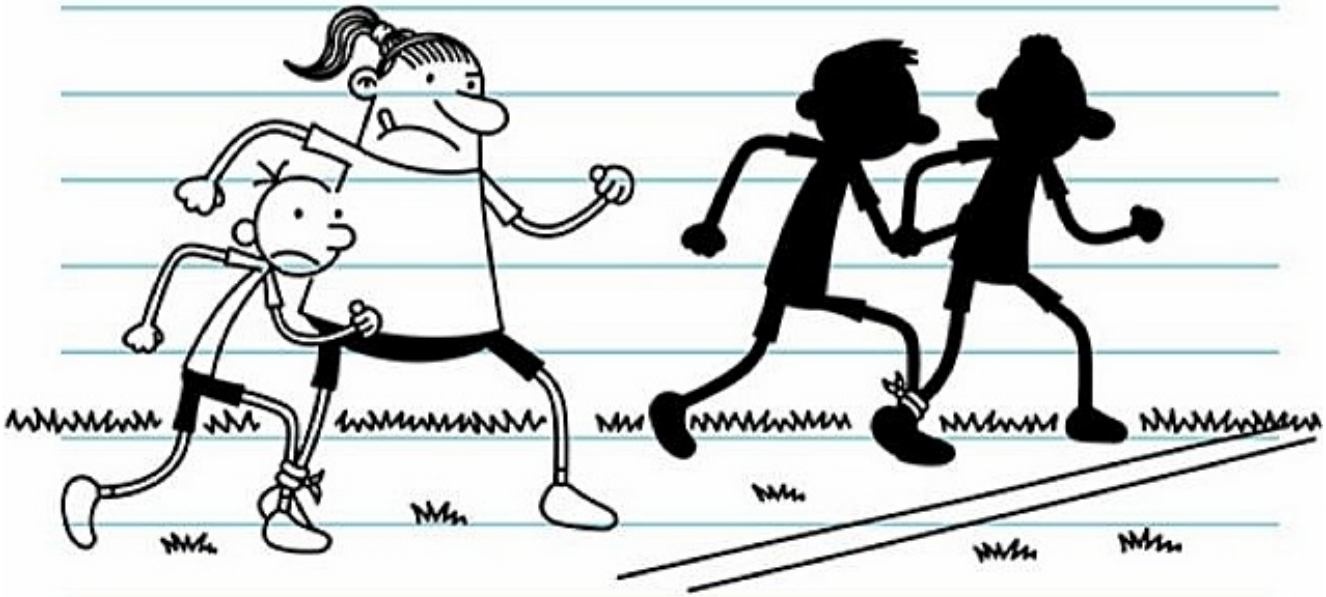
Ontem foi o dia dos Jogos Escolares, e a coisa já começou polêmica. Antes mesmo do primeiro sinal, o sr. Ray mandou o Jesse Range pra detenção só pra poder roubá-lo para o time dele.



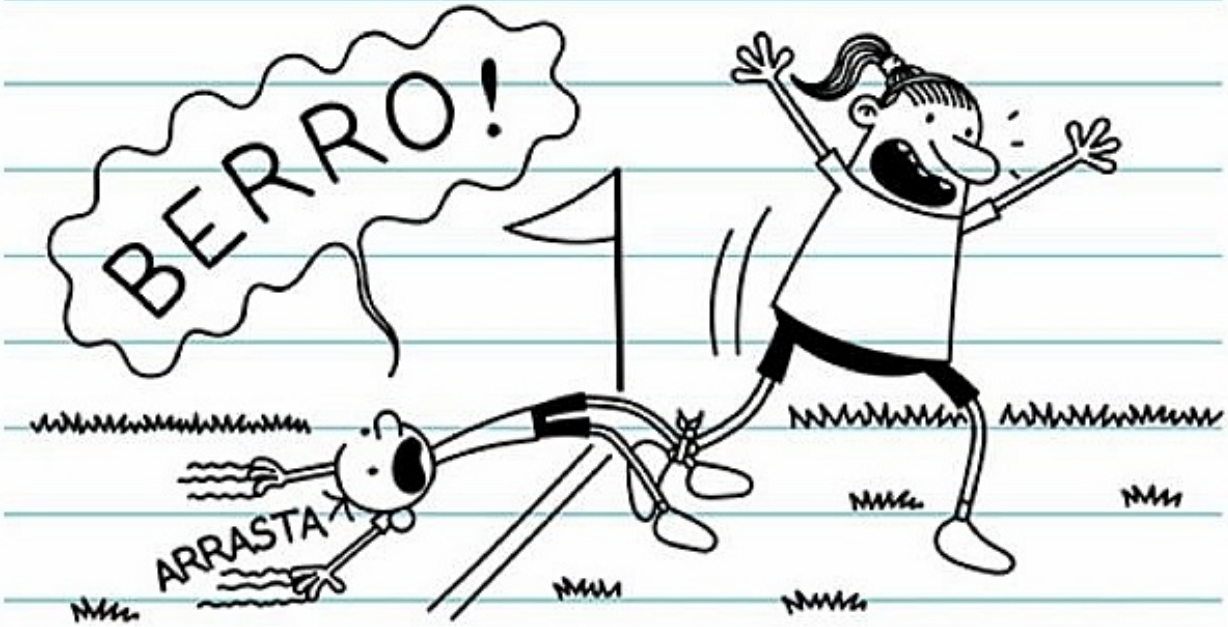
Daí a equipe do sr. Ray ficou com os MELHORES competidores, e o resto do pessoal não tinha a menor chance.

Antes de começarem os Jogos Escolares, a sra. Epstein juntou nossa equipe no pátio pra repassar a estratégia e fazer os últimos ajustes. Eu ainda não tinha entendido por que ela aceitou trocar o Jesse Range por mim e aqueles dois outros garotos.

Eu só estava inscrito pra uma competição, que era a corrida de três pernas. Minha parceira era a Madison Burke, que é bem mais alta, o que deixava as coisas meio esquisitas.



Mas, quando a corrida começou, finalmente entendi a estratégia da sra. Epstein. Ela não me quis por ser RÁPIDO. Ela me quis por ser LEVE.



Madison e eu terminamos em primeiro lugar, o que foi um bom começo pro nosso time. Mas tivemos uma grande decepção minutos depois, quando o Marcello Romera torceu o pé na corrida de sacos. O que aconteceu foi que as tias da merenda tinham deixado umas BATATAS nos sacos, e aposto que NÃO foi sem querer.

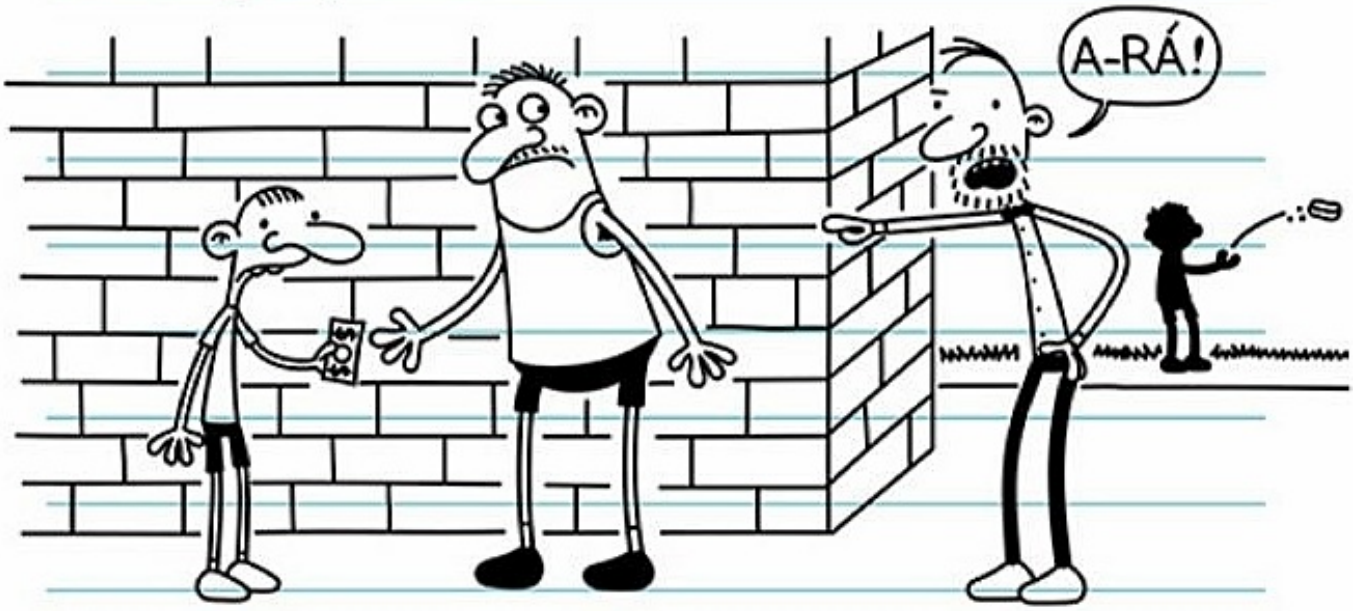
Marcello ia correr os cinquenta metros rasos logo em seguida, e todos os alunos da nossa turma estavam competindo em outras modalidades. Então a sra. Epstein disse que EU ia ter que entrar no lugar dele.

Fiquei em penúltimo lugar, porque ainda estava meio dolorido da corrida de três pernas. Só consigo correr rápido de verdade se tiver um INCENTIVO pra isso.

A vez que corri mais rápido na vida foi quando fugi do Rodrick depois que ele pisou em um monte de cocô de cachorro e eu caí na gargalhada. Garanto que, se alguém tivesse me cronometrado, veria que atingi a velocidade de um GUEPARDO.

O único motivo de eu não ter acabado em último nos cinquenta metros rasos foi porque, assim que a corrida começou, Jesse Range caiu de cara no chão. E, quando isso aconteceu, achei que ele devia ter tropeçado nos cadarços ou alguma coisa do tipo.

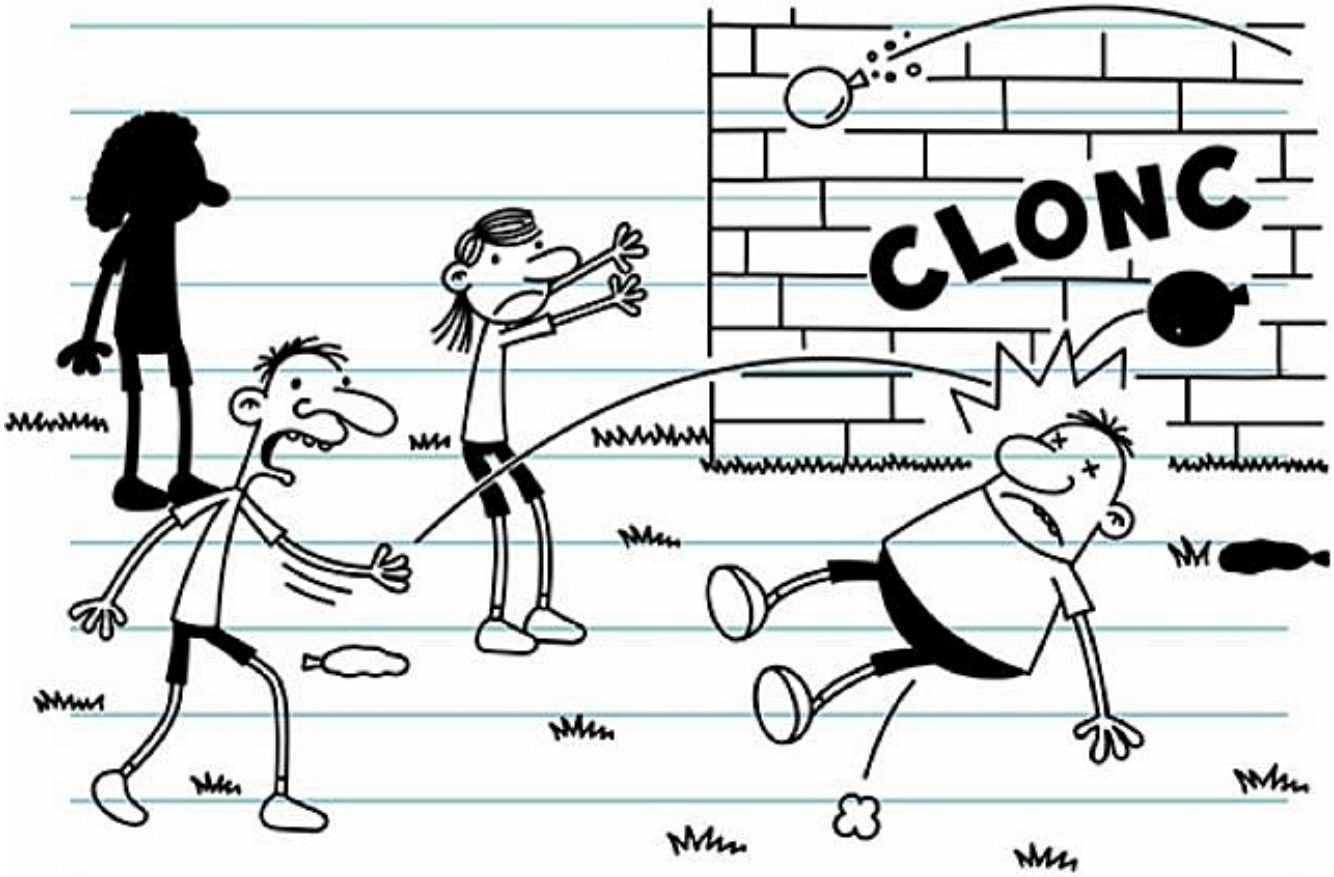
Mas, no fim, ele tinha aceitado uma grana pra simular um acidente, e ninguém descobriria se o vice-diretor Roy não tivesse flagrado o suborno rolando nos fundos da escola.



Jesse não queria ser suspenso, então entregou os garotos que estavam por trás do esquema. Aqueles caras tinham montado uma central de apostas na sala de vídeo do segundo andar.

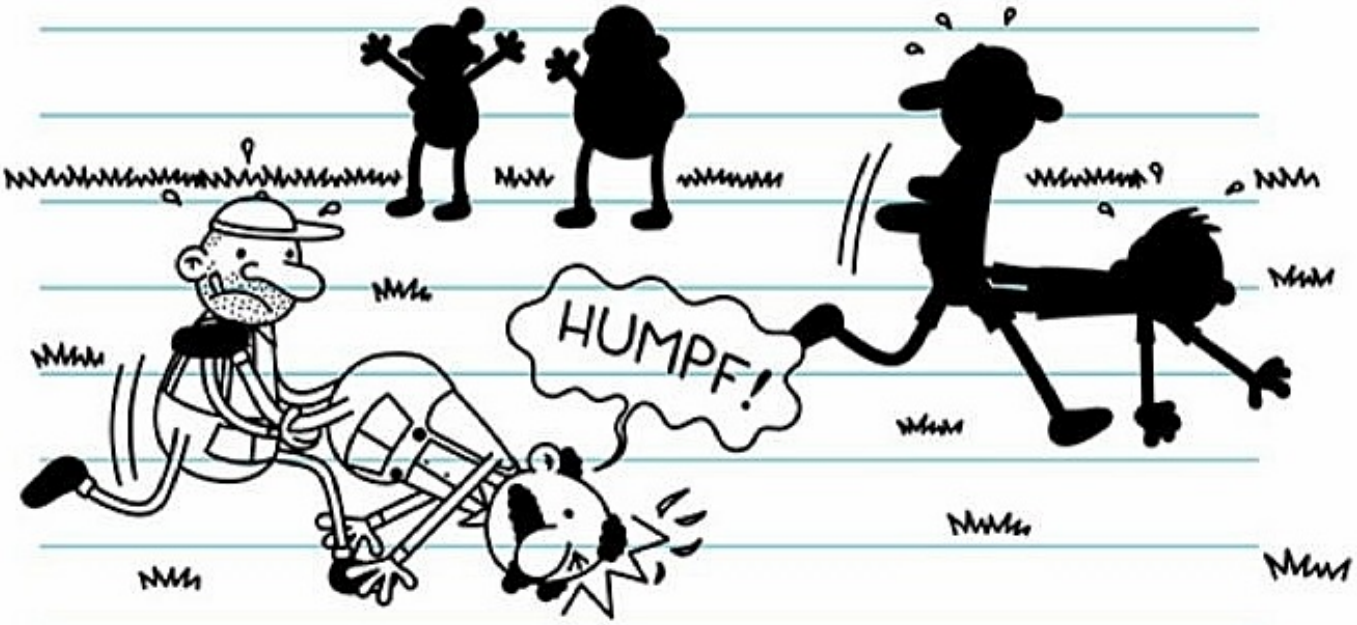
O resto do time do sr. Ray também estava trapaceando, mas isso não surpreendeu ninguém.

Os moleques de lá tinham colocados bexigas d'água no freezer do refeitório, e só foram DESCOBERTOS porque George Ralston fez o Mikey Ardalla desmaiar quando acertou a cabeça dele na guerra de balões.

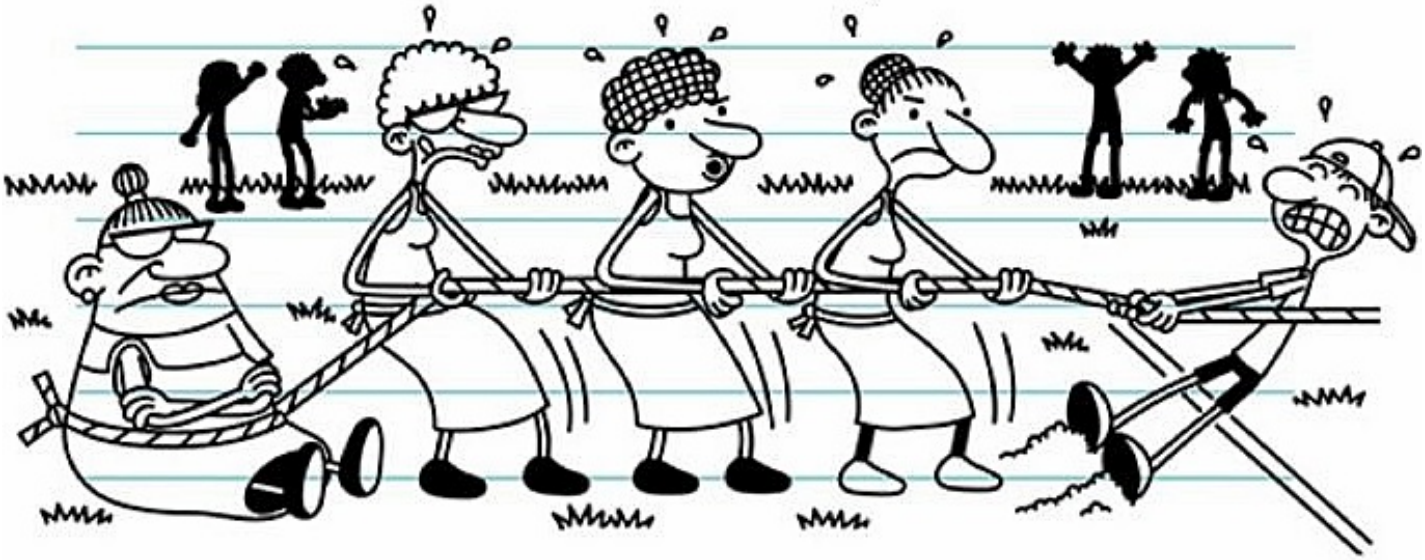


A equipe da sra. Bosh ganhou o jogo dos sacos de feijão, e com isso ficou em primeiro por um tempo. Mas aí o time do sr. Chow ganhou a corrida de revezamento com balde e o arremesso de esponja, e então ELES assumiram a liderança.

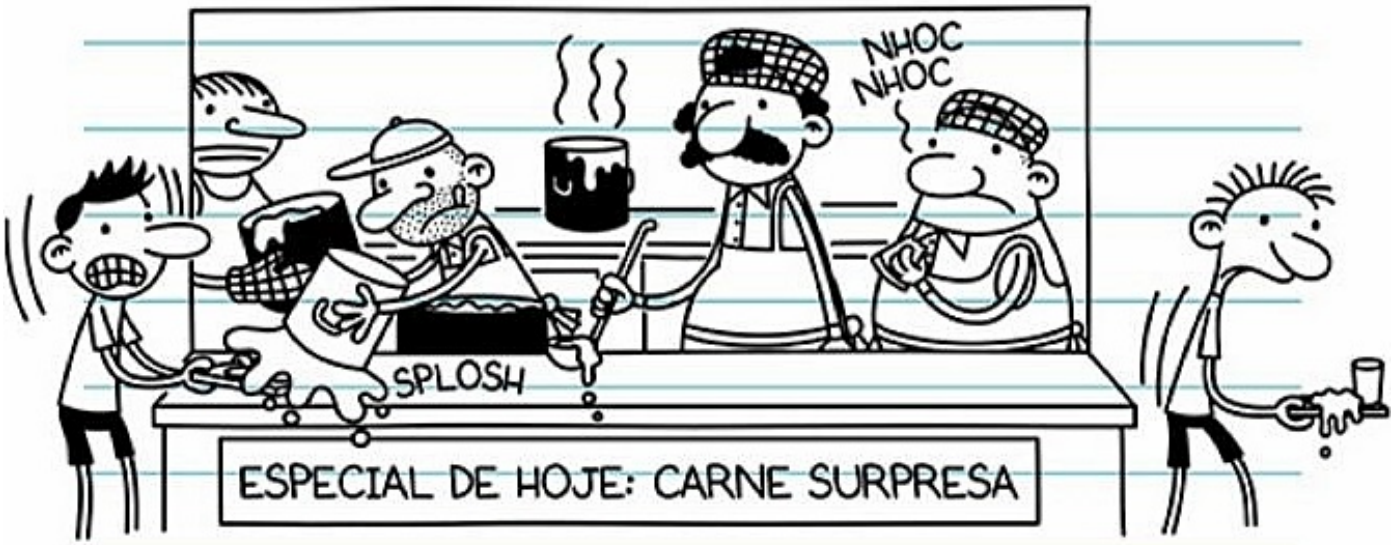
A equipe dos faxineiros começou a subir na classificação e teria ido pro primeiro lugar se os braços do sr. Washington não tivessem perdido a força no meio da corrida de carrinho de mão.



A última competição foi cabo de guerra, e a vitória estava entre o time da sra. Bosh e o das tias da merenda. Tinha CERTEZA de que o time da sra. Bosh ia ganhar, mas as tias da merenda levaram a melhor, já que usaram a sra. Frolley como âncora.



Quando voltamos pras salas depois dos jogos, todo mundo estava triste porque as tias da merenda acabaram ganhando o dia de folga. E ficamos preocupados também, porque ouvimos dizer que os faxineiros iam cobrir o turno delas no almoço.

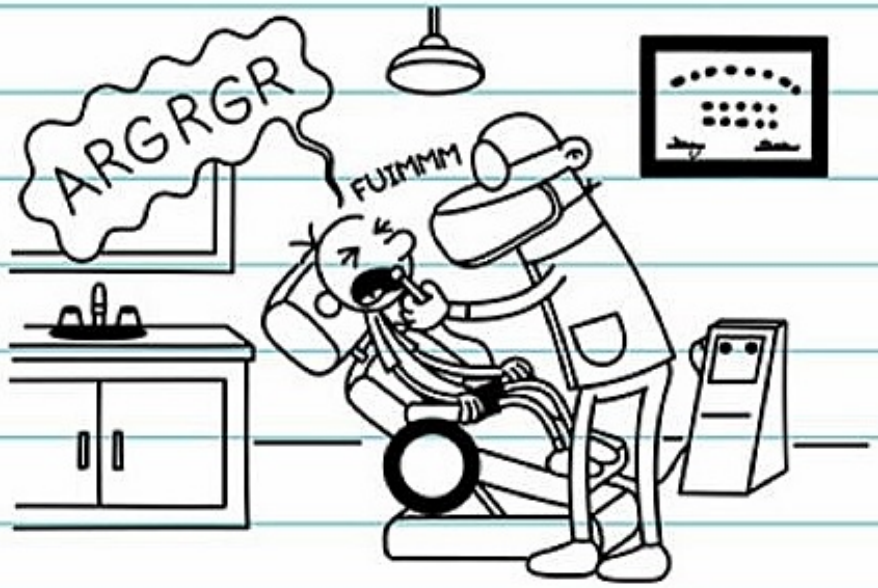


Mas acho que a direção da escola sabia que a coisa ficaria feia, então um pouco antes de dar o sinal, o vice-diretor Roy anunciou que TODO MUNDO ia ganhar folga na sexta-feira.

Sexta-feira

Fiquei empolgado por ter um dia todo sem precisar fazer nada e estava bem a fim de dormir até mais tarde.

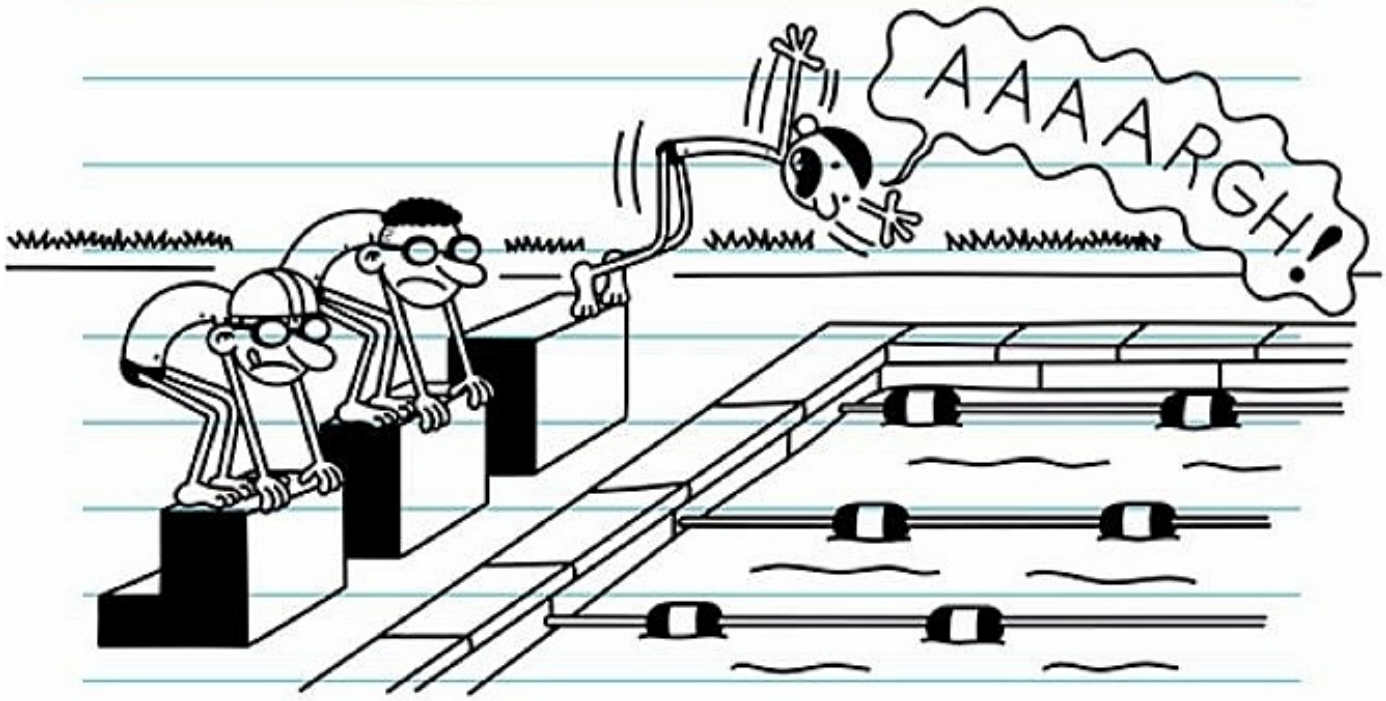
Só que, assim que a mamãe soube da minha folga, aproveitou pra marcar um monte de coisas pra mim.



Fiquei de mau humor o dia todo, mas a mamãe estava toda animada. Ela queria saber tudo sobre os Jogos Escolares e perguntou se eu tinha me divertido. Então falei a verdade: que os jogos tinham sido uma grande PORCARIA.

Ela disse que o motivo das minhas experiências ruins nos esportes era que eu nunca tinha feito parte de um time.

Mas falei que fiz parte de um time nos Jogos Escolares e em várias OUTRAS ocasiões. Então, acho que no fim, ela bloqueou algumas lembranças, que eu também preferia não ter guardado.



A mamãe explicou que estava falando de fazer parte de um time de VERDADE, um em que todos se apoiam. Disse que alguns dos momentos mais felizes da vida dela tinham sido praticando esportes na escola.

Ela falou que a melhor coisa de fazer parte de um time é aprender a cooperar e que essa é uma lição que serve pro resto da vida, principalmente no TRABALHO.

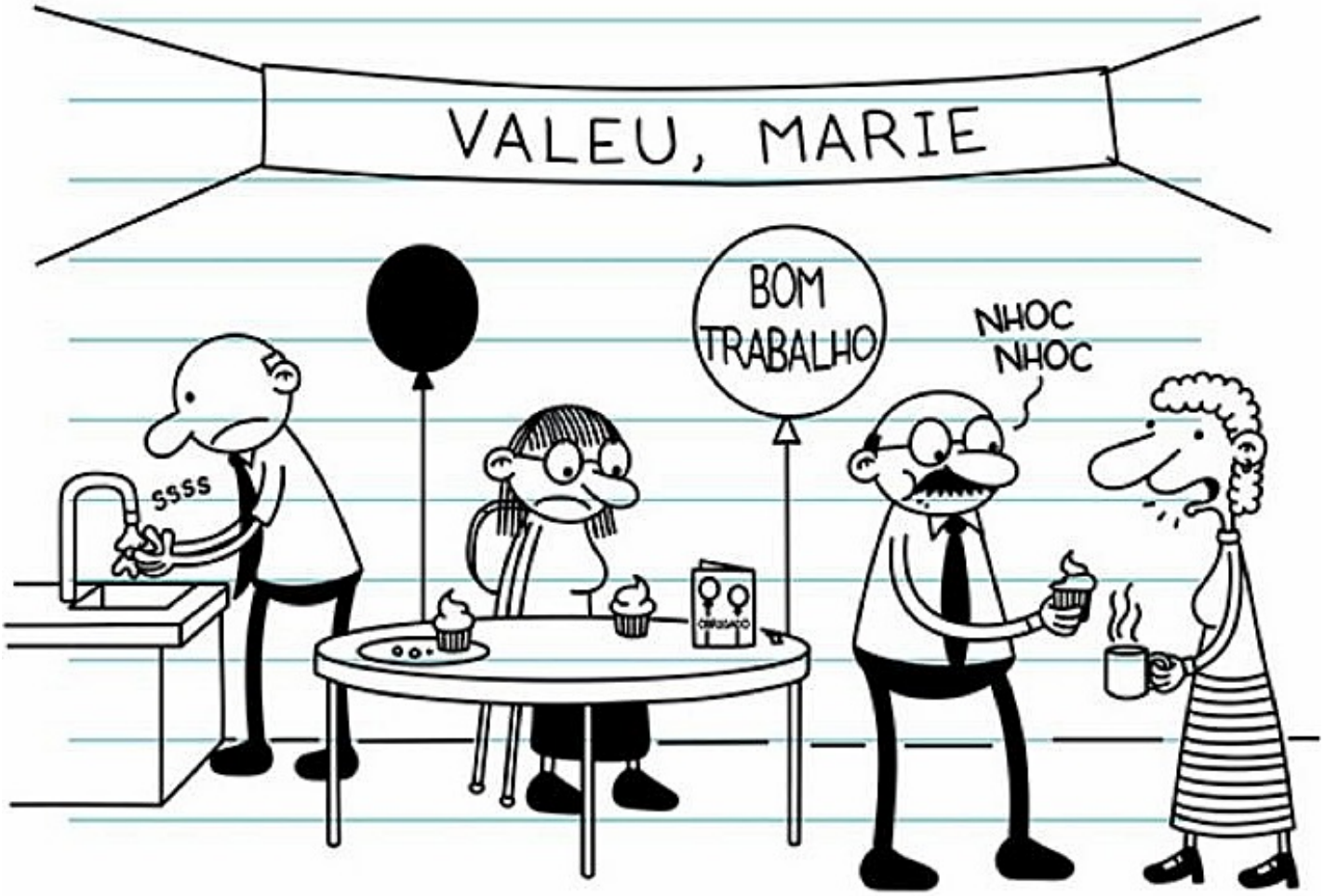
Acho tudo isso meio ridículo, mas, na real, não sei o que os adultos fazem no trabalho.

A mamãe me falou pra dar mais uma chance pros esportes, e que se não rolasse ela pararia de insistir no assunto. Respondi que ia pensar, mas confesso que fiquei torcendo pra ela esquecer disso em um dia ou dois.

Não entendo por que as pessoas ficam tão envolvidas com os esportes, sendo que existem coisas muito mais IMPORTANTES na vida.

Se você conseguir arremessar uma bola a 160 km por hora, vai ganhar milhões de dólares, e as crianças vão pendurar pôsteres com a sua foto na parede.

Mas, se você descobrir a cura do câncer, vai ganhar no máximo um tapinha nas costas.



Sempre me pergunto como foi que INVENTARAM os esportes, pra começo de conversa. Antigamente, as pessoas viviam em guerra. Acho que decidiram que era melhor arrumar um jeito de resolver as diferenças sem precisar MATAR ninguém. Aí alguém veio com a ideia de que os esportes podiam ser uma solução mais pacífica.

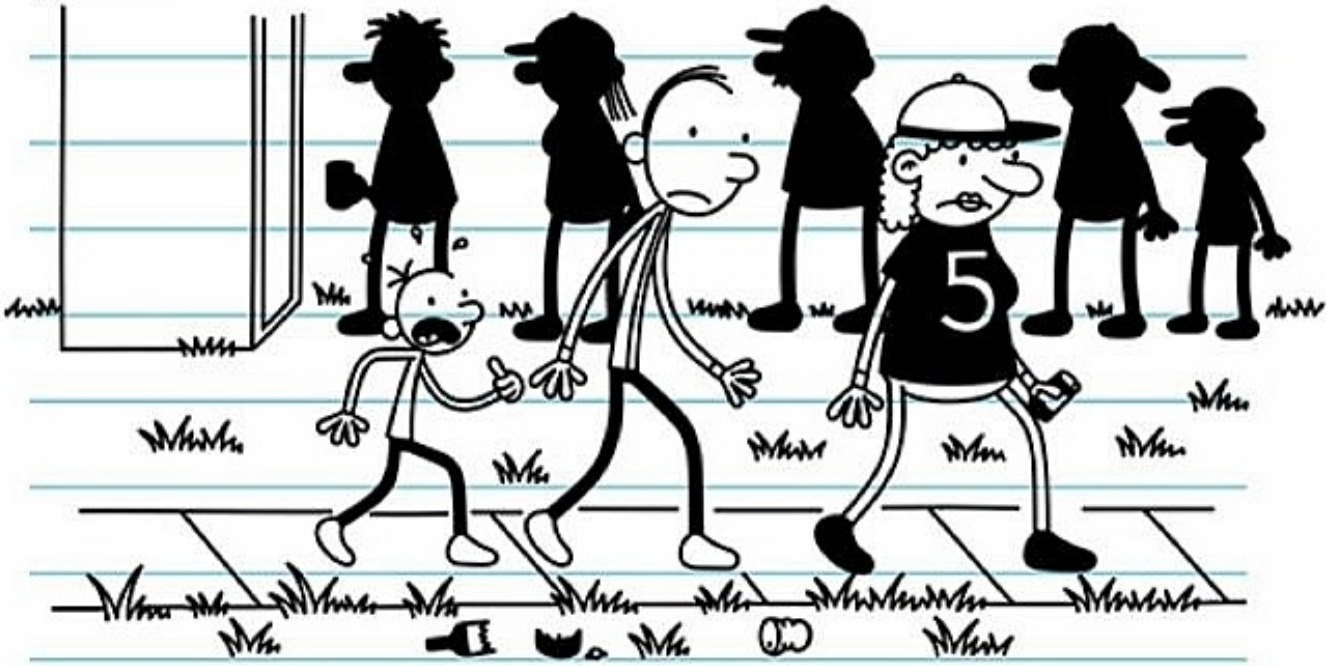
Daí com o tempo os esportes EVOLUÍRAM, e hoje existem times com mascotes, líderes de torcida e atletas profissionais.

Só fui a um jogo com atletas profissionais na vida, quando meu pai me levou pra ver uma partida de futebol americano. Pra ser sincero, não me lembro de muita coisa sobre o jogo em si, mas de todo o RESTO sim.

Ele não queria gastar dinheiro estacionando perto do estádio, então a gente parou o carro num terreno baldio. Ele levou a churrasqueira, e nós fizemos uns hambúrgueres. Até que foi divertido.

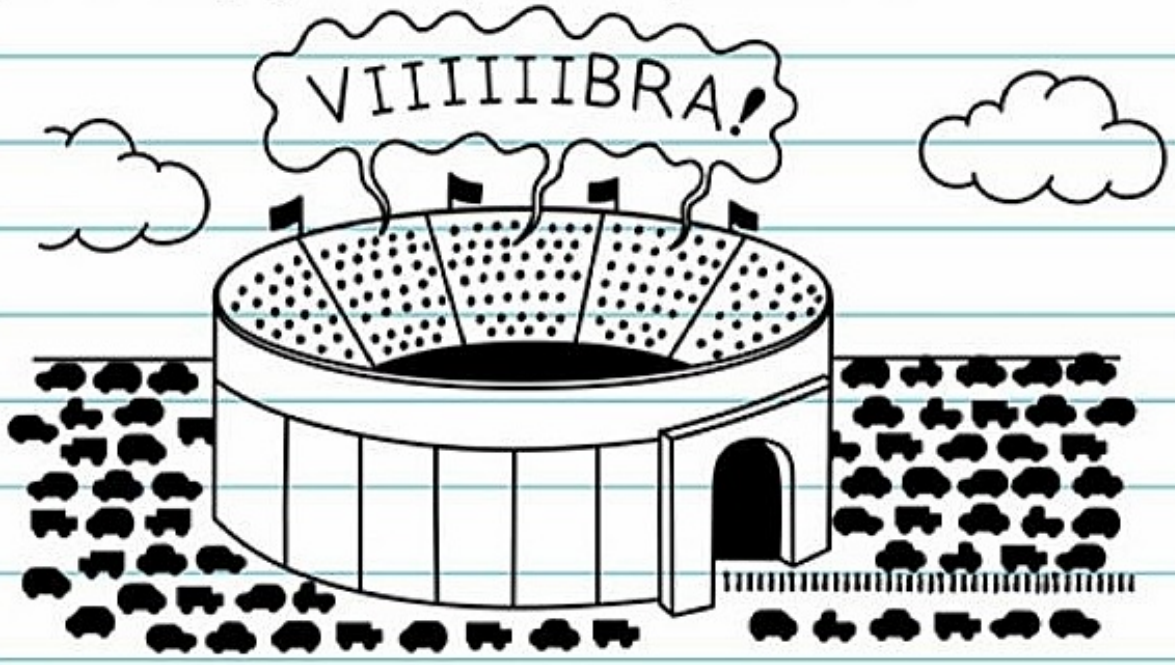
Mas bebi refrigerante DEMAIS, e no caminho pro estádio soube que precisaria passar no banheiro antes, se não quisesse molhar as calças.

O papai não queria parar nos banheiros químicos, porque as filas estavam enormes. Mas avisei que não ia conseguir chegar ao estádio, e implorei pra gente parar.

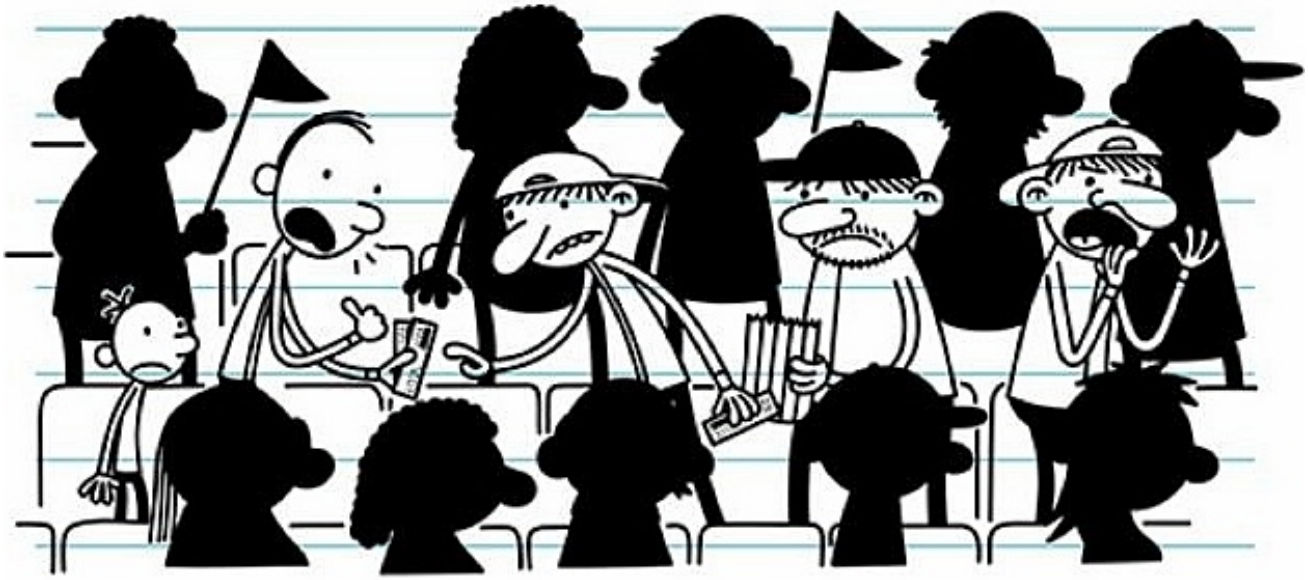


Precisei esperar vinte minutos, até que finalmente chegou a minha vez. Queria que o papai tivesse me avisado como essas coisas são por dentro, porque eu teria me SEGURADO.

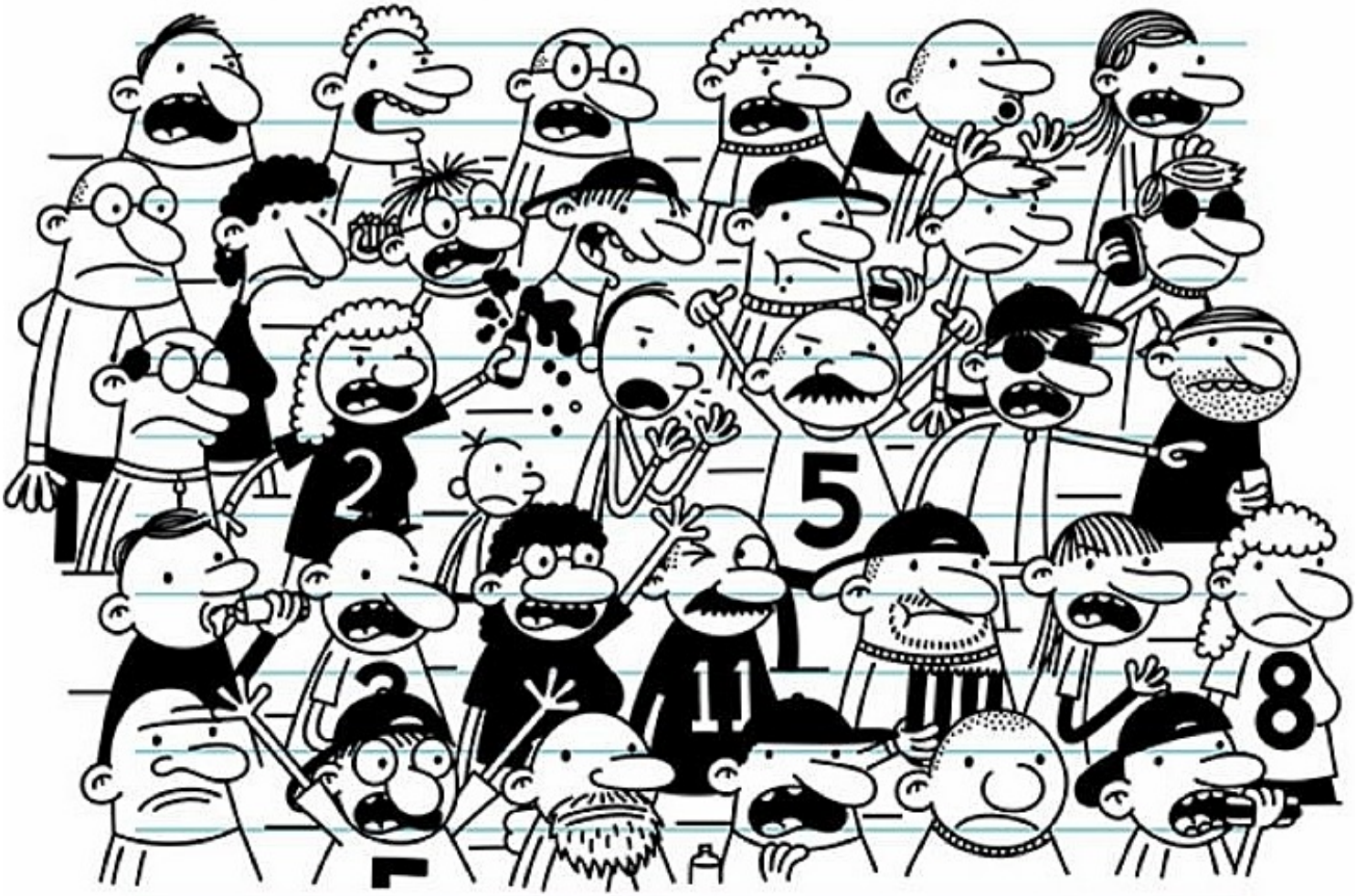
Mas foi bom fazer aquela parada, já que, na entrada do estádio, tinha OUTRA fila enorme pra passar pela segurança. A gente perdeu o primeiro quarto do jogo só esperando pra entrar.



Quando enfim entramos e encontramos nossos lugares, tinha uns caras sentados lá. E levou mais um tempão pra resolver ISSO também.



Não sei por que o estádio tem assentos marcados, porque ninguém fica SENTADO. E a maior parte das pessoas no nosso setor era grande demais pra alguém da minha altura conseguir enxergar algo.



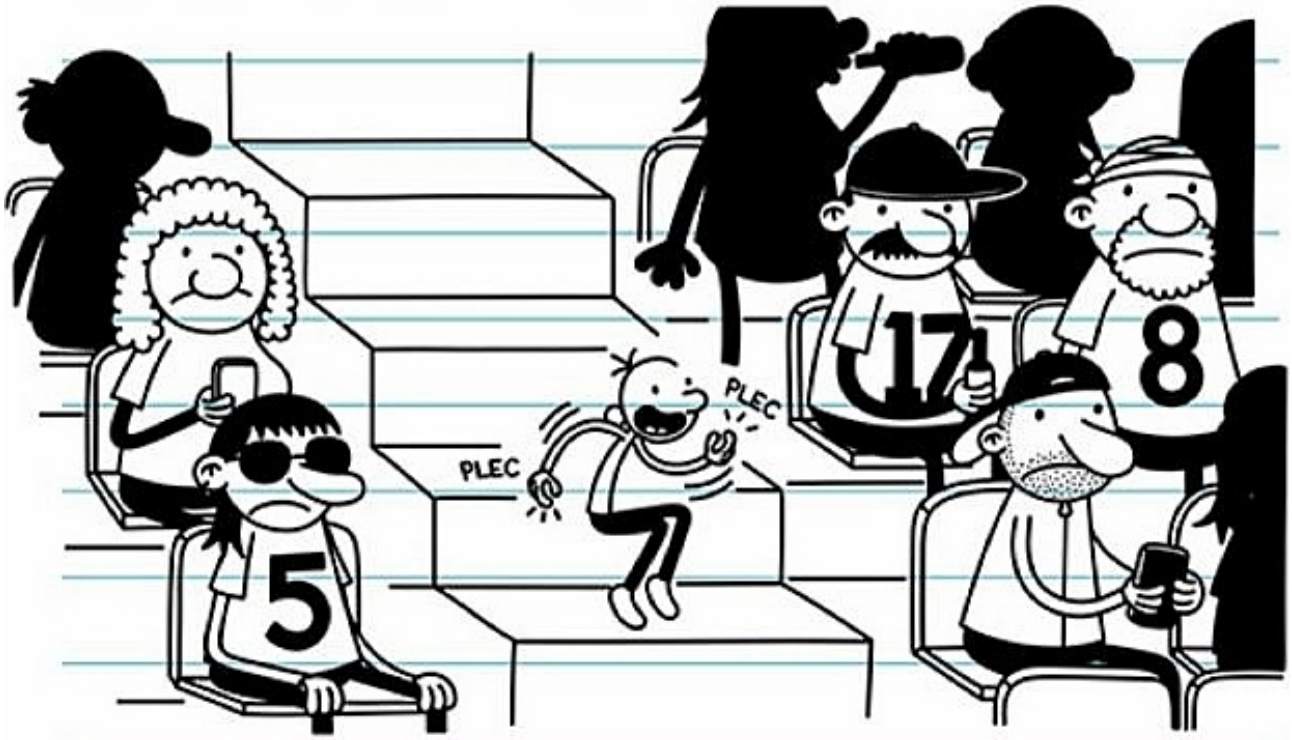
Como não conseguia ver o campo, não tinha ideia do que estava rolando. E o papai estava tão entretido com o jogo que nem se preocupou em me contar.

No fim, percebi que dava pra acompanhar o jogo pelo Jumbotron, um telão gigantesco que fica em cima do campo.

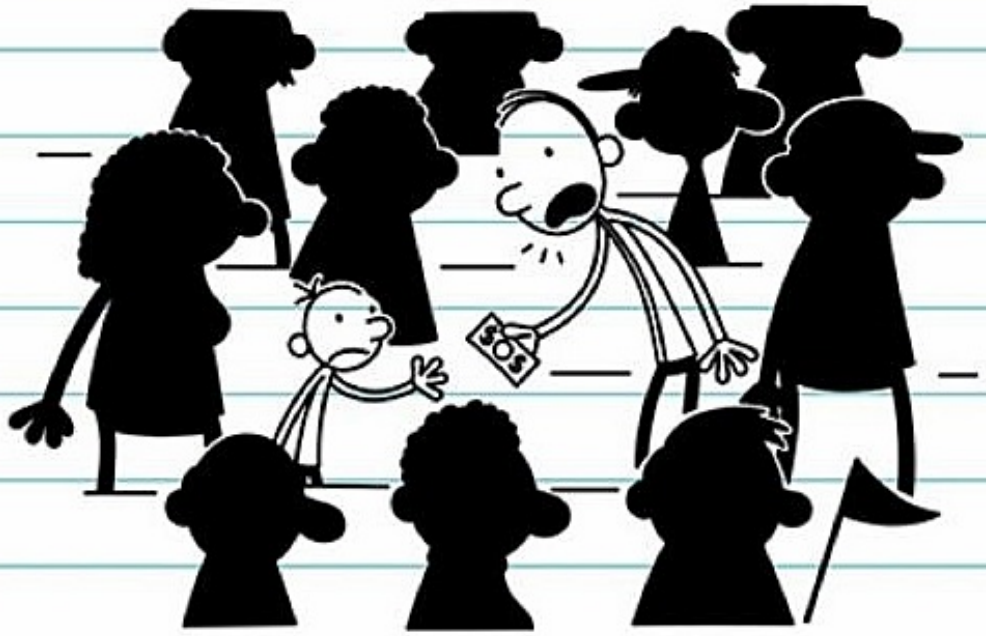
Sempre que o jogo parava, eles viravam as câmeras pra torcida.

Tinha uma coisa chamada "Torcedor Mais Fanático", que premiava quem fizesse a maior maluquice quando aparecesse no telão. E tinha um pessoal PIRANDO mesmo.

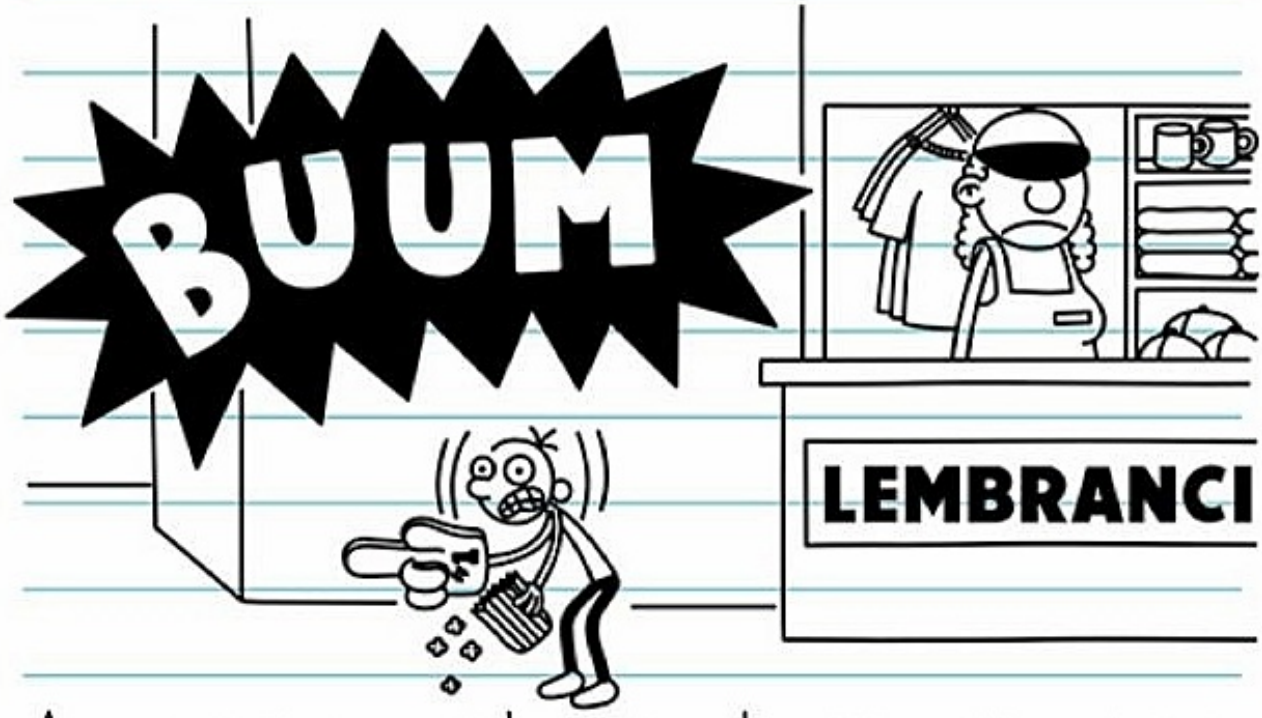
Sabia que não ganharia o prêmio de Torcedor Mais Fanático escondido atrás de um monte de gente. Então, no intervalo, fui pras escadas e fiquei tentando chamar a atenção das câmeras.



Mas acho que o papai ficou com vergonha, então me deu dinheiro e me mandou comprar alguma coisa pra comer e uma lembrança pra levar do jogo.



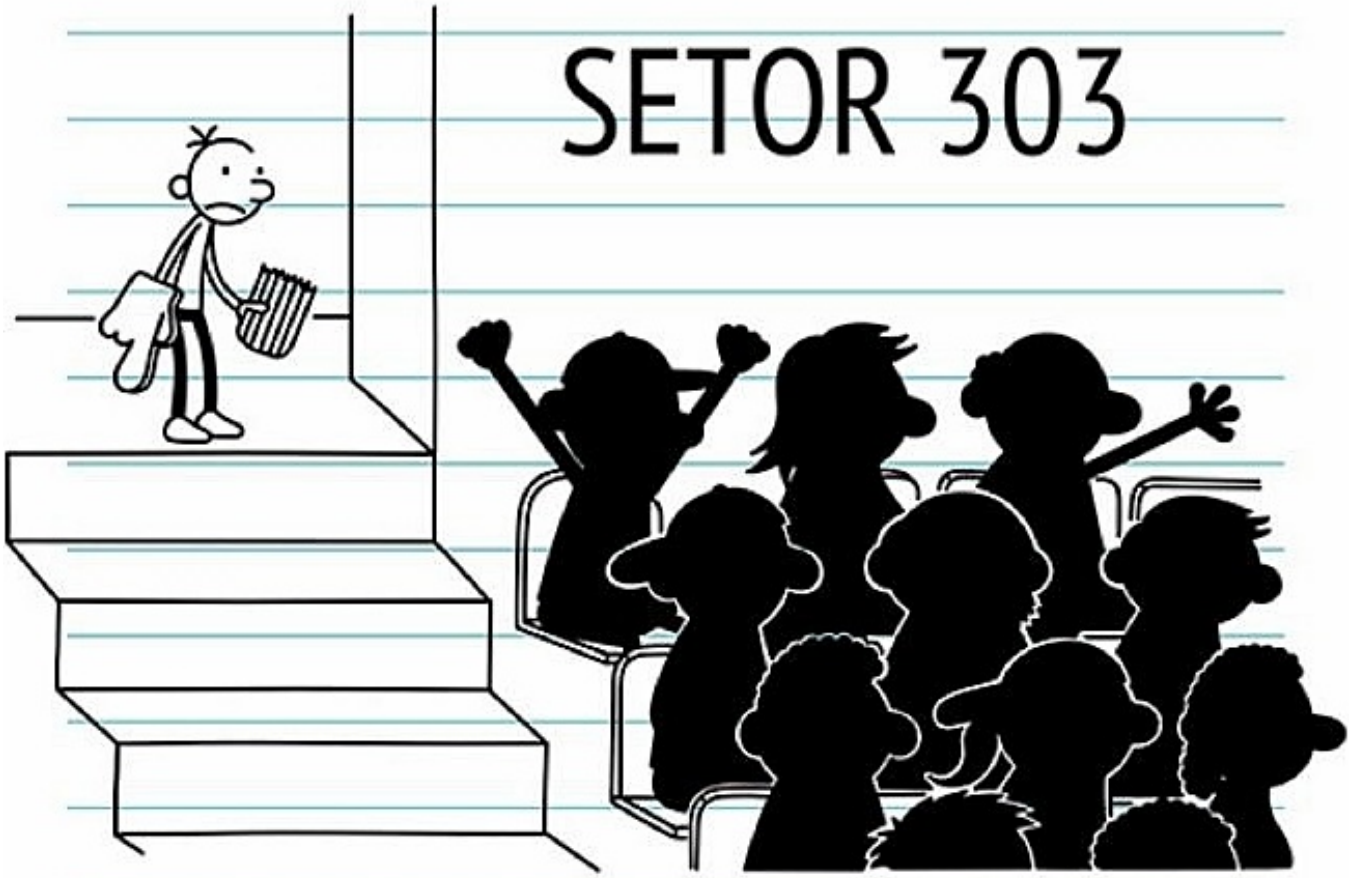
Gastei a grana com pipoca e uma mão gigante de espuma. Mas, quando estava saindo da barraquinha de lembranças, ouvi um barulhão que sacudiu o estádio inteiro.



Ao que parece, quando o time da casa marca pontos, eles dão tiros de CANHÃO. Queria que o papai tivesse me avisado sobre isso, porque achei de verdade que estávamos em PERIGO.

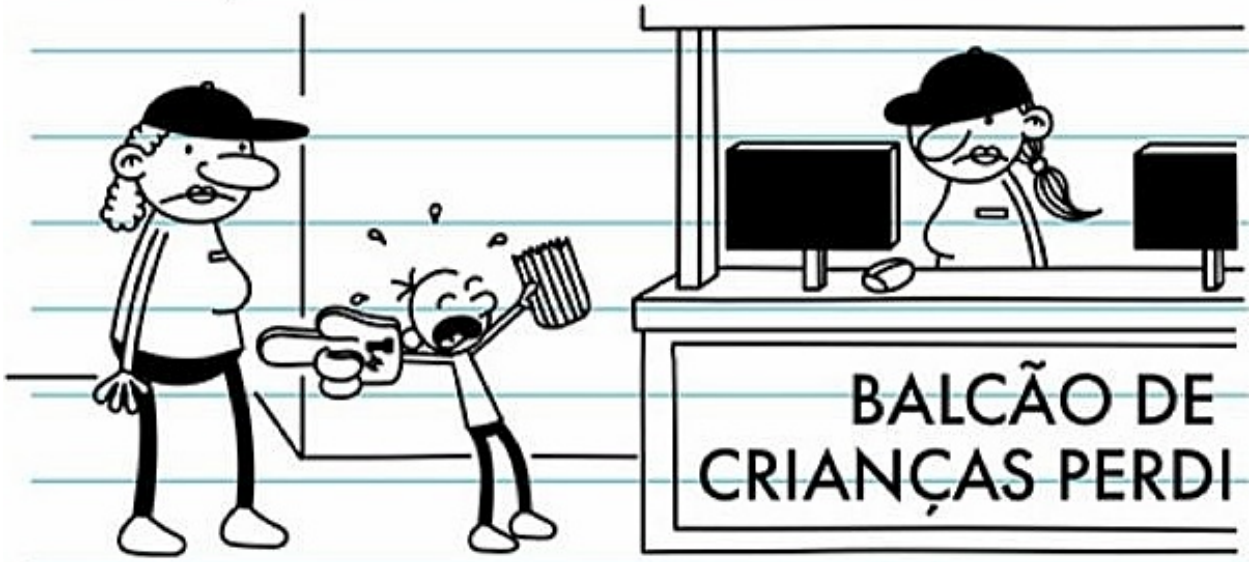
Depois que percebi que estava tudo tranquilo, fui procurar o papai. Mas não me lembrava em que setor a gente estava, e os ingressos estavam com ele.

Comecei a entrar em pânico, porque tinha 80 mil pessoas no estádio, e de costas todo mundo é igual. Além disso, a partida estava empatada, e os torcedores estavam distraídos demais com o jogo pra querer ajudar uma criança perdida.



Por sorte, uma funcionária do estádio me viu vagando pelo corredor e me levou até o Balcão de Crianças Perdidas.

Perguntaram quem eu era e quando tinha visto meu pai pela última vez, mas a essa altura estava tão abalado que mal conseguia lembrar meu nome.

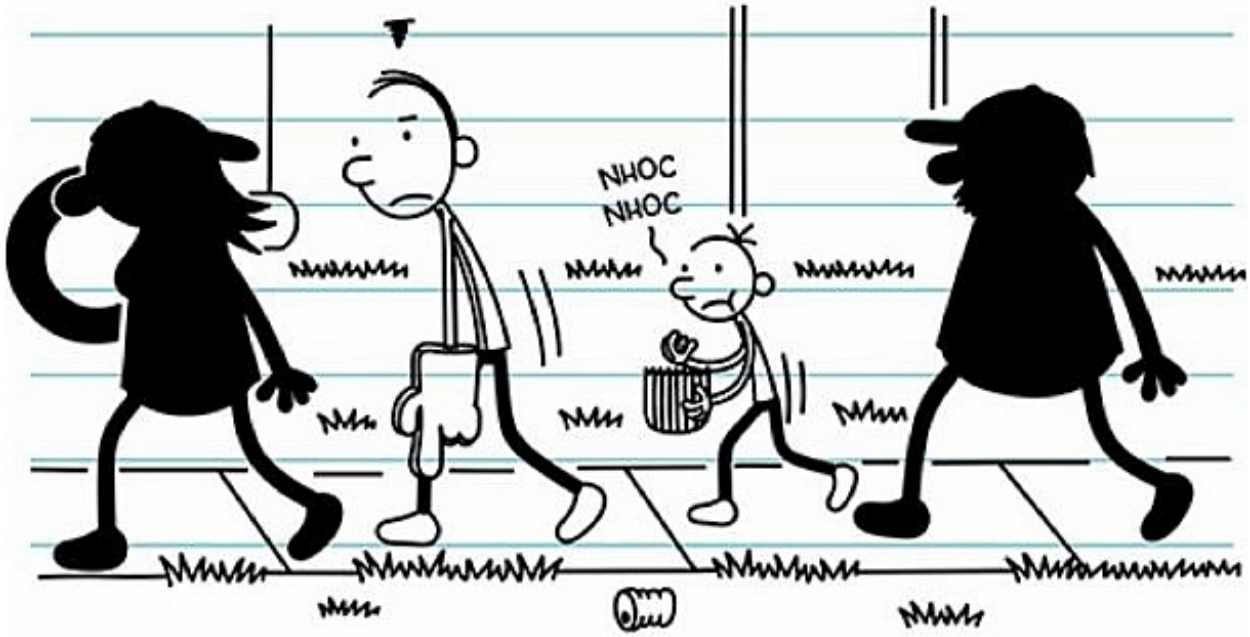


Quando percebi, tinha uma câmera na minha cara, e a minha imagem foi parar no Jumbotron.

Aí percebi que era a minha chance de ganhar o Torcedor Mais Fanático, então aproveitei.

A boa notícia foi que nosso time ganhou o jogo no último lance. A má foi que o papai não viu, porque teve que me BUSCAR. E, acredite, EU ganhei o prêmio de Torcedor Mais Fanático, que era um par de ingressos pro jogo SEGUINTE.

Mas não me lembro de ter ido em outro jogo depois desse, então acho que o papai levou o Rodrick.

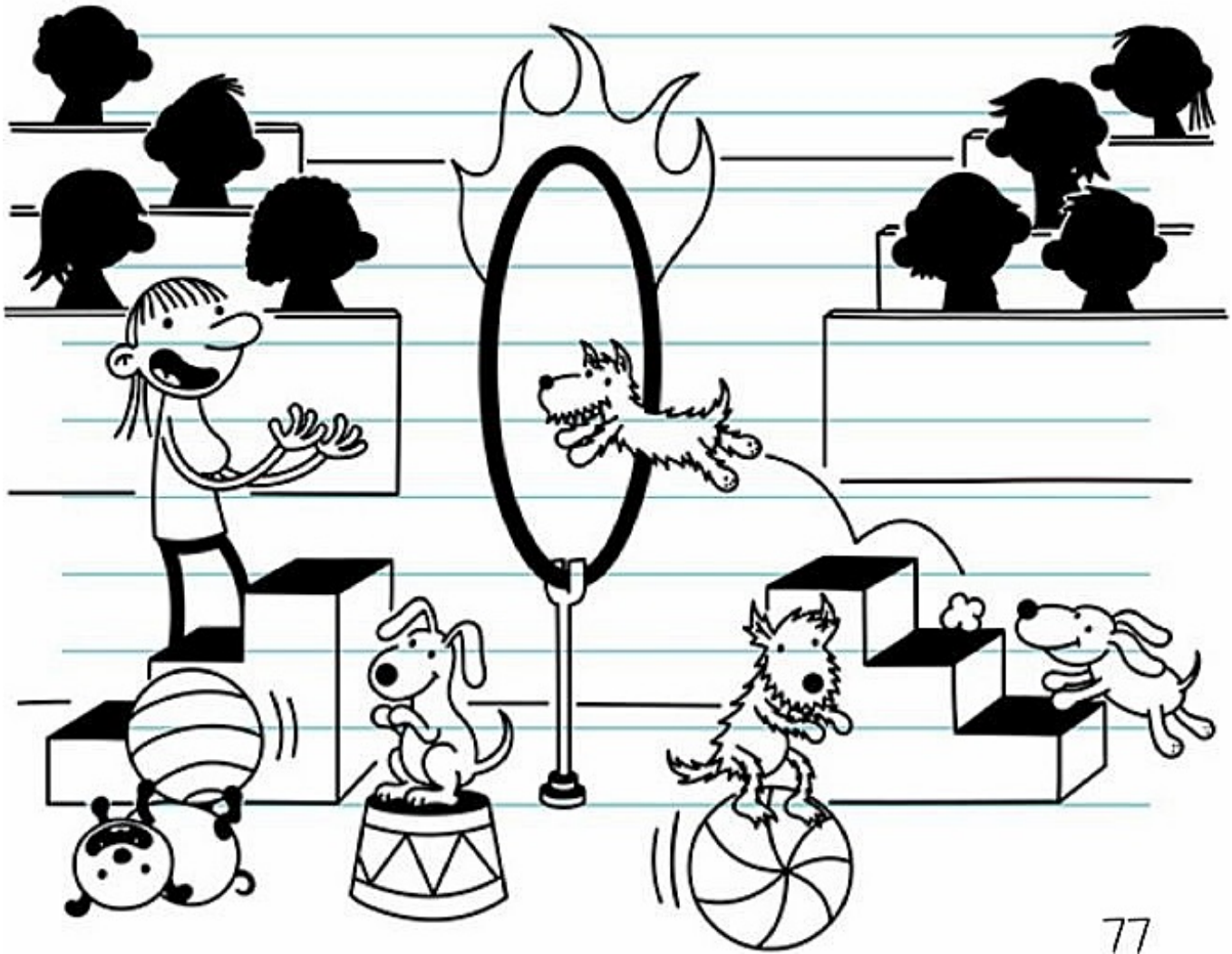


O que ficou na minha memória desse dia foi que o pessoal do estádio se esforçava pra manter os fãs entretidos. Acho que a nossa igreja poderia aprender algumas coisinhas com o esporte profissional.

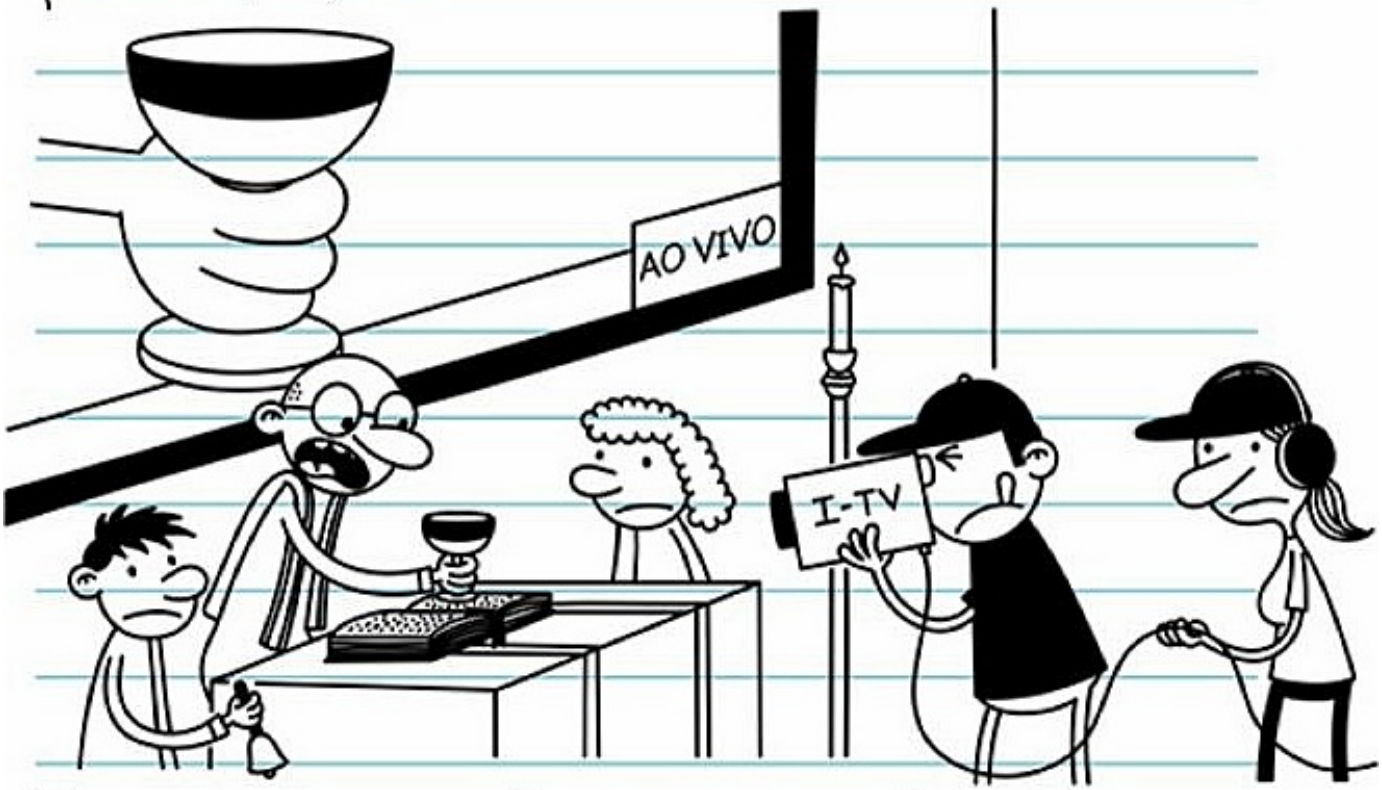
Pra começar, quando apresentam o padre e os coroinhas, deveriam diminuir as luzes e tocar uma música bem alta. Porque isso deixa a galera EMPOLGADA.

Outra coisa que poderiam fazer é usar um mascote pra deixar a missa mais divertida pras crianças.

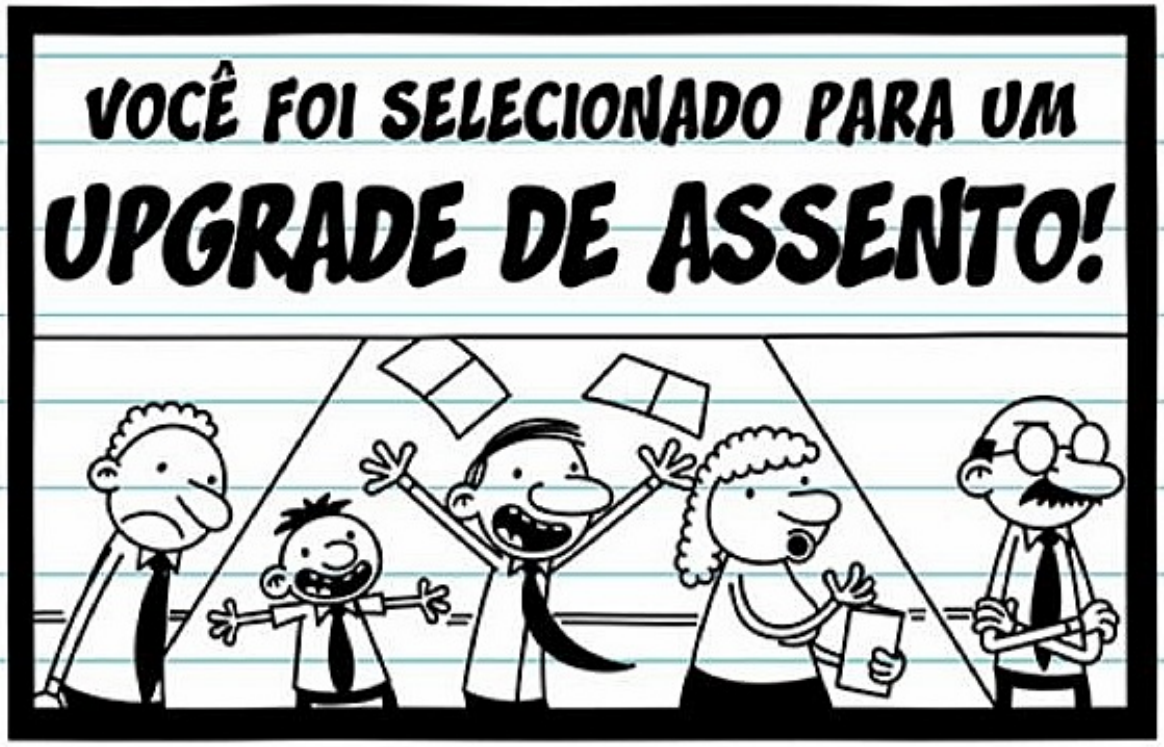
É preciso dar uma quebrada no ritmo pra manter as pessoas energizadas, então seria uma boa uma atração pro intervalo. Existe TODO tipo de coisas malucas em termos de entretenimento.



Só que o maior avanço na igreja seria se eles tivessem um JUMBOTRON. Em primeiro lugar, isso ajudaria o pessoal lá do fundo a se sentir mais próximo da ação.

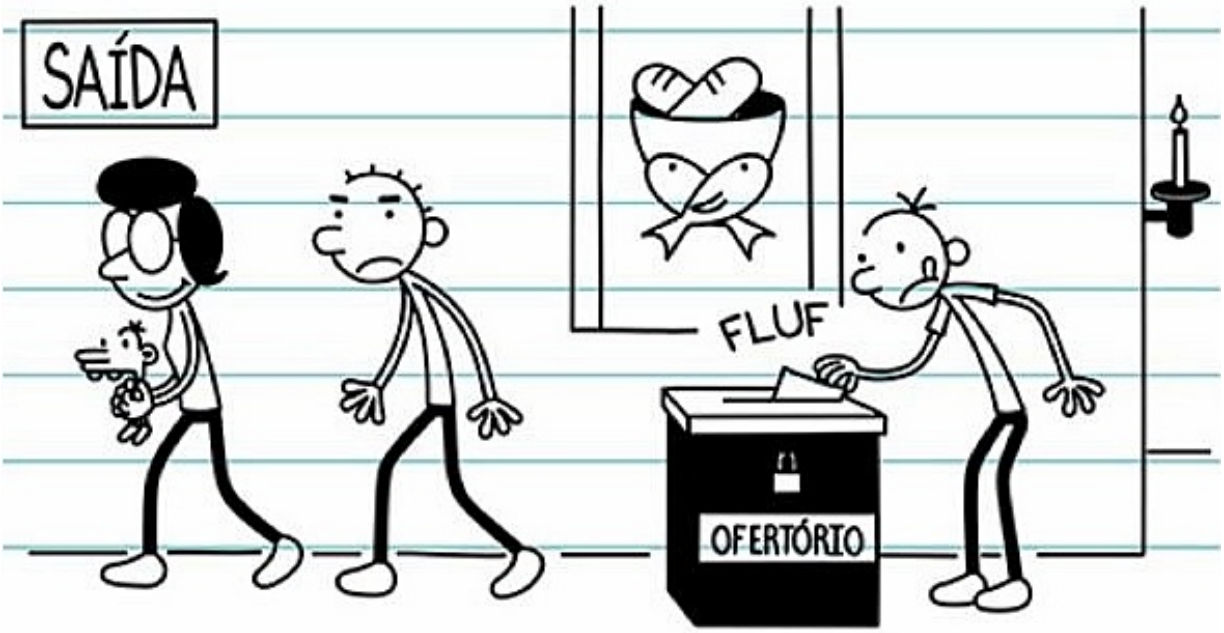


Para as pessoas que chegassem atrasadas, poderiam inclusive sortear lugares na FRENTE.



Além disso, eles podiam usar o Jumbotron pra incentivar as pessoas a serem um pouco mais generosas quando a caixa de coleta passasse.

Tenho um MONTE de outras sugestões, inclusive anotei tudo. Mas acho que as pessoas que comandam a igreja devem andar muito ocupadas, porque até agora ninguém me respondeu.



OUTUBRO

Terça-feira

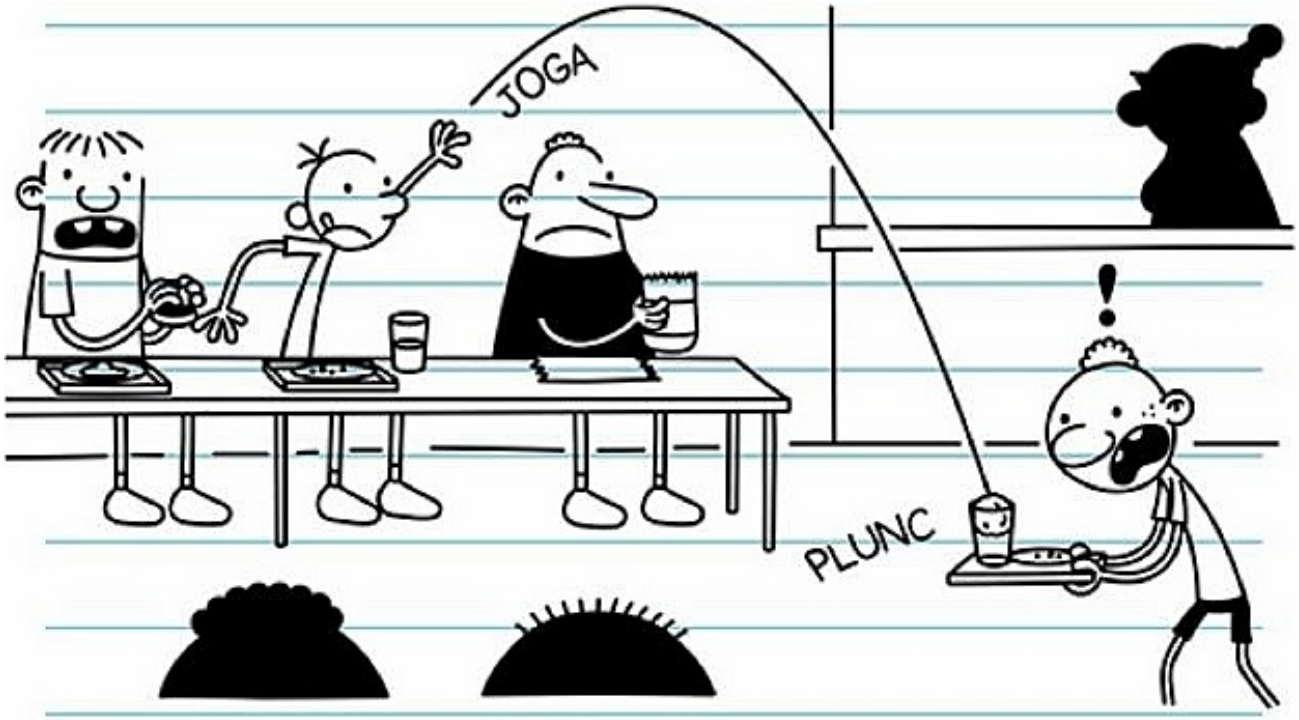
Estava torcendo pra mamãe se esquecer daquela ideia de me colocar num time, mas ela anda me pressionando todo dia.

Tentei falar que, em vinte anos, os esportes normais seriam substituídos pelos e-sports e que os atletas não mais precisariam se levantar do sofá pra competir. Mas acho que ela já não tem mais idade pra se entusiasmar com o futuro das coisas.

Um dos motivos por não ter decidido qual esporte quero praticar é que, na verdade, não sou bom em NADA.

Estou quebrando a cabeça tentando me lembrar de alguma coisa atlética que fiz pra poder escolher o esporte ideal pra mim.

Só consigo pensar que uma vez, na hora do almoço, acertei um guardanapo amassado no copo vazio do Justin White.



Quando acertei esse lançamento, o refeitório inteiro PIROU. Tenho quase certeza de que foi a maior proeza da minha vida.

Teve até gente dizendo que deveriam colocar uma placa no lugar, pra que os alunos que viessem depois também ficassem sabendo.

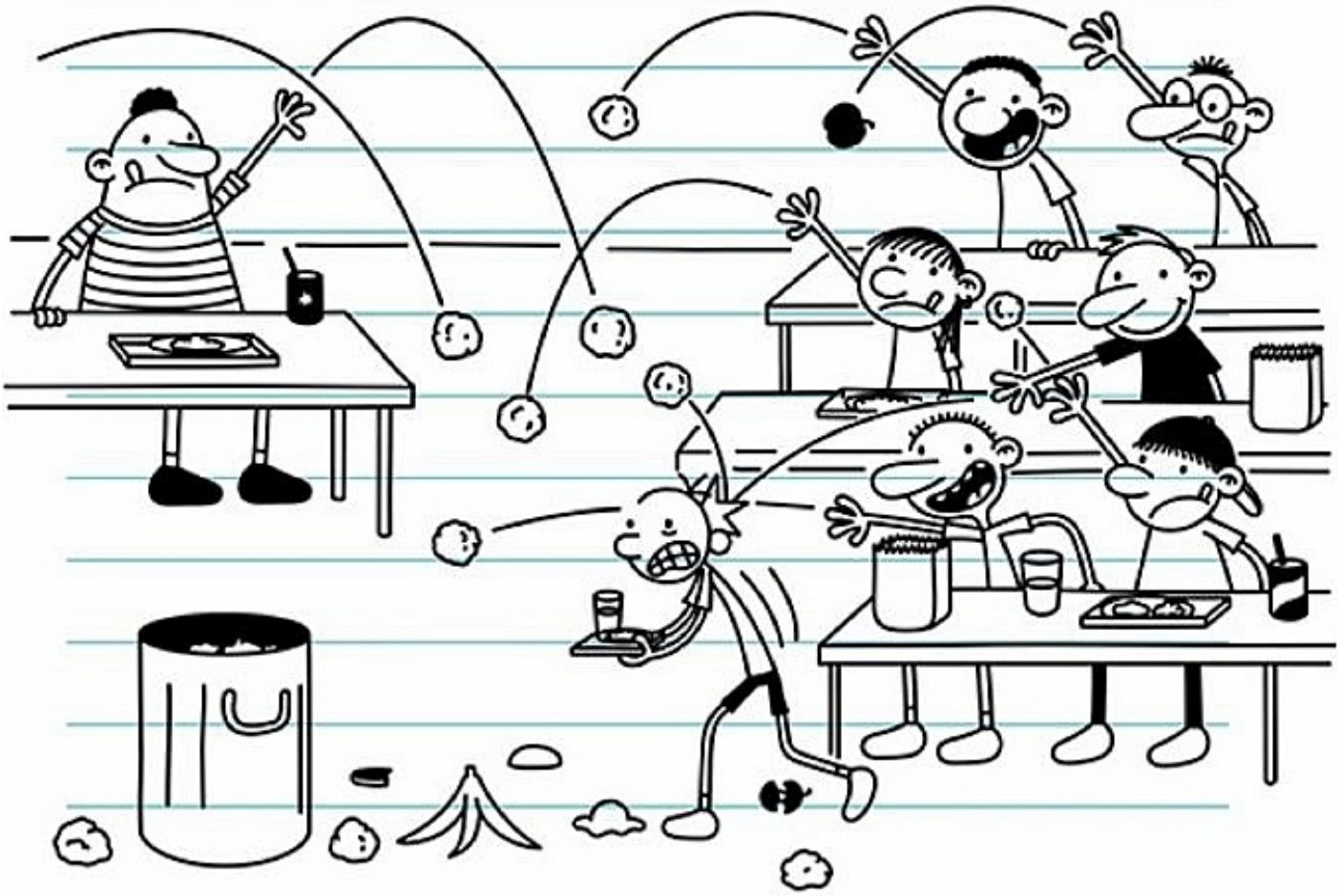
DESTE LUGAR

Greg Heffley

ACERTOU UM GUARDANAPO NO COPO DE UMA BANDEJA EM MOVIMENTO A UMA DISTÂNCIA

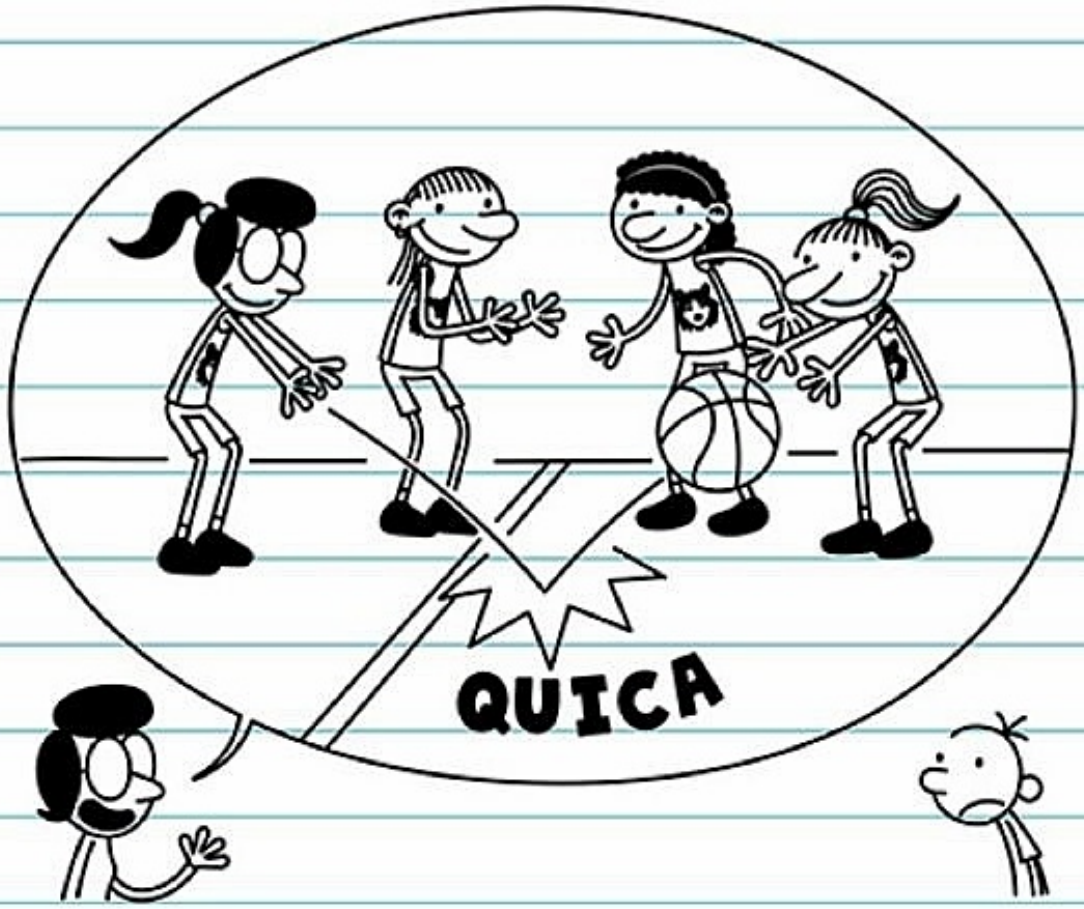
DE 7,5 METROS

Durante o resto do ano, o pessoal ficou tentando repetir meu arremesso. E daí a hora do almoço virou um PESADELO.



Achei que o arremesso do guardanapo era a prova do meu TALENTO e falei pra mamãe que de repente eu podia tentar entrar no time de basquete.

Então ela ficou toda empolgada, porque jogou basquete quando tinha a minha idade, e falou que o time era muito BOM. Ela disse que talvez o talento pro basquete fosse hereditário.

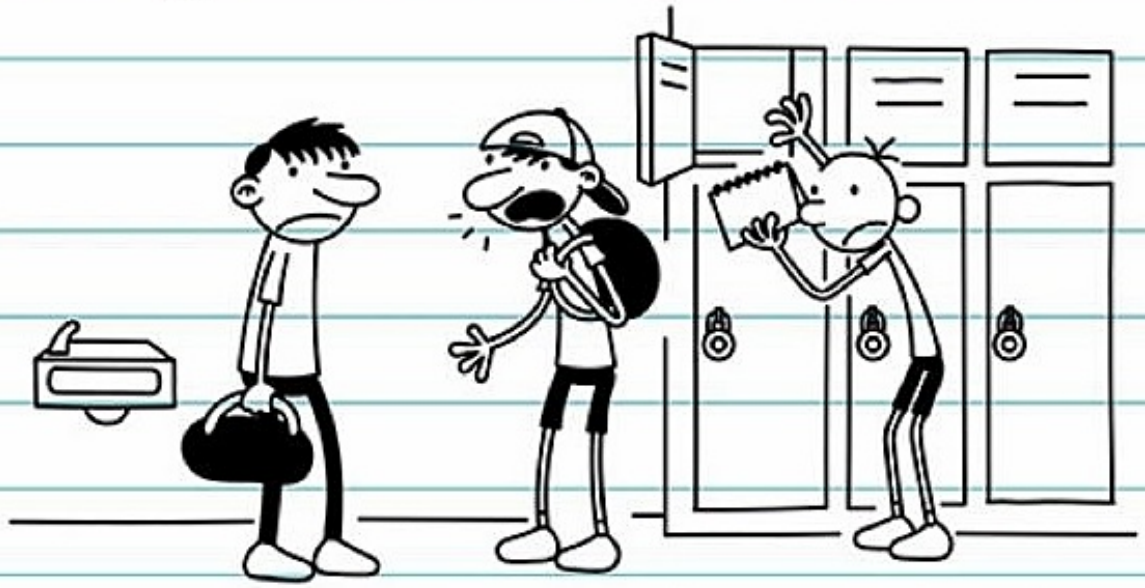


Ela contou que um ano o time dela chegou à final do campeonato estadual. Mas, quando perguntei como tinha sido a partida, ela desconversou e disse que isso não era importante.

A mamãe falou que o importante é que eu ia fazer parte de um TIME. Depois foi ver no computador como fazer minha inscrição.

Fiquei contente com a empolgação dela, mas na verdade eu tinha OUTRA razão pra decidir pelo basquete.

Hoje ouvi uns caras falando sobre uns testes que vão fazer na escola, já que só existem dois times pro pessoal do meu ano, com dez jogadores cada. Se você não conseguir entrar em nenhum deles, está FORA.

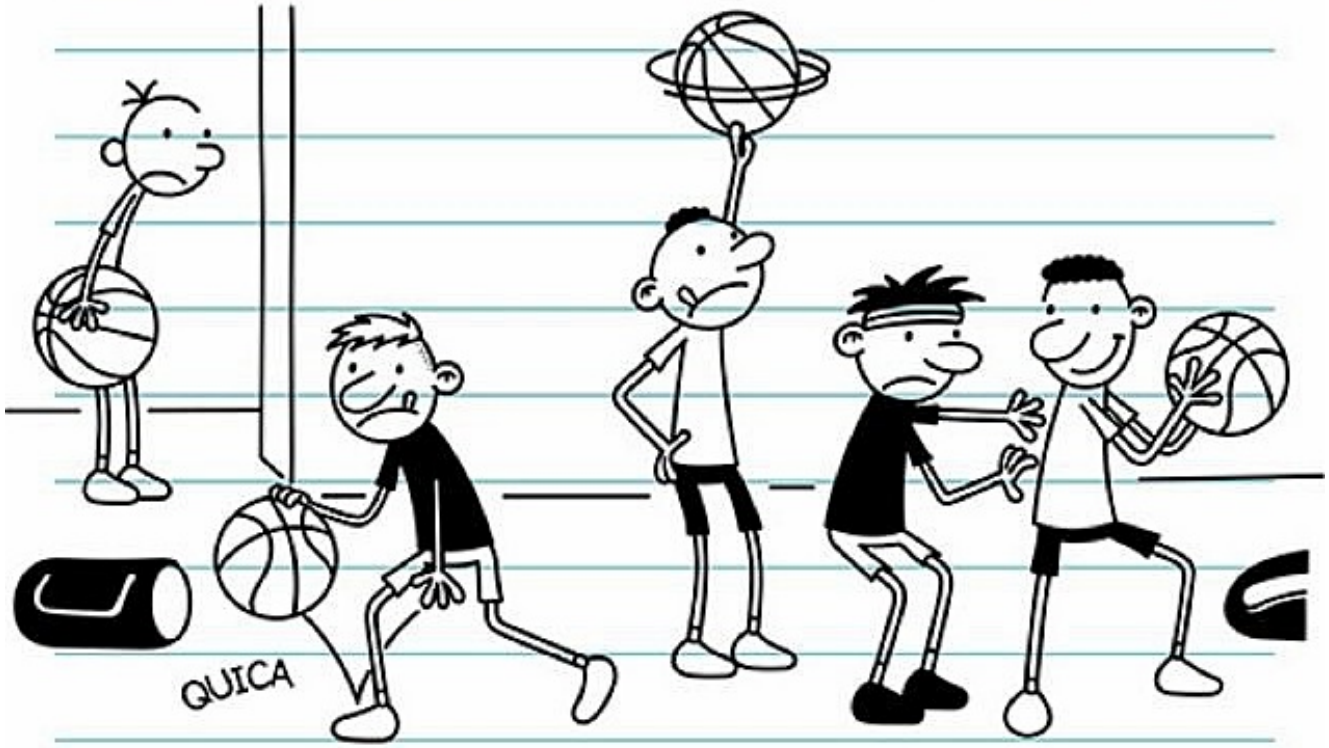


Com certeza vai ter um monte de gente fazendo os testes na semana que vem, então não tenho a menor chance. Depois disso, a mamãe enfim vai sair da minha cola por causa desse lance de esportes.

Domingo

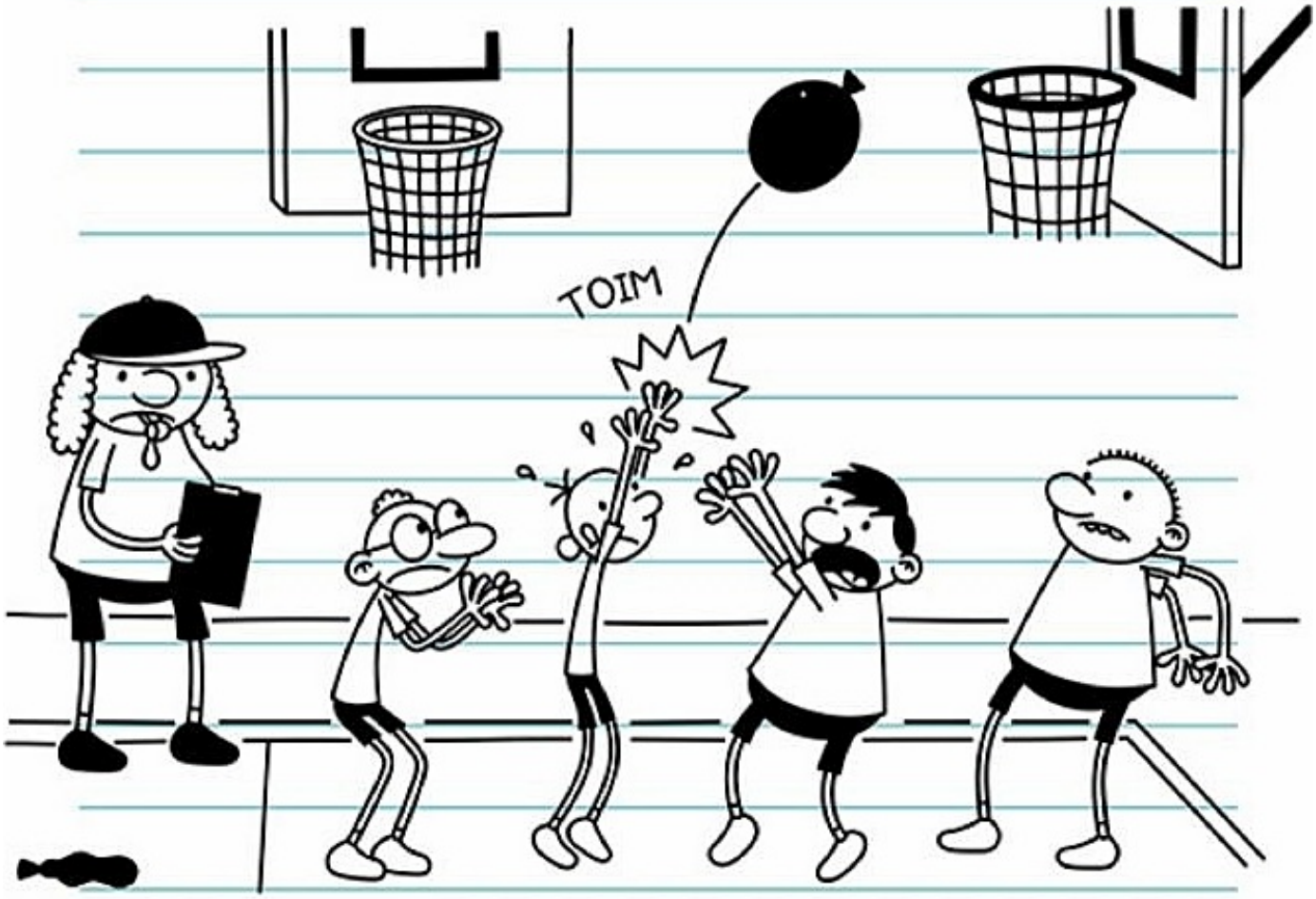
Quando cheguei ao ginásio pro teste de basquete hoje à noite, contei vinte e oito pessoas. Isso significava que vinte conseguiriam entrar pra um dos times, e o resto seria eliminado. Então os números estavam a meu favor.

Além disso, a maioria dos garotos parecia ser BEM melhor do que eu. Vários deles jogavam desde o jardim de infância e sabiam passar a bola pelo meio das pernas e fazer várias outras coisas muito loucas.



A única experiência de verdade que eu tinha com basquete foi na aula de Educação Física no ano passado. E foram só dois dias.

Ainda por cima, a única bola de basquete da escola estava murcha, e o professor não conseguiu achar a agulha da bomba. Então a gente usou bexigas.

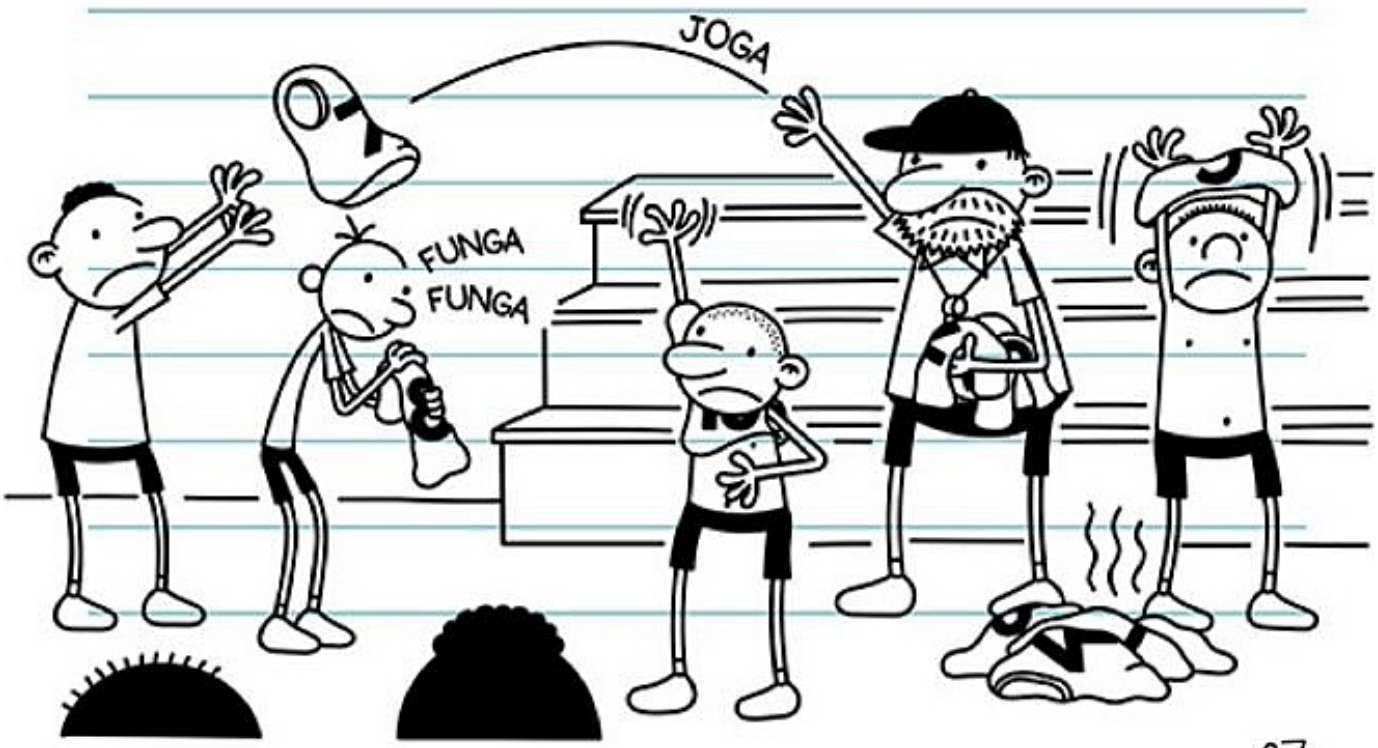


Mas, no teste de hoje, também tinha uns garotos que não pareciam muito bons, o que me deixou meio nervoso.

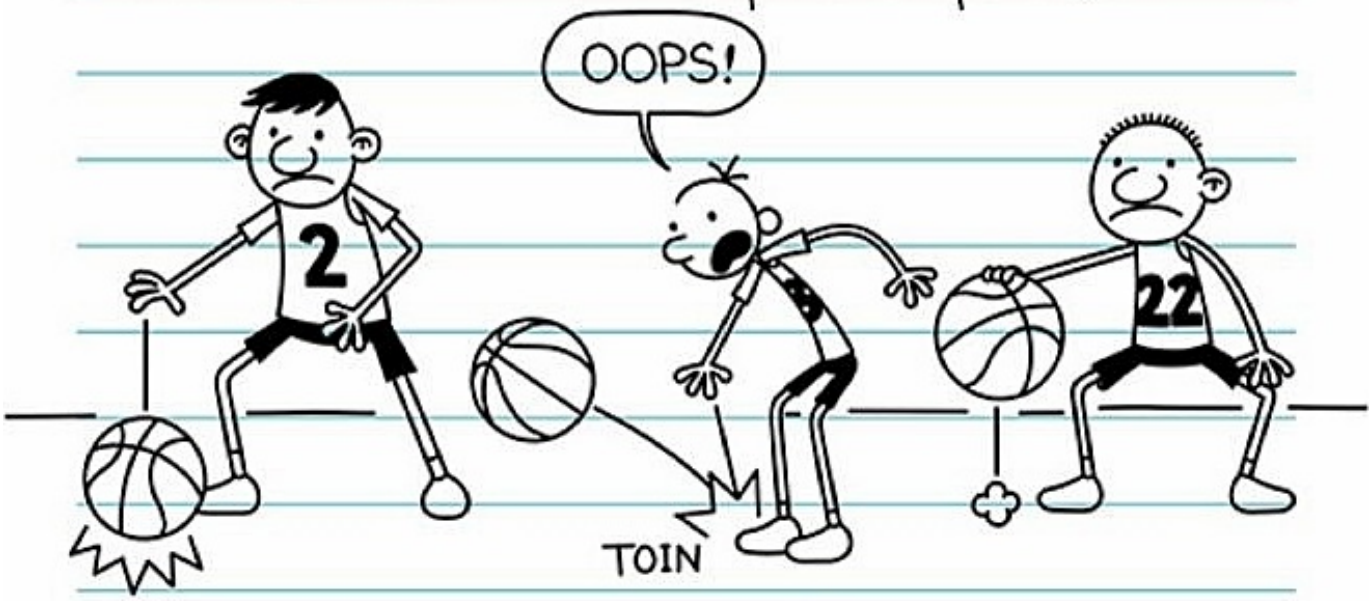
Fiquei preocupado porque podia acabar entrando sem querer em um dos times, e aí precisaria jogar a temporada inteira. Então, pensei em jogar mal de PROPÓSITO, só pra garantir.

Mas meu plano foi por água abaixo quando a mamãe apareceu pra ver o teste. Porque com ela lá, eu ia ter que no mínimo me esforçar.

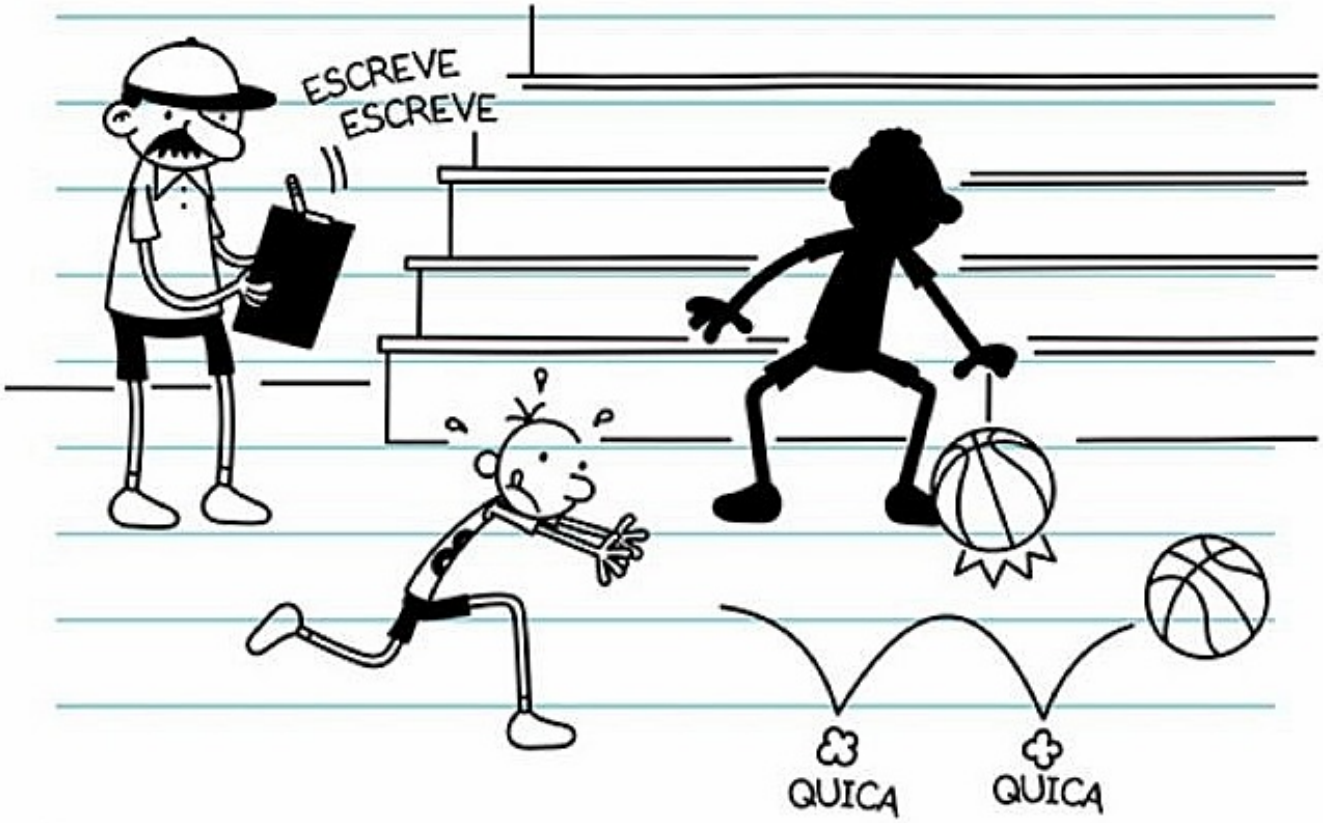
A jogo começou às sete da noite, e entregaram uma camisa de treino pra cada um, com um número enorme na frente e nas costas. E, pelo cheiro, parecia que elas NUNCA tinham sido lavadas.



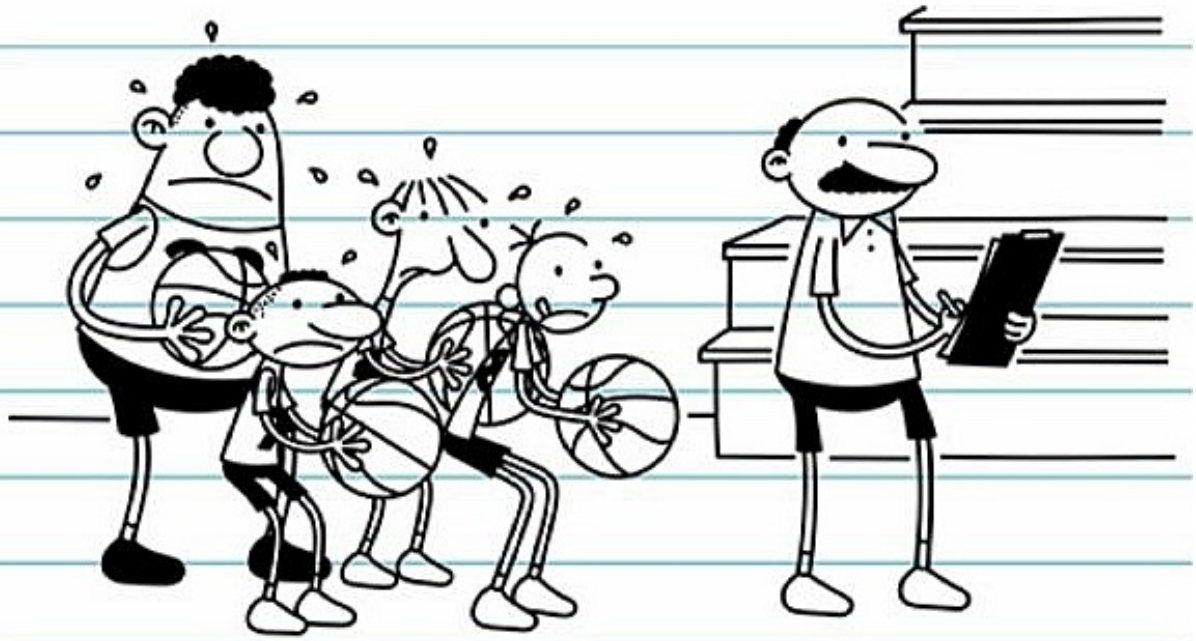
Eles separaram a gente em quatro grupos pra fazer os testes em lugares diferentes da quadra, e meu grupo começou com um exercício de bater bola. Eu estava tendo problemas pra coordenar os movimentos, então a bola acertava o meu pé o tempo todo.



Percebi que, toda vez que eu fazia bobagem, um cara com uma prancheta anotava meu número.

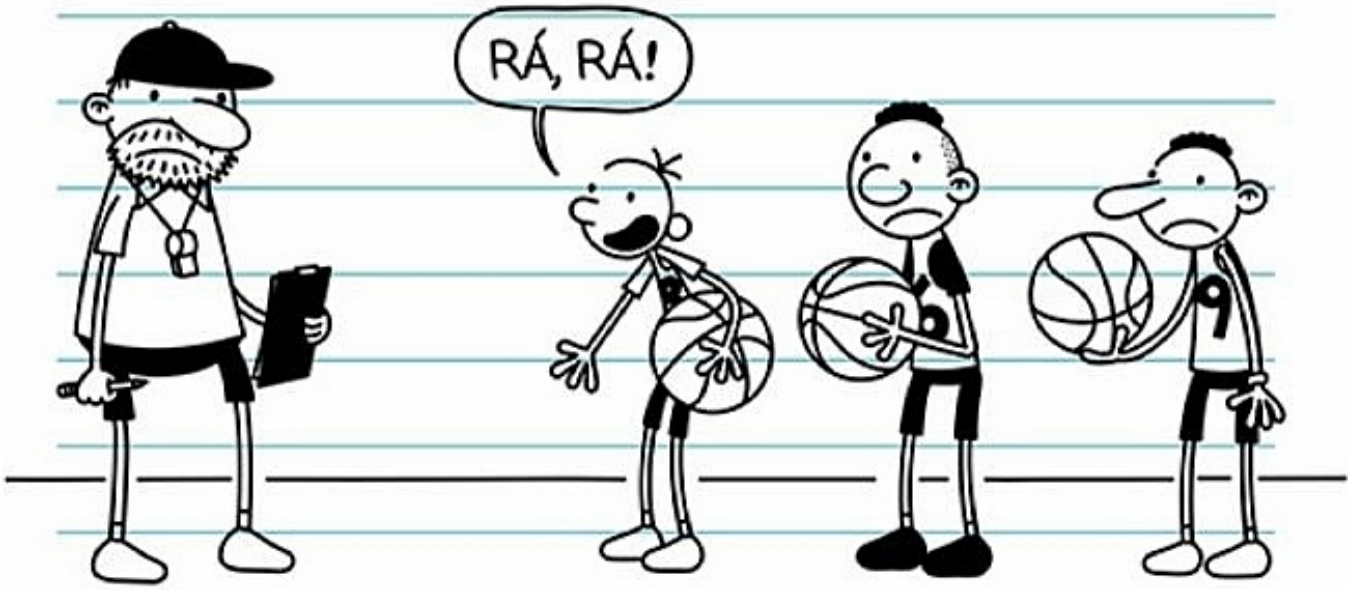


Então tentei ficar atrás dos caras com as pranchetas, e os outros moleques ruins começaram a me imitar.



De vez em quando, eu conseguia bater a bola cinco ou seis vezes seguidas, só que nessas horas não tinha NINGUÉM olhando, claro. Mas a mamãe deu um jeito de fazer os caras da prancheta saberem que eu estava me saindo bem.

Depois que a gente bateu bola com a mão direita por alguns minutos, o cara encarregado do nosso grupo falou que era hora de trocar pra ESQUERDA. Pensei que fosse piada, então dei RISADA.



Mas não devia ter feito isso, porque ele anotou meu número.

Acho que até existe quem saiba fazer as coisas com as duas mãos, mas esse não sou eu. Na verdade, minha mão esquerda é quase INÚTIL.

Uma vez machuquei o punho direito e precisei fazer uma prova com a mão esquerda. Acho que teria me saído melhor se tivesse segurado o lápis com a BOCA.

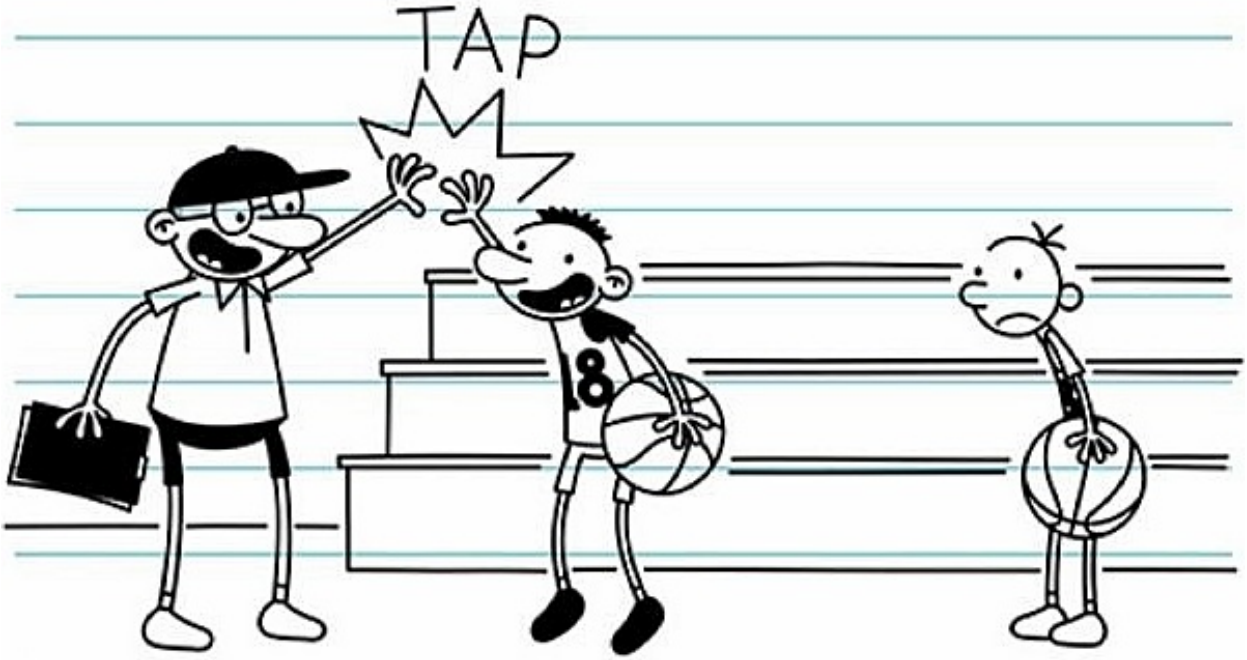
7. Quem desenvolveu a teoria da gravidade?

ISAAC NEWTON

Quando terminamos de mostrar nossa habilidade batendo bola, passamos pros lances livres. Teria sido bom não ter aprendido a jogar basquete com uma BEXIGA, porque subestimei completamente a força que precisava fazer pra mandar a bola na cesta.

Acho que a mamãe percebeu que eu não estava indo bem, então, sempre que um avaliador chegava perto, ela dedurava algum OUTRO garoto que estava se esforçando.

Mas ela não era a ÚNICA adulta tentando ajudar o filho. Alguns avaliadores também tinham filhos fazendo o teste, então não sei se o processo era lá muito justo.

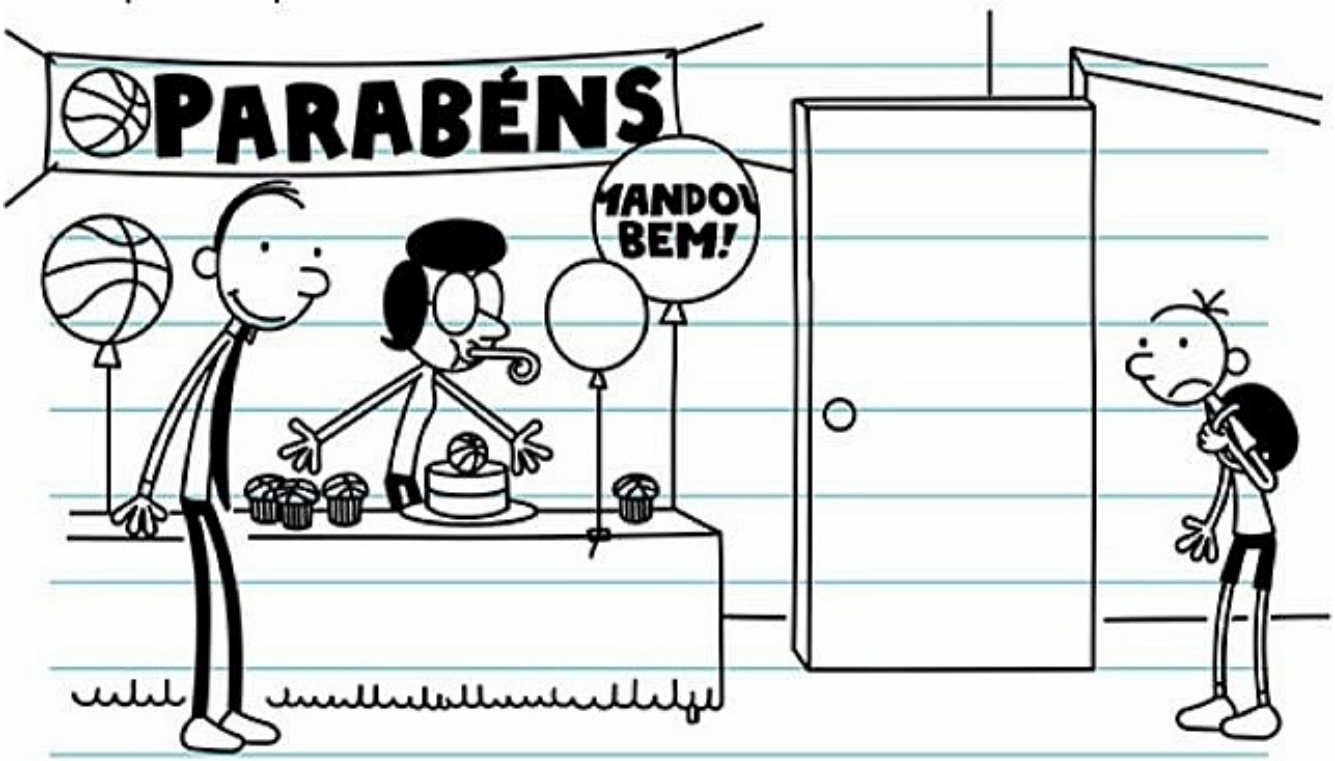


No fim dos exercícios, estava na cara quem ia entrar e quem não ia. Mas acho que eles precisavam decidir quem ia ficar com a última vaga, porque os nove piores foram colocados pra disputar um jogo. E só o que posso dizer é que não foi nada BONITO.

Quando acabou, eles recolheram as camisas. O cara que comandava o teste avisou que os pais de quem tivesse passado iam receber um e-mail amanhã à noite. Mas, depois do que aconteceu, eu não estava muito ANIMADO.

Terça-feira

Quando cheguei da escola ontem, minha ideia era relaxar e talvez tirar uma soneca. Então fiquei bem surpreso quando entrei na cozinha.



Eu fiquei confuso, porque tinha CERTEZA de que não tinha entrado em nenhum dos dois times. Mas a mamãe contou que um dos treinadores falou que eu tinha PASSADO. Aí ela me mostrou o e-mail para provar.

Era uma mensagem do sr. Patel, pai do Preet Patel, que é um dos melhores jogadores do nosso ano e DOMINOU completamente o jogo entre alunos e professores do ano passado.

Não entendi como consegui entrar no mesmo time de um cara como AQUELE. Mas a mamãe disse que os avaliadores deviam ter visto algum potencial em mim, e por isso tinham me escolhido.

Quando pensei sobre a noite anterior, me lembrei de que não tinha visto o Preet lá. Então fiquei AINDA mais confuso.

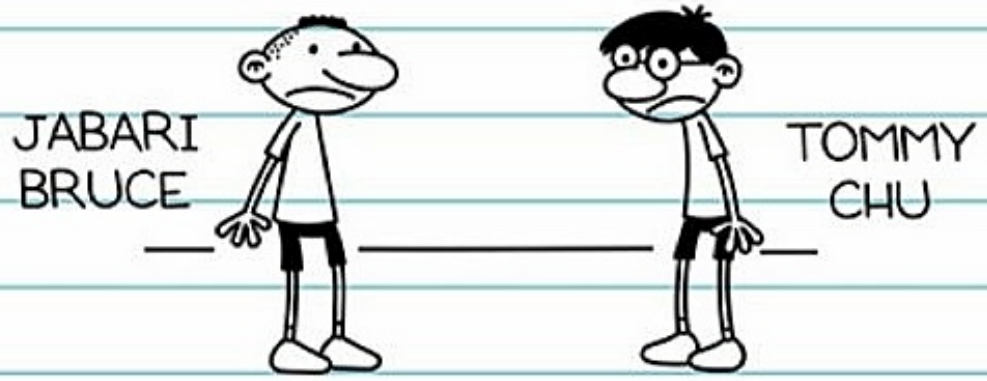
Hoje, na escola, o Jabari Bruce me contou o que aconteceu. Preet perdeu o teste porque precisou ir ao velório do tio, e a regra era que quem não participasse não podia entrar no time.

Então o sr. Patel criou um time NOVO, com o Preet e o pessoal eliminado, só pro filho dele não perder a temporada.

Bom, não fiquei nada contente ao ouvir ISSO. Pensei que tinha me livrado desse negócio de basquete, e, de repente, fui parar num time. E sabia que minha mãe não me deixaria desistir de jeito nenhum.

Nosso primeiro treino foi hoje à noite na escola de Ensino Fundamental I. E quando o sr. Patel viu nosso time pela primeira vez, aposto que se arrependeu do que estava fazendo.

Meus companheiros eram os que tinham disputado a partida no fim do teste, e eu já conhecia alguns lá da escola. Jabari Bruce e Tommy Chu foram trocados junto comigo no dia dos Jogos Escolares.



Tinha também o Darren e Marcus Woodley, que, na verdade, poderiam até virar bons jogadores se não passassem o tempo todo tentando SE MATAR.

E tinha também o Edward Mealy, que não falava uma palavra desde o segundo ano, e Kevin Pomodoro, que ninguém consegue entender, por causa do aparelho.

Acho que altura é sempre útil no basquete, então é uma sorte ter o Yusef Meskin no time. Só que a brincadeira favorita dele é pegar os garotos do meu tamanho e colocar na "Caverna".

Também é bom ter um pouco de FORÇA BRUTA, e é aí que entra a Ruby Bird. Ela só está no time porque atacou uma das avaliadoras da equipe FEMININA por ter anotado seu número.

Enfim, eu entenderia se o Preet ou o pai dele desistissem e fossem embora assim que botassem o olho na gente. Mas o sr. Patel reuniu o time pra fazer um DISCURSO.

O sr. Patel falou que o nosso time podia não ser o mais talentoso, mas seria o mais esforçado da liga. E que a gente aprenderia a jogar do jeito CERTO, começando desde já.

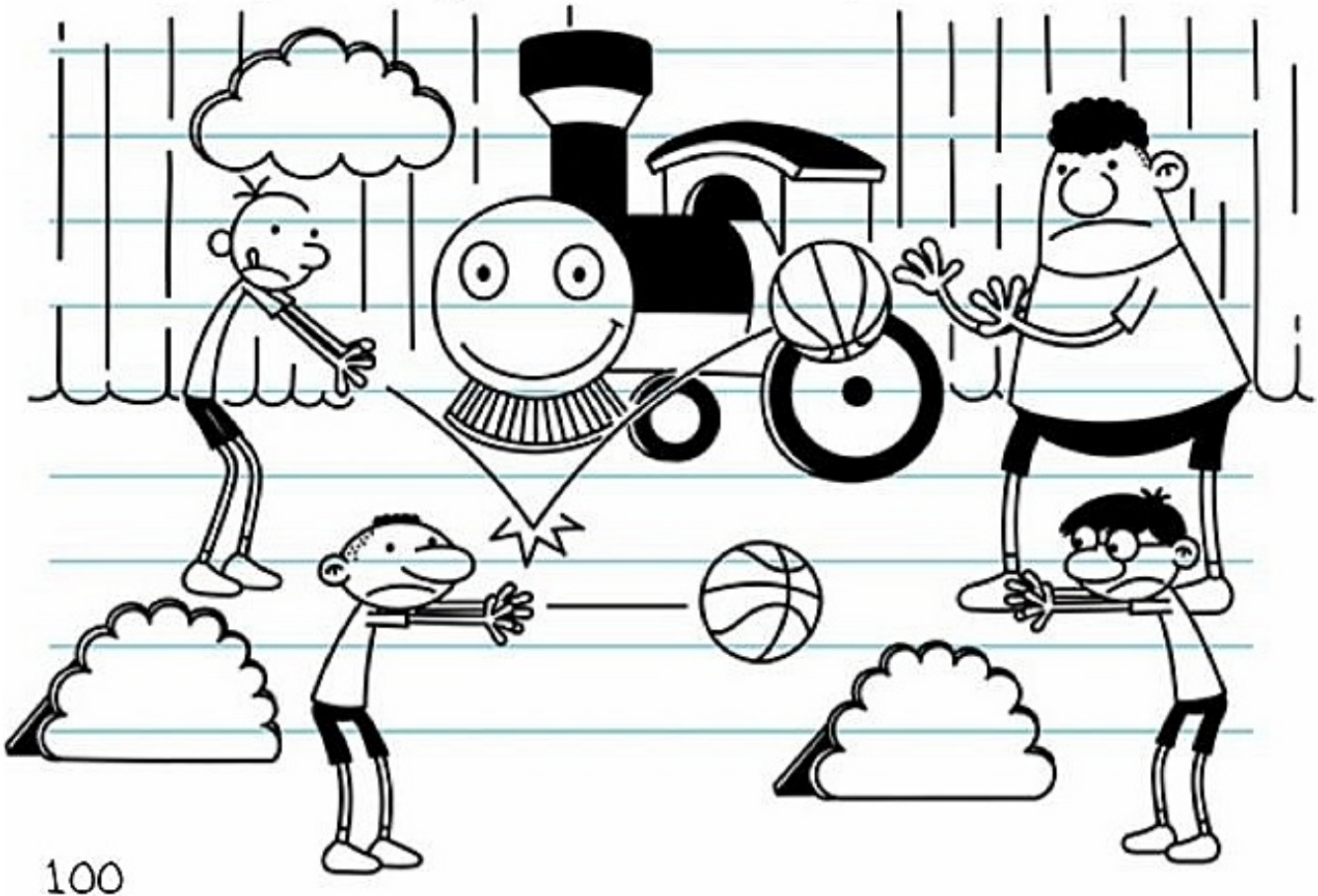
Pensei que, se foi ele que ensinou o Preet a jogar, de repente podia fazer o mesmo com o RESTO de nós também.

Tommy Chu levantou a mão e perguntou por que a gente estava no pátio coberto de uma escola pra crianças e não num GINÁSIO.

O sr. Patel explicou que os outros dois times tinham reservado o ginásio pra temporada toda, então a gente ia ter que se virar com as SOBRAS.

Não entendi como faríamos pra jogar basquete sem uma CESTA, mas ele falou que primeiro ia começar com os fundamentos, e os arremessos podiam ficar pra mais tarde.

Fizemos alguns exercícios de bater bola e depois treinamos uns passes. Mas, com as mesas do recreio e todas as outras coisas, não sobrava muito espaço. Então metade do pessoal foi pro palco, que estava montado pra uma peça de teatro do jardim de infância.

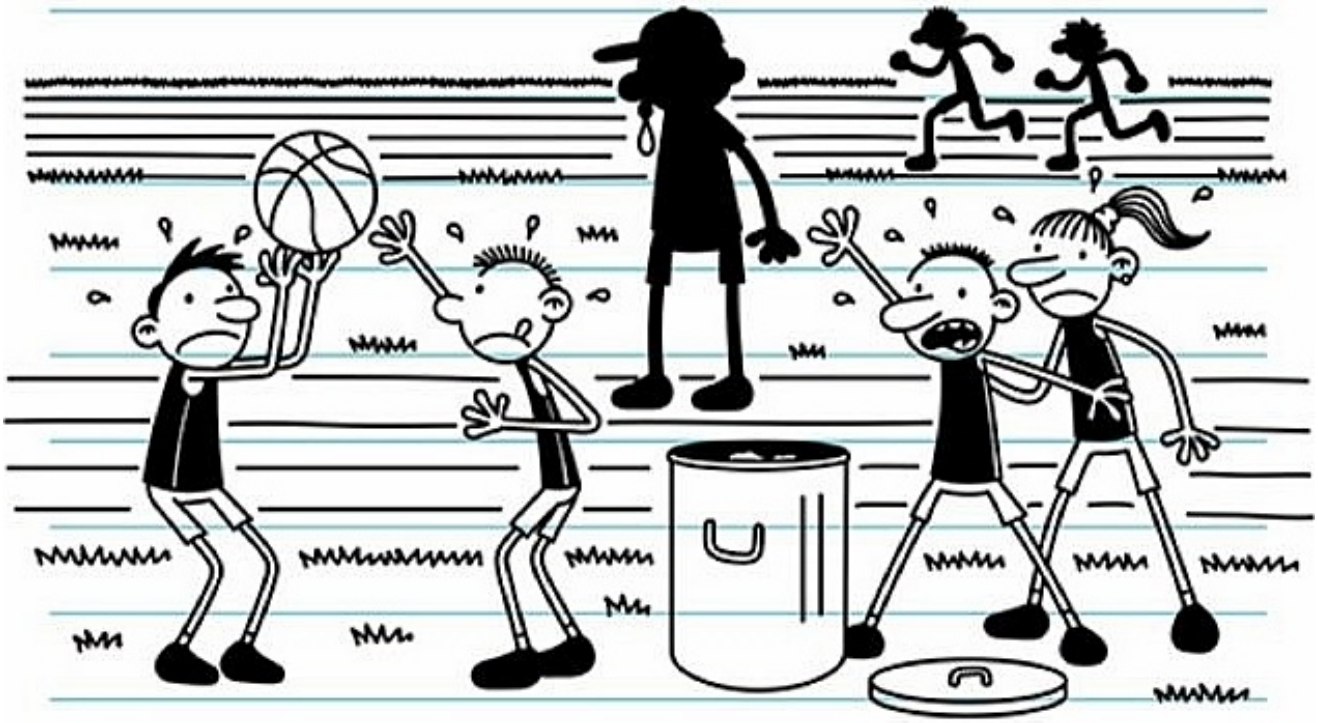


Apesar do nosso esforço, o sr. Patel ficou incomodado porque não estávamos conseguindo pegar o jeito. Então, toda vez que alguém errava, era obrigado a correr até o outro lado do pátio.

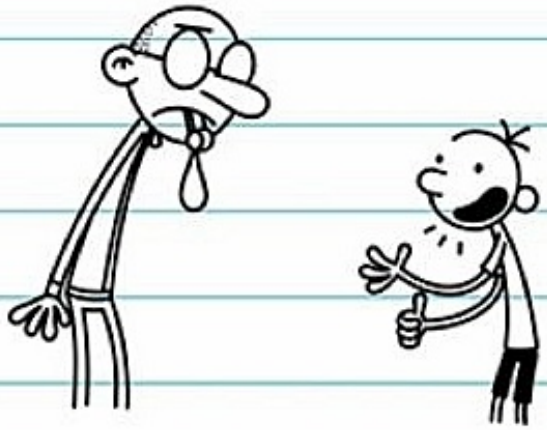
Mas isso só deixou o pessoal mais cansado e cometendo ainda MAIS erros. Depois de um tempo, todo mundo menos o Preet ficou só correndo em vez de treinando alguma coisa.

Pessoalmente, não acho que os treinadores deviam usar corridas como castigo, porque isso só faz as crianças detestarem correr.

E duvido que o treinador de atletismo force a equipe dele a jogar BASQUETE quando o pessoal faz corpo mole.



Odeio correr porque me faz SUAR. Minha teoria sobre o suor é que essa é a maneira que o corpo encontrou de avisar que estão exigindo demais dele e que é melhor pegar leve. Mas, quando expliquei isso pro sr. Patel, ele me obrigou a correr ainda mais.

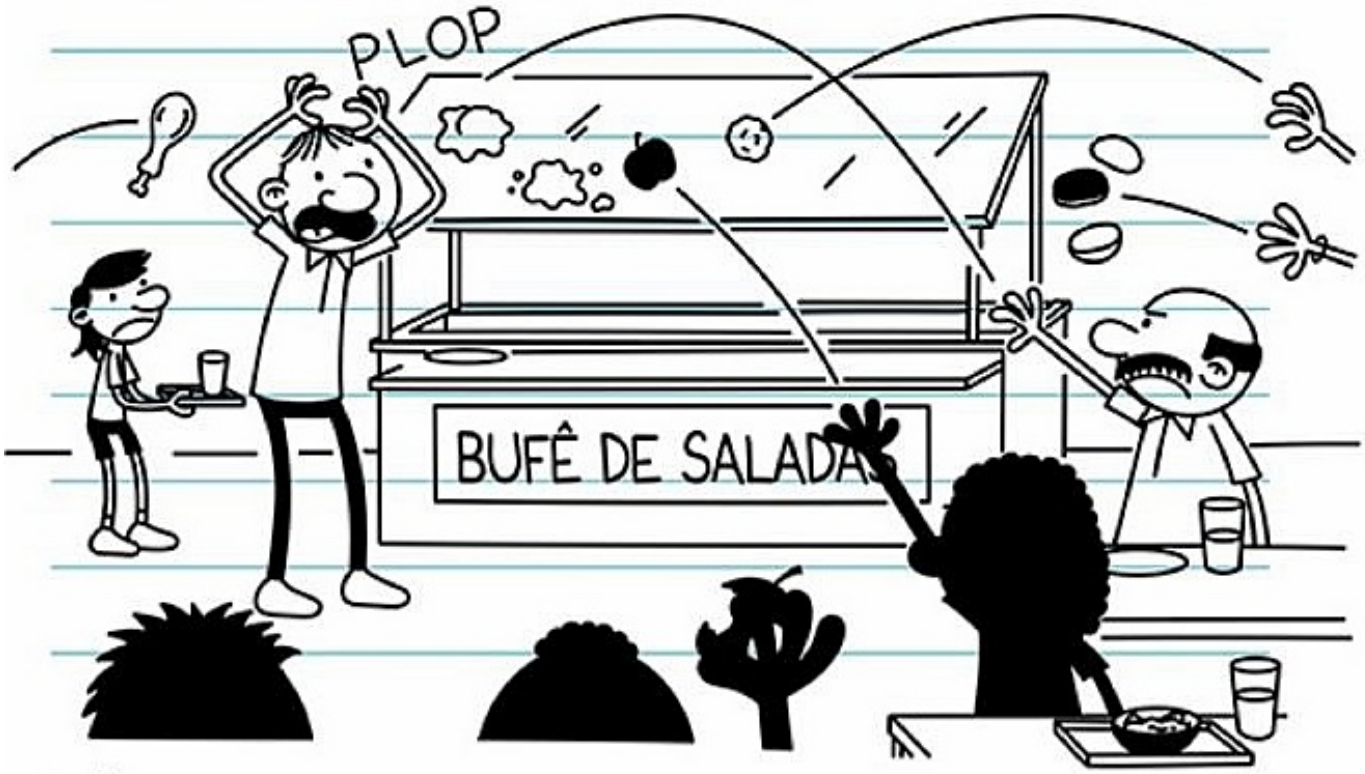


Quando entrei no carro depois do treino, a mamãe me encheu de perguntas. Falei que o nosso time era basicamente o Preet e mais um bando de cabeças de bagre, e que a temporada não seria nada promissora.

Mas ela falou que nesse time eu ia conseguir jogar bastante em vez de ficar no banco, o que me deixou PREOCUPADO. Todo mundo sonha em acertar a cesta da vitória, mas tem o OUTRO lado da coisa também, que é ser aquele estraga tudo.

Tem um cara na minha cidade chamado Anthony Grow. Vinte anos atrás, ele errou um chute com o gol vazio e perdeu um jogo contra Slacksville, que é a nossa maior rival.

E até hoje, em qualquer lugar que ele aparece, as pessoas se lembram disso.

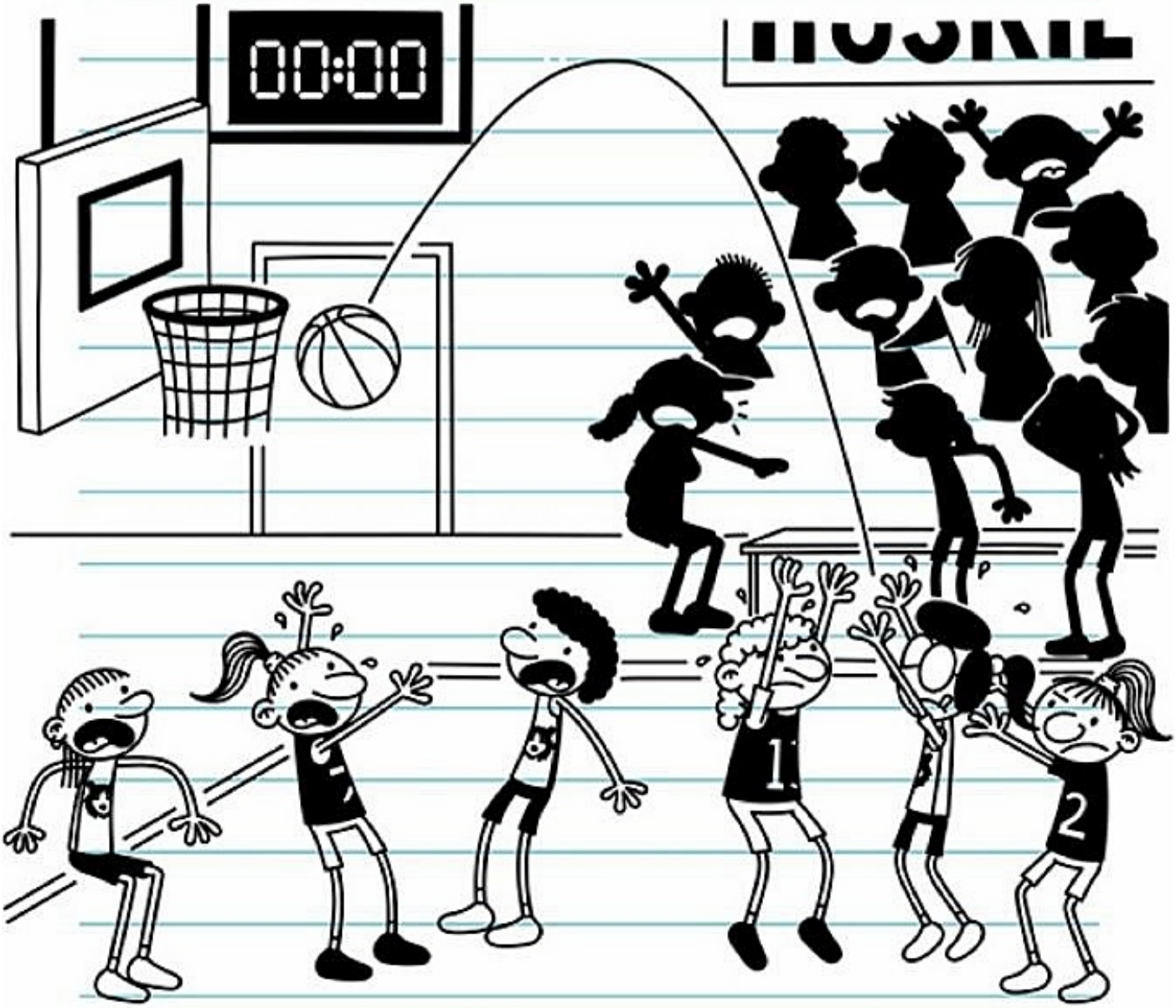


Se eu fosse o Anthony, me mudaria pra Slacksville, porque lá ele é um HERÓI.

Cometi o erro de contar pra mamãe que tinha medo de virar um Anthony Grow, e ela me contou uma história que me deixou ainda MAIS preocupado.

Ela era a armadora reserva do time de basquete da escola e, na final do campeonato, a titular se MACHUCOU. Então, com o placar empatado no último quarto, mamãe entrou no lugar dela.

A mamãe disse que jogou muito bem, mas que, no último lance, acabou presa numa marcação dupla e precisou fazer um arremesso no último segundo, e a bola saiu curta.



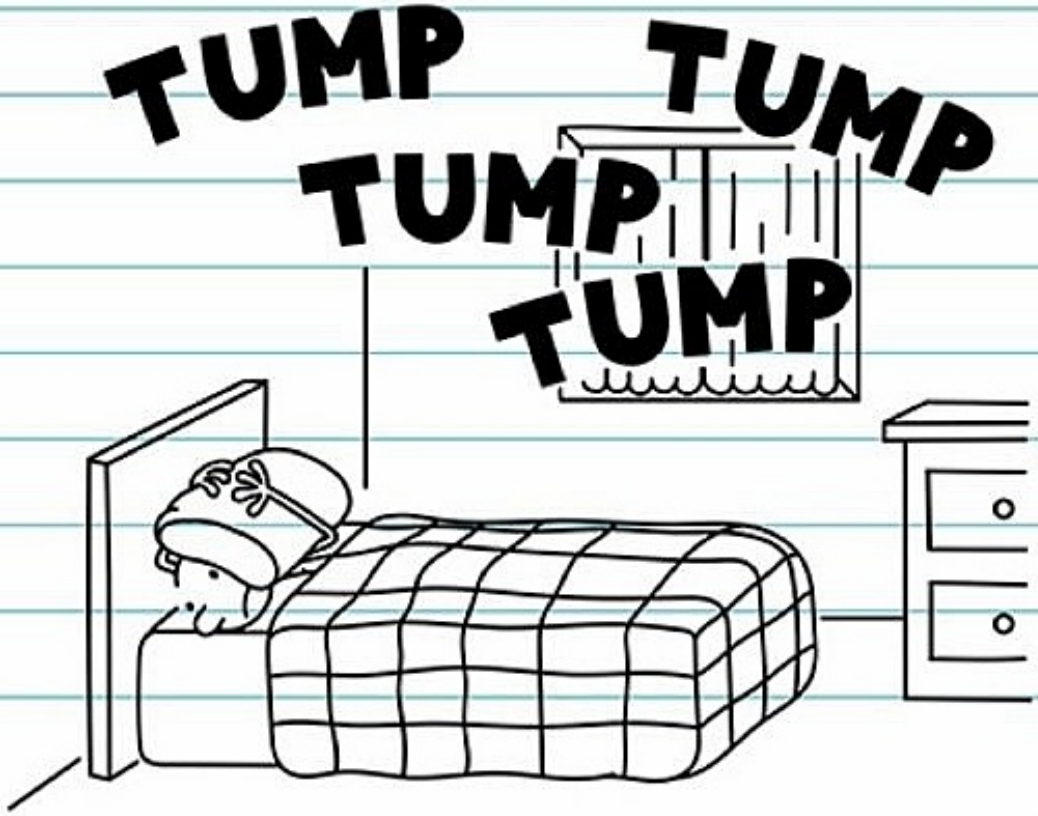
Ela disse que foi BOM isso ter acontecido, porque foi uma grande lição sobre erros e acertos, e ela se tornou uma pessoa melhor por causa disso. Mas acho que as companheiras de time teriam preferido que ela não tivesse dado essa MANCADA.

Quinta-feira

Devia ter pesquisado um pouco mais antes de decidir que o basquete é o meu esporte, porque o negócio é BRUTAL.

Temos treino três vezes por semana, um jogo no sábado e outro no domingo. E, além de tudo isso, eu ainda preciso ficar em dia com as lições e dormir o suficiente pra sobreviver à escola no dia seguinte.

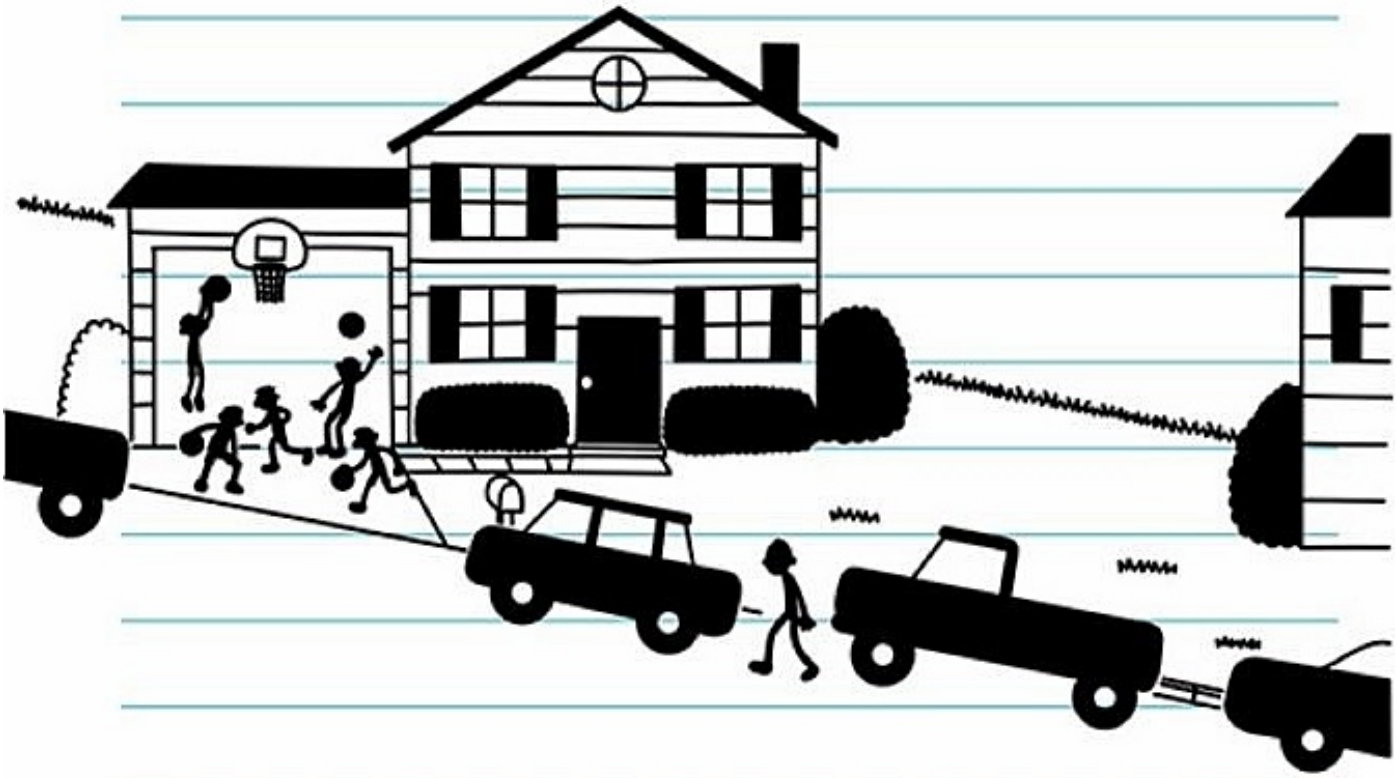
Está bem DIFÍCIL dormir com a barulheira que fazem debaixo da minha janela toda noite. E o motivo disso é porque colocamos uma cesta de basquete na frente de casa.



Quando entrei no time, a mamãe comprou um aro e uma tabela pra pendurar em cima da porta da garagem. Acho que a intenção dela era que eu praticasse uns arremessos nas noites em que não tivesse treino.

Mas nunca nem tentei um arremesso naquela coisa porque os adolescentes do bairro tomaram conta do pedaço rapidinho.

Desde que tiraram as cestas do pátio da escola, não sobraram muitos lugares para as pessoas jogarem. Agora estão vindo pra nossa casa, e o papai precisa estacionar o carro na rua quando chega do trabalho.



Ele disse pra mamãe que queria tirar a cesta de lá, mas ela disse que ficava contente de saber que as crianças estavam se divertindo ao ar livre.

Acho que eu também não ligaria se pelo menos esses adolescentes soubessem a hora de PARAR. Quando vamos pra cama à noite, o jogo lá fora ainda está pegando fogo.

Ultimamente, a mamãe vem tentando fazer eles se tocarem que está na hora de parar piscando as luzes do lado de fora da garagem. Mas acho que adolescentes não são muito bons em entender indiretas, porque o jogo continuava rolando.

Então, algumas noites atrás, ela apagou as luzes quando anoiteceu. Mas os caras estavam PREPARADOS pra isso e rapidinho ligaram um gerador com refletores.

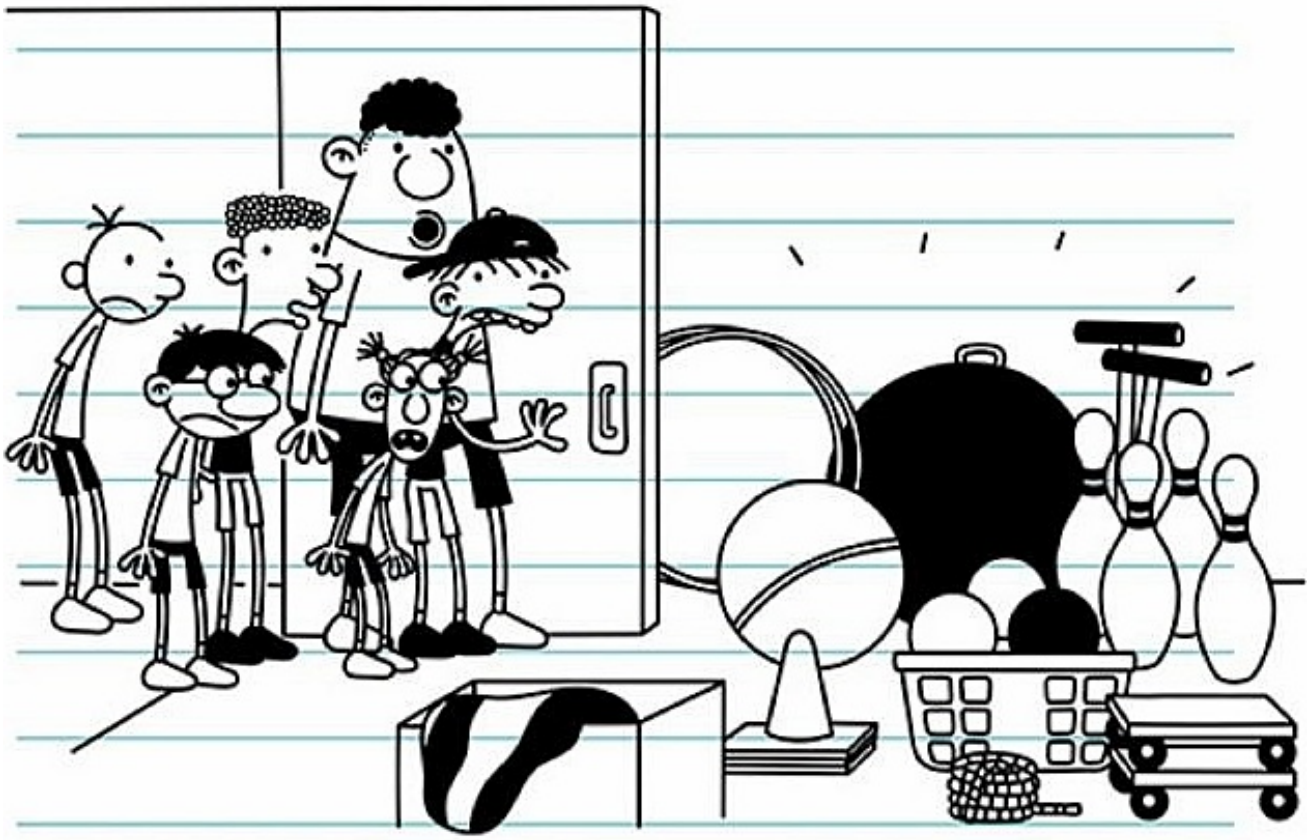
Ontem à noite, o papai chegou ao limite e chamou a POLÍCIA, que chegou em casa dez minutos depois.

Pensei que isso resolveria o problema, só que os policiais também gostavam de basquete.

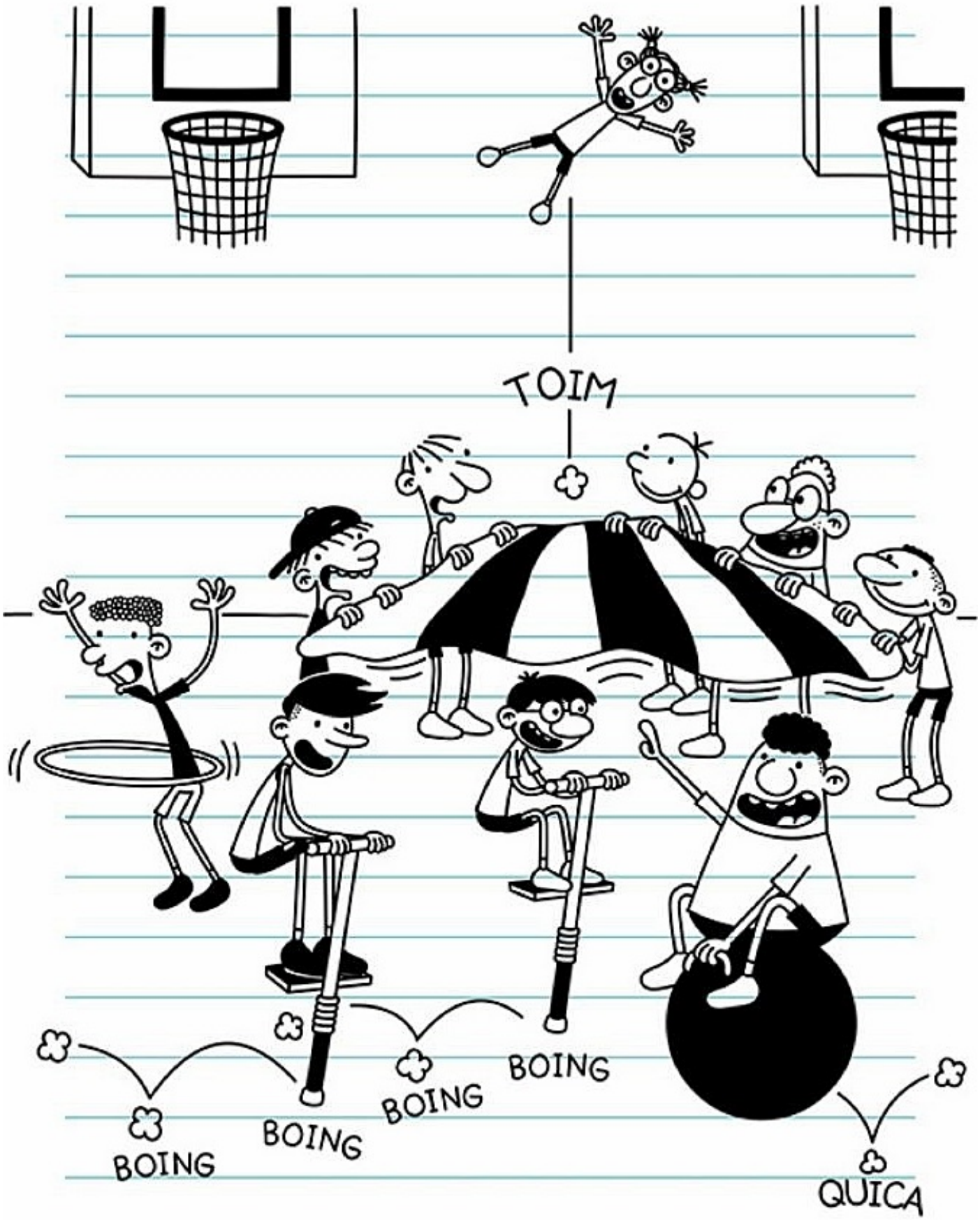
A gente meio que desistiu de tentar impedir as pessoas de usarem a tabela. Mas garanto que, assim que não tiver ninguém por perto, vamos tirar aquela coisa de lá.

Outro motivo pra eu andar tão cansado é porque os treinos começam às nove e meia da noite. Estamos usando o ginásio da escola de Ensino Fundamental I, mas temos que esperar os outros dois times acabarem os treinos DELES pra começar o nosso.

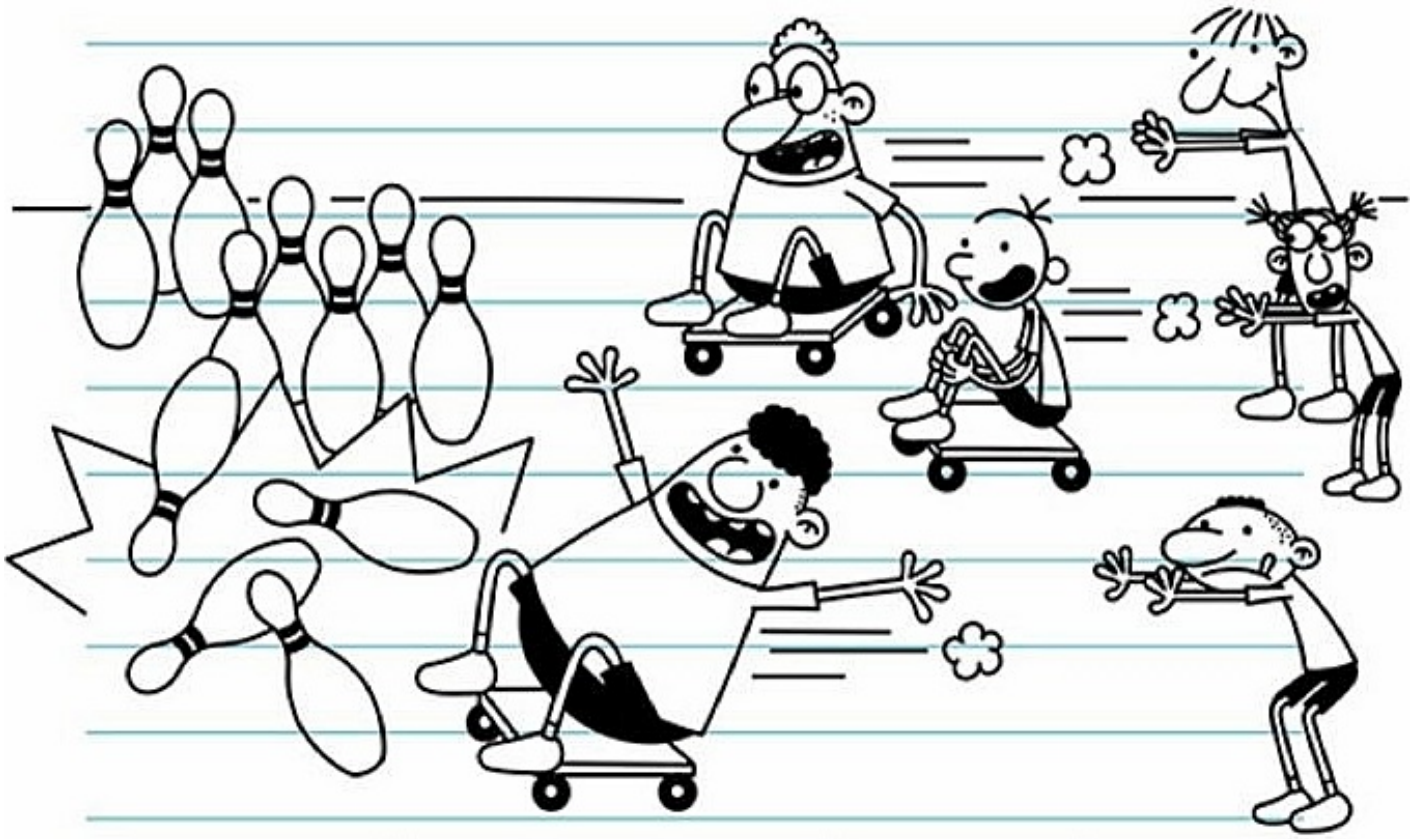
Na primeira noite no ginásio, o sr. Patel esqueceu as bolas e precisou ir até sua casa buscar. Enquanto ele estava fora, Darren Woodley reparou que o depósito da aula de Educação Física estava aberto e entrou pra ver. Tinha TODO tipo de coisa divertida por lá, como pula-pulas, bambolês e até um paraquedas.



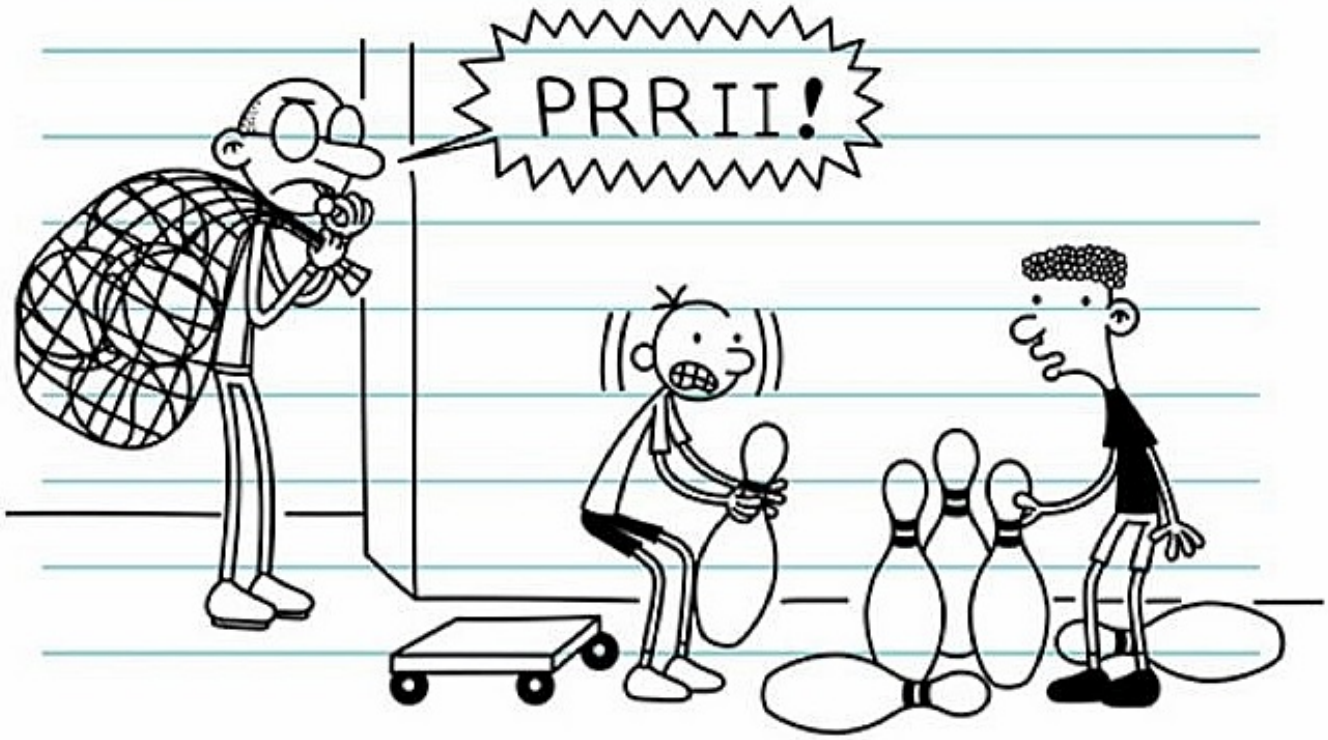
Fazia um tempão que a gente não brincava com esses negócios e, de repente, foi como voltar a ser criança.



A gente até inventou uma brincadeira nova usando carrinhos de rolimã e uns pinos de boliche gigantes. E foi BEM mais divertido do que o basquete.



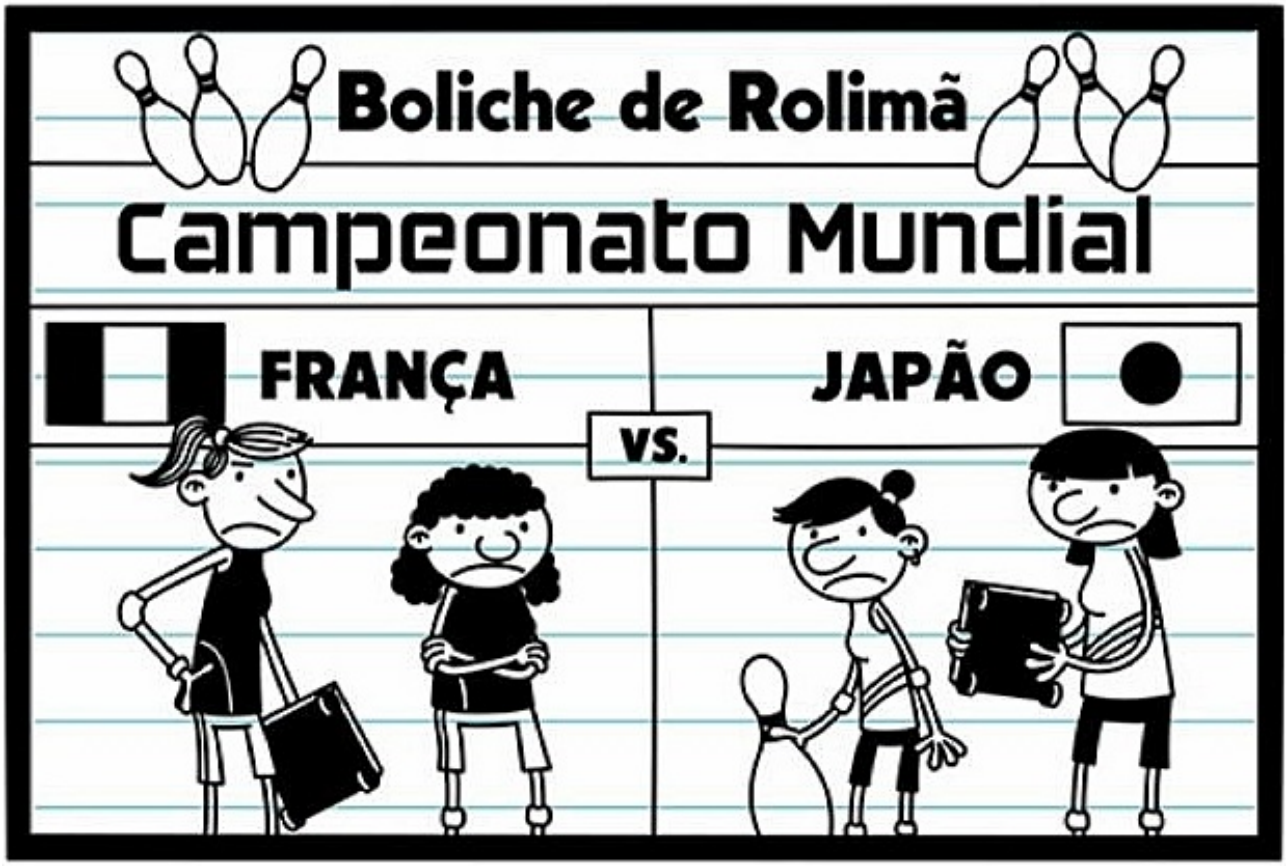
Mas aí o sr. Patel voltou com as bolas e acabou com a nossa brincadeira.



O sr. Patel falou que a gente estava lá pra jogar basquete e não pra ficar de palhaçada. E mandou todo mundo guardar as coisas de volta no lugar onde estavam.

Li que o jogo de basquete surgiu com uns caras que estavam brincando com uma bola de futebol de couro e um cesto de pêssegos, e depois acabou virando um esporte popular no MUNDO inteiro. Só que, se o treinador deles fosse que nem o nosso, nada disso teria acontecido.

Aposto que o sr. Patel vai se sentir um trouxa quando o nosso esporte virar PROFISSIONAL.

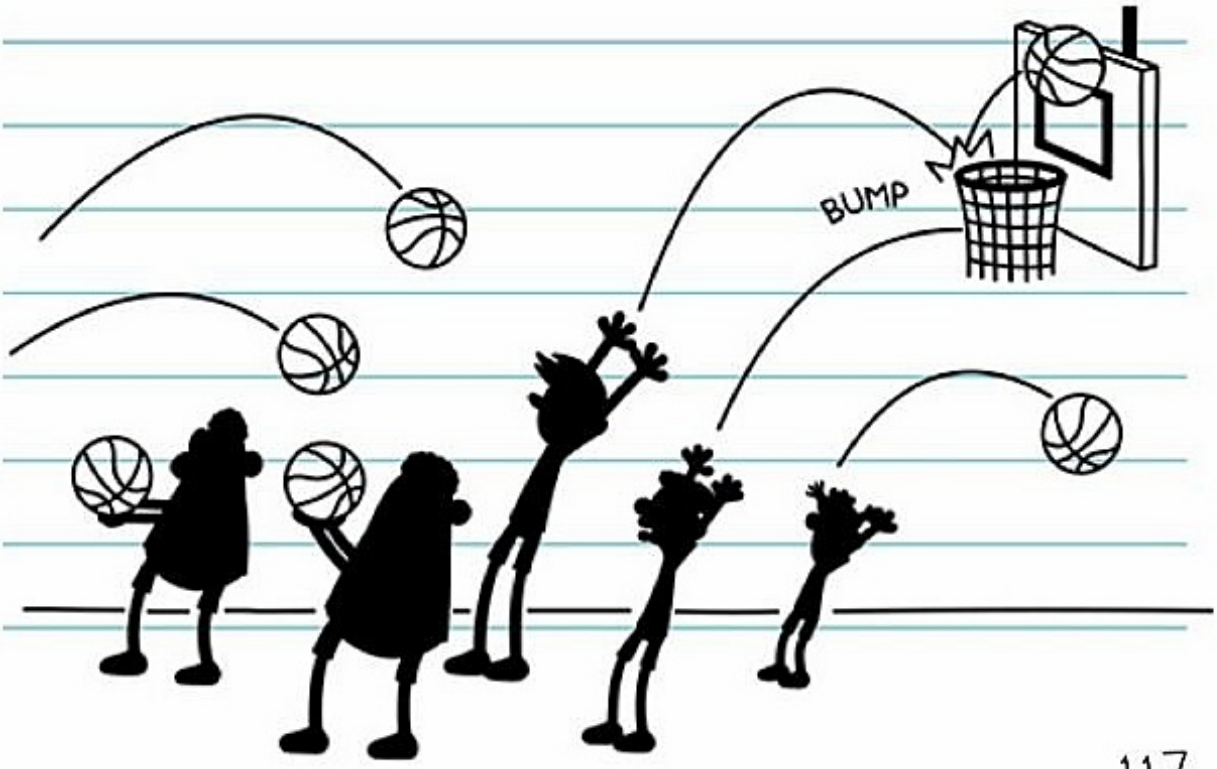


Depois que guardamos tudo de volta no depósito, o sr. Patel botou todos em fila pra treinar lances livres. Mesmo depois que ele mostrou o jeito certo de arremessar, a maioria do pessoal ainda não estava conseguindo pegar o jeito.

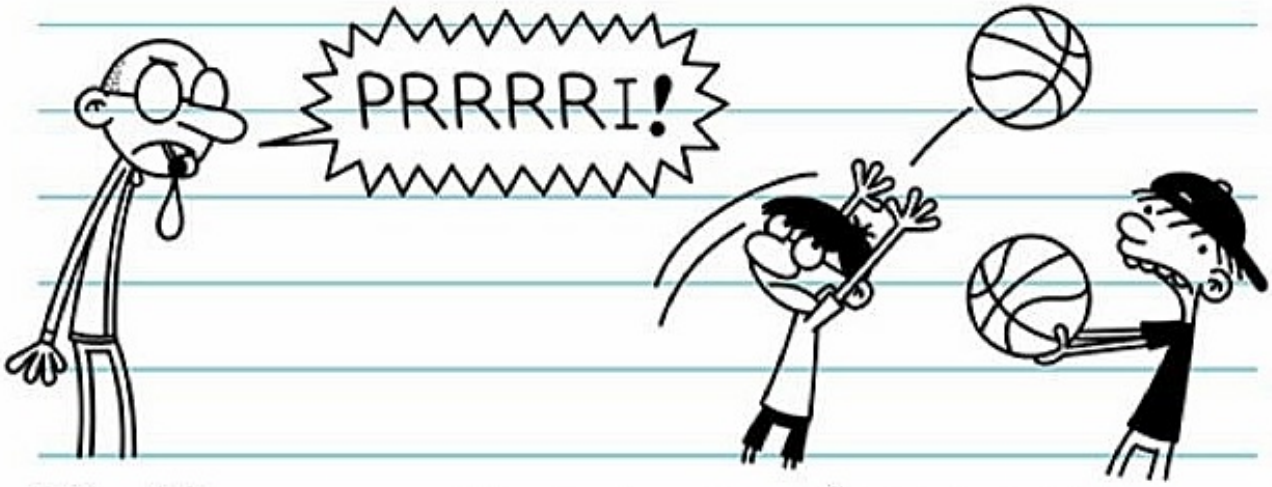
Errei vários arremessos e estava ficando bem irritado. Então tentei de COSTAS, só pra ser mais divertido. E o mais incrível foi que fiz uma CESTA.

CHUÁ

O pessoal do time ficou impressionado, e TODO MUNDO começou a tentar arremessar de costas.

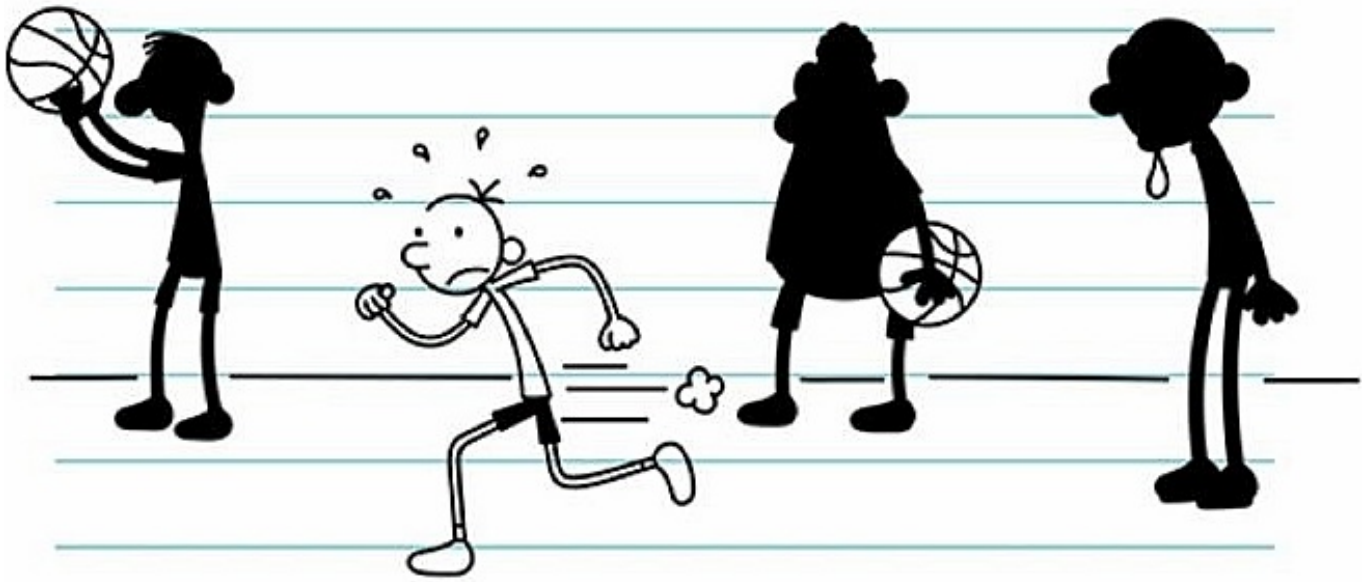


Mas o sr. Patel acabou com ISSO também.



Ele falou que a gente nunca ia melhorar se não começasse a levar as coisas mais a SÉRIO. Tentei explicar que eu arremessava melhor de costas e que talvez ele estivesse ensinando a gente do jeito errado.

Mas o sr. Patel achou que eu estava tentando dar uma de espertinho e me fez ficar correndo pela quadra até o fim do treino.

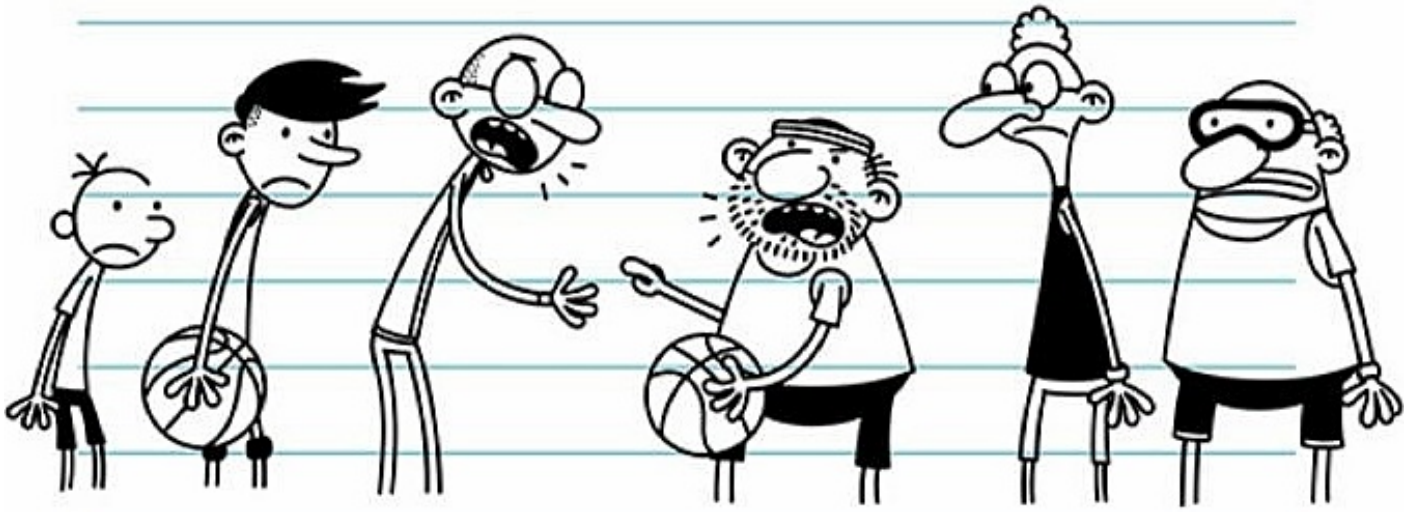


Nas primeiras noites, a gente ficou treinando coisas como bater bola, passar e arremessar. Mas no começo do treino de ontem, o sr. Patel falou que ia dividir o pessoal em dois times e simular um JOGO.

Todo mundo ficou empolgado porque a gente finalmente ia jogar de VERDADE. Mas, bem na hora de começar, uns caras da idade do meu pai apareceram no ginásio.

Um deles foi até o sr. Patel e disse que a gente ia precisar sair porque a Liga Masculina tinha reservado a quadra todas as quartas-feiras às nove e meia da noite.

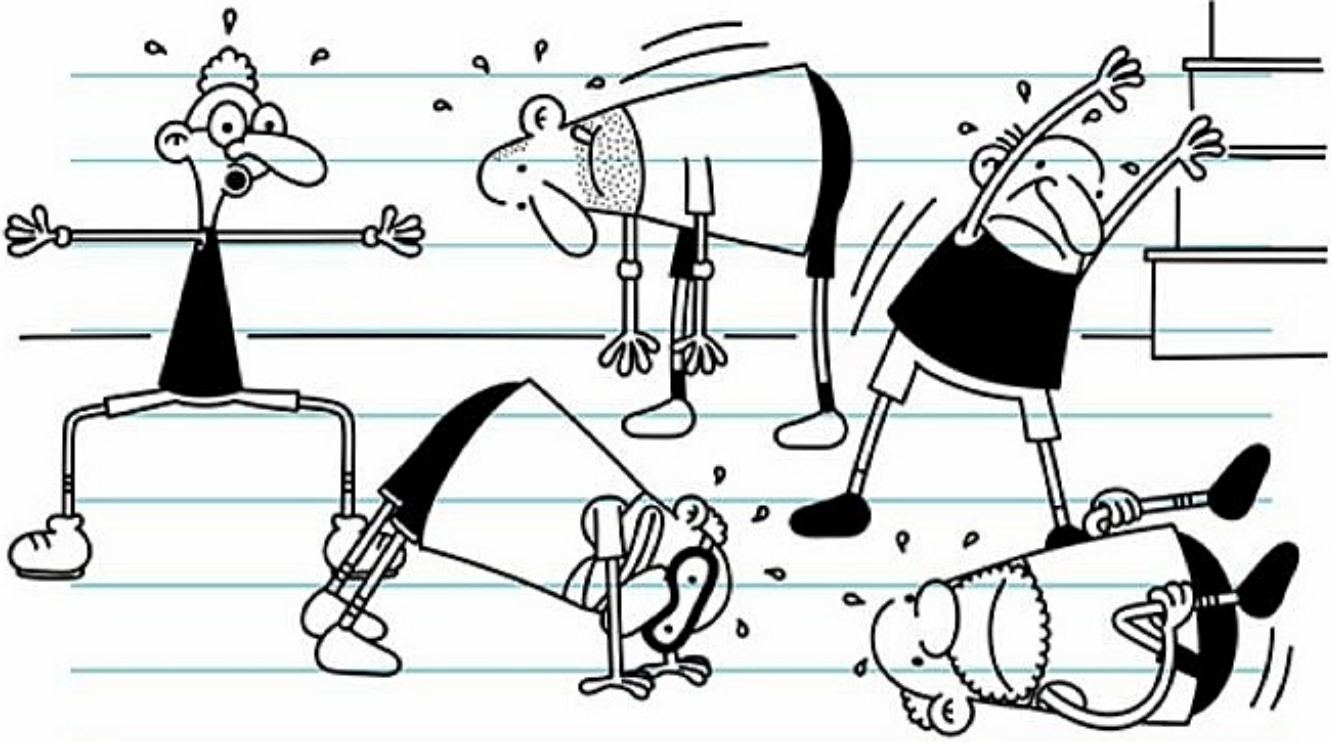
Mas o sr. Patel insistiu que a quadra era nossa até as dez e meia e que tinha confirmado a reserva naquela tarde mesmo.



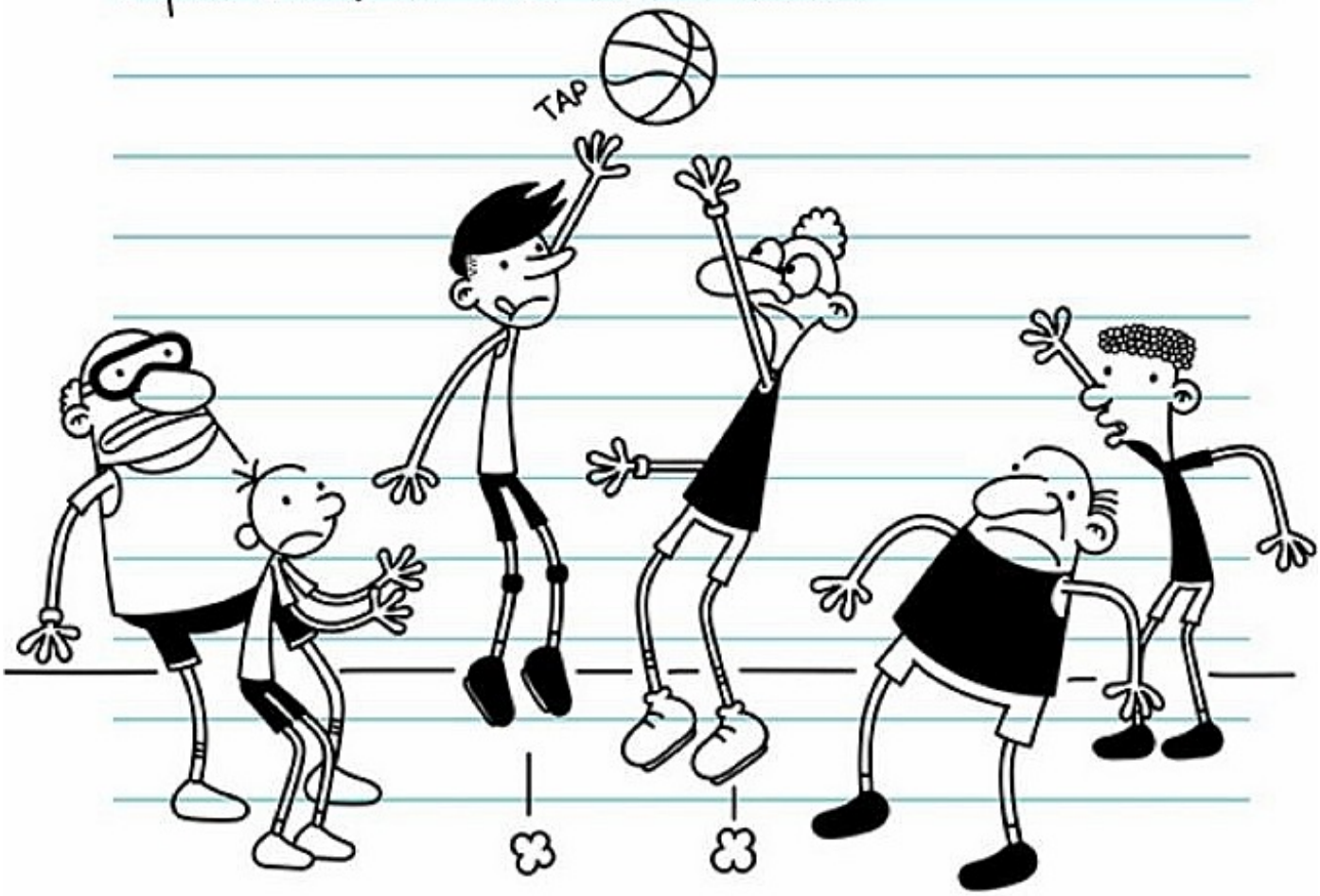
As coisas começaram a ficar meio TENSAS, mas aí o sr. Patel encontrou uma solução. Ele falou que a gente poderia enfrentar o time deles e que o ganhador ficaria com a quadra.

Fiquei meio preocupado de jogar contra um bando de adultos. Mas aqueles caras não pareciam estar muito em forma, então eu até achei que a gente tinha alguma chance.

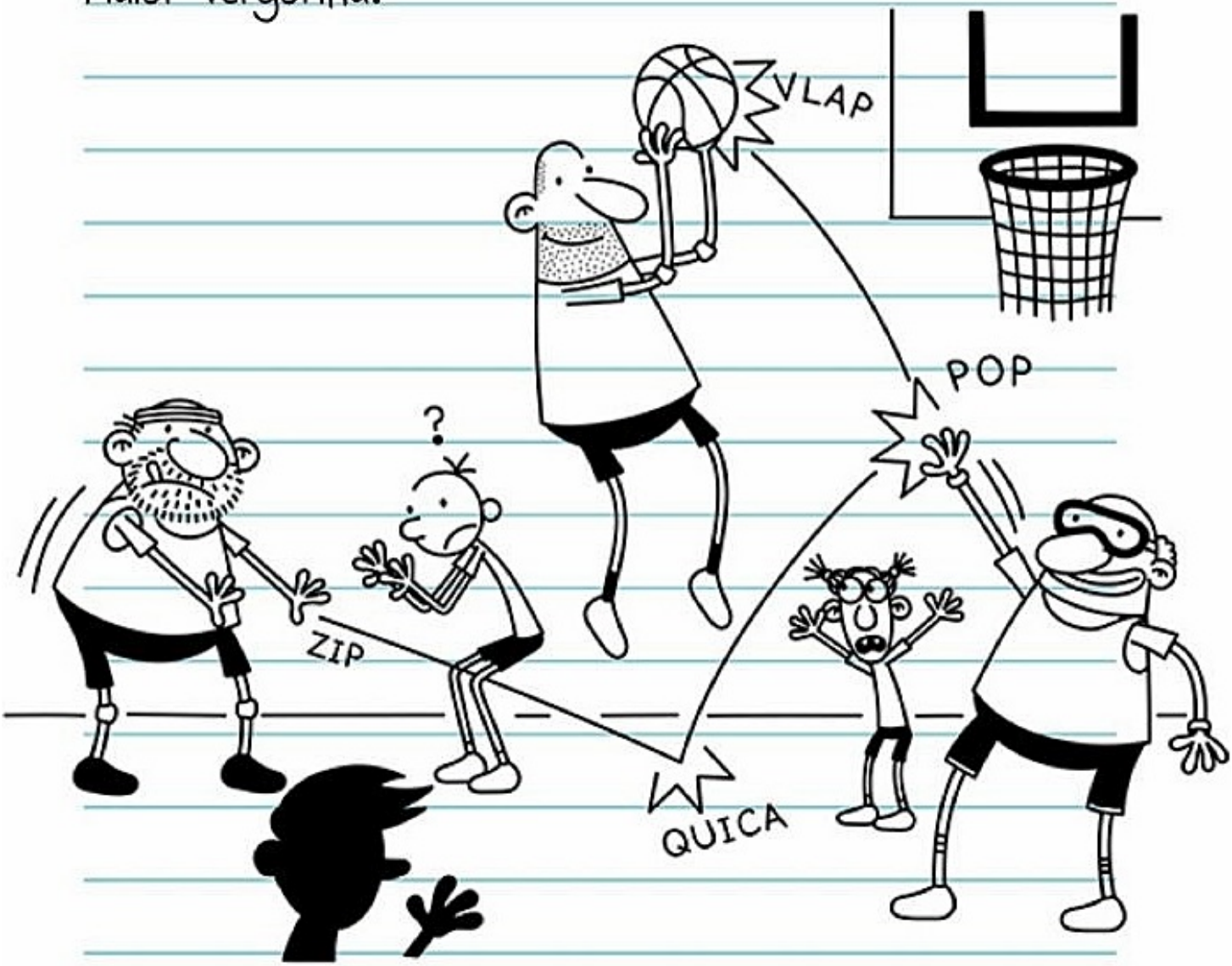
A Liga Masculina demorou um tempão pra se aquecer. Fiquei com a impressão de que eles estavam com medo e tentando dar um jeito de GANHAR TEMPO.



Depois que os caras finalmente terminaram de se alongar, o jogo começou. A gente ganhou o tapinha inicial e parecia que ia ser uma vitória fácil. Mas, depois disso, foi tudo ladeira abaixo.



Os caras da Liga Masculina podiam não ser muito atléticos, mas sabiam JOGAR. E a gente passou a maior vergonha.



Eles falavam o tempo INTEIRO. E, por mais que eu deteste admitir, realmente conseguiram tirar a gente do SÉRIO.

Eram umas bobagens do tipo que os adultos falam, mas deu certo. E quanto mais eles falavam, mais a gente se afundava.

AULINHA DE GRAÇA!
NÃO VÃO QUEBRAR A ESPINHA!
TOMBA
QUICA
TROPEÇA
HORA DO SHOW!

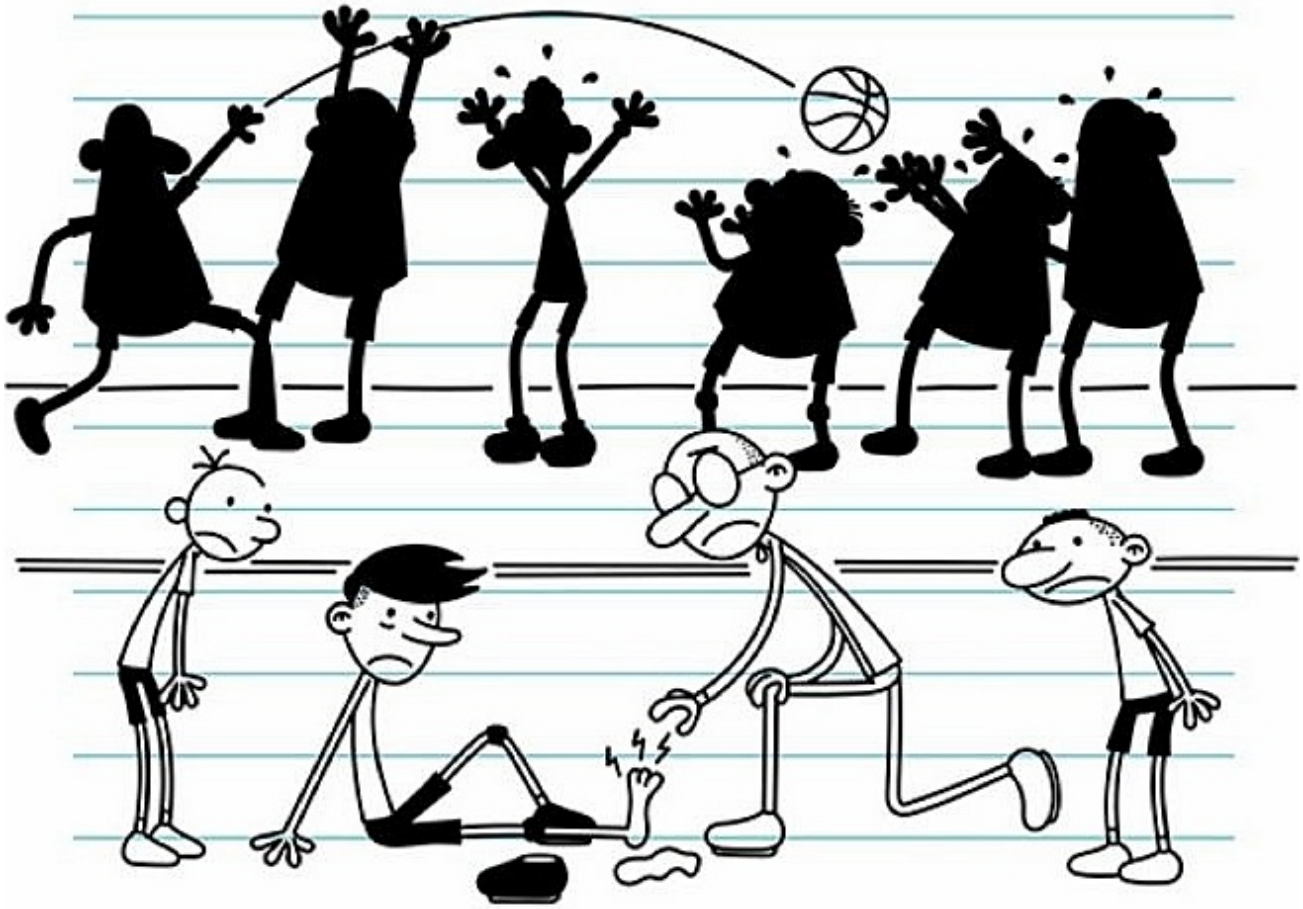
E quem estava ficando mais incomodado era o PREET. Dava pra ver que ele estava mesmo a fim de ganhar daqueles caras.

Só que eles sacaram que o Preet era o nosso único bom jogador. E toda vez que ele estava com a bola, recebia a marcação do outro time inteiro.

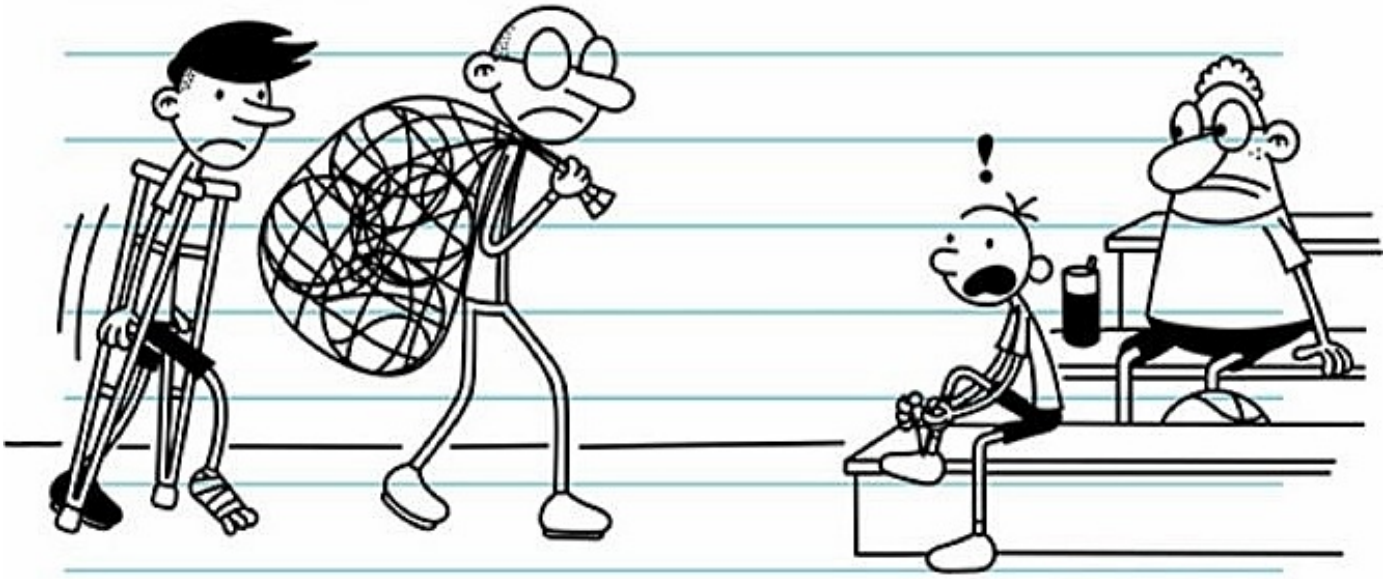
Teve uma hora que o Preet roubou a bola, disparou no contra-ataque e ia fazer uma bandeja fácil. Acho que ele queria mostrar o que sabia e decidiu dar uma ENTERRADA.

Todo mundo estava empolgado pra ver o Preet mandar uma cravada, mas suspeito que ele ainda precisa crescer um pouco.

Ele aterrissou de mau jeito e acabou machucado. E, antes que o jogo terminasse, o pessoal da Liga Masculina já sabia que estava NO PAPO.



Pensei que o Preet só tinha torcido o tornozelo e logo estaria de volta para o próximo treino. Mas hoje à noite, quando apareceu no ginásio, ele estava usando MULETAS.



Na verdade, ele FRATUROU o tornozelo e não vai poder jogar a temporada. Essa é uma péssima notícia, porque sem ele estamos fritos.

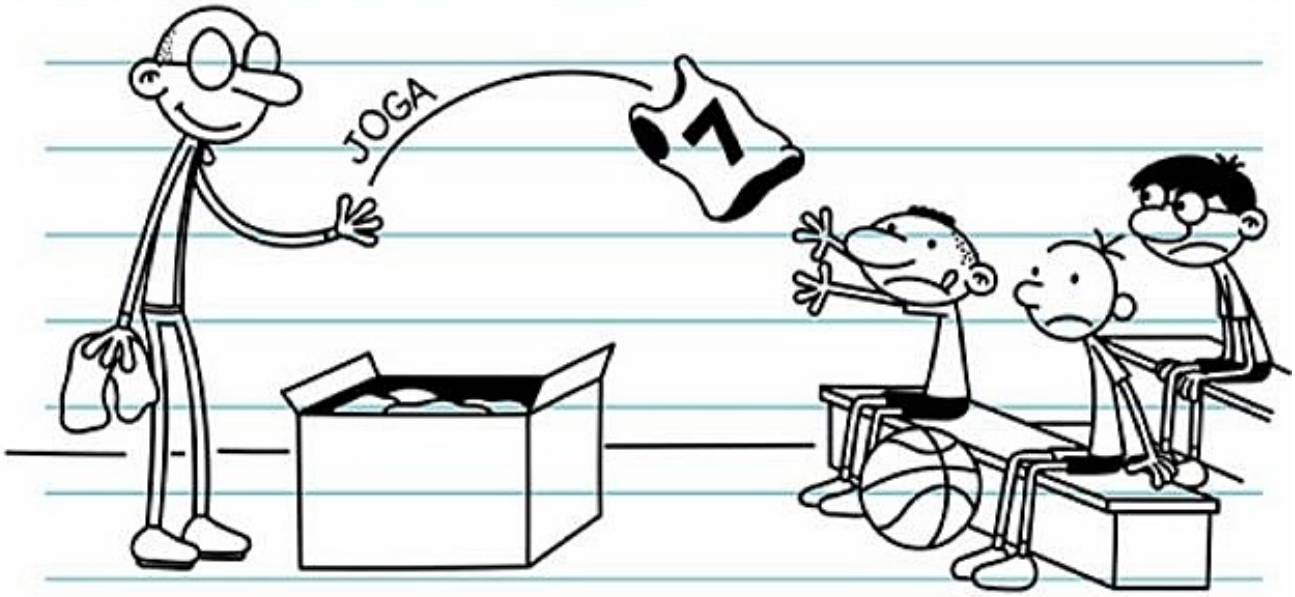
E pro sr. Patel é pior ainda, porque agora ele vai ter que treinar um time sem o melhor jogador. E tenho certeza de que ele preferiria passar esse tempo vendo TV ou aprendendo a fazer malabarismo.

No começo do treino, ele fez um discurso. Disse que contusões fazem parte do esporte e que o resto do time ia ter que dar conta do recado.

Então ele pôs a gente pra treinar jogadas de cestas fáceis. Começamos simulando situações de cinco contra três, mas ninguém conseguiu acertar. Aí passamos pra cinco contra dois, e cinco contra um, mas MESMO assim nada de cesta.

No fim, acabamos no cinco contra ZERO, mas a jogada nunca saía como o sr. Patel explicava na prancheta. Se a gente fizer alguma cesta no primeiro jogo do fim de semana, vai ser pura SORTE.

No fim do treino, o sr. Patel falou que tinha uma surpresa e abriu uma caixa de papelão. Daí começou a distribuir os UNIFORMES.



Percebi que eram meio familiares e reconheci aquele CHEIRO. O sr. Patel explicou que não teria tempo de fazer uniformes novos, então reaproveitou o dos testes.

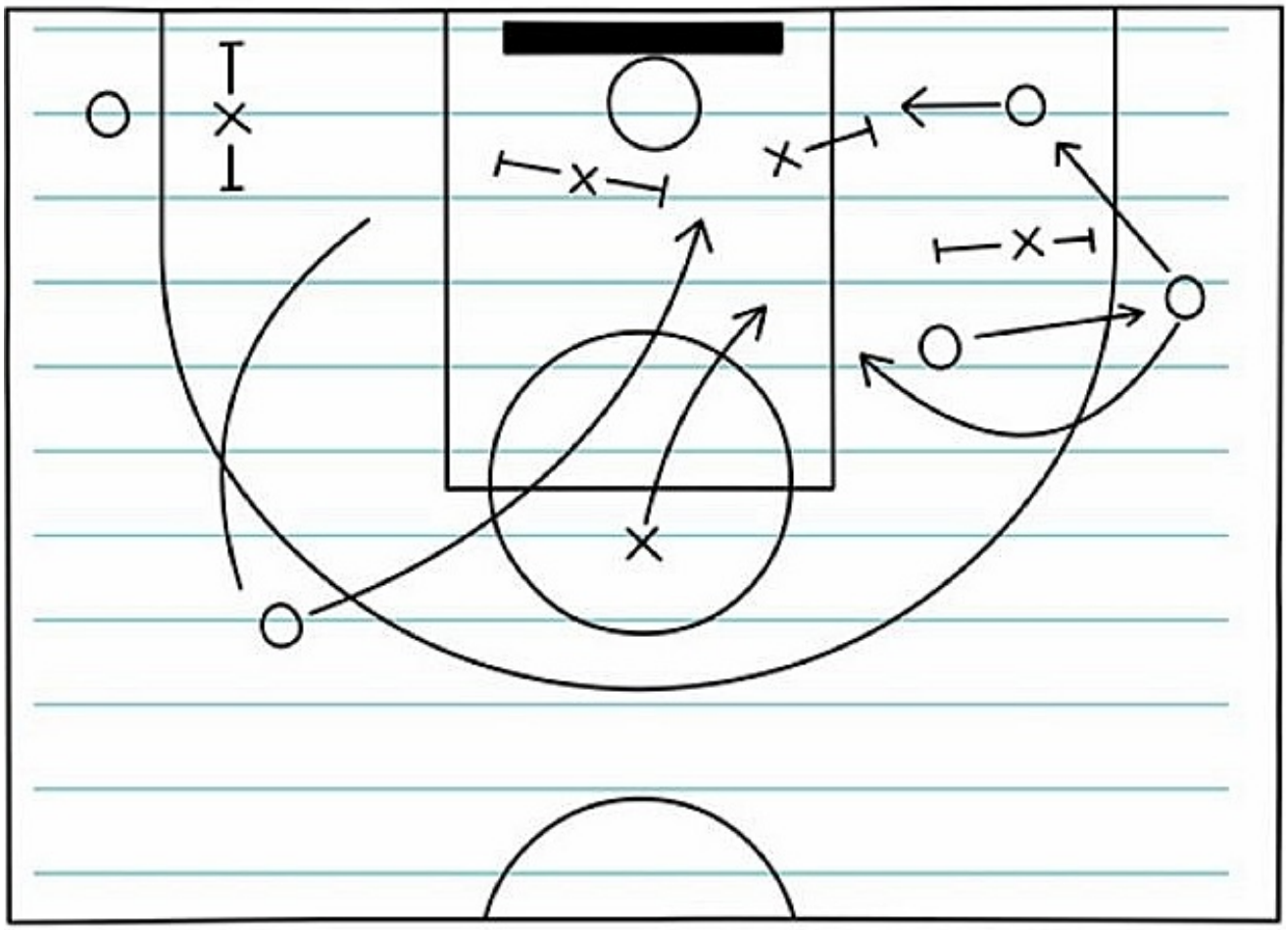
Mas tinha uma coisa DIFERENTE nas camisas: uma logomarca estampada atrás.

O sr. Patel contou que os times tinham patrocinadores pra ajudar nas despesas, como o aluguel do ginásio, e que o nosso era a lanchonete Marconi's. Deve ser duro achar um bom patrocinador, porque tenho quase certeza de que a Marconi's ainda não reabriu depois da interdição da vigilância sanitária.

Sábado

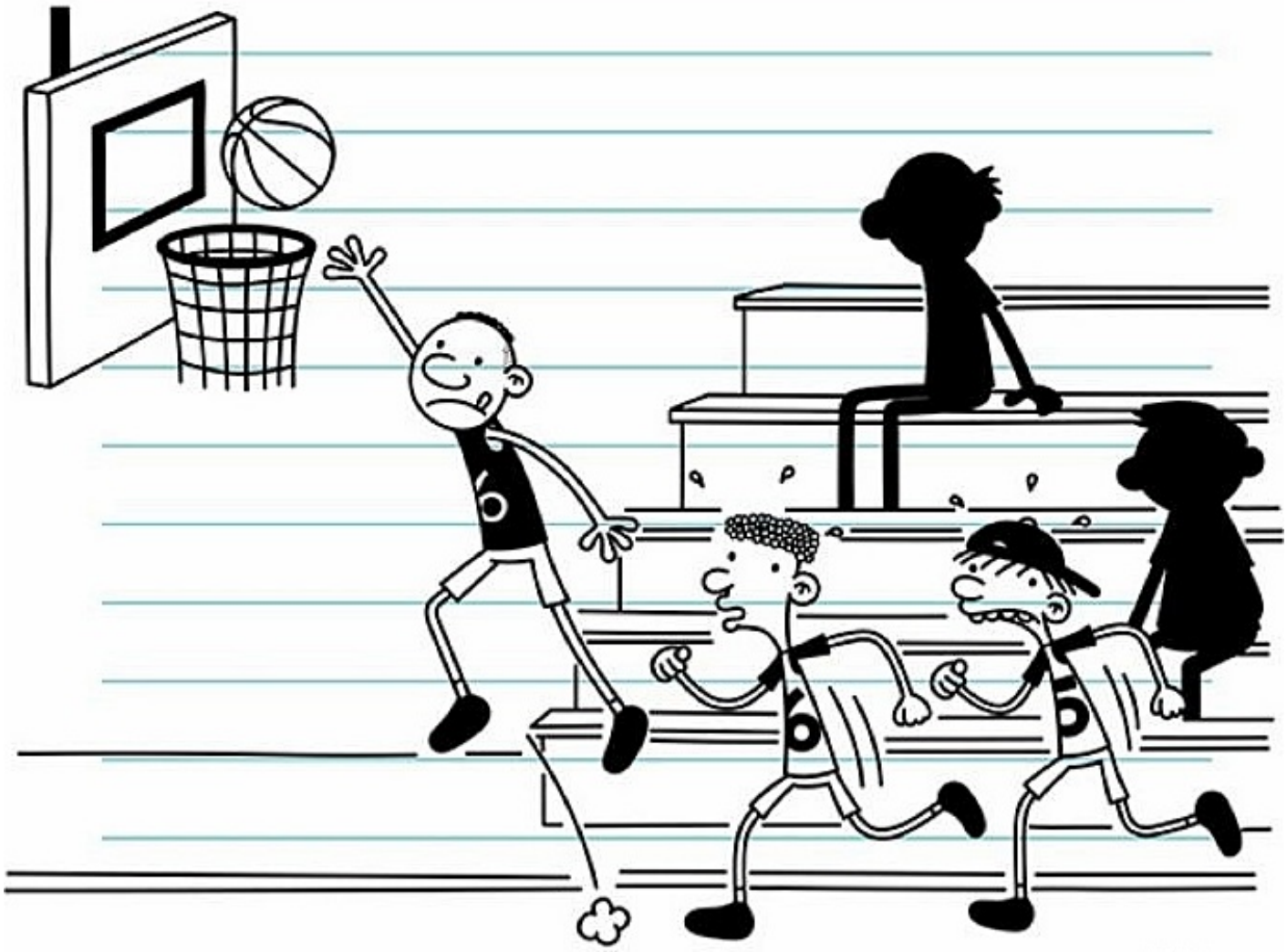
Hoje foi o primeiro jogo da temporada, lá no ginásio da escola de Ensino Fundamental I. O sr. Patel pediu pra todo mundo chegar meia hora antes pra combinar a estratégia e aquecer.

Ele mostrou algumas jogadas novas que tinha criado e, pelo jeito, ficou a noite toda acordado planejando tudo aquilo. Fiquei torcendo pro resto do time ter entendido o que aqueles sinaizinhos queriam dizer, porque pra MIM não passavam de um monte de rabiscos.



Enquanto a gente estudava as jogadas, as arquibancadas foram se enchendo. Fiquei nervoso por ter que jogar na frente de uma multidão, mas no fim nem esquentei com isso porque, quando o sr. Patel anunciou os titulares, eu não estava entre eles.

A partida seria contra Franklin, uma cidade a vinte minutos da nossa. As coisas já começaram mal, porque o time deles ganhou o tapinha inicial e já saiu marcando uma bandeja. E o resto do jogo seguiu no mesmo ritmo.

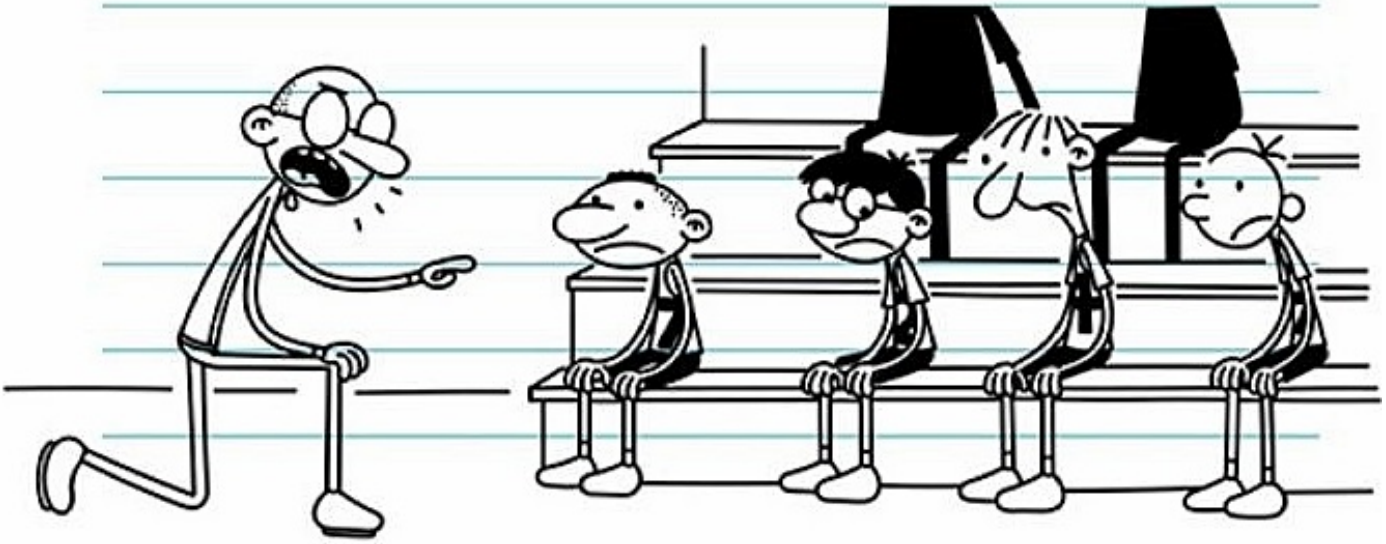


Nosso armador era o Kevin Pomodoro, porque ele é o único que sabe bater bola sem olhar. Mas ele estava jogando praticamente com uma mão só porque, toda vez que precisava nos dizer qual era a jogada planejada pelo sr. Patel, tinha que tirar o aparelho da boca pra podermos entender.

Até que o pessoal de Franklin percebeu e, sempre que o Kevin ia cantar uma jogada, eles roubavam a bola.

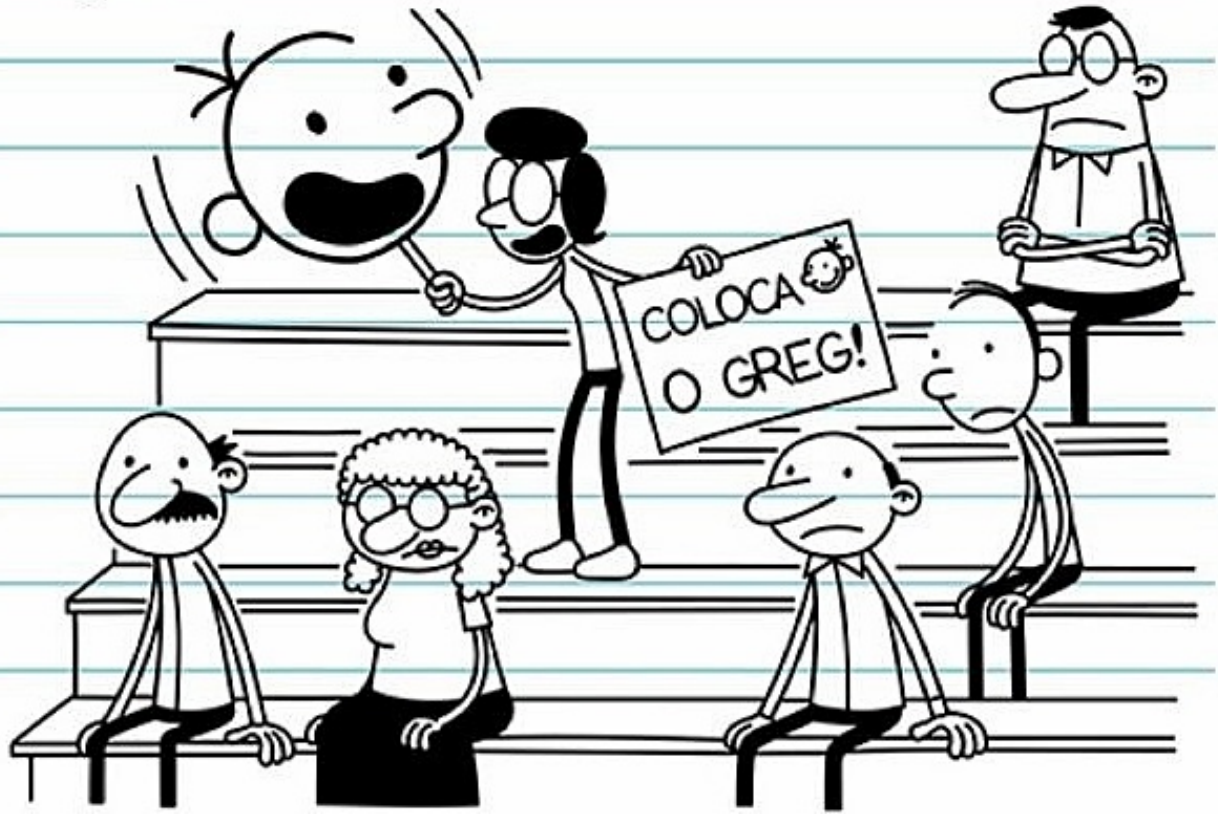
Nosso time estava fazendo de tudo pra executar as jogadas do treinador Patel, mas acho que ninguém sabia o que era X e o O, então a coisa toda virou uma confusão.

Então, ele passou a gritar com o pessoal do banco, como se tudo aquilo fosse culpa NOSSA. Resolvi fingir que estava envergonhado, porque parecia que era o que ele queria.



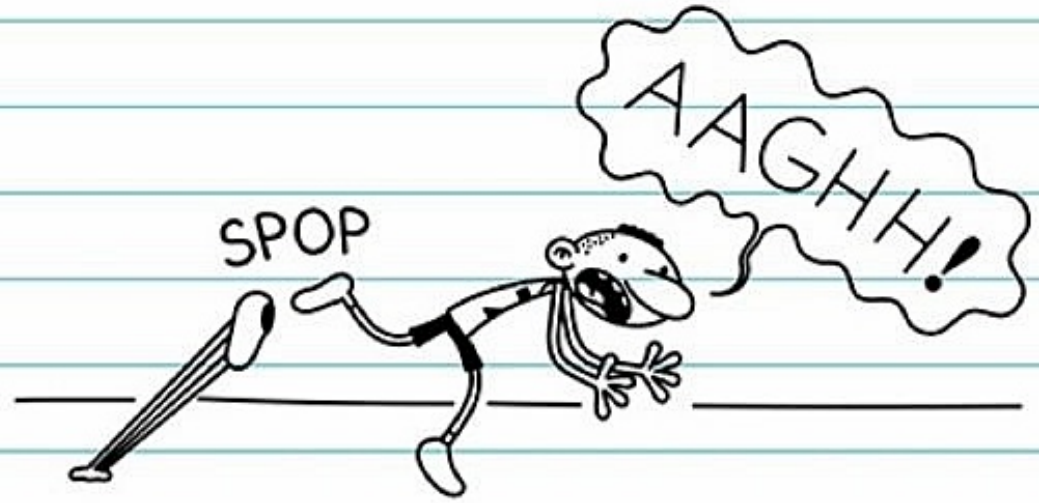
O treinador Patel começou a substituir os jogadores, e eu fiquei com medo de que ele ME escolhesse. Então fui pra pontinha do banco e fiquei rezando pra ele me esquecer.

Só que a mamãe estava na arquibancada e não estava me ajudando.



O ginásio da escola de Ensino Fundamental I é a nossa quadra, mas isso não chega a ser uma VANTAGEM. Pra começo de conversa, o lugar tem setenta anos de idade, e o piso é todo desnivelado. Então, mesmo quando alguém do nosso próprio time tenta fazer alguma jogada, pode acabar perdendo o controle da bola.

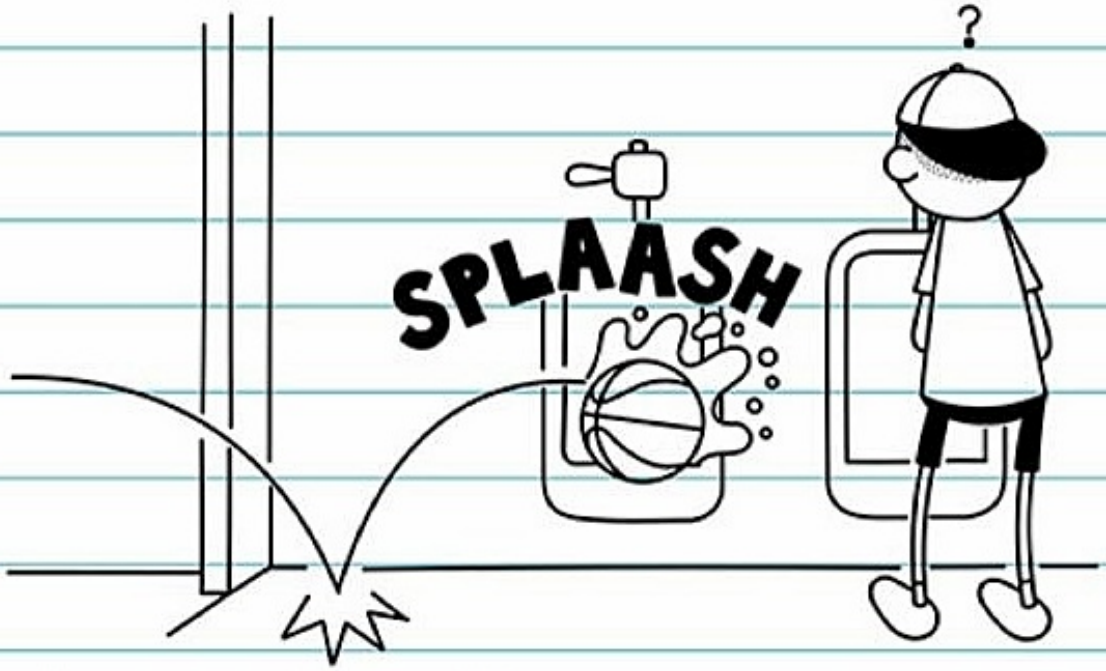
Além disso, tem um monte de chiclete e outras porcarias grudadas no chão. Num contra-ataque, o Jabari Bruce acabou perdendo o tênis.



Quem projetou o ginásio fez um péssimo trabalho, porque não existe espaço entre as linhas da quadra e as paredes. Quem tenta salvar uma bola perdida corre risco de VIDA.

Pra completar, as portas dos banheiros ficam muito perto da linha de fundo. E no primeiro quarto do jogo, tinha uma fila pro banheiro feminino.

Pra piorar ainda mais, os caras do banheiro masculino deixavam a porta sempre aberta. Daí, no meio do jogo, alguém fez um passe errado e a bola foi parar no MICTÓRIO.

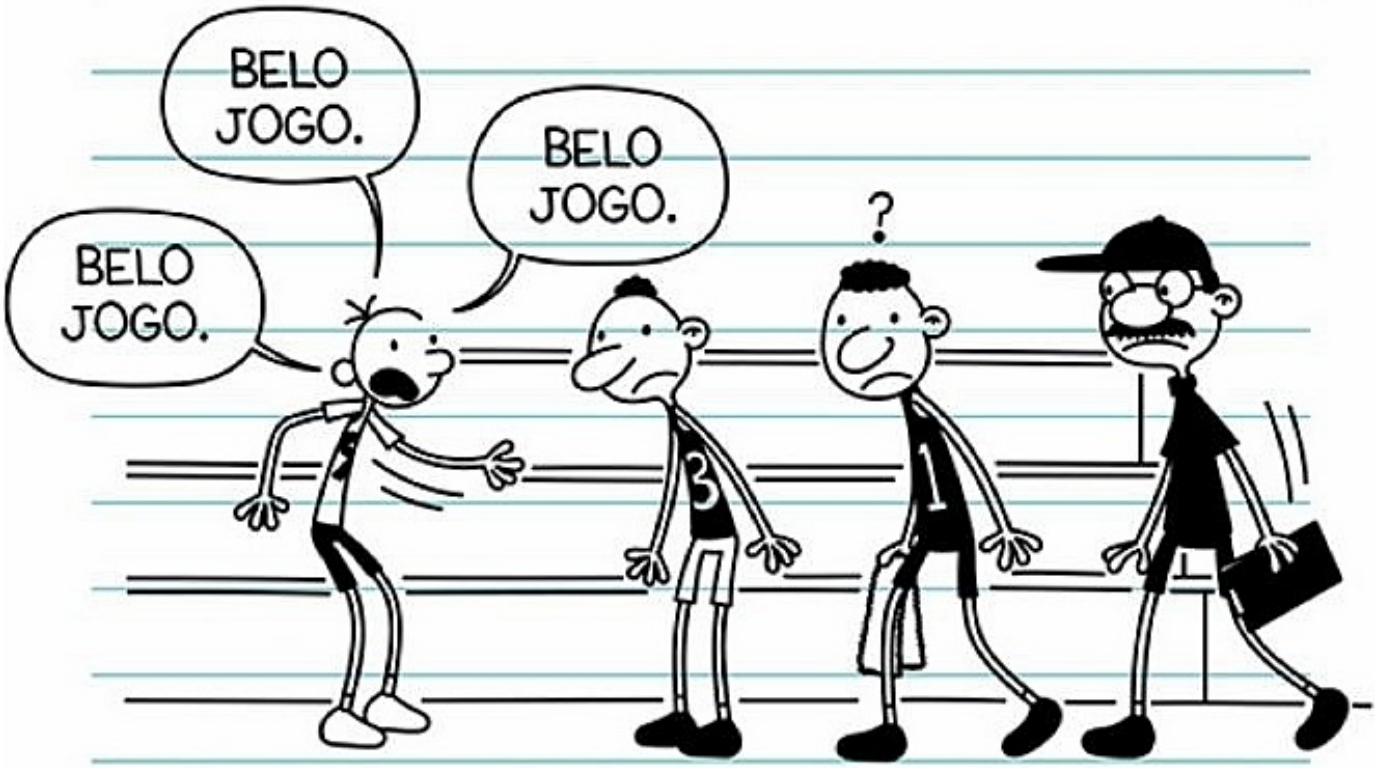


Um dos juízes lavou a bola na pia e secou com umas toalhas de papel. Não sei quanto esses caras recebem pra apitar as partidas, mas com certeza não é o SUFICIENTE.

Acredite se quiser, mas o meu time conseguiu fazer algumas cestas. Quando o cronômetro zerou, o placar estava em 38 a 6. Fiquei feliz porque o treinador Patel não me colocou no jogo. Se isso tivesse acontecido, a derrota ia ser MAIOR.

Pela minha experiência com esportes, sei que no fim da partida a gente precisa cumprimentar o outro time e parabenizar o bom jogo. Foi o que FIZ.

Mas seria melhor alguém ter me avisado que era só o INTERVALO, porque eu não teria passado essa vergonha.

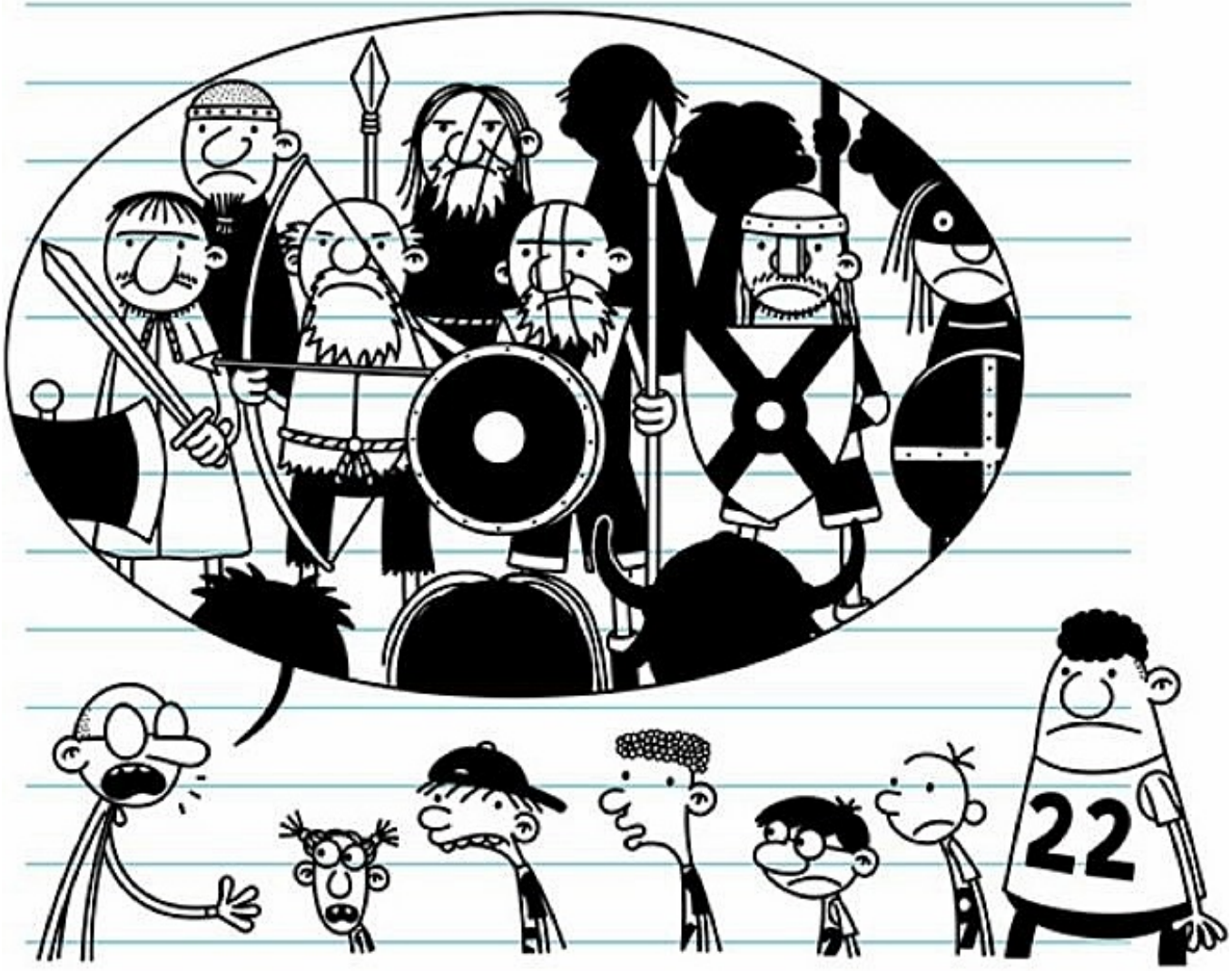


O treinador Patel mandou todo mundo pro vestiário, pra gente se preparar pro segundo tempo. Mas o ginásio do Fundamental I NÃO tem vestiário, então tivemos que usar o banheiro masculino, que infelizmente estava ocupado. Ou seja, a gente ainda teve que dividir espaço.

Mas isso não impediu o treinador Patel de fazer seu discurso do intervalo tão logo entrou no banheiro. Fiquei meio de saco cheio de ficar ouvindo ele falar durante o descanso. Porque, na minha opinião, acho que o intervalo devia ser tipo umas FÉRIAS do jogo.

O treinador Patel começou a falar sobre o que deu errado e tudo o que ia precisar ser corrigido no segundo tempo pra gente ganhar.

Aí ele contou uma história sobre uns guerreiros escoceses de antigamente. Falou que eles estavam cercados pelos inimigos e eram minoria, mas ganharam a batalha porque se uniram e deram tudo o que tinham.

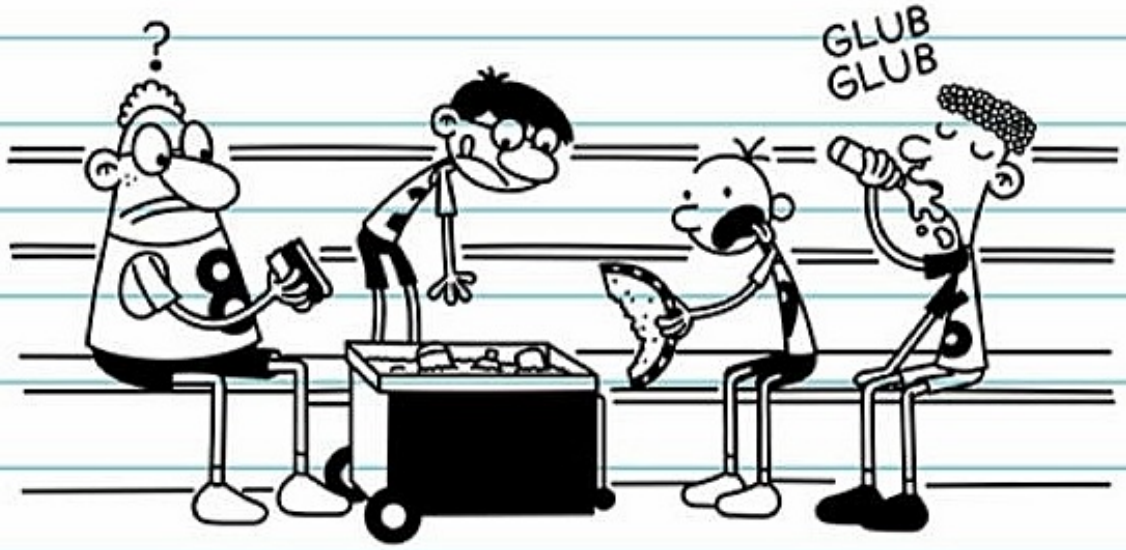


Ele falou que, se a gente seguisse a estratégia, TALVEZ ainda desse pra vencer. Admito que foi um belo discurso, porque, quando saímos do banheiro, o time estava pronto pra GUERRA.

Ainda faltavam alguns minutos pro começo do segundo tempo, então o pessoal aproveitou pra se reidratar.

Os Woodley ficaram encarregados de trazer as bebidas nesse primeiro jogo, e fomos pegar água no cooler.

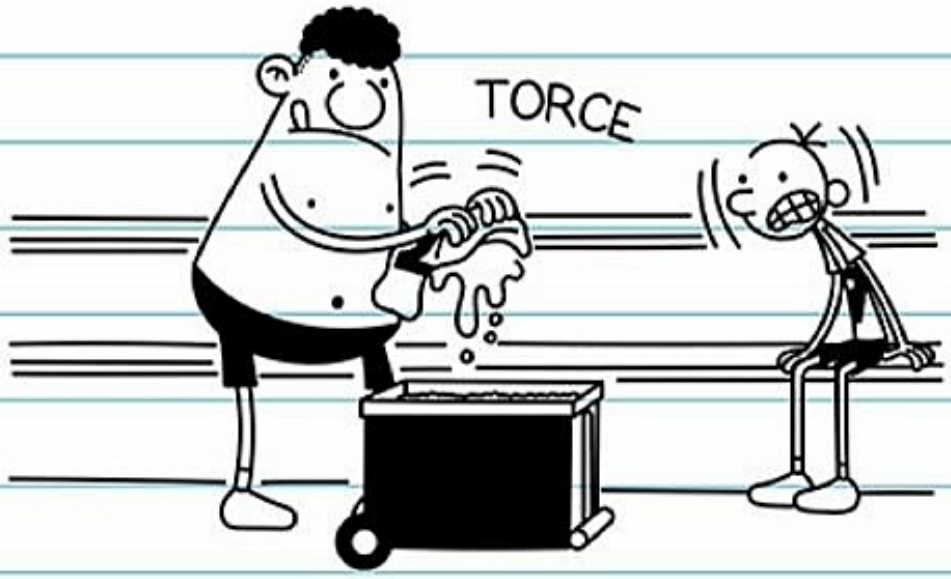
Mas acho que eles não limpavam aquele cooler desde as férias de verão, porque tinha uns RESTOS de comida lá dentro.



Tinha um pote de ketchup pela metade e um de mostarda cheinho, mas o Yusef e a Ruby não eram muito exigentes.

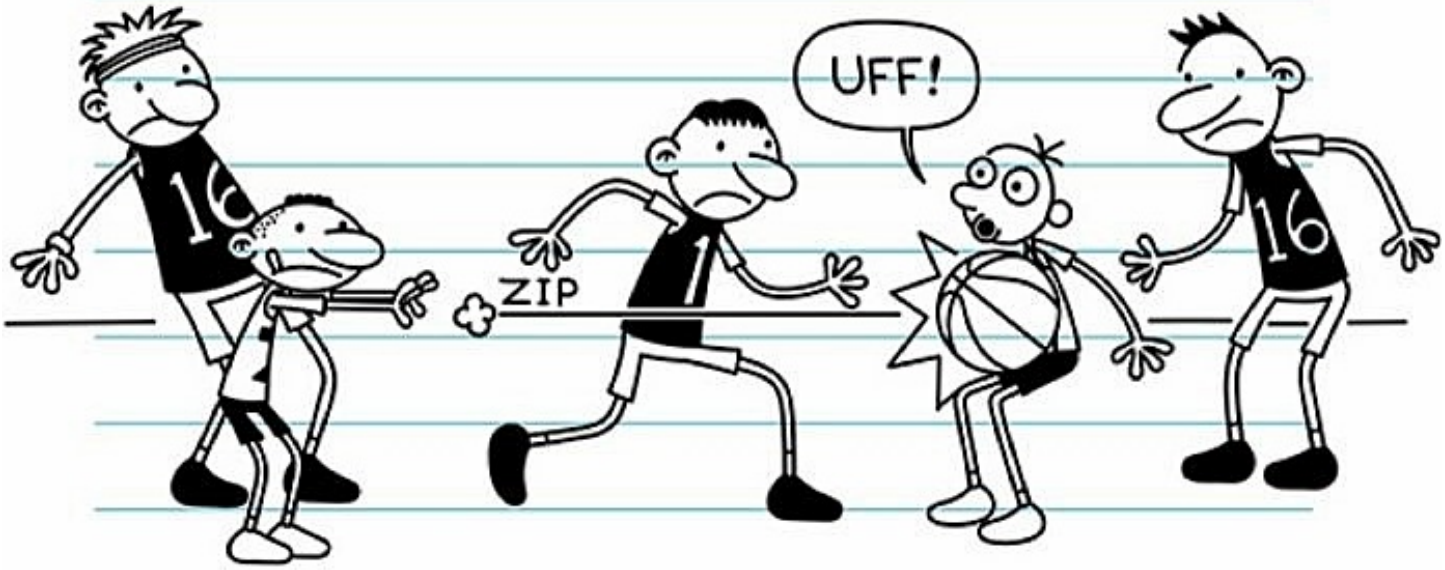
Acho que os dois estavam dispostos a aproveitar QUALQUER fonte de energia que aparecesse.

O treinador escalou Yusef no primeiro tempo, e ele transpirou tanto que precisou torcer a camisa depois. Queria que ele não tivesse feito isso no COOLER, porque ainda tinha umas garrafinhas de água lá dentro.



Como falei, todo mundo ficou empolgado depois do discurso do treinador. Mas acho que aqueles escoceses tinham algo que a gente NÃO tinha, porque o segundo tempo começou igualzinho ao PRIMEIRO.

As coisas estavam tão fora de controle que, no último quarto, o treinador Patel resolveu me colocar na quadra junto com o restante do banco. Só que, se ele esperava dar uma virada, deve ter ficado bem decepcionado.



Pra ser bem sincero, nem me lembro qual foi o placar final. Só sei que, no caminho de casa, a mamãe falou que o treinador deveria ter tentado umas jogadas diferentes e que eu deveria ter ficado mais tempo em quadra.

A única coisa que o papai falou foi que, se fosse um jogo de GOLFE, meu time teria ganhado, porque fez a pontuação mais baixa. Acho que ele estava tentando me animar, mas não deu muito certo, não.

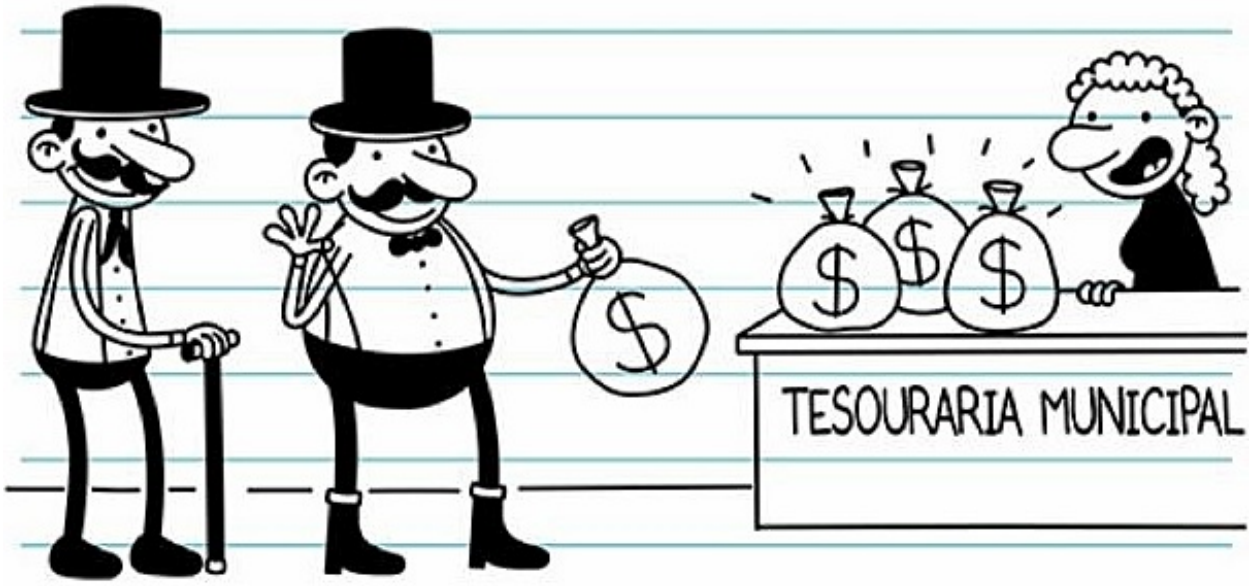
Domingo

A mamãe vive dizendo que os esportes unem as pessoas, mas acho que ela pode estar errada. Porque, pela minha experiência, eles só servem pra nos AFASTAR dos outros.

O povo da minha cidade não gosta das cidades vizinhas, porque sempre perdemos pros times deles nas competições. E a cidade que mais odiamos é Slacksville, pois o pessoal de lá sempre nos DETONA.

É assim desde antes de eu nascer. Sempre que um velhinho da minha cidade fala Slacksville, cospe no chão em seguida.

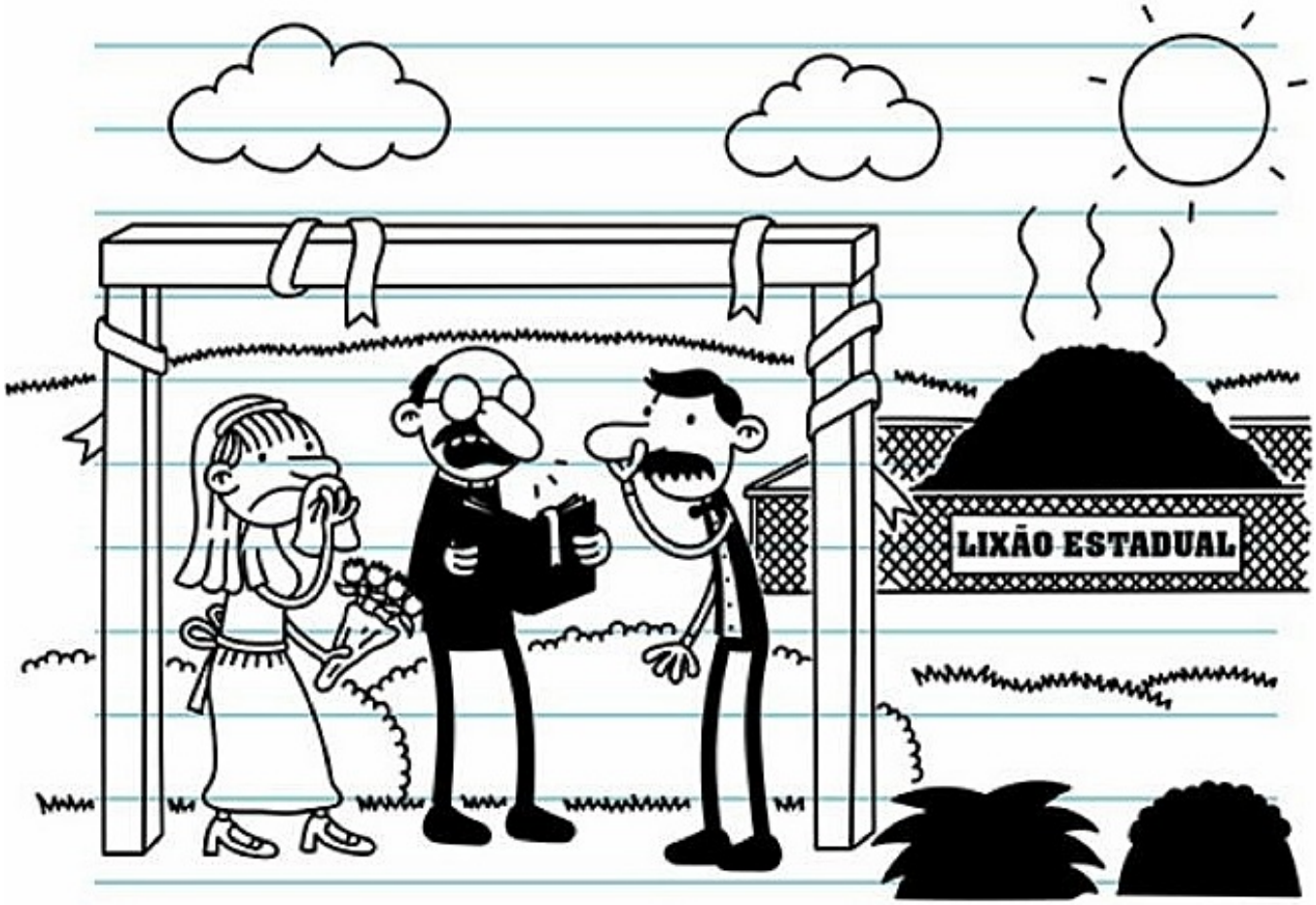
Mas os problemas com Slacksville vão muito ALÉM dos esportes. Uns cem anos atrás, era pra terem aberto uma fábrica de joias aqui na nossa cidade, o que traria muitos empregos e dinheiro pra cá. Mas uns figurões lá de Slacksville conseguiram meter o bedelho na última hora e acabaram tirando a fábrica da gente.



Hoje em dia, Slacksville tem TUDO, tipo um shopping e dois campos de golfe. E só o que nós temos é um drive-in abandonado e a lanchonete Marconi's.

Então todo mundo vive tentando arrumar um jeito de dar o troco. E como sempre perdemos nos esportes, precisamos ser CRIATIVOS.

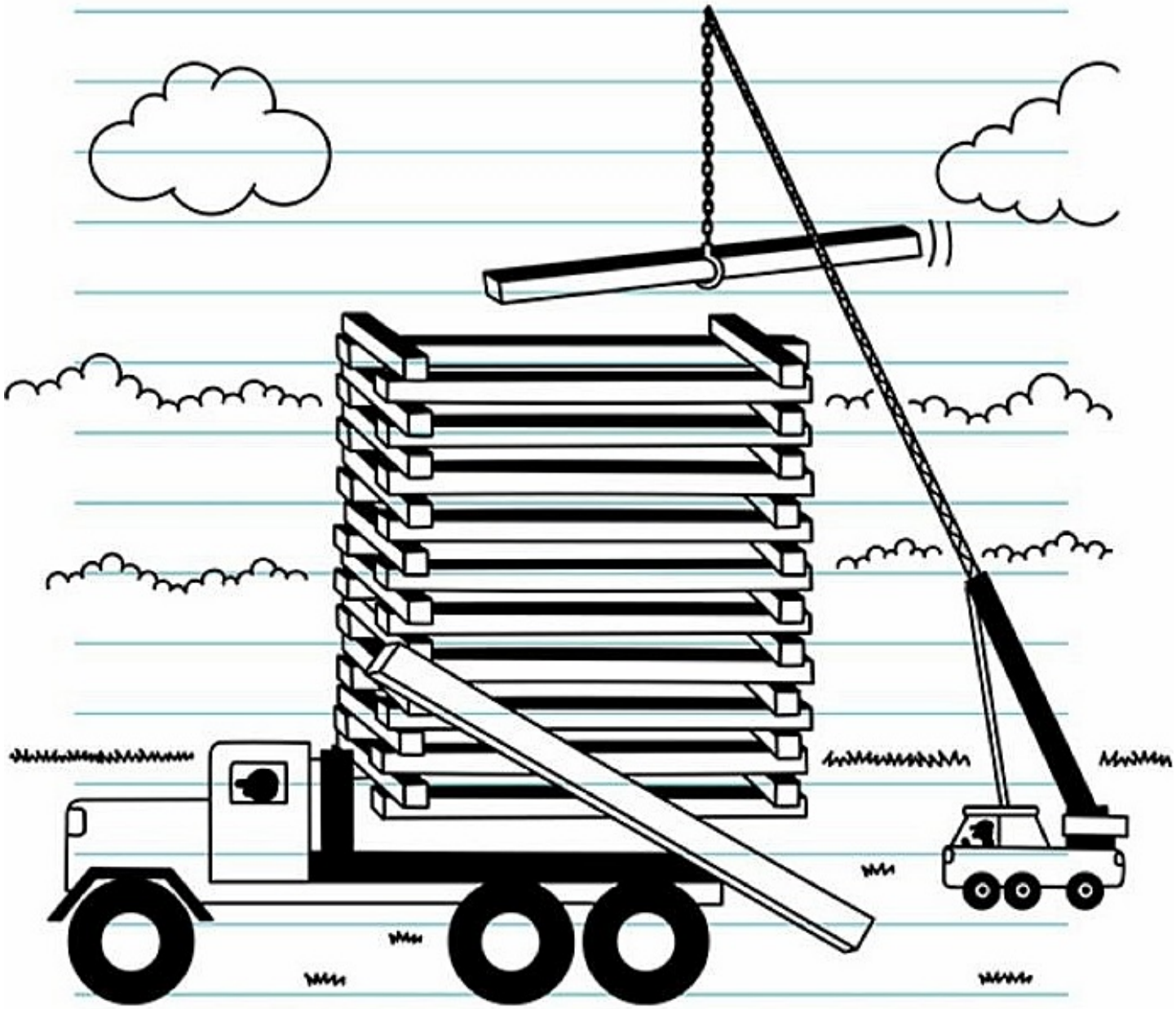
No ano passado, o governo estadual ia construir um aterro sanitário gigante aqui. Mas aí fizemos umas mudanças nas leis da cidade, e o governo precisou instalar o lixão em Slacksville. Soube que eles não ficaram NADA felizes.



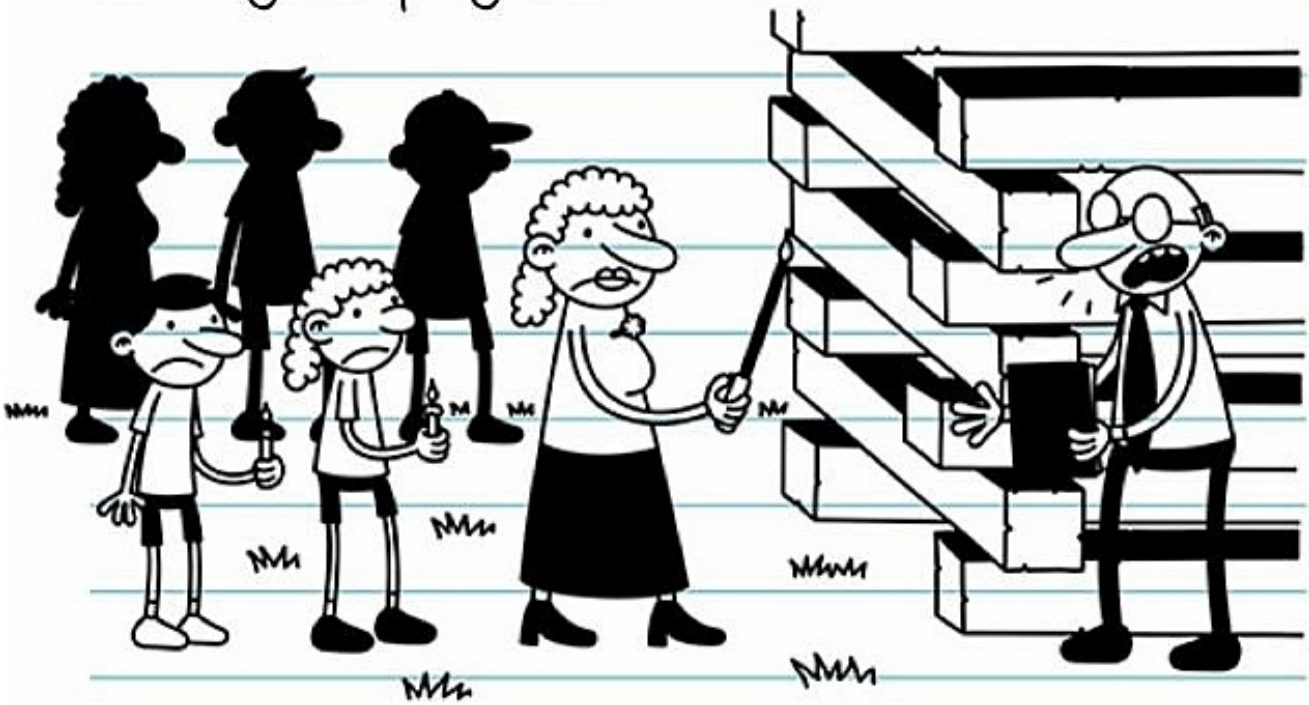
Uns meses atrás parecia que as coisas iam começar a mudar, quando o prefeito de Slacksville ligou pra nossa prefeita propondo paz. Todo ano, nossa cidade monta uma fogueira enorme no parque municipal no feriado de Quatro de Julho, e este ano o pessoal de Slacksville se ofereceu pra doar a madeira.

A ajuda chegou em boa hora, porque nossa cidade estava sem verba pra atividades de lazer e não ia nem ter como fazer a fogueira este ano.

Então a nossa prefeita deu o sinal verde, e alguns dias depois os caminhões começaram a chegar de Slacksville com pilhas e mais pilhas de madeira. Eles fizeram até a montagem DE GRAÇA.

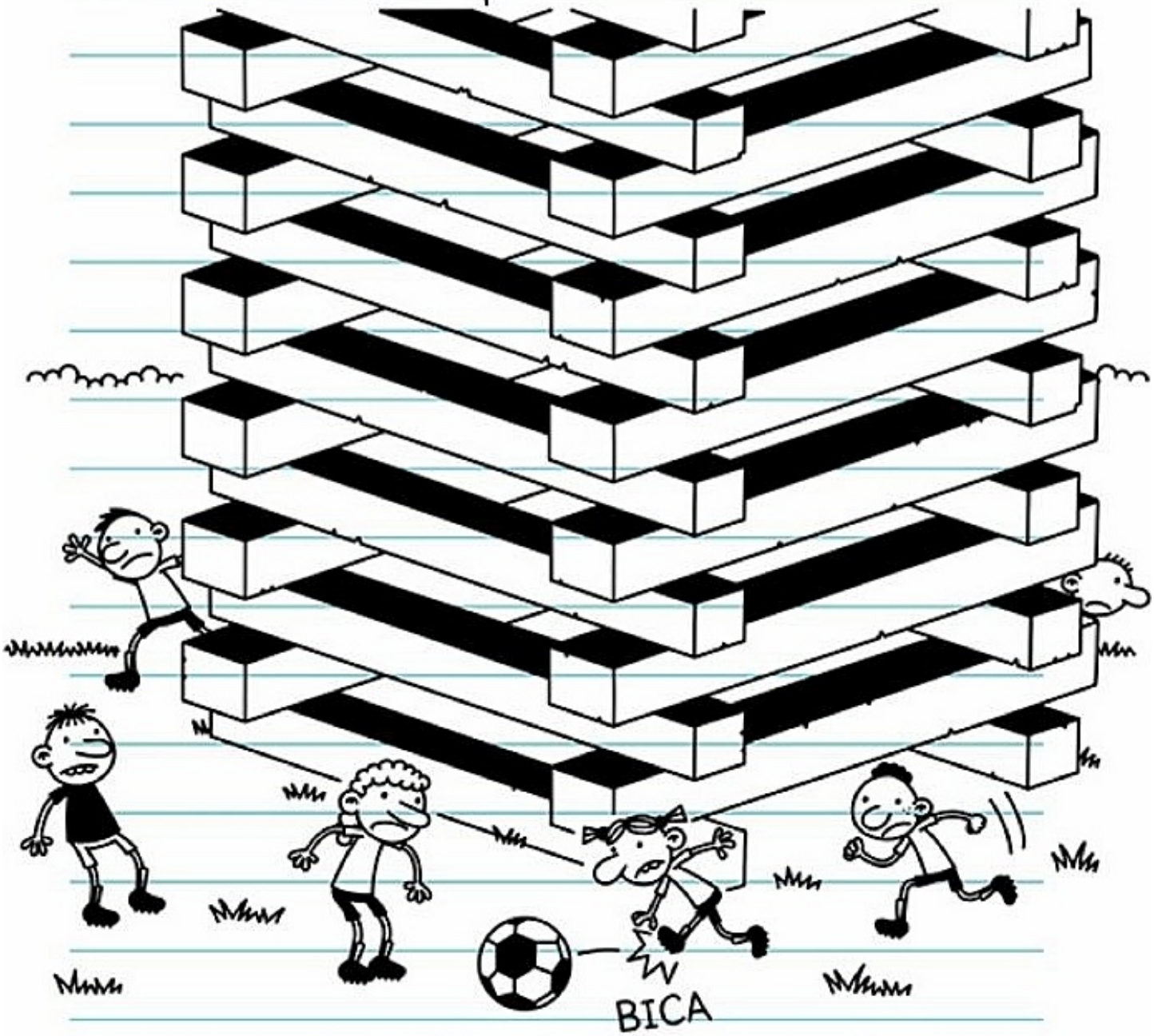


Antes de acendermos a fogueira, o inspetor de saúde da cidade foi até o parque e disse que a madeira de Slacksville tinha sido tratada com produtos químicos, então não daria pra pôr fogo, porque a queima ia liberar gases perigosos.



No dia seguinte, nossa prefeita ligou pro prefeito de Slacksville e pediu pra ele mandar alguém buscar a madeira. Acho que ele já sabia que aqueles troços não serviam pra fogueira, e achou a maior graça.

Agora tem uma pilha de madeira apodrecendo no parque municipal, e um dia desses o pessoal do jardim de infância precisou jogar futebol com aquela coisa bem no MEIO do campo.



E a temporada de futebol nem chegou ao fim, porque um bando de animais se mudou pra torre de madeira, e não era nada seguro deixar as crianças brincando ali perto.

Então acho que Slacksville acabou rindo por último nessa, pelo menos por enquanto.

Só estou falando isso tudo porque hoje foi nosso primeiro jogo fora de casa e, obviamente, foi em Slacksville. Senti um embrulho no estômago ao passar pela entrada da cidade, pois fazia ANOS que não ia lá.

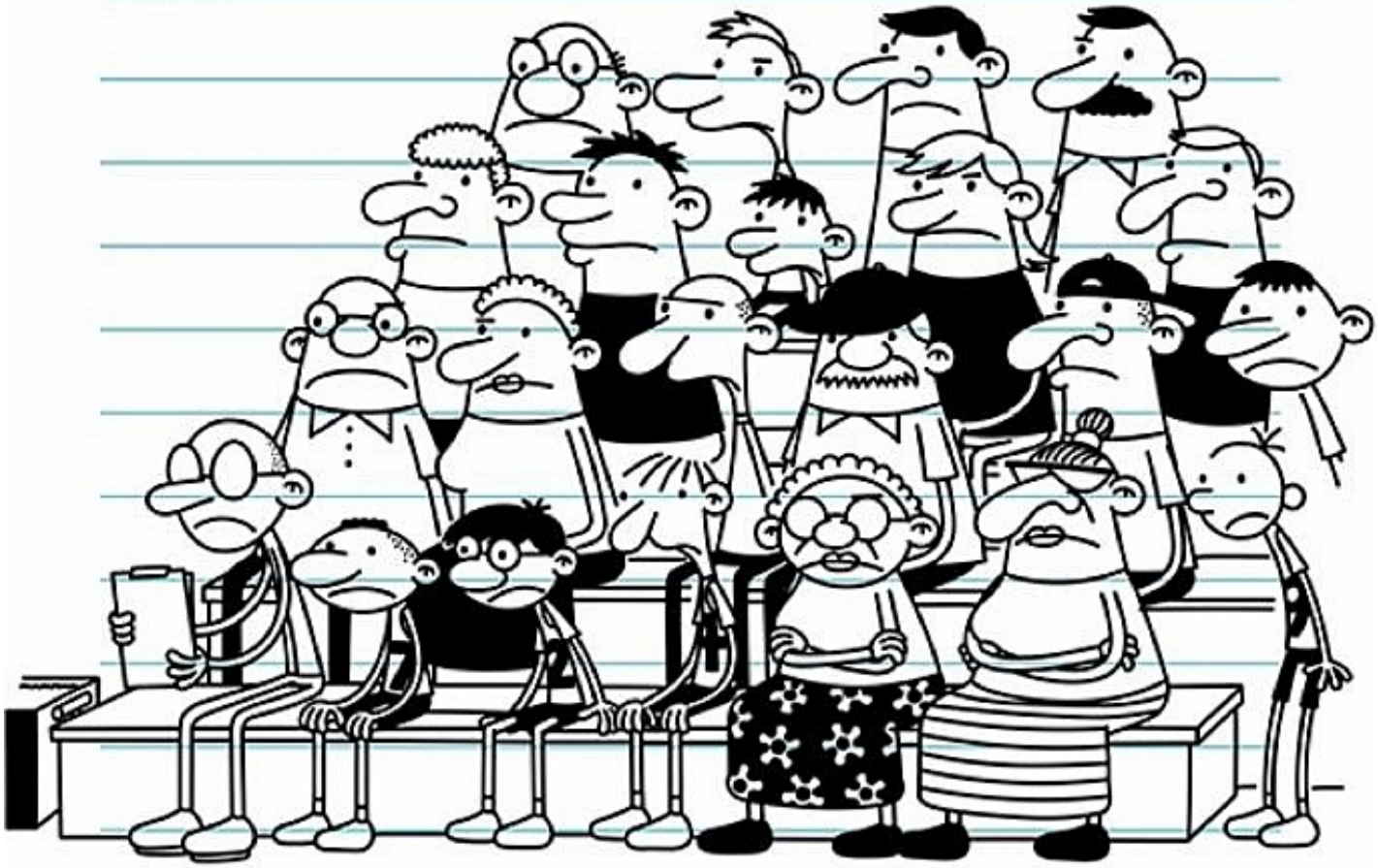
O jogo foi na escola de Ensino Médio de Slacksville, e o ginásio deles era BEM melhor que o nosso. A quadra parecia novinha, e não vi sequer um chiclete colado no chão.

O lugar já estava lotado antes de chegarmos, e as pessoas começaram a nos vaiar logo no aquecimento.

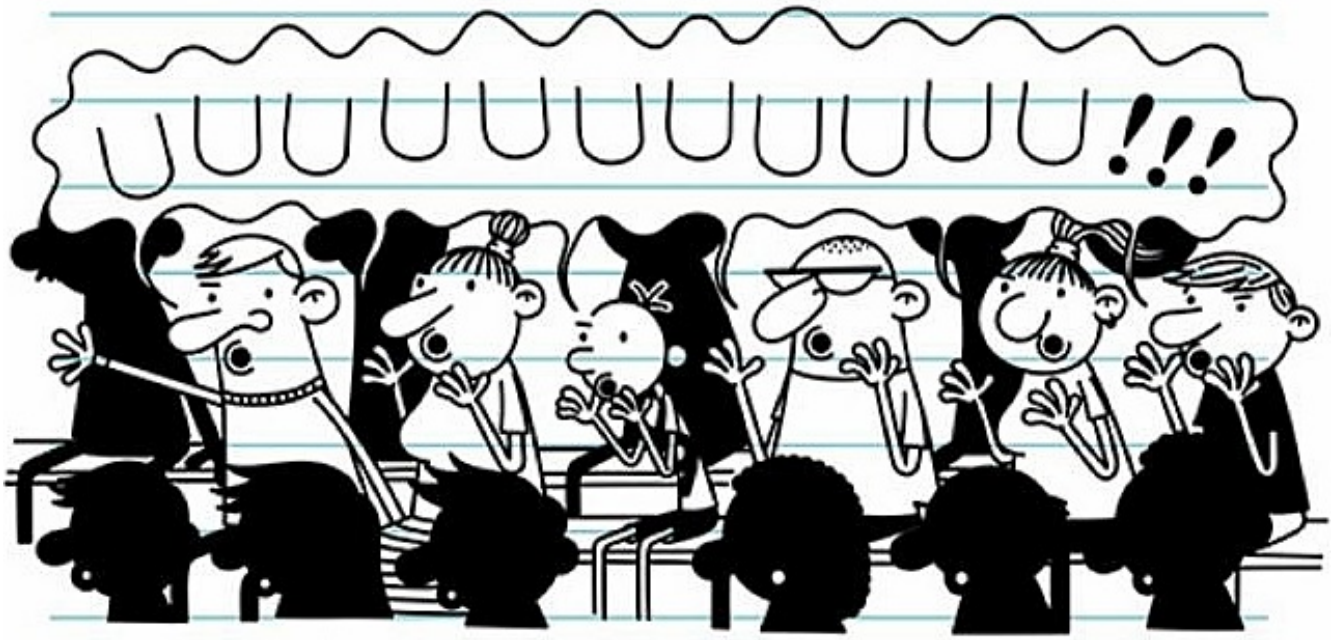
Só alguns pais foram até lá torcer pra gente. Fui de carona com o Edward Mealy, porque a mamãe falou que precisava ir com o papai ver o jogo do time do jardim de infância do Manny.

Mas meio que acho que a mamãe me deu o cano, porque ela já sabia o que estava à nossa espera lá em Slacksville.

Estava muito ansioso pra partida começar e poder ficar no meu canto no banco. Mas algumas pessoas já estavam sentadas lá, e não sobrou espaço pra MIM.



Só tinha lugar vazio no meio da arquibancada e, quando o jogo começou, foi pra lá que eu fui. Fiquei com medo de que as pessoas sacassem que eu não era de Slacksville e começassem a pegar no meu pé. Então, quando a torcida vaiava, eu ia no embalo.



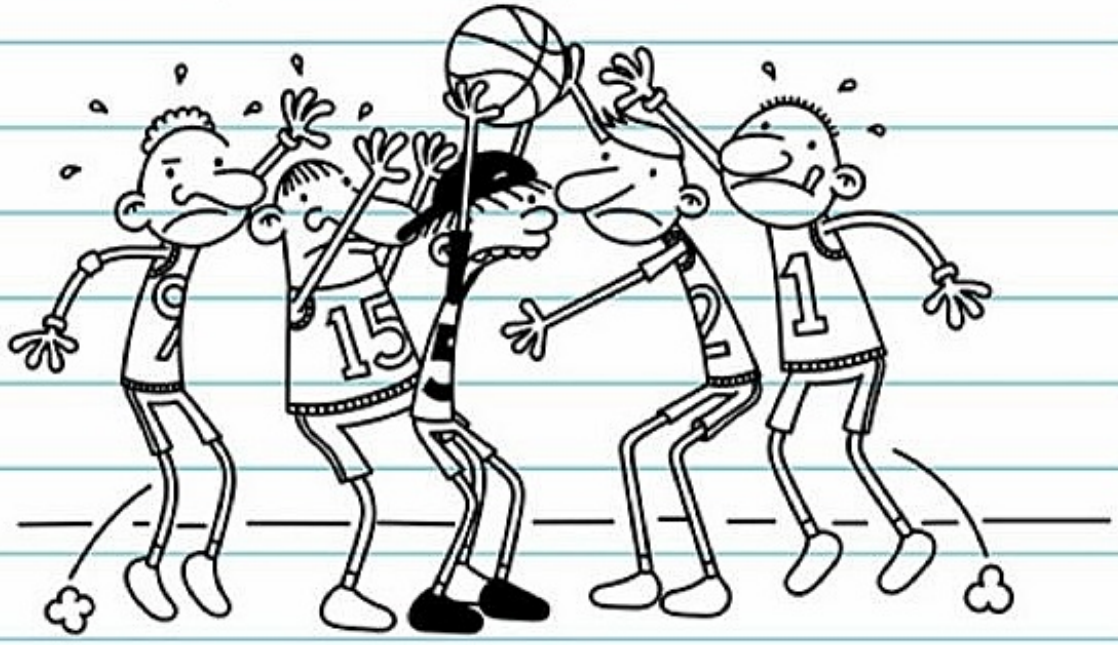
O que não foi tão difícil, porque nosso time começou mal de novo. Slacksville abriu o placar com uma cesta de três pontos. Depois, eles roubaram a bola e fizeram OUTRA logo em seguida. Quando vi, a diferença já estava em vinte pontos.

Pensei que, assim que abrissem vantagem, eles fossem pegar mais leve. Mas acho que todo mundo em Slacksville ainda está meio irritado por causa do lixão, e eles continuaram jogando pra valer.

Eles começaram a fazer marcação de quadra inteira, e nosso time não conseguia nem passar pro ataque. Na real, a gente nem conseguia pegar a bola, porque Slacksville estava marcando PESADO.

O treinador Patel não parava de gritar da lateral. Mas não dava pra ouvir nada por causa da barulheira da torcida de Slacksville.

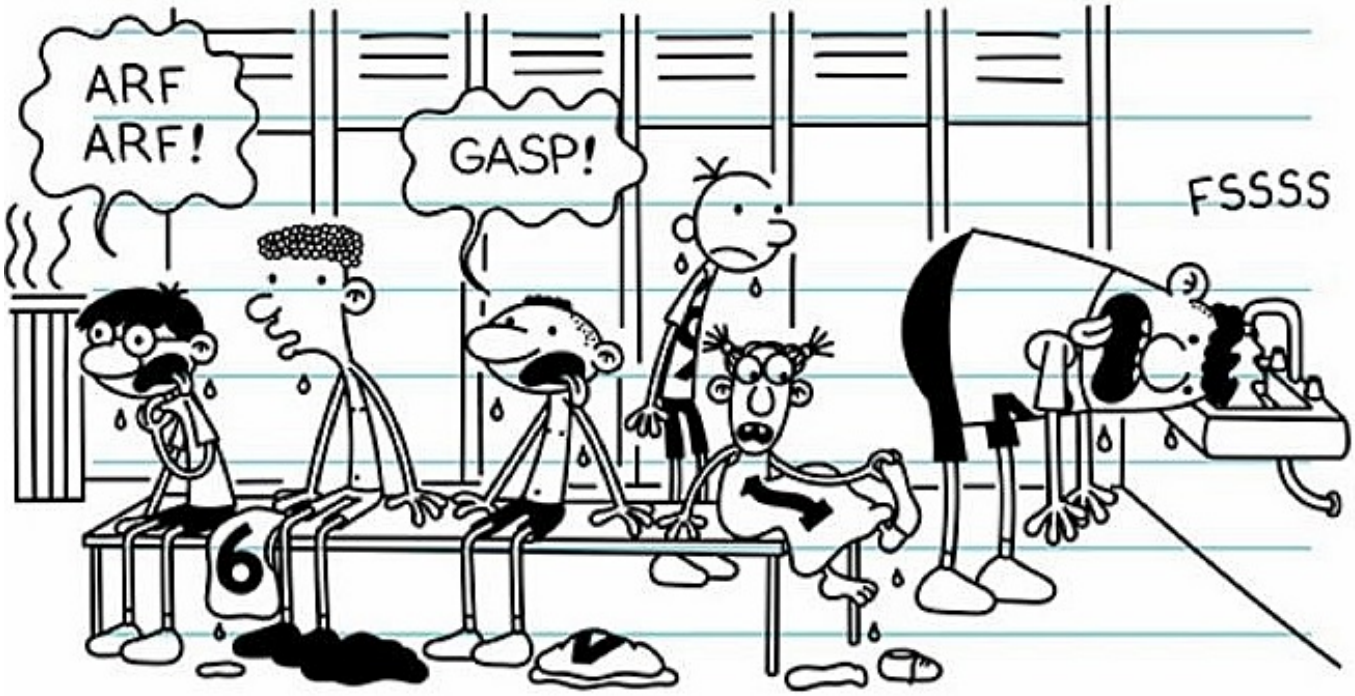
Às vezes, nosso time até conseguia pegar a bola, mas aí três ou quatro jogadores de Slacksville iam pra cima de quem recebeu o passe.



E não dava nem pra pegar os rebotes, porque o pivô deles fazia o Yusef parecer BAIXINHO.

No intervalo, o placar estava 52 a zero. Fiquei torcendo pros juízes declararem o jogo definido e encerrarem a partida. Mas, pelo jeito, essa regra do beisebol não existe no basquete.

Tenho certeza de que o pessoal que administra o ginásio ligou o aquecedor do vestiário dos visitantes no máximo só pra fazer a gente sofrer, porque estava uma SAUNA lá dentro.



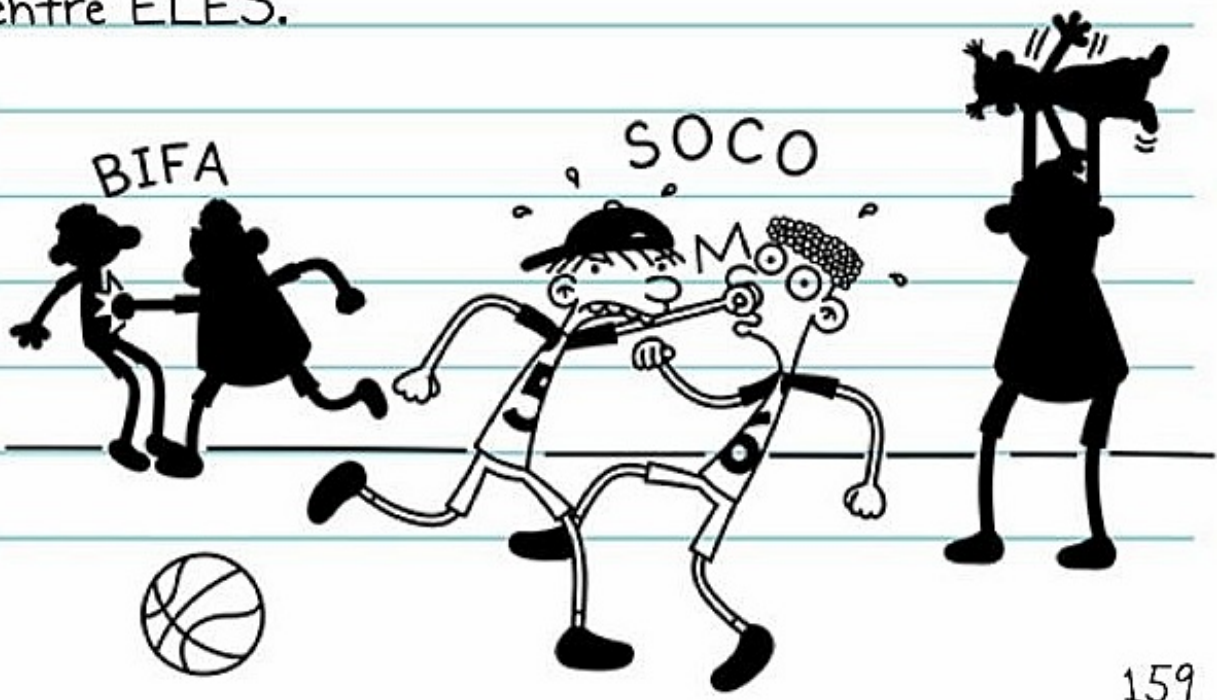
O treinador Patel fez mais um discurso, que dessa vez não teve nada a ver com guerreiros escoceses nem nada do tipo. Ele falou de ORGULHO.

Disse que, quando nosso time entrava em quadra, estava representando a nossa CIDADE. E falou que o placar não fazia diferença, pois a única coisa que importava era o quanto a gente estava disposto a LUTAR.

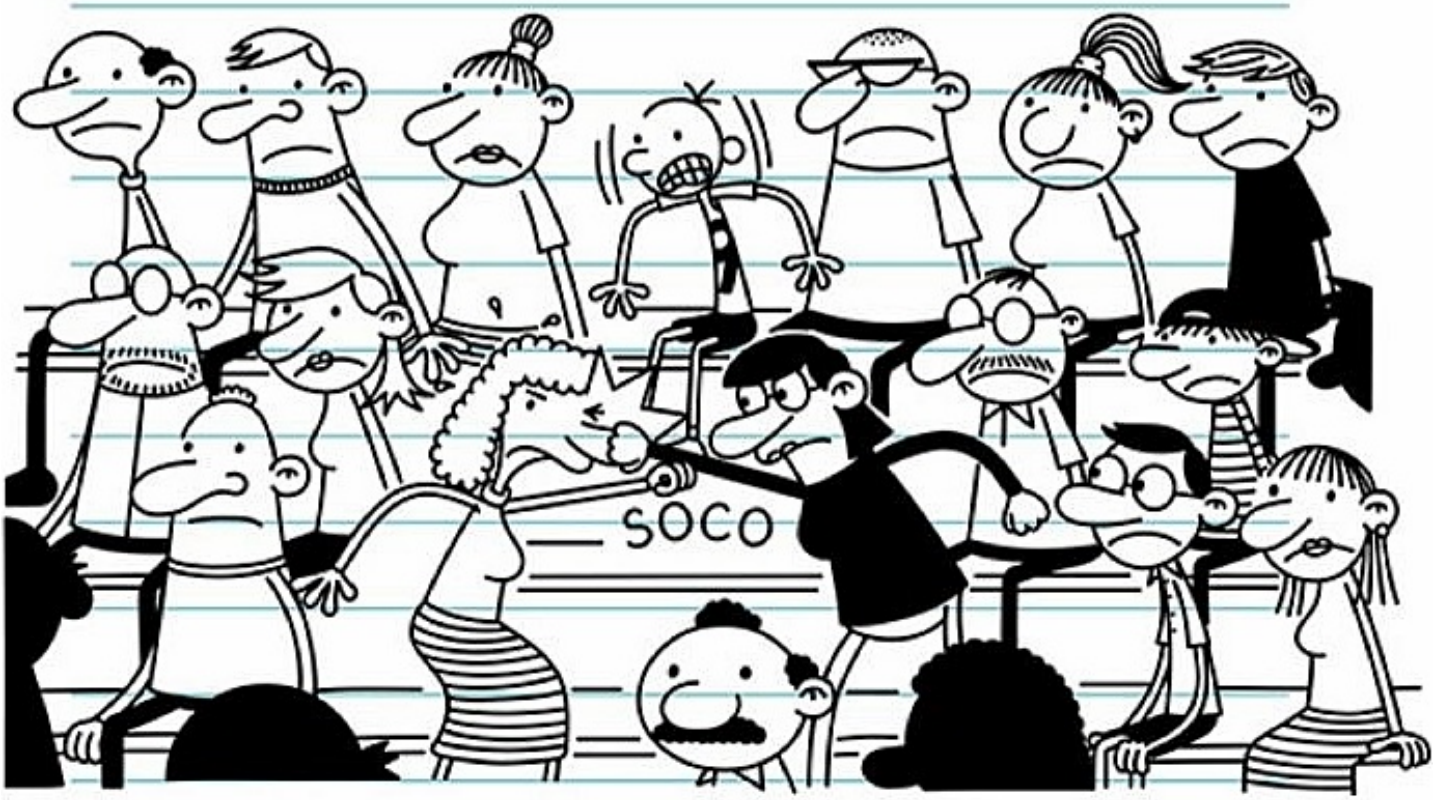
Isso deixou a galera bem empolgada, assim como no primeiro jogo.

Mas alguns levaram o discurso do treinador ao PÉ DA LETRA. No segundo tempo, nosso time estava disposto a partir pra luta DE VERDADE. Yusef começou com uma cotovelada, enquanto Ruby Bird derrubava o pivô de Slacksville.

Aí os irmãos Woodley começaram a sair na porrada entre ELES.



Só que os juízes tinham problemas ainda MAIORES pra resolver. A mãe do Kevin Pomodoro e uma mulher de Slacksville começaram a discutir na arquibancada, e em instantes elas já estavam saindo na porrada.



Os juízes foram pro meio da torcida pra separar a briga, então decidi procurar um cantinho no banco de reservas, porque lá seria bem mais SEGURO.

Mas gostaria de ter ficado onde eu estava, pois quando a Ruby e o Yusef foram expulsos, o treinador me colocou no jogo junto com o Tommy Chu.

O treinador de Slacksville tirou os titulares pra descansar e colocou os reservas pra jogar também.

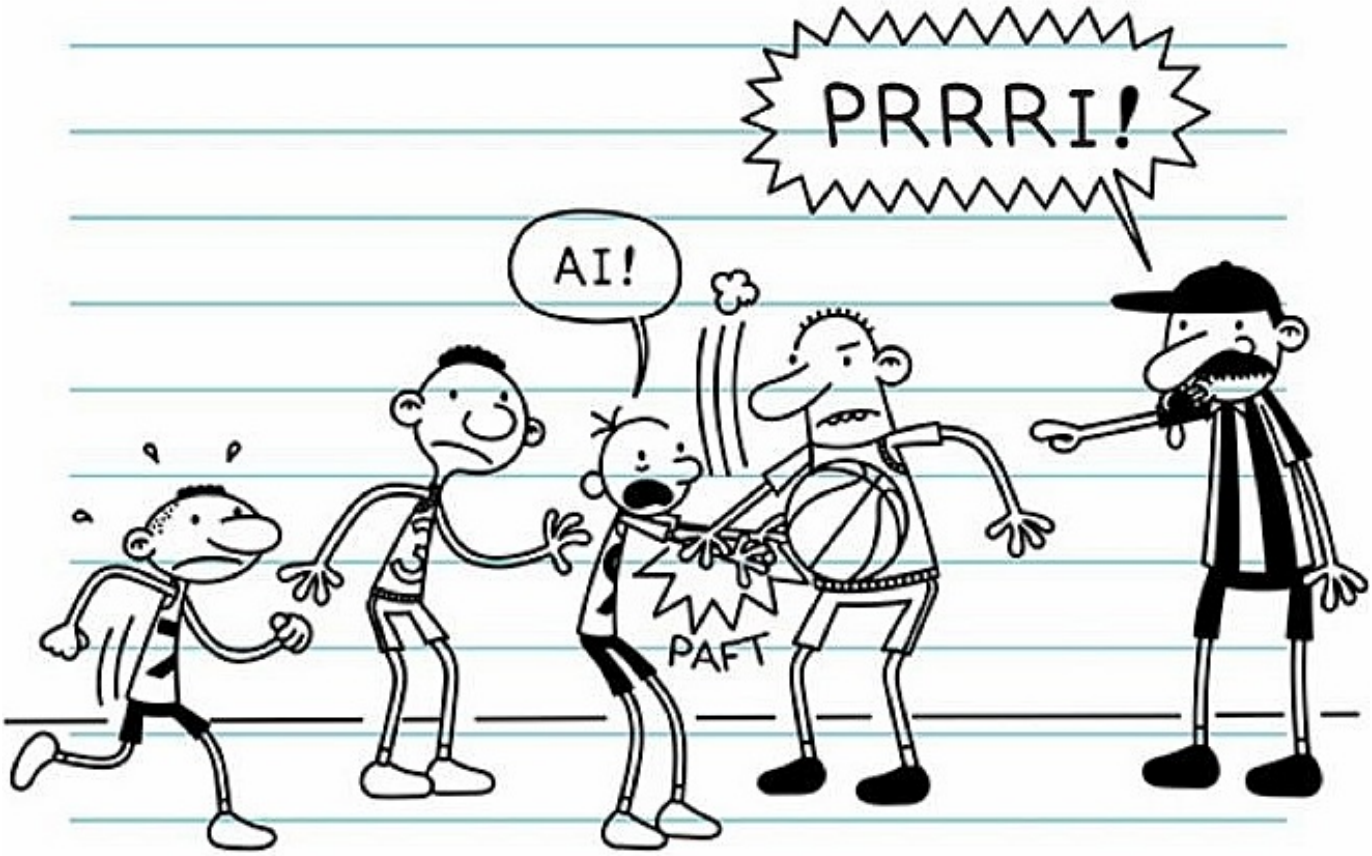
O treinador Patel falou pro nosso time fazer uma das jogadas que ele tinha ensinado. E, acredite se quiser, a coisa FUNCIONOU.

O placar ficou 52 a 2, e a torcida de Slacksville começou a se revoltar, porque eles queriam mesmo HUMILHAR a gente.

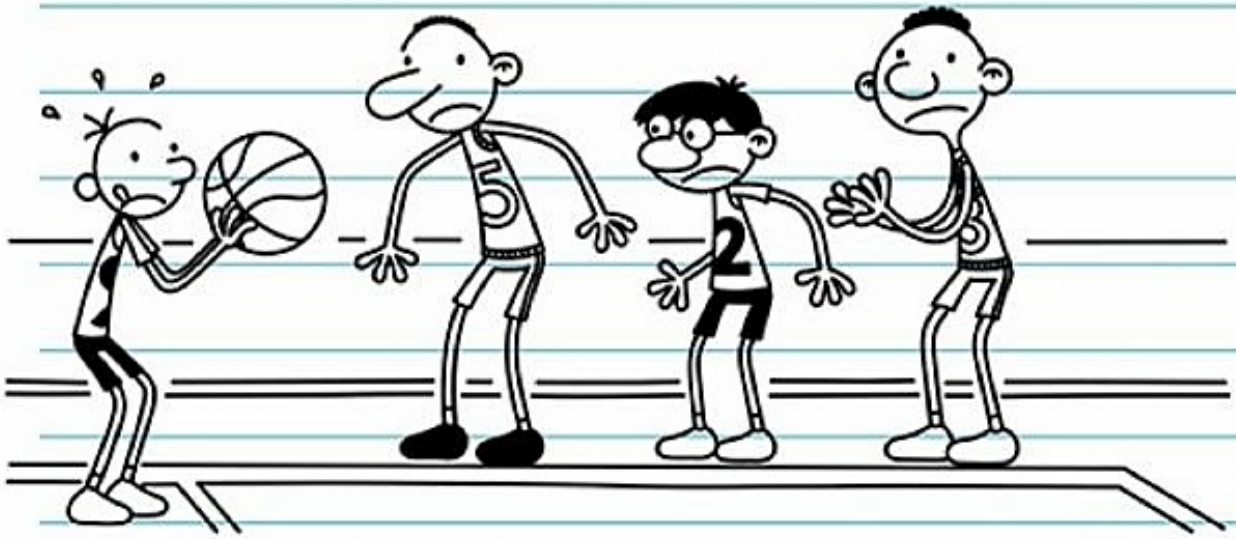
Então o treinador de Slacksville colocou os titulares de volta no jogo. Eles fizeram vinte e três pontos seguidos, e pelo jeito a gente não tinha o que fazer a não ser aceitar a surra.

Eu não entendia nenhuma das jogadas do treinador Patel, então fiquei correndo pela quadra, fingindo que sabia o que estava fazendo. Mas aí o Kevin ficou preso em uma marcação dupla e passou a bola pra MIM.

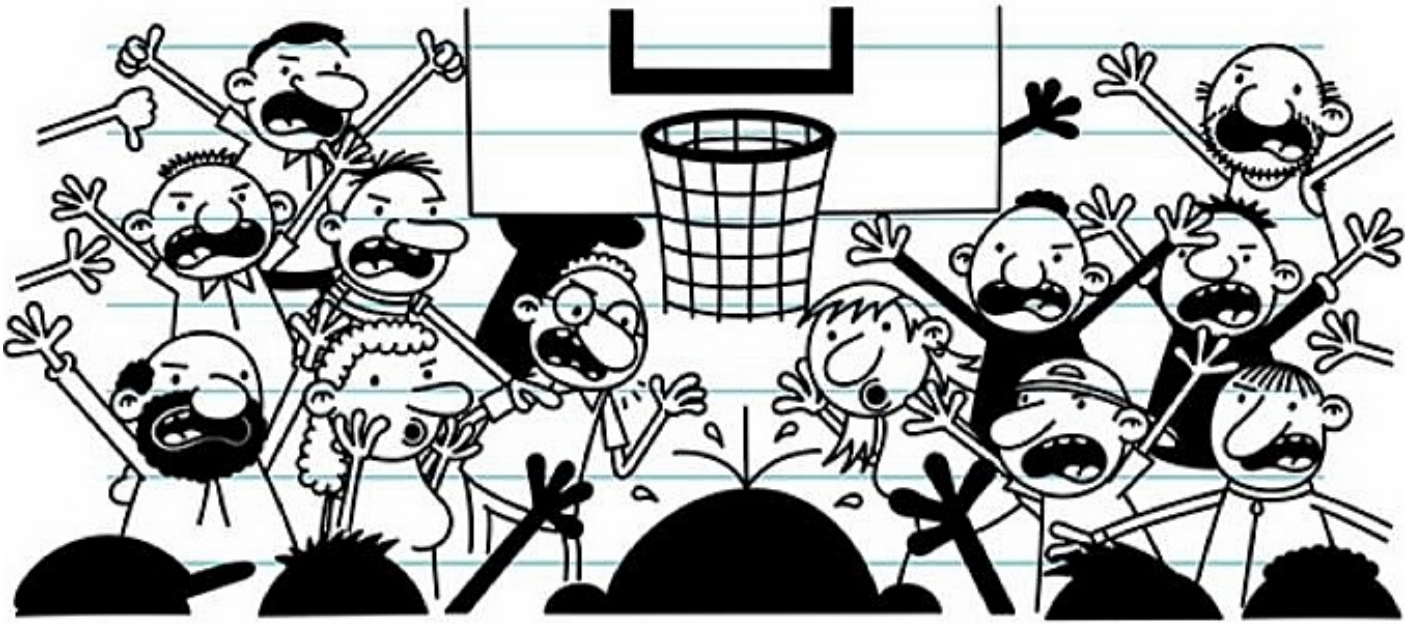
Não sabia o que FAZER, então tentei arremessar a bola pra me LIVRAR dela. Mas um jogador de Slacksville bateu no meu braço, e o juiz marcou falta.



O juiz me colocou na linha de lance livre e me deu a bola. Queria muito me lembrar o que o treinador Patel explicou sobre a técnica de arremesso, porque os olhos de todos estavam em mim.



E a torcida de Slacksville não facilitava a minha CONCENTRAÇÃO.



Acho que os torcedores têm que fazer SILÊNCIO quando um jogador está prestes a arremessar um lance livre. Tentei pedir um pouco de respeito, mas não deu certo.

Meu arremesso saiu totalmente torto, e a torcida não perdoou. Pelo menos o pesadelo tinha ACABADO.

Aí o juiz me devolveu a bola e me mandou jogar DE NOVO. Pensei que ele estivesse só sendo legal, me dando mais uma chance, mas, na real, quando você sofre falta num arremesso, pode cobrar DOIS lances livres.

Não queria errar MAIS uma vez, então pensei em tentar de costas, pra pelo menos ter uma CHANCE de acertar. Como não queria irritar o treinador Patel, decidi arriscar um arremesso lavadeira, que é quando se lança a bola de baixo pra cima.

Mas esse lance também não deu certo, e até as VOVÓS da plateia riram de mim.

Depois disso, eu estava pronto pra voltar pro meu lugar no banco. Então chamei meu substituto pro jogo, o que mais tarde descobri que um jogador não podia fazer.

Slacksville continuou liderando o placar, e quando fomos ver já estava 98 a 2. Daí eles fizeram uma cesta de três pontos e passaram pra 101. Mas o placar eletrônico só mostrava dois dígitos pra cada time, então, de repente, pareceu que a gente estava GANHANDO.

A gente começou a PIRAR no banco e isso irritou bastante a torcida adversária.

O tempo estava acabando, e o pessoal de Slacksville estava tentando avançar. Só que nosso time estava jogando com ORGULHO e se fechou na quadra de defesa.

Slacksville conseguiu passar na frente, e eles ainda fizeram uma cesta de bandeja. Quando o tempo acabou, já tinham DISPARADO de novo.

A única coisa que me deixou um pouco melhor foi que o sr. Mealy passou no lixão de Slacksville na volta pra jogar fora um colchão velho. A gente pode até não ganhar deles nos esportes, mas pelo menos nossa cidade não é FEDIDA.

Terça-feira

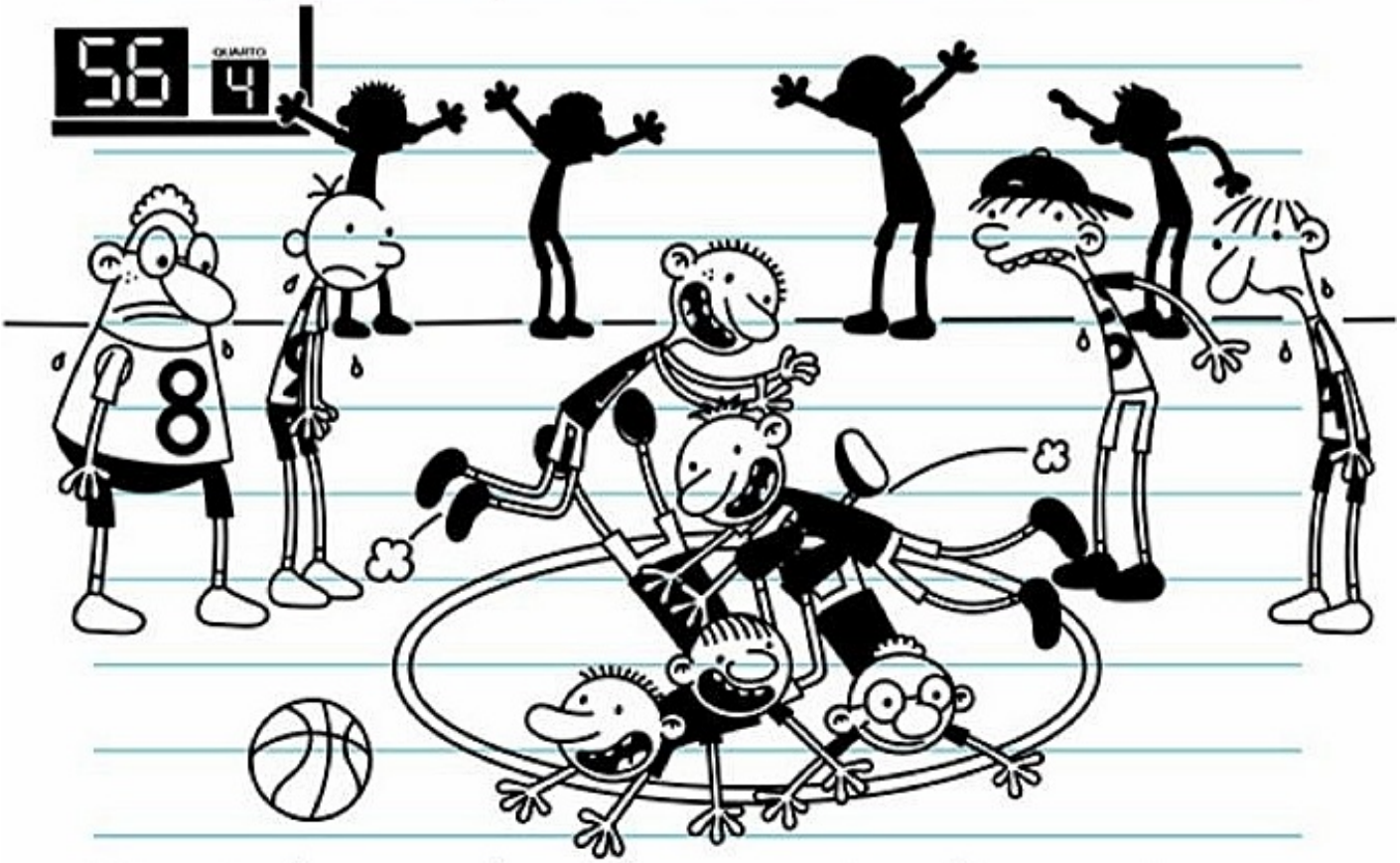
Queria poder dizer que, depois do jogo em Slacksville, nosso time melhorou e ganhou alguns jogos durante a temporada, mas não foi isso o que rolou. Na verdade, as coisas só foram piorando.

Depois do jogo em Slacksville, o sr. Marconi, da lanchonete, ligou pro sr. Patel dizendo que não queria mais patrocinar o time. Só que era tarde demais pra mandar fazer novos uniformes, então tivemos que usar fita isolante pra cobrir a logomarca.

E isso virou um problema, porque no jogo seguinte a fita isolante da camisa do Yusef acabou colando na cara de um garoto do outro time. E aí, quando a mãe dele foi tirar, acabou arrancando uma sobrancelha JUNTO.

Quando a gente ficava pra trás no placar, a mamãe falava pro treinador Patel o que ele podia tentar de diferente. Não sei se ele gostou dos conselhos dela.

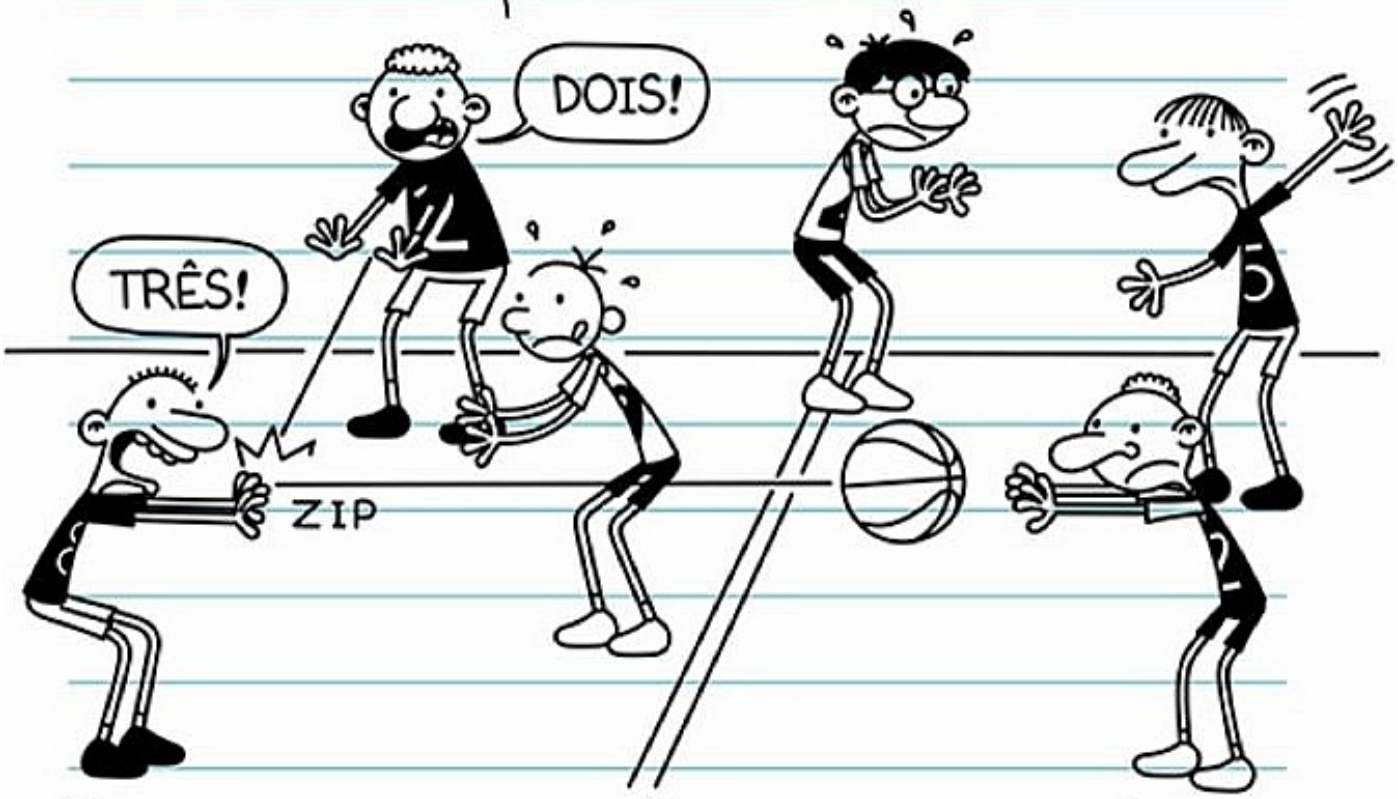
Em algum momento da temporada, os treinadores dos outros times começaram a sentir PENA da gente e passaram a escalar só os reservas. Mas isso não mudou em nada os RESULTADOS.



Os pais dos jogadores do nosso time foram reclamar com os organizadores da liga, dizendo que as derrotas estavam feias demais e que isso não era bom pra nossa autoestima. Então fizeram umas mudanças pra facilitar as coisas.

De acordo com as novas regras, se um time estivesse ganhando por vinte pontos ou mais, precisava trocar cinco passes antes de arremessar.

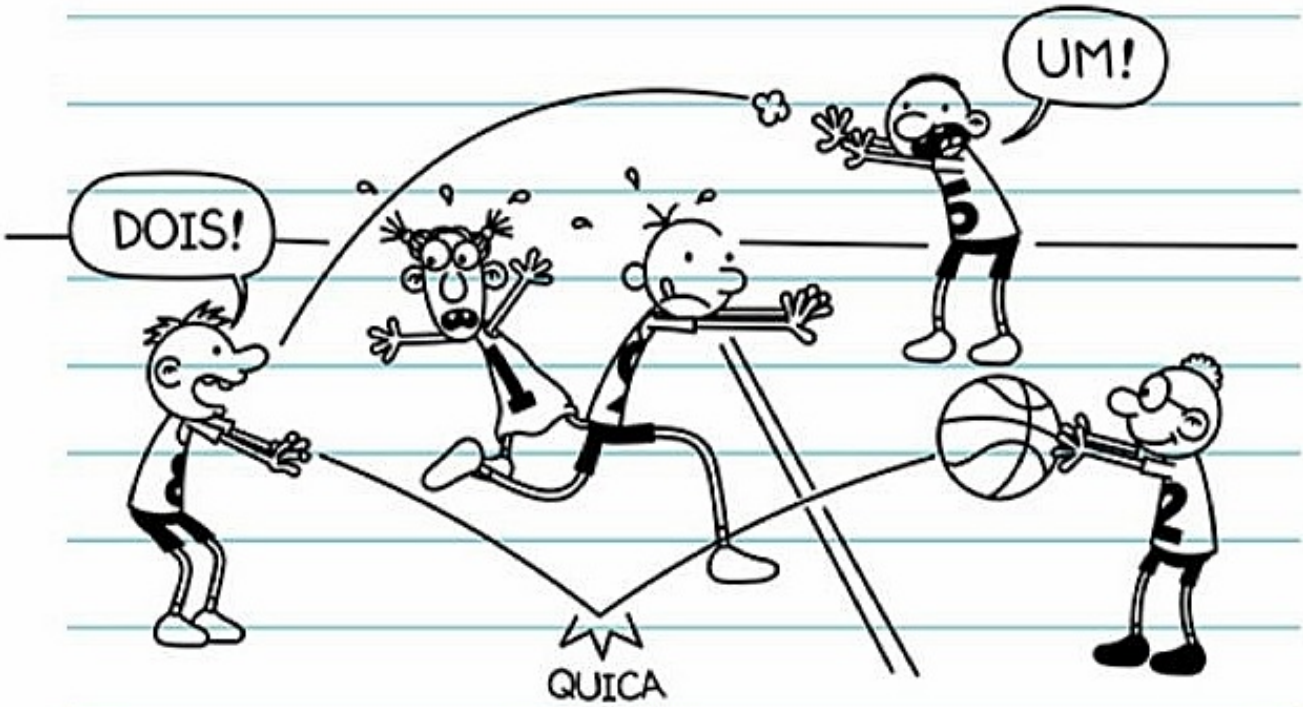
Isso ajudou a manter o placar mais baixo, mas era uma grande humilhação ouvir os jogadores dos outros times contarem os passes em VOZ ALTA.



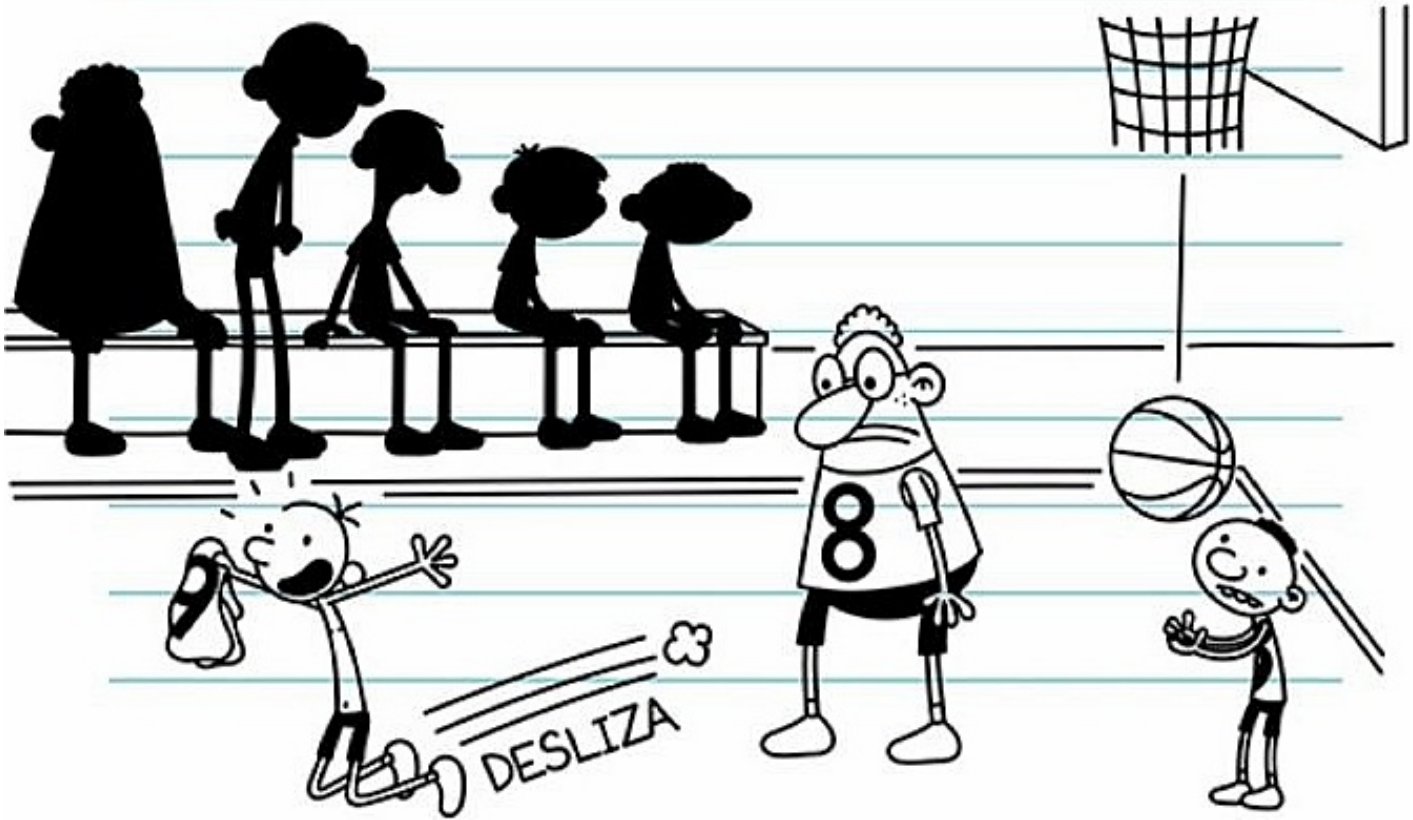
Daí os times passaram a fazer menos pontos de PROPÓSITO. Eles também começaram a experimentar um monte de coisas diferentes, tipo driblar só com a mão esquerda e arremessar de olhos fechados.

Mas o placar CONTINUAVA desequilibrado, então, lá pelo meio da temporada, a liga resolveu tomar uma atitude mais drástica. Num fim de semana, colocaram a gente pra enfrentar um time de uma faixa etária abaixo da nossa e, na semana seguinte, um outro de crianças AINDA menores.

E nada melhor do que levar uma surra de um bando de crianças pra melhorar a nossa autoestima.



Eu só fiz uma cesta na temporada inteira, mas foi na tabela errada. Acho que o treinador Patel preferiu me deixar curtir o momento, porque nem me avisou.



No final, só a mamãe e alguns outros pais continuaram indo aos jogos. E a essa altura os JUÍZES não prestavam mais atenção.

Ficamos tão felizes quando a temporada acabou que demos um banho da vitória no treinador Patel, como os times fazem quando são campeões Só espero que ele tenha tomado um BOM banho em casa depois, porque o cooler estava cheio de SUOR.

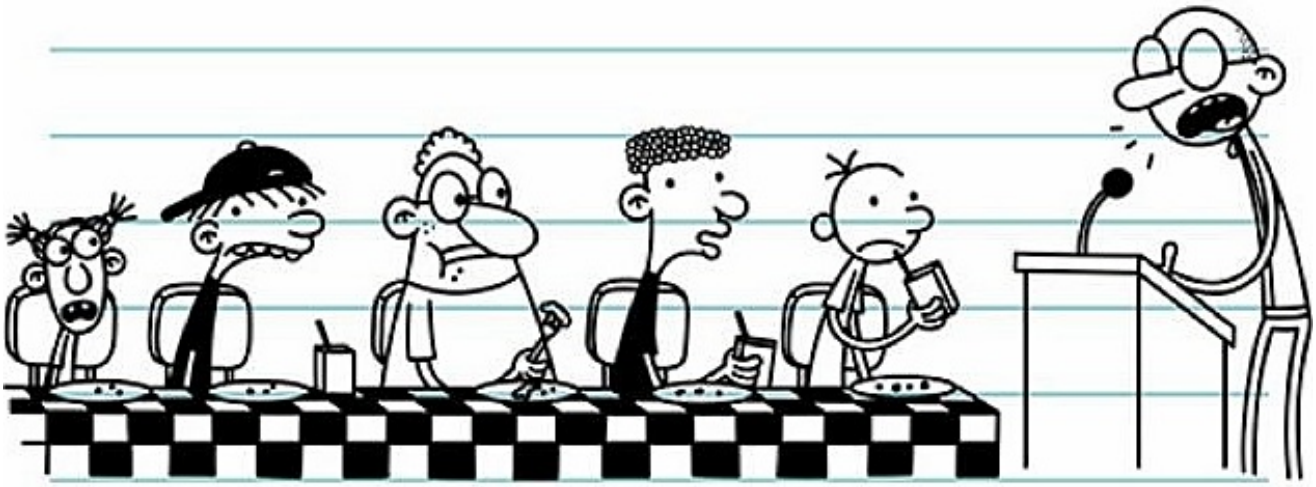
Depois do nosso último jogo, fizemos um jantar de despedida na lanchonete Marconi's. O sr. Marconi só topou receber a gente porque ainda não podia reabrir oficialmente e estava precisando de dinheiro. Por via das dúvidas, decidi ficar longe de qualquer coisa que tivesse maionese.

O treinador Patel entregou prêmios pra cada um de nós. Mas, como ninguém fez nada de BOM na temporada, ele precisou ser criativo.

Depois que comemos bolo, o treinador Patel fez um discurso. Ele disse que, apesar de a gente não ter ganhado nenhum jogo, ele estava orgulhoso por todos terem se esforçado ao máximo e não desistido.

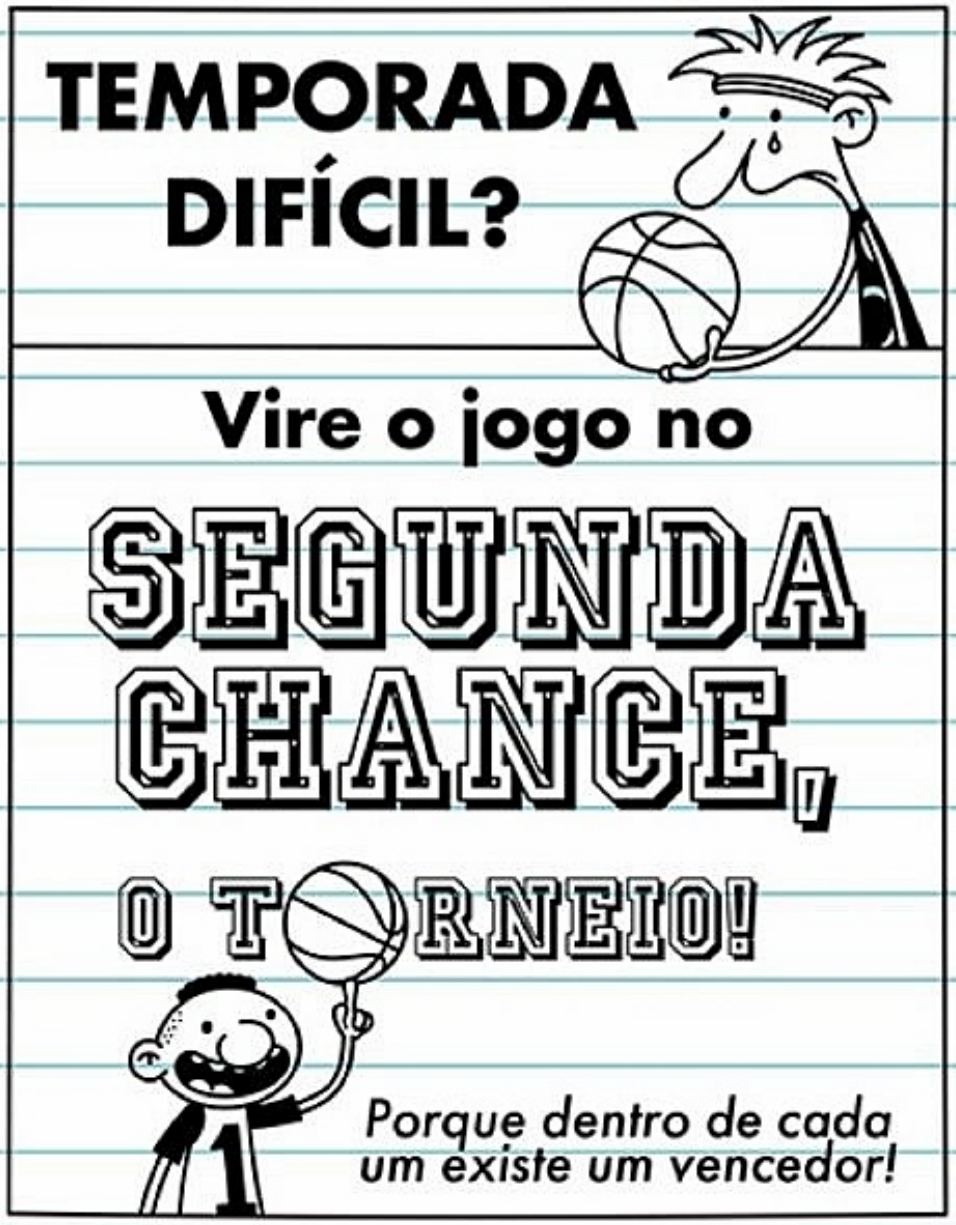
E ainda disse que provavelmente ninguém do time viraria jogador profissional, mas que existia um MONTE de outras carreiras legais no mundo, como contabilidade, web design e manipulação de fantoches.

Não foi tão inspirador quanto seus outros discursos, mas acho que também não dá pra acertar sempre.



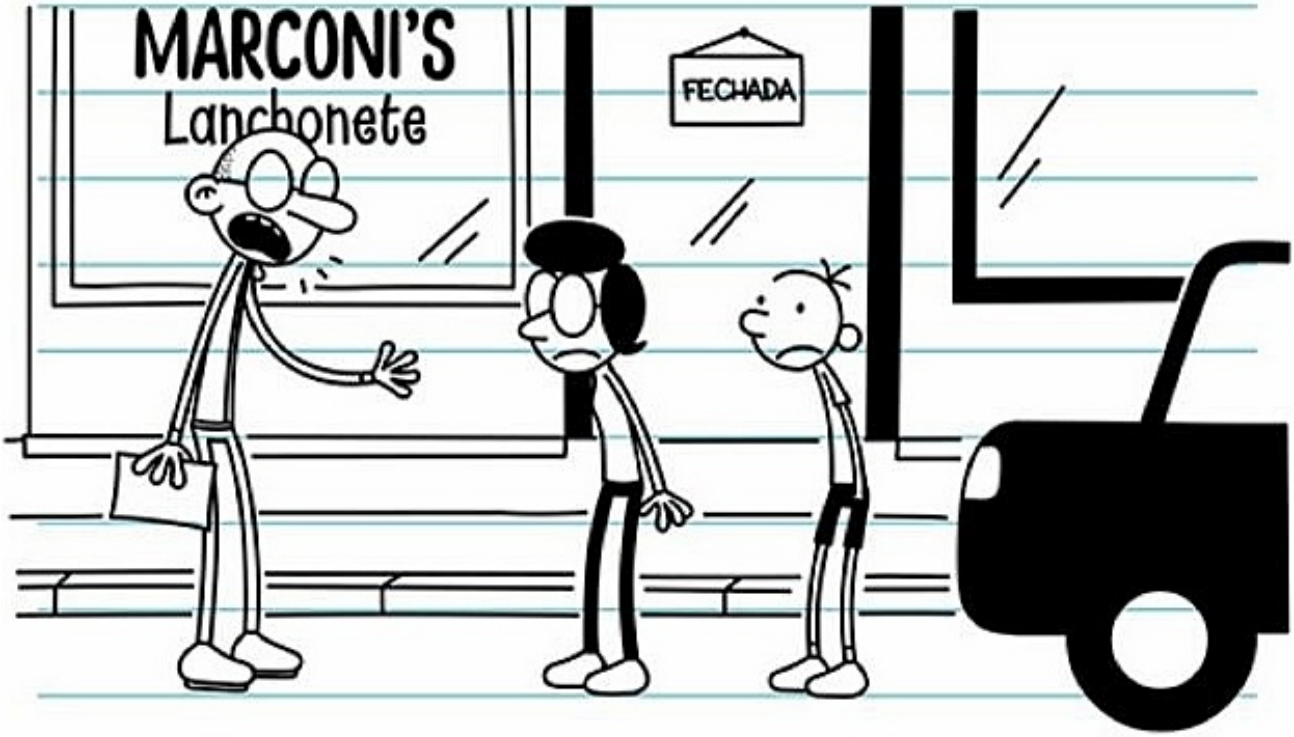
Estava feliz porque a temporada tinha ACABADO, e finalmente ia poder retomar minha rotina. Tinha certeza de que meus colegas estavam pensando a mesma coisa. Mas, se existe uma pessoa que sabe ser insistente, é a MAMÃE.

Quando o sr. Patel estava entrando no carro pra ir embora, a mamãe falou que existia um torneio estadual pra times que não ganharam nenhum jogo durante a temporada. Depois mostrou um folheto da internet.



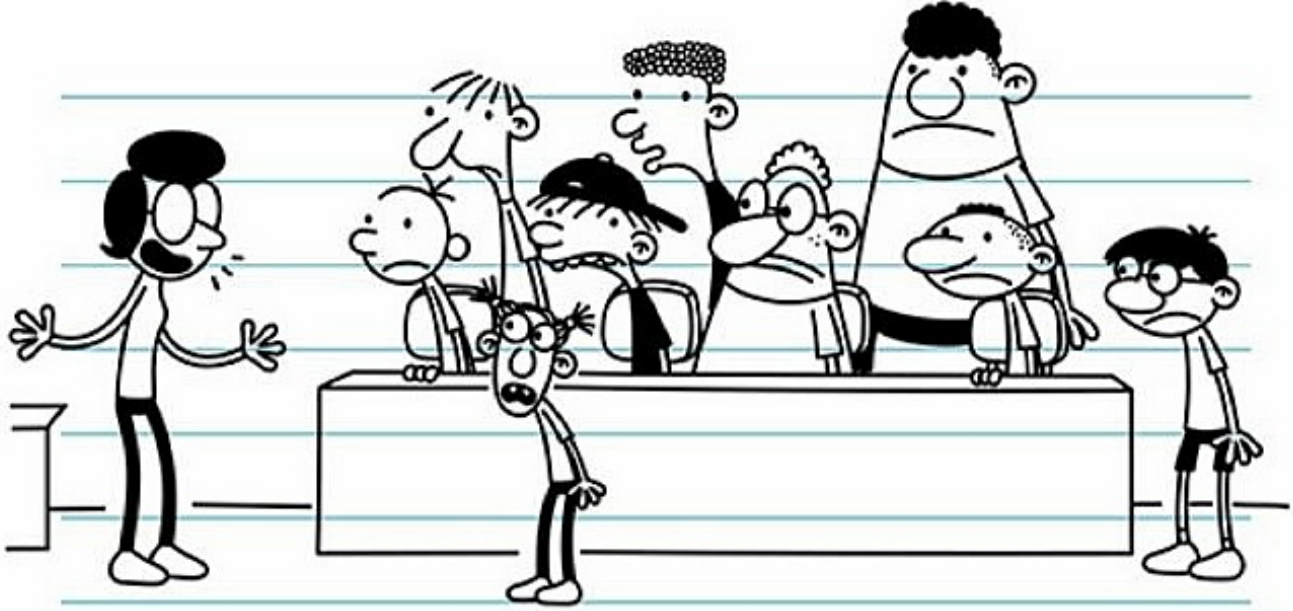
Eu gostaria muito que ela tivesse falado comigo PRIMEIRO, porque a última coisa que eu queria era CONTINUAR jogando basquete. Mas, por sorte, o sr. Patel tinha a mesma opinião que eu.

O sr. Patel falou pra mamãe que o nosso time não tinha jeito e que não estava a fim de deixar a gente se humilhar ainda mais. E, apesar de ter sido uma resposta dura, ela nem discutiu.

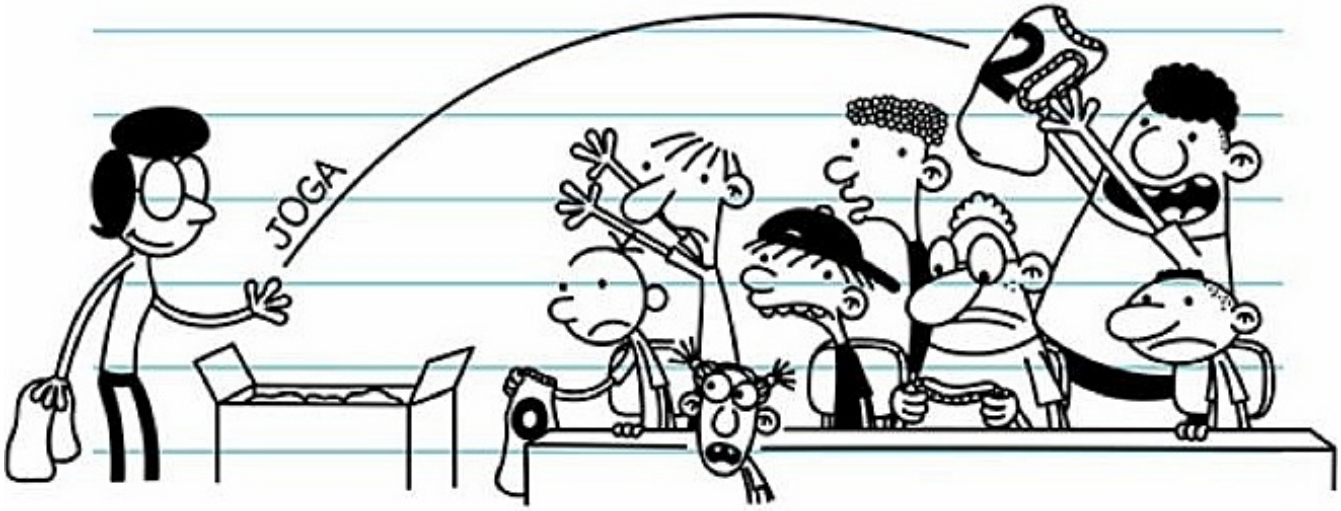


Uma semana depois, a mamãe convidou o time todo pra vir aqui em casa. Pensei que fosse uma festa pra comemorar o fim da temporada, com pizza e talvez um filminho, mas o lance dela era OUTRO.

Quando todo mundo chegou, ela falou que tinha um anúncio a fazer. A mamãe contou que ia inscrever a gente no Segunda Chance e que ELA seria a nossa treinadora.



Aí ela falou que no novo torneio a gente ia começar do zero, como um novo time, e começou a distribuir os uniformes.



Todo mundo ficou empolgado, porque aqueles uniformes pareciam bem CAROS. As camisas tinham bordados azuis e dourados ao redor da gola, com o nome de cada jogador escrito nas costas. Como não tinha nenhum patrocinador, acho que a mamãe pagou tudo do próprio bolso.

Na frente do uniforme, tinha o desenho de um cachorro, daqueles que puxam trenó no Alasca. A mamãe disse que o nome do nosso time ia ser Huskies, que nem o time de basquete dela da época do Ensino Fundamental II.

Estava na cara que ela queria reviver seus bons tempos através da GENTE, mas nem liguei. Porque, como disse, os uniformes eram IRADOS.

Ela falou que dessa vez a gente ia fazer parte de um time VENCEDOR. E isso soava melhor do que ser contador ou manipulador de fantoches.

Quinta-feira

Falta menos de uma semana pro torneio, então nosso time não vai ter muito tempo pra se preparar. Mas, depois do nosso primeiro treino, eu meio que fiquei CONTENTE por isso.

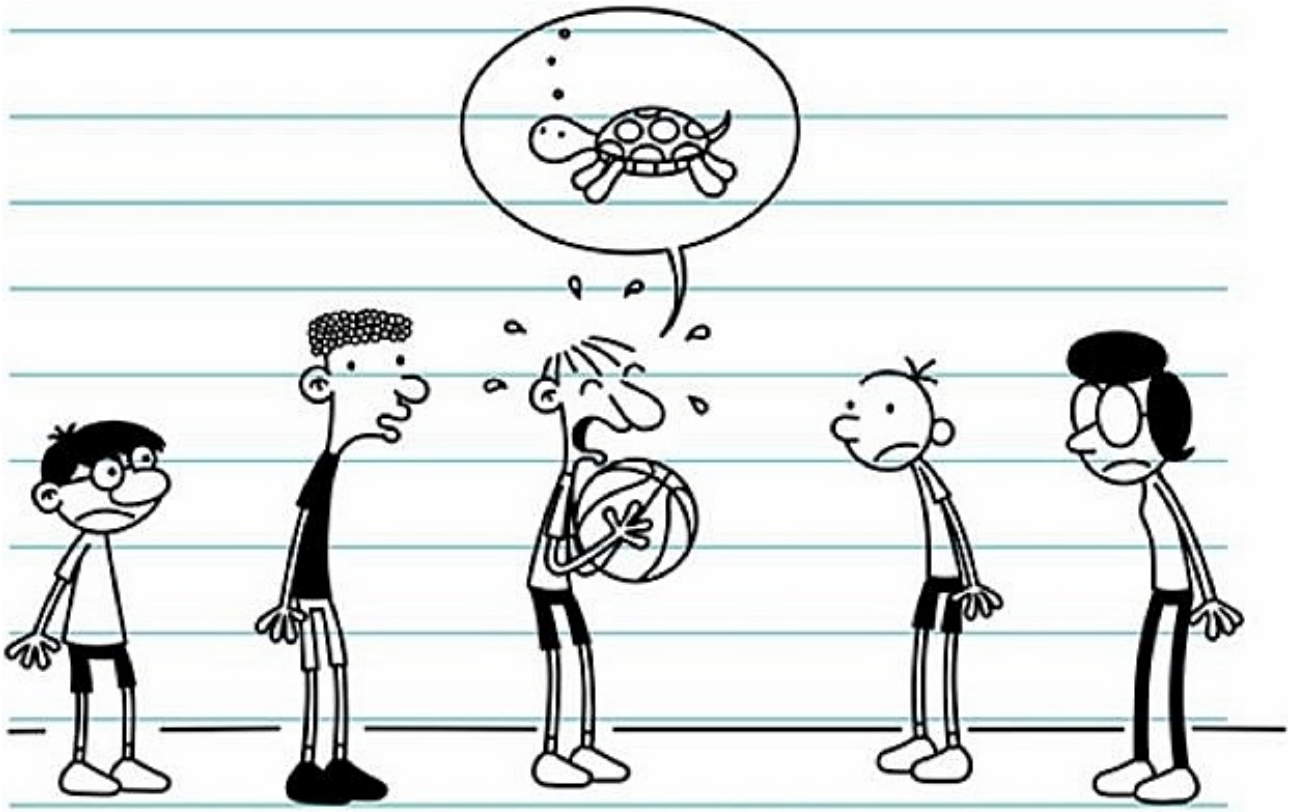
O estilo da mamãe é bem diferente do jeito do sr. Patel. Em vez de focarmos no basquete, a gente fez um monte daqueles exercícios pra fortalecer o espírito coletivo.

Só espero que ela saiba o que está fazendo, porque não vejo como esse tipo de coisa pode nos ajudar a ganhar.

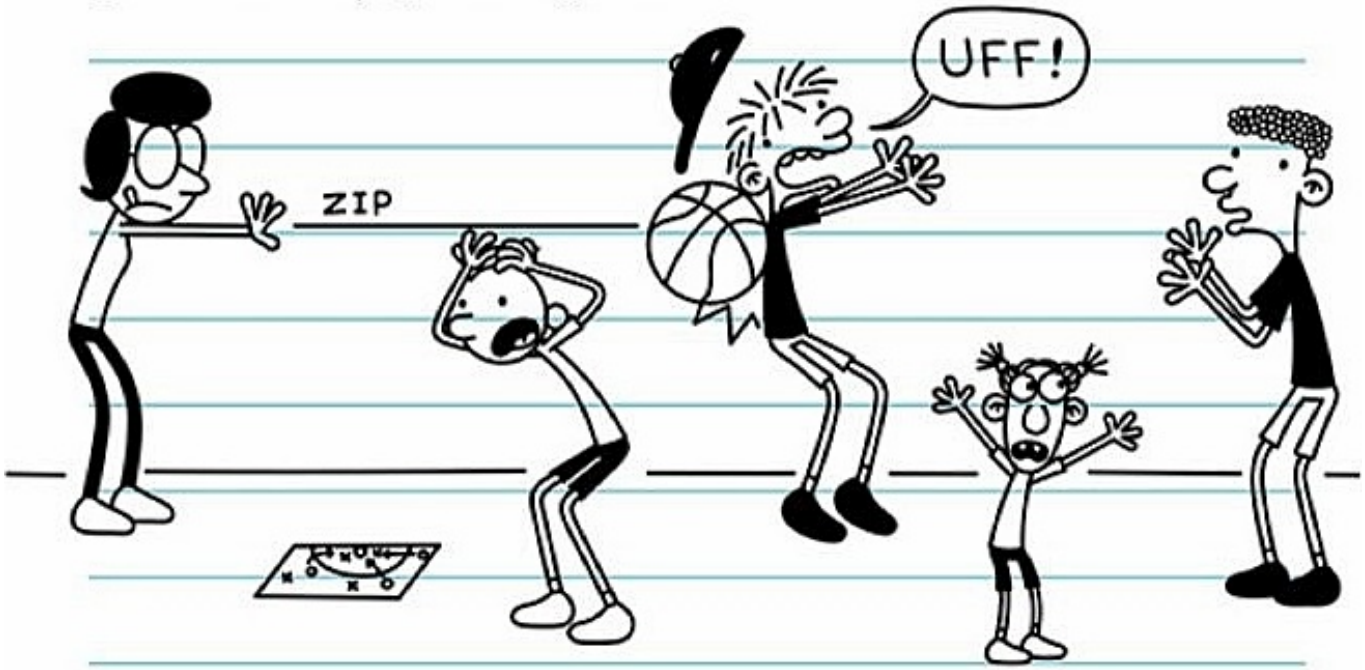
Um dos exercícios servia para fazer os jogadores se conhecerem melhor. A gente fez uma roda, e todo mundo que pegava a bola precisava contar alguma coisa sobre sua vida. Quando chegou a minha vez, eu disse que gostava de sorvete de menta com chocolate.

Mas, quando o Edward Mealy pegou a bola, ele finalmente resolveu FALAR. Ele contou que tinha uma madrasta muito brava e que ela não gostava da tartaruga que ele ganhou de aniversário.

Ele falou tanto que a mamãe precisou tirar a bola dele e passar pra outra pessoa.



Depois disso, jogamos um pouco. A mamãe tentou ensinar umas jogadas que o time dela usou no ano em que chegou à final do campeonato estadual, mas a gente não pegava o jeito.



Não achava um problema a nossa equipe ser tão RUIM. Já vi um monte de filmes sobre times que ninguém bota fé, mas que no final acabam ganhando com a união dos jogadores. E fiquei pensando que o NOSSO time também podia fazer isso.

Mas os jogadores desses times nunca veem a cor da grana, porque não são eles que estão contando a própria história. Então, se formos um desses times que inspiram filmes, vou ser o cara que vai FATURAR com isso.

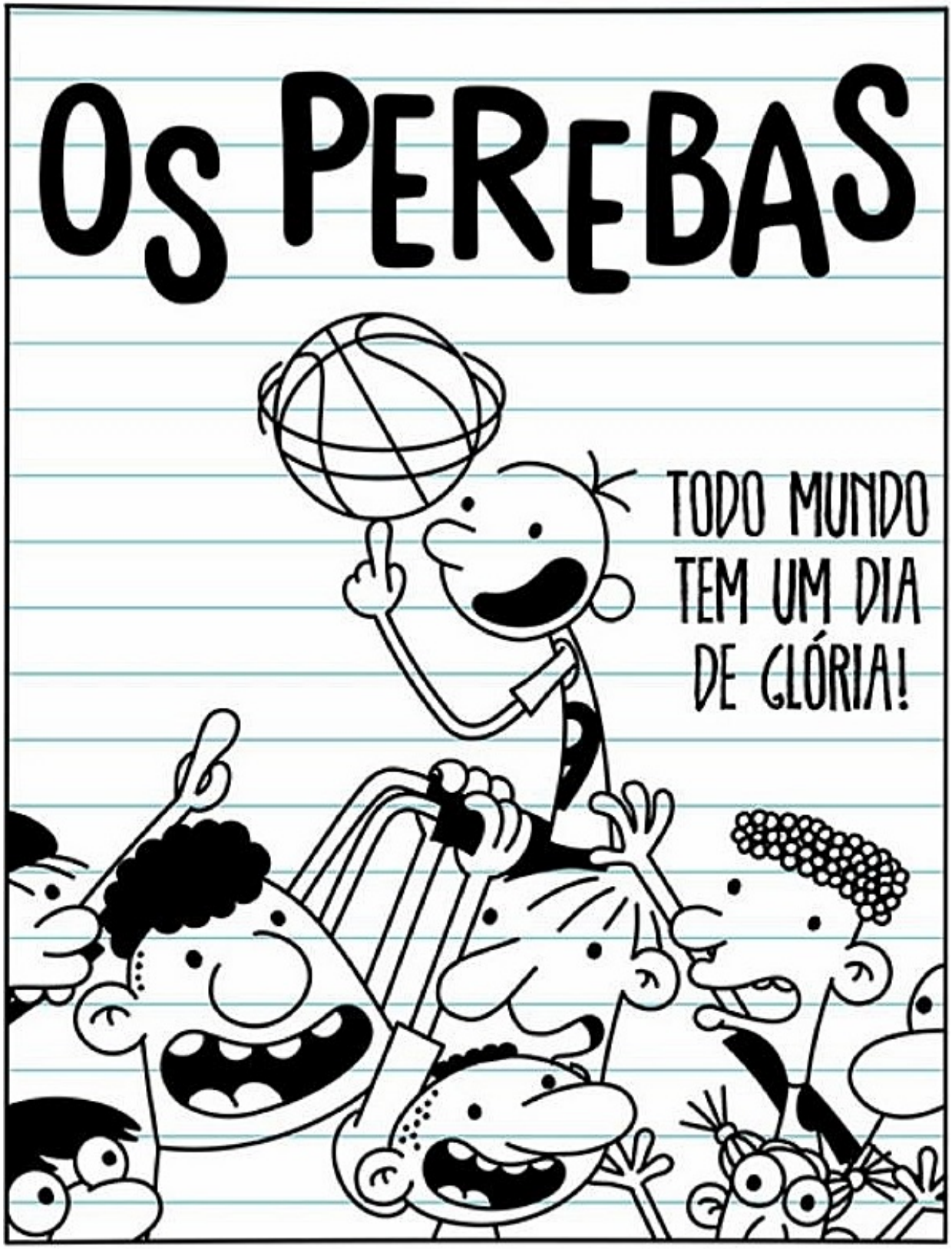
Daí antes do treino de hoje fiz um documento pros meus colegas assinarem.

Eu _____ autorizo Greg Heffley a explorar minha imagem e minha história em um filme ou uma série televisiva e em todos os produtos derivados, em todo o universo e para sempre.

_____
ASSINE AQUI

A única pessoa que implicou foi o Yusef, que falou que ia ter que pedir permissão pros pais antes de assinar. Mas aí prometi dar meu lanche dos próximos três dias, e ele topou na hora.

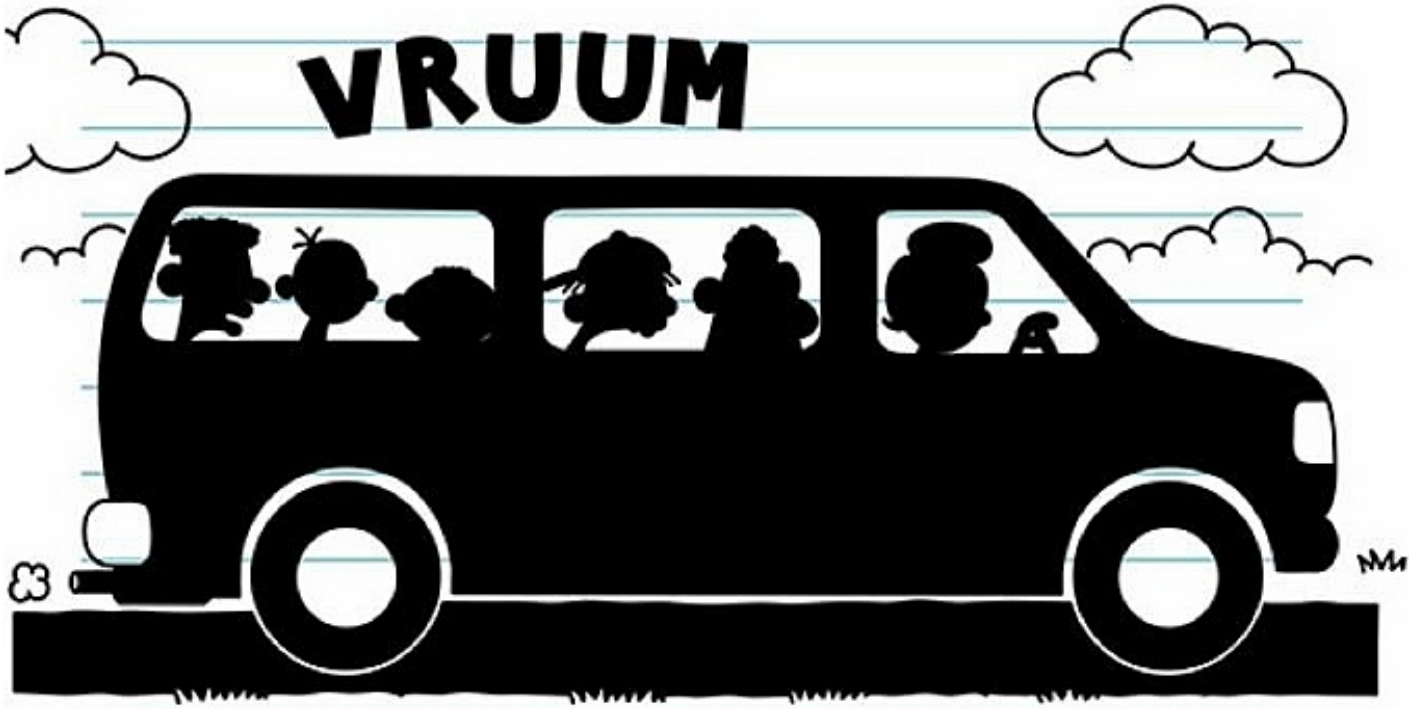
Só o que preciso AGORA é que o time ganhe o torneio, pra eu poder vender os direitos da história pra uma produtora que faça filmes motivacionais. Já consigo até imaginar o cartaz.



Domingo

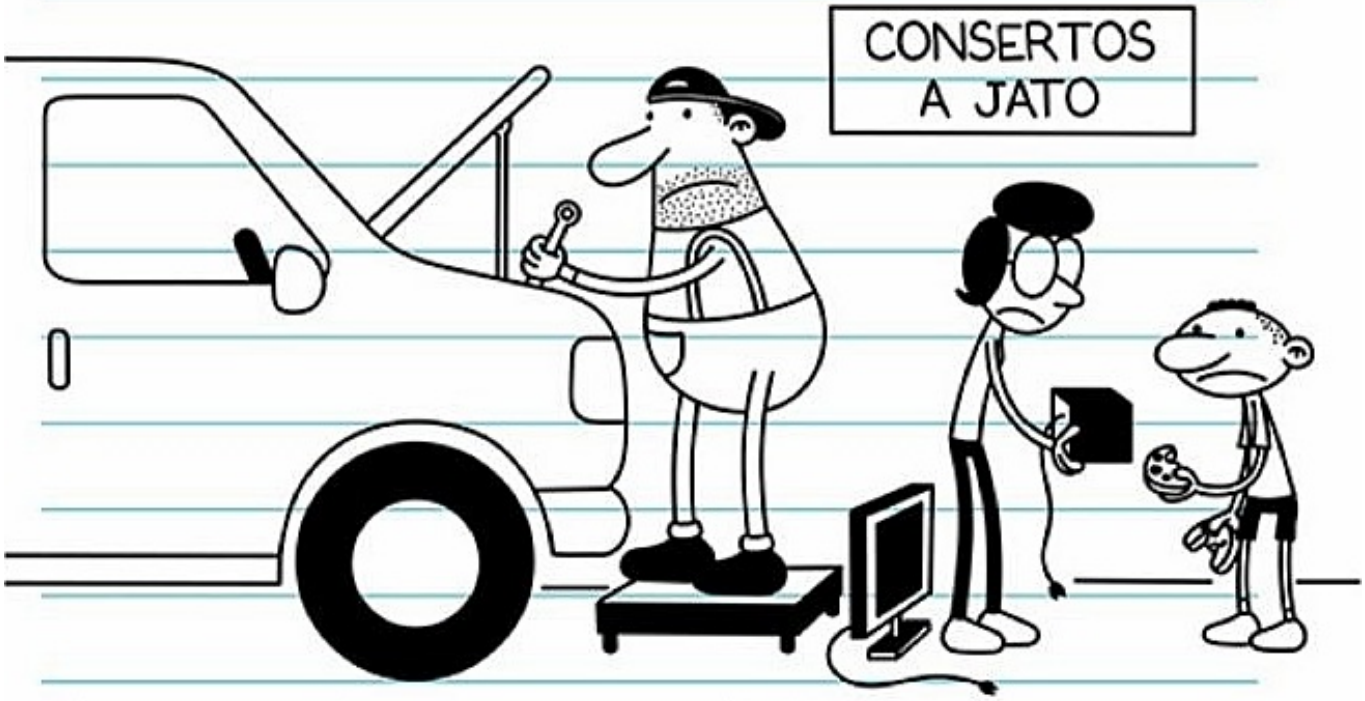
O Segunda Chance era do outro lado do estado. Acho que a maioria dos pais dos jogadores do meu time estava meio de saco cheio de basquete, porque ninguém quis fazer essa viagem.

Então, ontem, a mamãe alugou uma van bem grandona pra levar todo mundo. Ela disse que o nosso time podia ter que jogar nos dois dias, então era pra gente levar roupas pra dormir lá se fosse preciso.



Teve um pessoal que levou roupas DEMAIS pra uma noite só. Yusef levou dois pães de forma e um monte de coisas pra fazer sanduíches, além de uma mochila cheia de passas com chocolate.

Jabari levou o videogame e um monitor de computador pra poder jogar na viagem. Mas acho que isso acabou sobrecarregando a bateria da van, porque a gente precisou parar em uma oficina pra consertar o sistema elétrico do carro.



Tivemos que fazer outra parada depois, porque o Yusef precisou ir ao banheiro depois de comer metade das passas com chocolate sozinho. E, mesmo saindo duas horas mais cedo, quase não chegamos a tempo pro torneio.

Como era uma competição grande, pensei que seria num campus universitário ou num centro de convenções ou coisa do tipo.

Fiquei bem decepcionado quando a gente estacionou na frente de um presídio desativado que vai ser demolido no ano que vem.

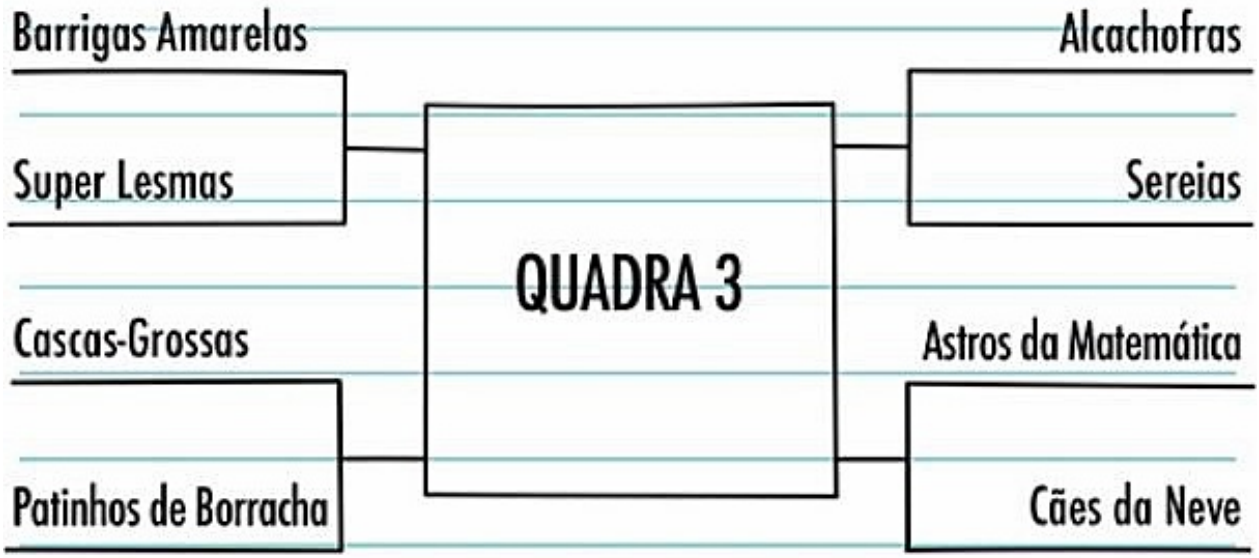
Mas acho que é isso o que acontece quando o seu time é um dos piores do estado.

Quando a mamãe foi fazer a nossa inscrição, ouviu uma má notícia. Já tinha um time chamado Huskies no torneio, então ela teve que inventar outro NOME. Acho que ela estava estressada por causa do atraso, porque escreveu a primeira coisa que passou na cabeça.

SEGUNDA CHANCE,
O TORNEIO
FORMULÁRIO DE REGISTRO

Nome do time: *Cães da Neve*

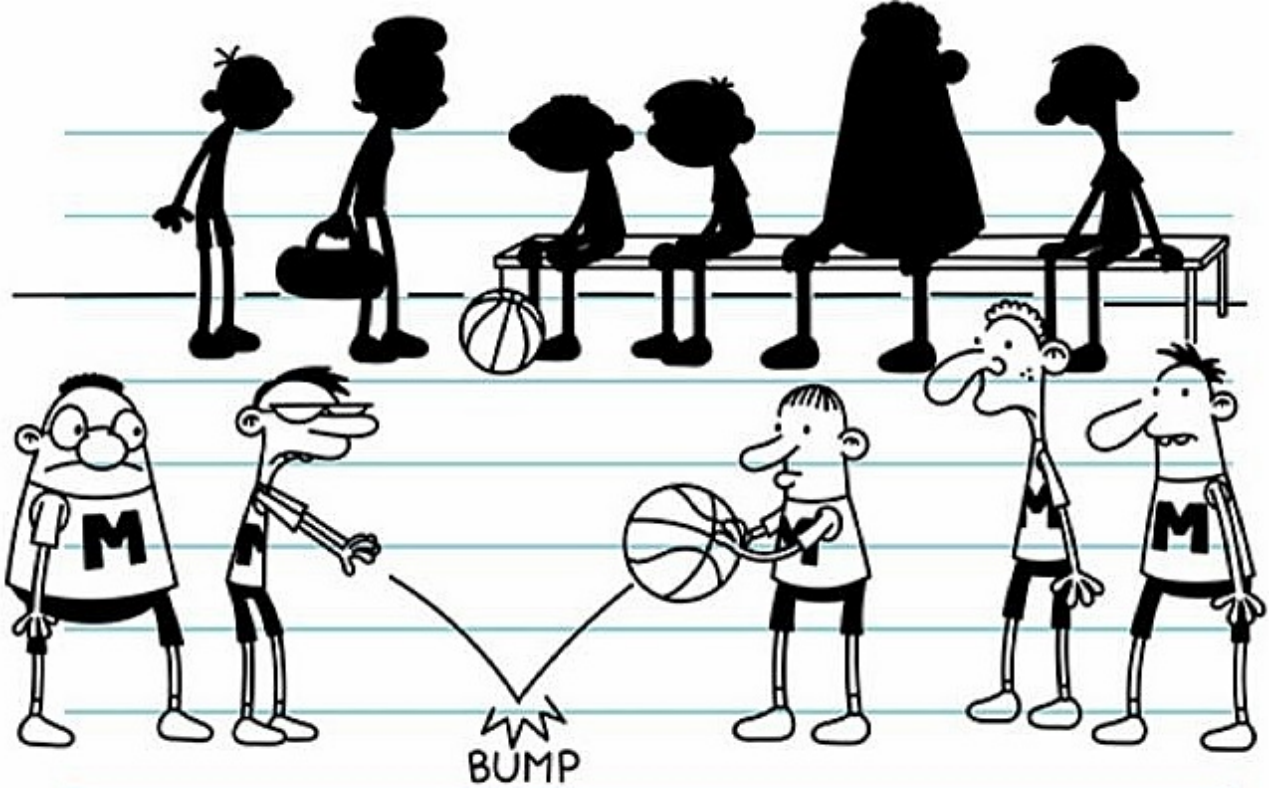
Mas, quando vi o nome dos OUTROS times que a gente ia enfrentar, achei que esse não era tão ruim assim.



Os jogos foram numa área aberta enorme que devia ser o refeitório da cadeia quando ela funcionava. Tinha até um cartaz com umas regras, que eu não sabia se eram pra GENTE ou pros prisioneiros.

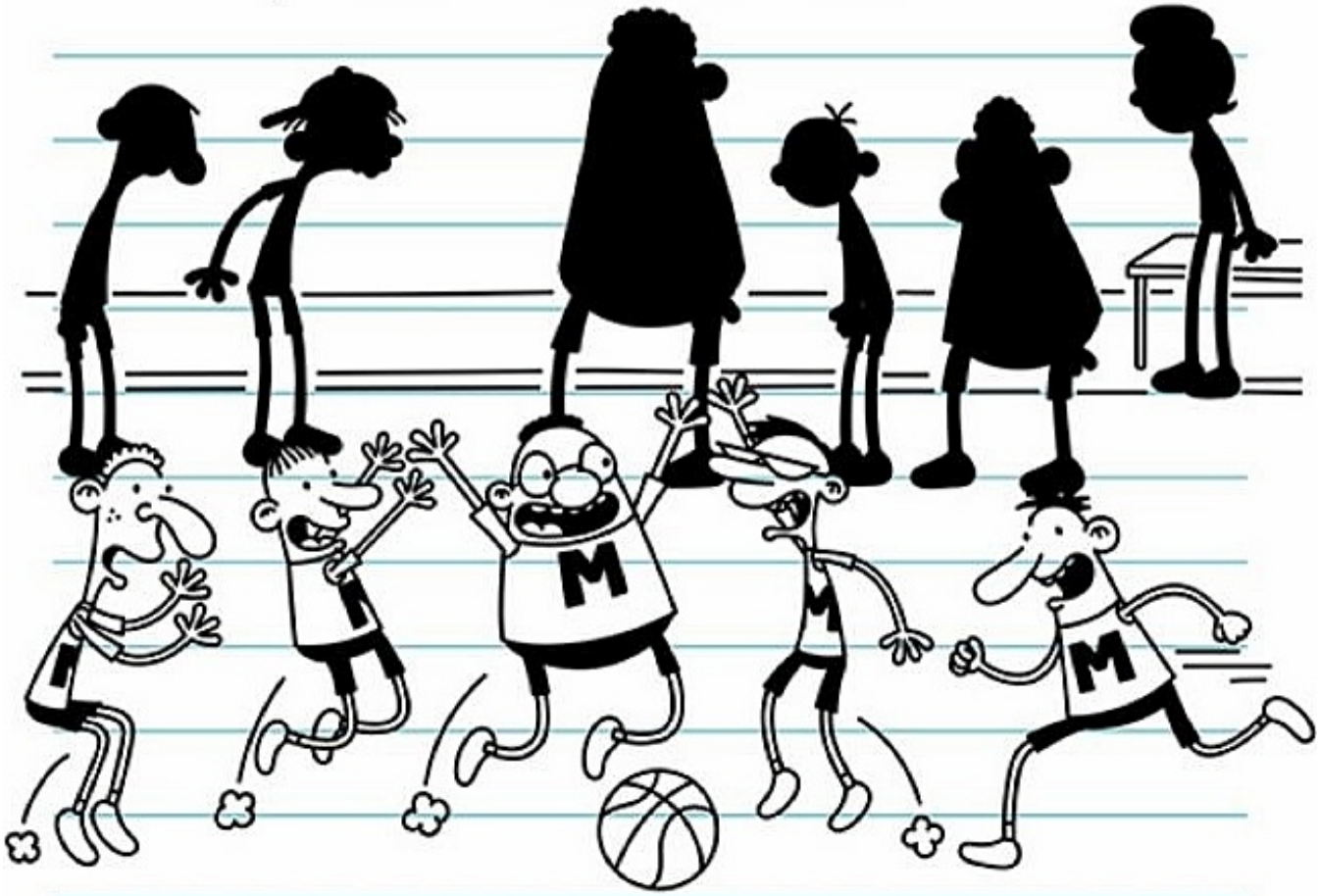
As quadras ficavam lado a lado, então não tinha espaço pra torcida. Mas tudo bem, porque pelo jeito NENHUM dos pais compareceriam ao torneio.

Nossos adversários já estavam se aquecendo na Quadra Três. Preciso admitir que fiquei um pouco aliviado por enfrentar os Astros da Matemática na primeira rodada.



Só que não devia ter subestimado aqueles caras, porque eles compensavam a falta de habilidade com INTELIGÊNCIA.

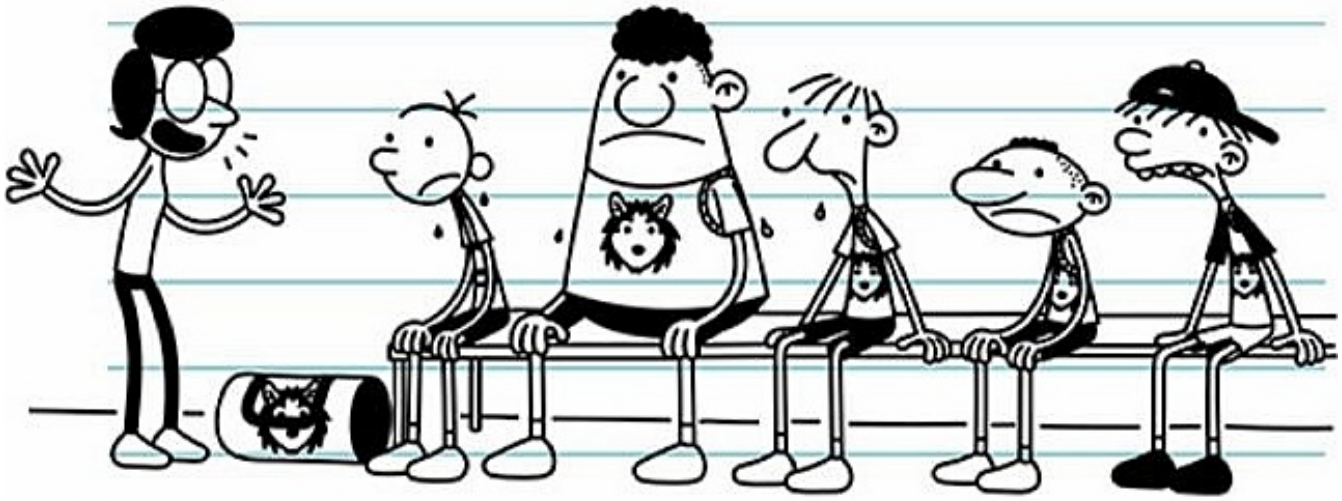
A defesa deles era uma porcaria, então a gente fez um monte de cestas também. Só não conseguimos parar o ATAQUE dos caras, e o placar final foi 37 a 30 pros Astros da Matemática.



O time ficou bem desanimado, porque a gente sabia que aquela era nossa grande chance de enfim ganhar um jogo, e não rolou. Além disso, a gente se sentiu meio trouxa por ter levado malas pra passar a noite.

Só que aí a mamãe contou uma coisa surpreendente. Ela falou que, no Segunda Chance, todo mundo jogava até conseguir GANHAR.

Isso queria dizer que os Astros da Matemática iam pra casa, e a gente ia FICAR.

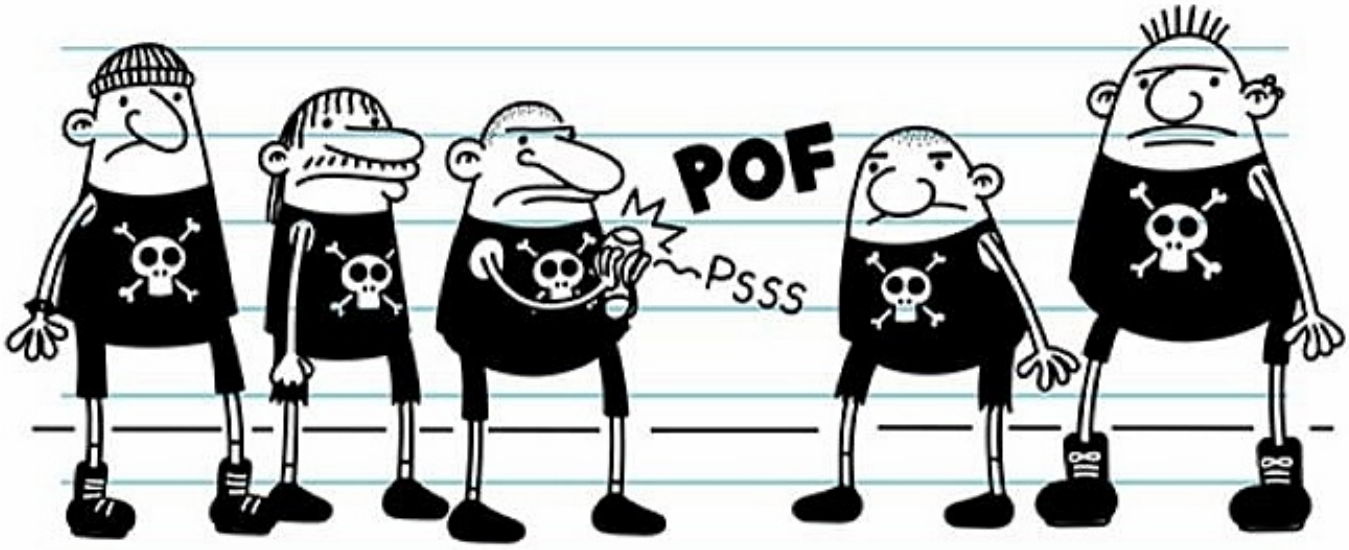


Bom, isso mudava TUDO. Na verdade, a gente estava PRESO naquele lugar até conseguir uma vitória. De repente, passou a fazer sentido a ideia de realizar o torneio numa PRISÃO.

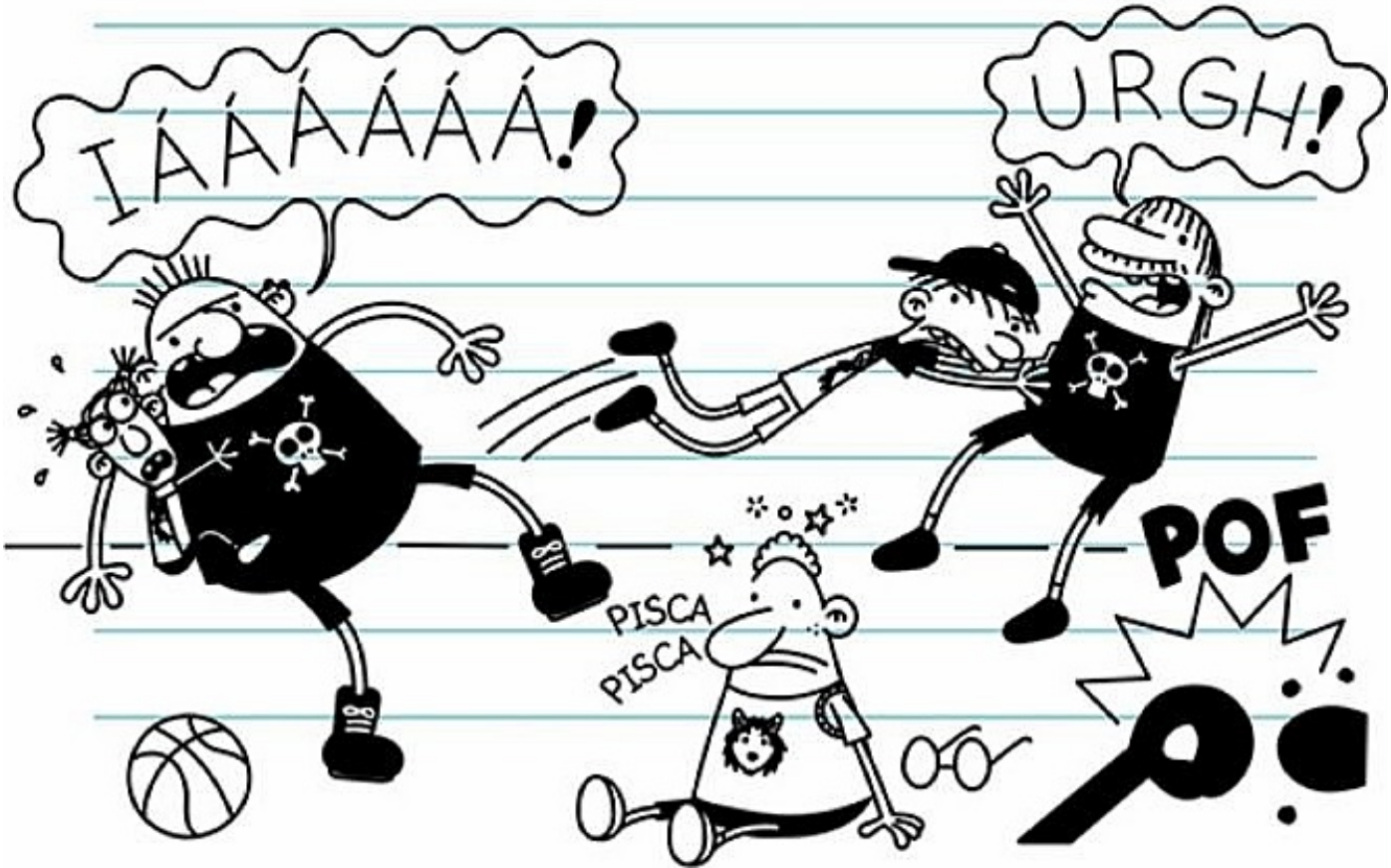
A mamãe foi conferir os resultados dos jogos da primeira rodada pra ver quem enfrentaríamos depois. O nome do time era Cascas-Grossas, o que era bem mais intimidador do que Astros da Matemática.

Daí ela explicou melhor a situação. Os Cascas-Grossas eram jogadores expulsos do torneio estadual por BRIGAR, então acho que o lance de "segunda chance" não se limitava só às VITÓRIAS.

Quando a gente bateu o olho naqueles caras, deu pra ver que era encrenca certa.



Ainda bem que a mamãe não me pôs de titular, porque o jogo foi uma guerra. Logo depois do tapinha inicial, um dos Cascas-Grossas derrubou o Kevin com uma braçada. Aí a Ruby pulou nas COSTAS do cara, e TODOS entraram na briga.



Acho que os juízes não queriam que sobrasse pra eles, então deixaram rolar. E tenho quase certeza de que não apitaram NENHUMA vez durante o jogo.

Como rolou mais porrada do que basquete, o jogo teve um placar bem baixo. Mas no fim os Cascas-Grossas levaram a melhor, ganhando por 6 a 5.

O time estava exausto depois de jogar duas partidas na sequência, e ainda tinha mais jogo pela frente. A gente ia pegar o Mestres do Palco na terceira rodada, e os jogadores deles também pareciam cansados.

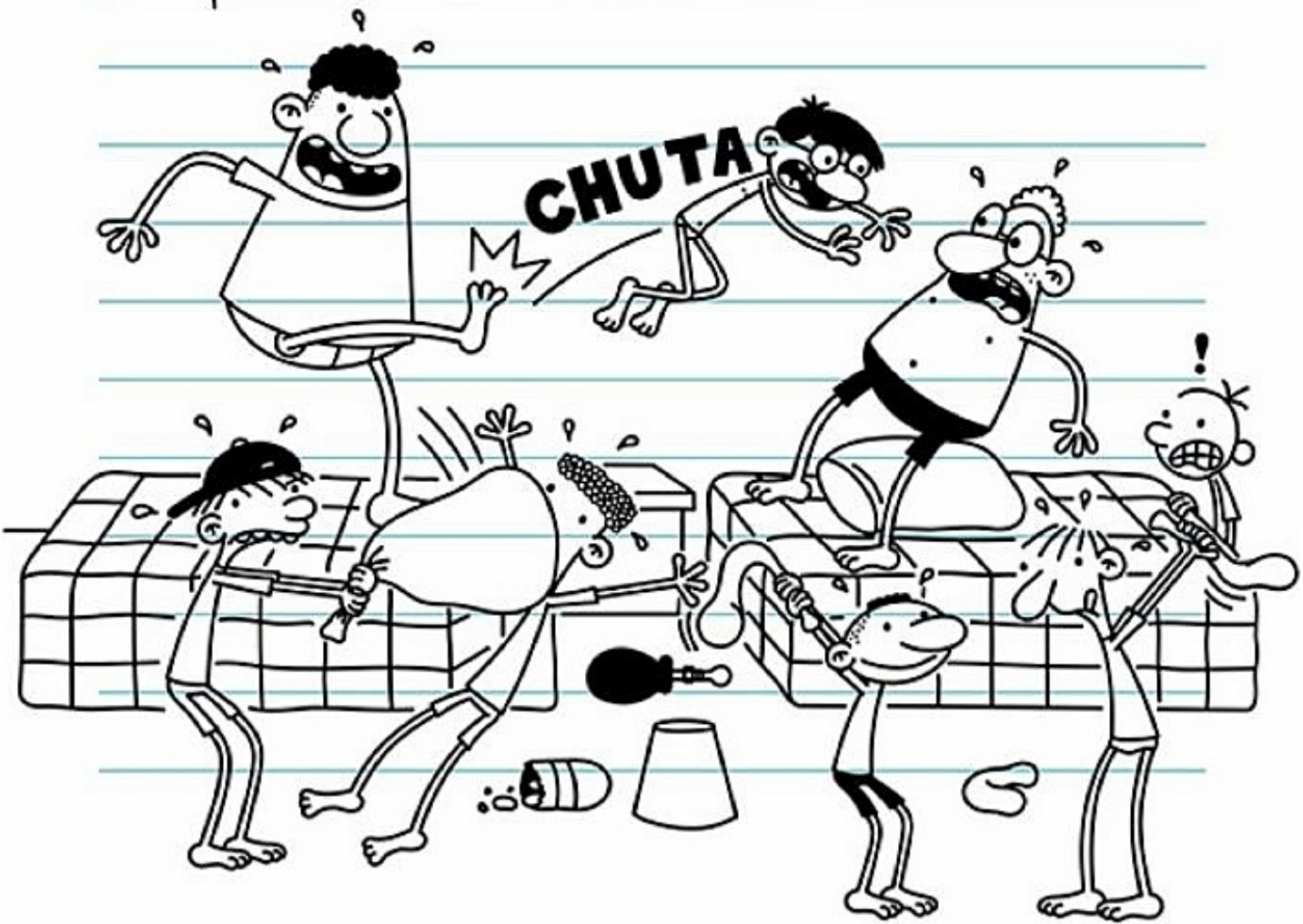
Só entendi qual era a deles quando o jogo começou. Eles deviam fazer parte de algum grupo de teatro escolar, porque eram todos ótimos ATORES.

Toda vez que um de nós chegava PERTO de um deles, eles se jogavam no chão e fingiam estar machucados. Então, apesar de ninguém ter encostado neles, tivemos quinze faltas marcadas contra nós no primeiro quarto.

O time deles marcou quase todos os pontos com lances livres, e a gente acabou perdendo por 33 a 17. Se fosse preciso encarar mais um jogo depois daquele, acho que a gente não ia conseguir.

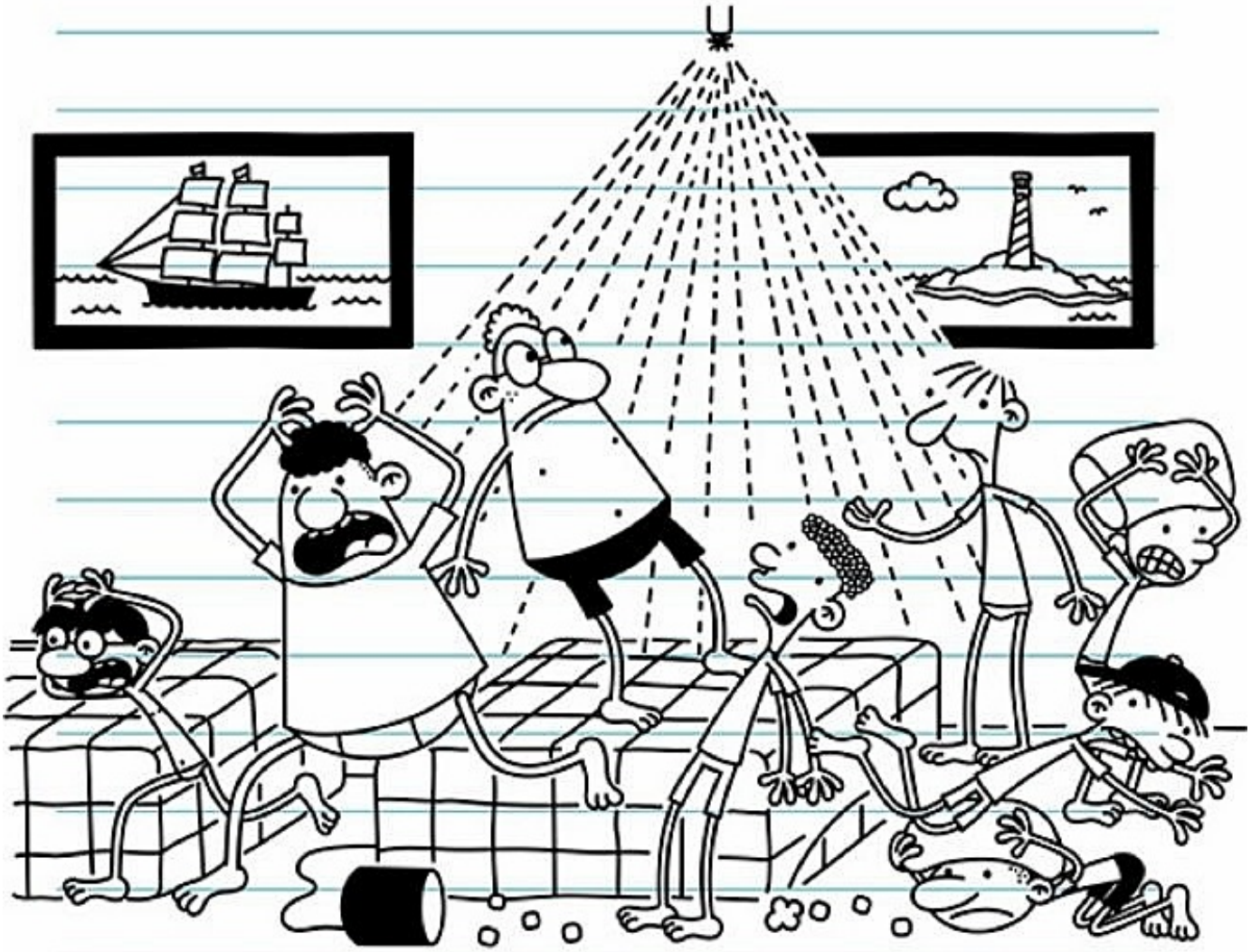
Por sorte, a rodada seguinte era no outro dia de manhã, então fomos pra um hotel a alguns quilômetros do presídio, onde eu pretendia ter uma boa noite de sono. Acho que a mamãe não esperava que a essa altura a gente ainda estivesse no torneio, porque não fez reserva, e quando chegamos só tinha dois quartos disponíveis.

Então a mamãe pegou um quarto pra ela e pra Ruby e outro pro RESTO do time todo. Não sei como seria dividir o quarto com a Ruby, mas acho que está na cara que não tinha como ser divertido ficar num quarto com os caras do meu time.



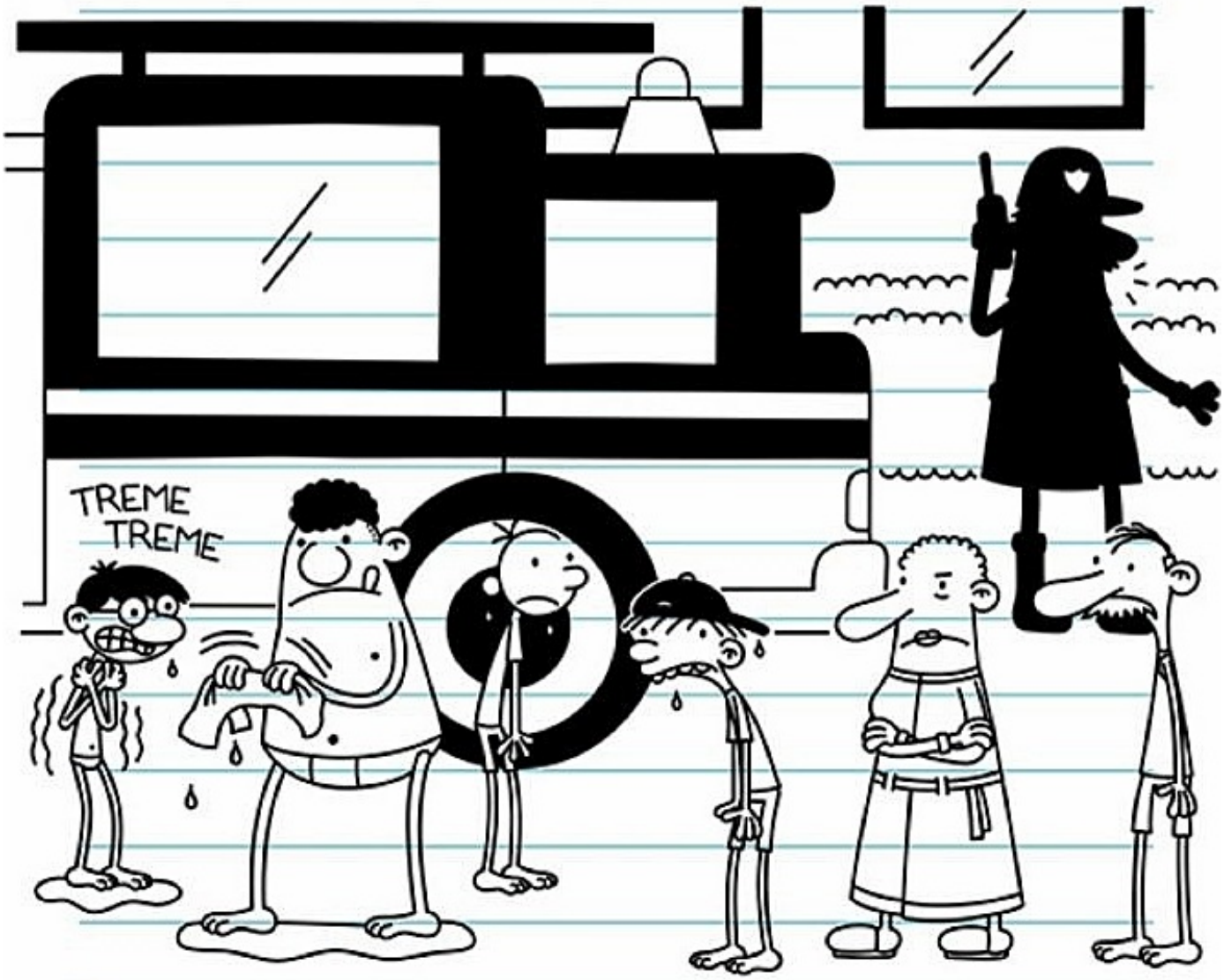
Pelo jeito como meus colegas estavam se comportando, duvido que já tivessem ficado num hotel antes. Eu mesmo cogitei várias vezes a ideia de chamar o segurança.

Mas NÃO chamei, o que foi um grande erro. Porque começaram uma guerra de cubos de gelo e acabaram acertando o dispositivo anti-incêndio do teto.



E, quando essa coisa é acionada, o alarme dispara junto.

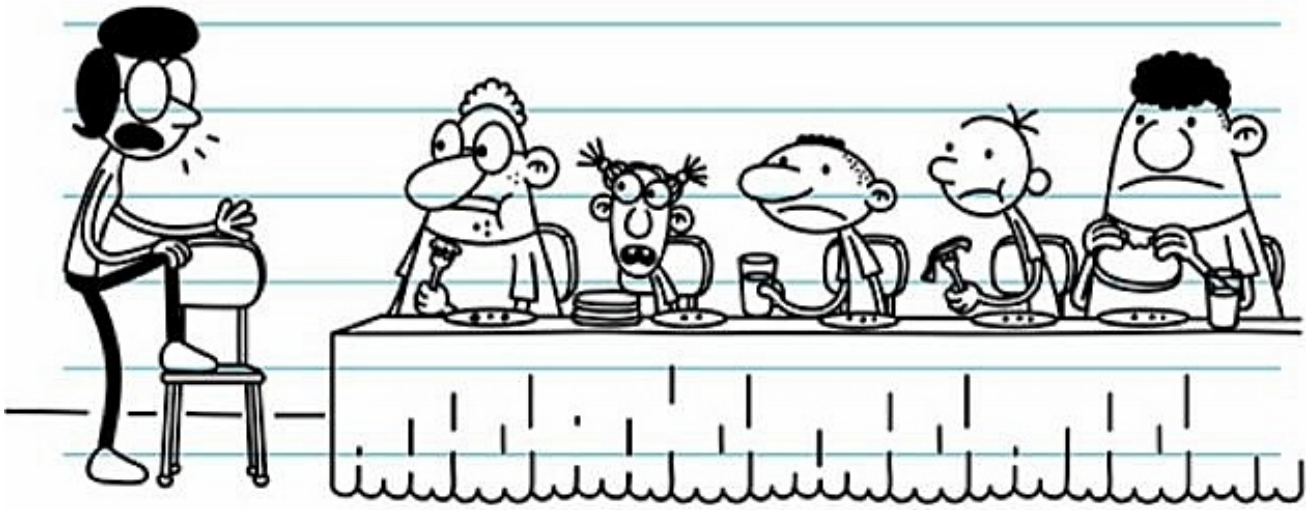
Então tivemos que passar duas horas lá fora no frio, junto com TODOS os hóspedes do hotel, enquanto os bombeiros reconfiguravam o sistema de alarme.



De manhã, a mamãe parecia bem irritada com a gente, mas resolveu se concentrar no que teria pela frente.

Durante o café, ela contou que estávamos entre os quatro finalistas e que ia ser preciso jogar como um time unido pra conseguir uma vitória.

Aí ela contou como se sentiu ao perder seu último jogo na escola e falou que, às vezes, se pergunta se poderia ter feito algo DIFERENTE pras coisas terminarem de outro jeito. Falou que não queria que a GENTE tivesse esse tipo de arrependimento, então era melhor dar o máximo na quadra.



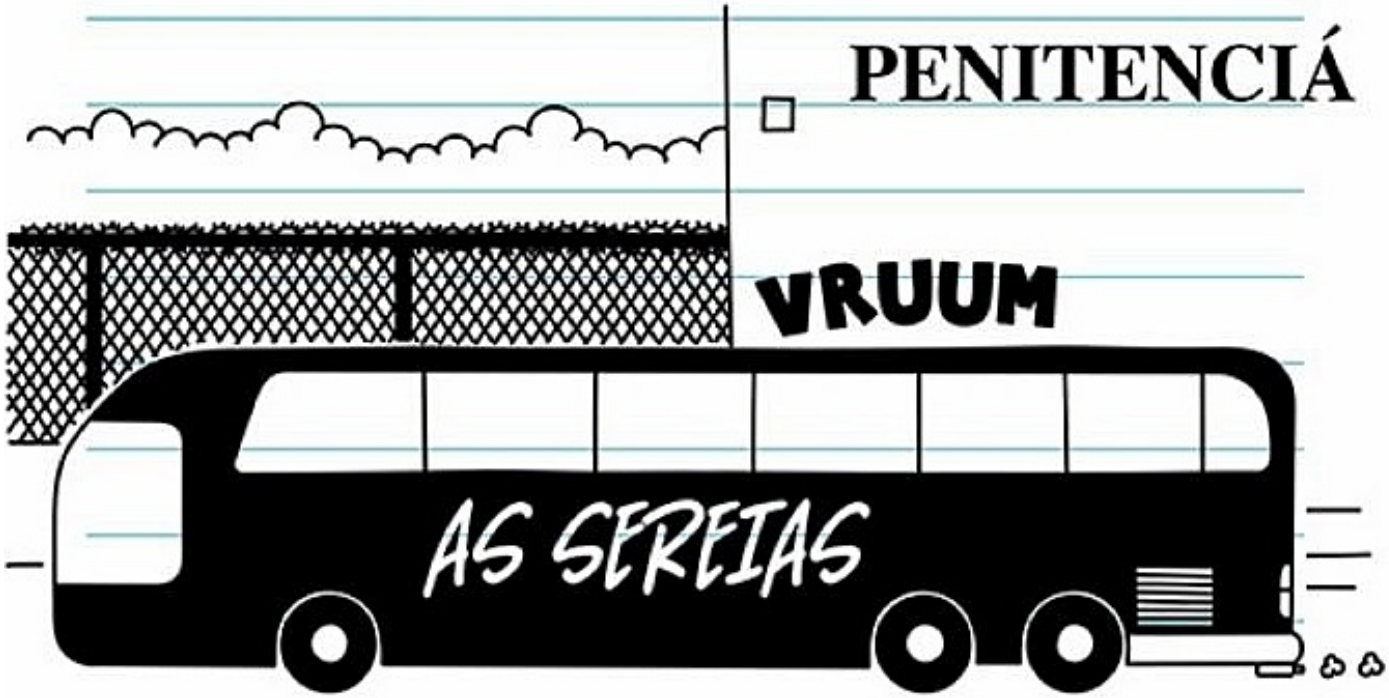
Foi um bom discurso e tal, mas a diferença entre o time da mamãe e o nosso era que o dela estava tentando provar que era o MELHOR, e o nosso estava só tentando não ser o PIOR. A real é que não precisávamos de motivação extra.

Um dia antes, no começo do torneio, ninguém sabia quem a gente era. Mas, depois do lance do alarme de incêndio no meio da noite, TODO MUNDO ficou sabendo.

E o time que a gente ia enfrentar na rodada seguinte estava com sede de VINGANÇA. Era a única equipe feminina do torneio, e acho que elas não curtiram muito ter seu sono interrompido. Então, quando entramos na quadra contra as Sereias, elas estavam a fim de JOGO.

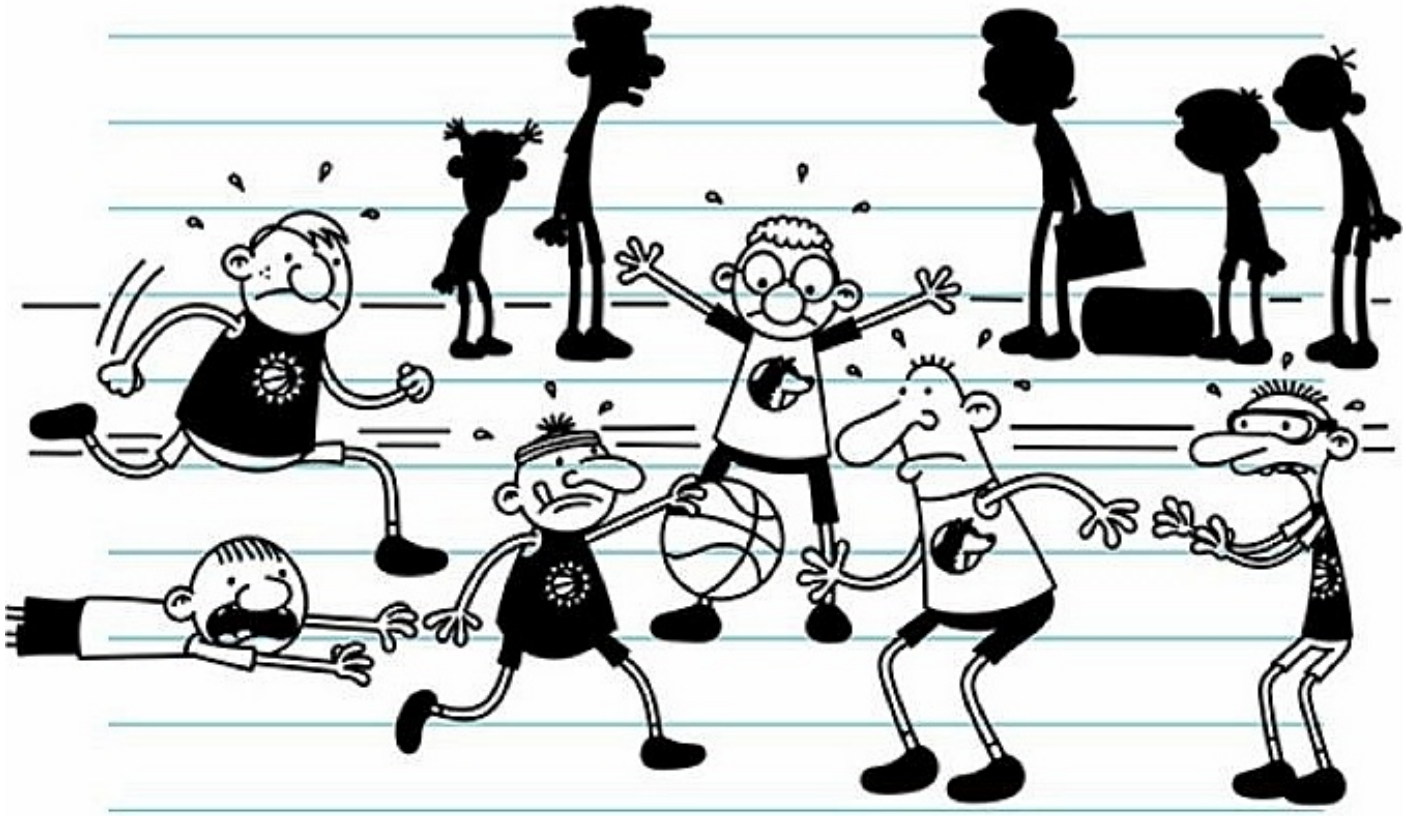
No terceiro quarto, a mamãe precisou tirar a Ruby da partida pra ela descansar um pouco. Mas seria melhor se EU não tivesse sido escolhido, porque foi como jogar carne nova pra um bando de LOBAS.

Nem lembro qual foi o placar final. Só sei que a gente perdeu, e que elas puderam ir pra casa.



Não sei como as Sereias demoraram tanto pra conseguir uma vitória, porque aquelas garotas eram DURONAS. Mas, quando vi quem ainda estava disputando a chance de ir pra casa, ficou na cara por que aqueles caras ainda estavam lá.

Os dois times restantes eram os Huskies originais e os Cestinhas Estilosos. Pra MIM, ambos eram igualmente péssimos, então tanto fazia quem perdesse.

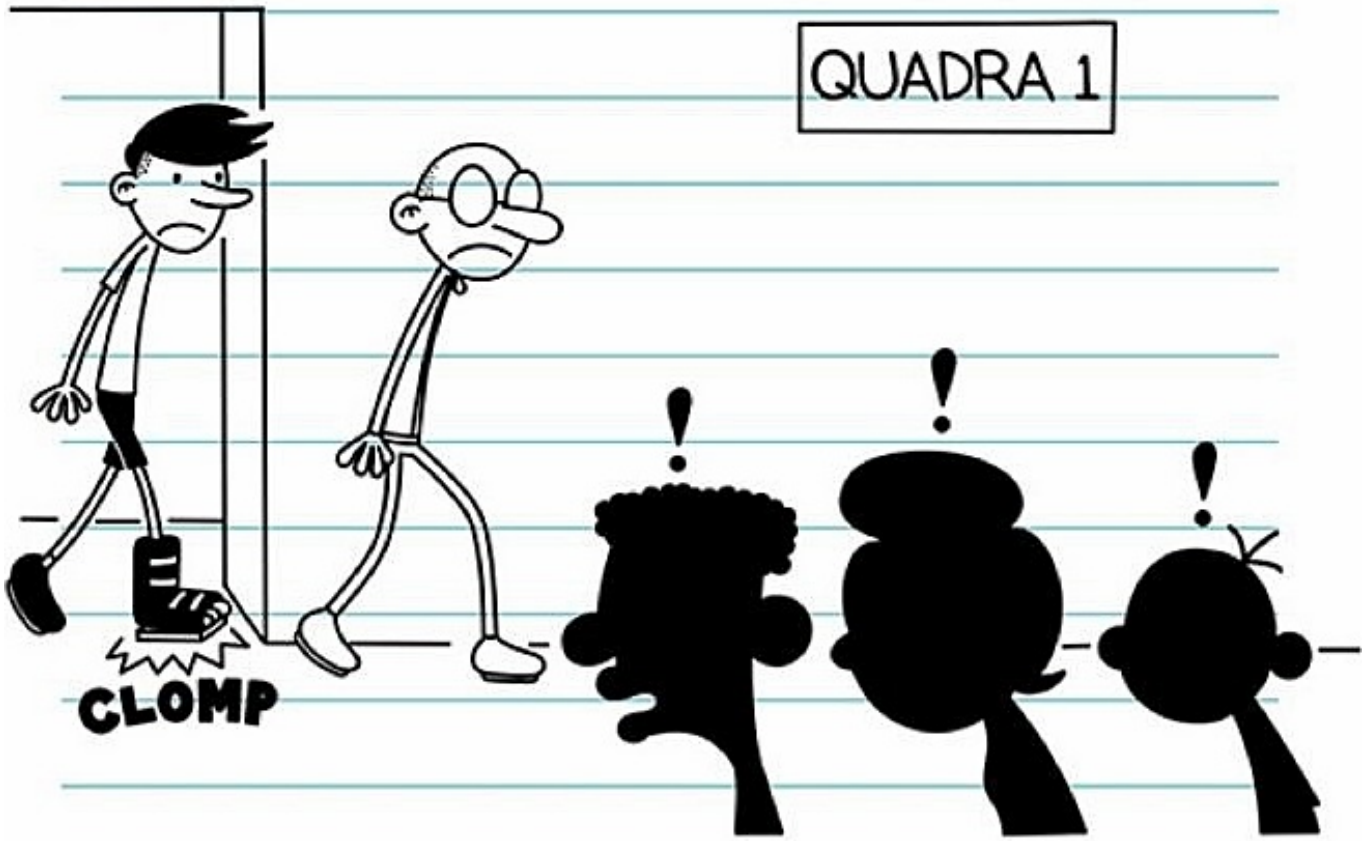


Os Cestinhas Estilosos só tinham cinco jogadores e nenhum reserva. Então, apesar do esforço, acabaram perdendo o gás. O que significava que a gente ia jogar contra eles na FINAL.

Devia ter sacado desde o começo que nem TODO MUNDO no torneio podia voltar pra casa como vencedor. Quem perdesse o último jogo teria a certeza absoluta de que era a pior equipe do estado.

Todos queriam ganhar o último jogo, principalmente a MAMÃE. Então, antes da partida, ela criou um plano e fez uma mudança de última hora no time titular.

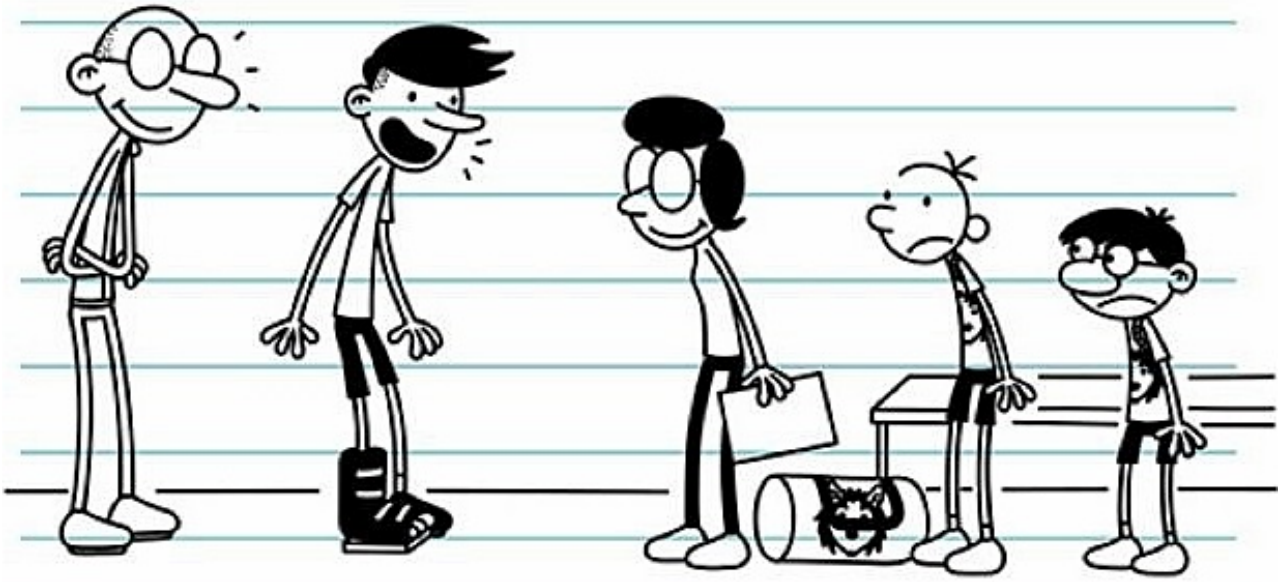
A essa altura, quase todos já tinham ido embora, e o lugar estava praticamente VAZIO. Mas aí duas pessoas apareceram do nada.



Preet usava uma bota pra imobilizar o pé, então acho que não precisava mais das muletas.

A mamãe perguntou o que eles estavam fazendo lá, e o sr. Patel disse que tinha ouvido que a gente ia jogar e pensou em dar uma força.

Mas ela falou que a gente não precisava de torcida, e sim de JOGADORES. Aí ela perguntou pro Preet se ele toparia jogar de bota e tudo. Talvez ele estivesse sentindo falta de competir, porque TOPOU.



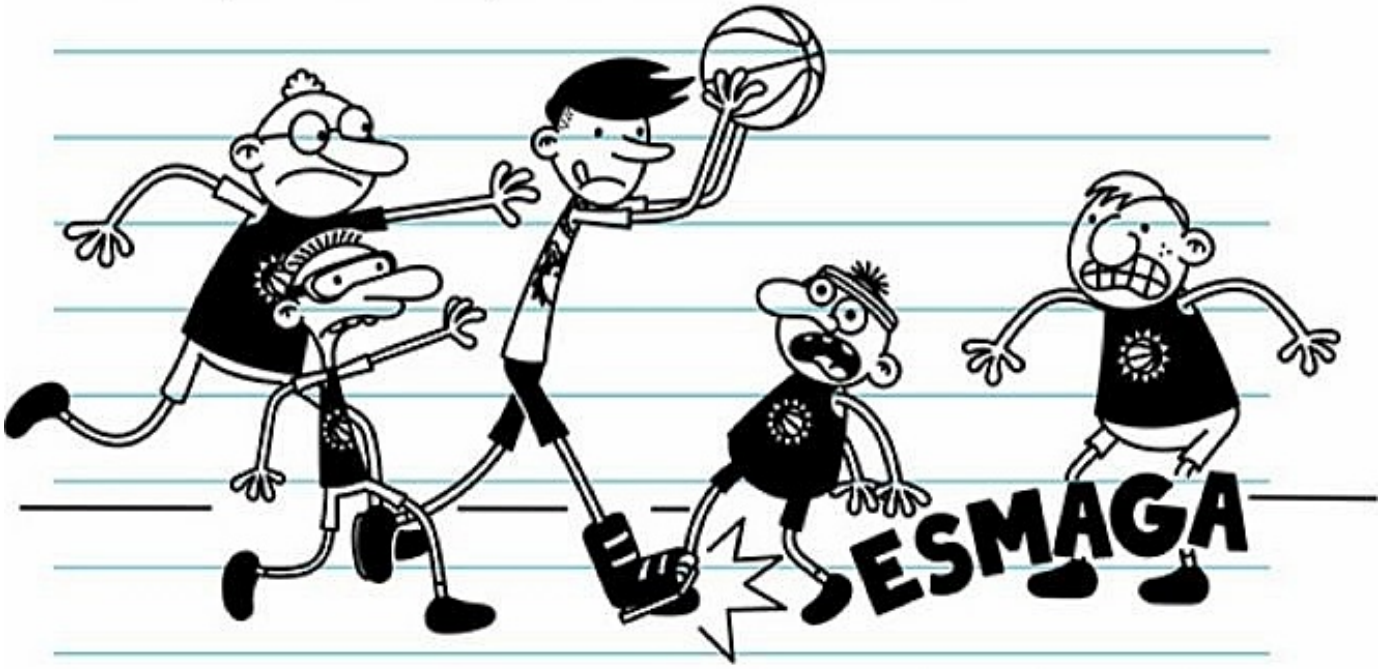
Por sorte, a mamãe tinha uma camisa extra na bolsa, que ofereceu pra ele. Depois, anunciou os titulares e avisou que ia fazer mais uma mudança tática.

A mamãe descartou todas as nossas jogadas e trocou por uma só, chamada "Passem a Bola pro Preet". E todo mundo ficou contente, porque essa finalmente era uma jogada que a gente conseguia ENTENDER.

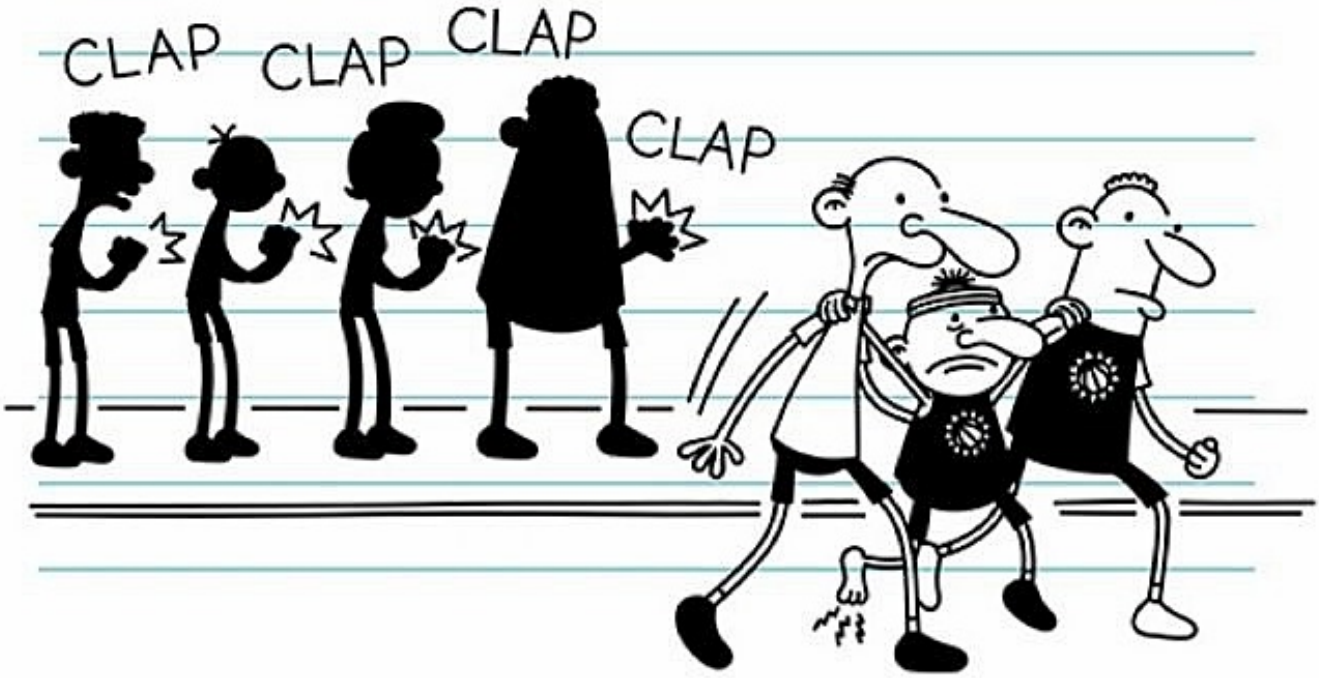
O juiz apitou o início do jogo, e a gente ganhou o tapinha inicial. Yusef passou pro Preet, que era melhor com UMA perna só que o resto de nós com DUAS.

O problema era que ele não podia CORRER. E, toda vez que acertava um arremesso, os Cestinhas Estilosos faziam uma cesta fácil do outro lado.

Pouco antes do intervalo, aconteceu uma coisa HORRÍVEL. Vários jogadores do outro time estavam tentando impedir Preet de arremessar, e ele acabou pisando no pé do armador deles.



O garoto precisou ser carregado pra fora da quadra pelo treinador e um colega, e todo mundo aplaudiu, porque por algum motivo é isso o que se deve fazer numa situação assim.



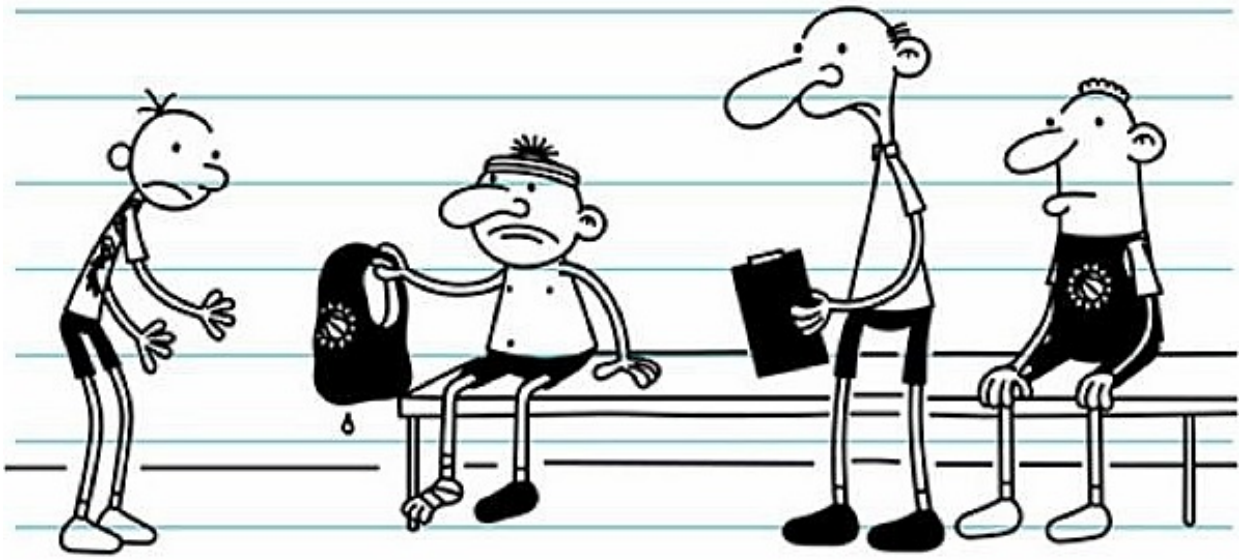
Mas aí os Cestinhas Estilosos ficaram com quatro jogadores. A juíza principal avisou que, como eles não estavam completos, teriam que se RETIRAR da quadra. Acho que o treinador deles aceitou a ideia sem problemas.

Mas a mamãe NÃO. Ela disse que, se fosse pra gente vencer, ia ter que ser uma vitória justa. Então sugeriu mandar um dos NOSSOS jogadores pro outro time pro jogo poder terminar.

Acho que o treinador percebeu que não tinha nada a perder, então topou. Ele disse que aceitava o PREET. Mas daí a juíza falou que era a MAMÃE quem devia escolher o jogador que mandaria pro outro time. E, depois de pensar um minutinho, ela falou que o substituto seria EU.

Pra ser sincero, fiquei meio que chocado, porque jamais esperava ser trocado pela minha própria MÃE. Mas, enquanto ia pro outro lado da quadra, ela cochichou no meu ouvido.

Aí não entendi mais NADA. Queria que o nosso time ganhasse, assim como a mamãe, só acho que ela não ia gostar se eu TRAPACEASSE. Mas eu estava disposto a tudo, inclusive usar o UNIFORME de outro jogador.



Quando o segundo tempo começou, fui pra quadra e fingi que estava dando o meu melhor. Mas acho que os meus novos colegas não confiavam em mim, porque não me passavam a bola.

Depois de uns minutos, fiquei parado no canto da quadra pra não atrapalhar ninguém. Aquele era um ótimo lugar pra ver o jogo, que estava ficando bem INTERESSANTE.

Toda vez que o Preet acertava um arremesso incrível, alguém do time dos Cestinhas Estilosos descontava do outro lado. O placar ficou lá e cá durante todo o segundo tempo, e fiquei tão entretido que até esqueci que estava JOGANDO.

Então, quando o Preet errou uma cesta de três pontos e a bola bateu no aro, levei um susto quando ela veio pra MIM.

Não sabia se devia fazer um passe, sair batendo a bola ou sei lá O QUÊ. No fim, não consegui fazer nada, porque de repente meus ex-colegas de time estavam TODOS em cima de mim.

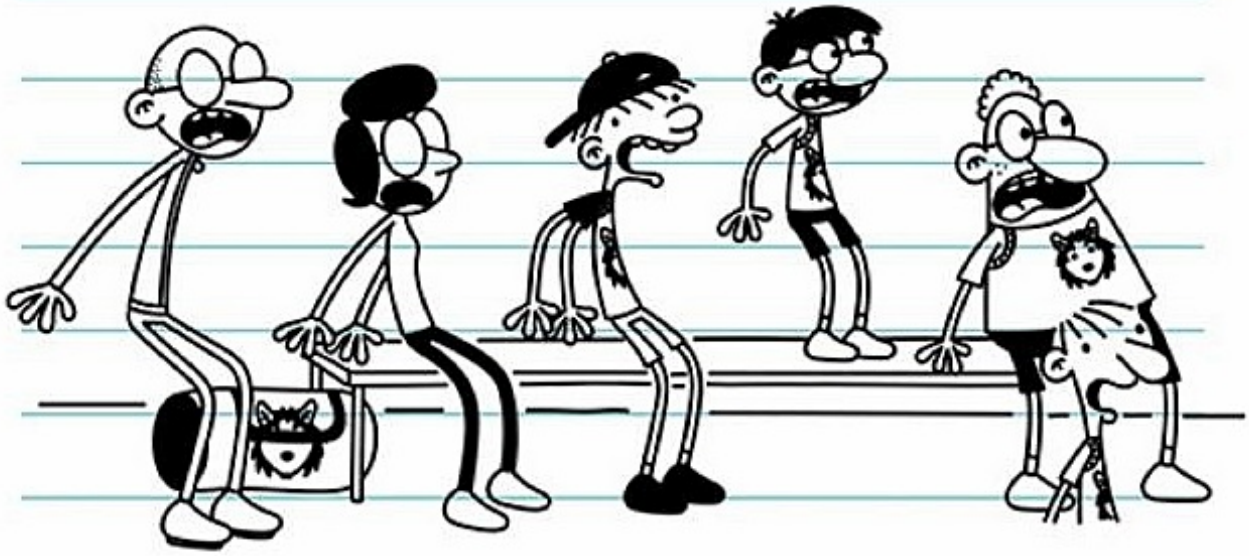
O tempo estava acabando, e os Cestinhas Estilosos estavam dois pontos atrás. Olhei pro banco pra ver o que a mamãe queria que eu fizesse, mas ela não parecia estar torcendo por mim.

Foi aí que percebi por que ela tinha me mandado pro outro time, pra começo de conversa. Não foi porque eu era algum tipo de "arma secreta", mas porque era um jogador muito RUIM, e ela sabia que eu ia afundar o outro time.

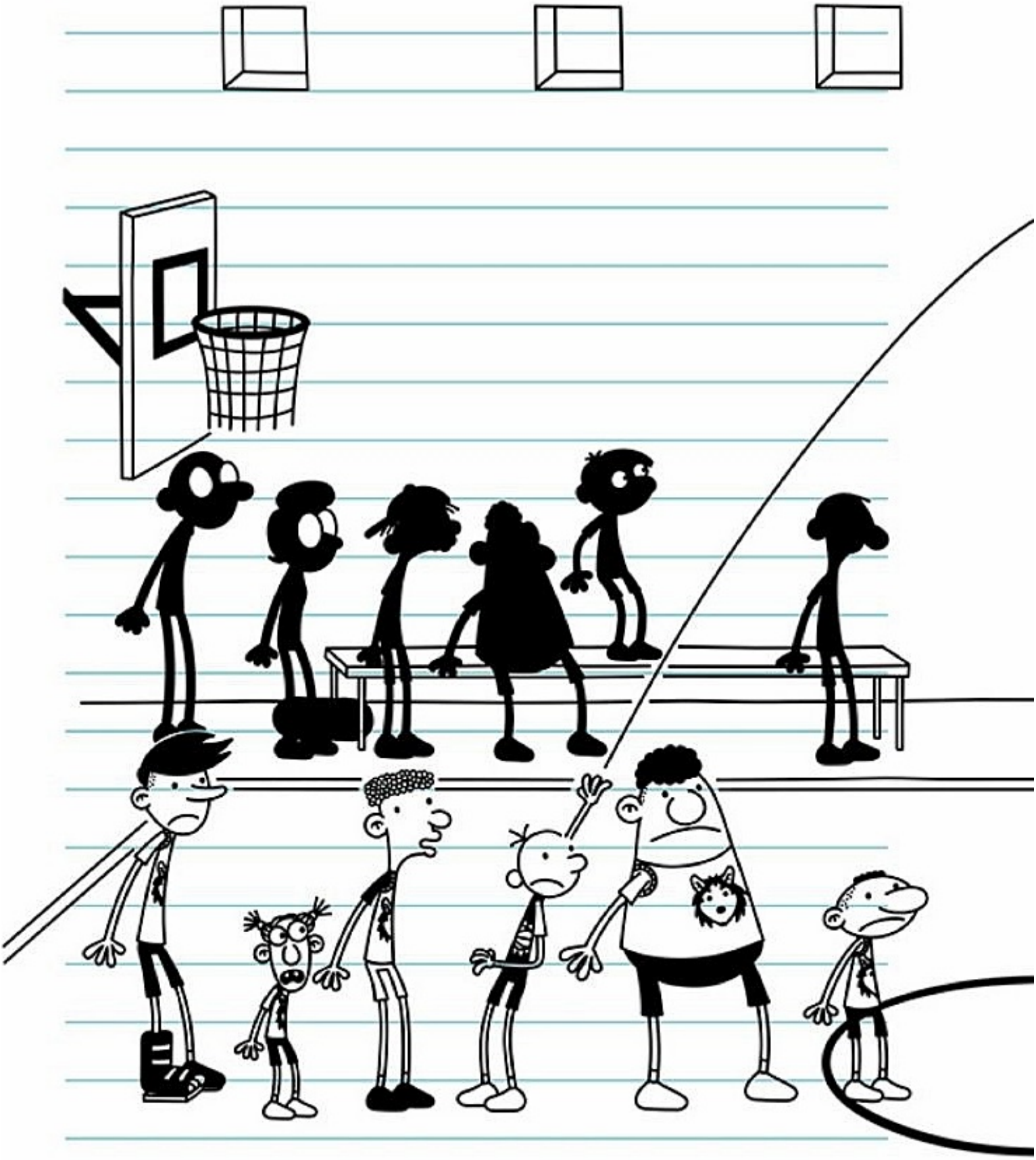
Mas nessa hora, sinceramente, eu nem LIGUEI. Só queria me livrar da bola logo pra ter espaço pra pelo menos respirar.

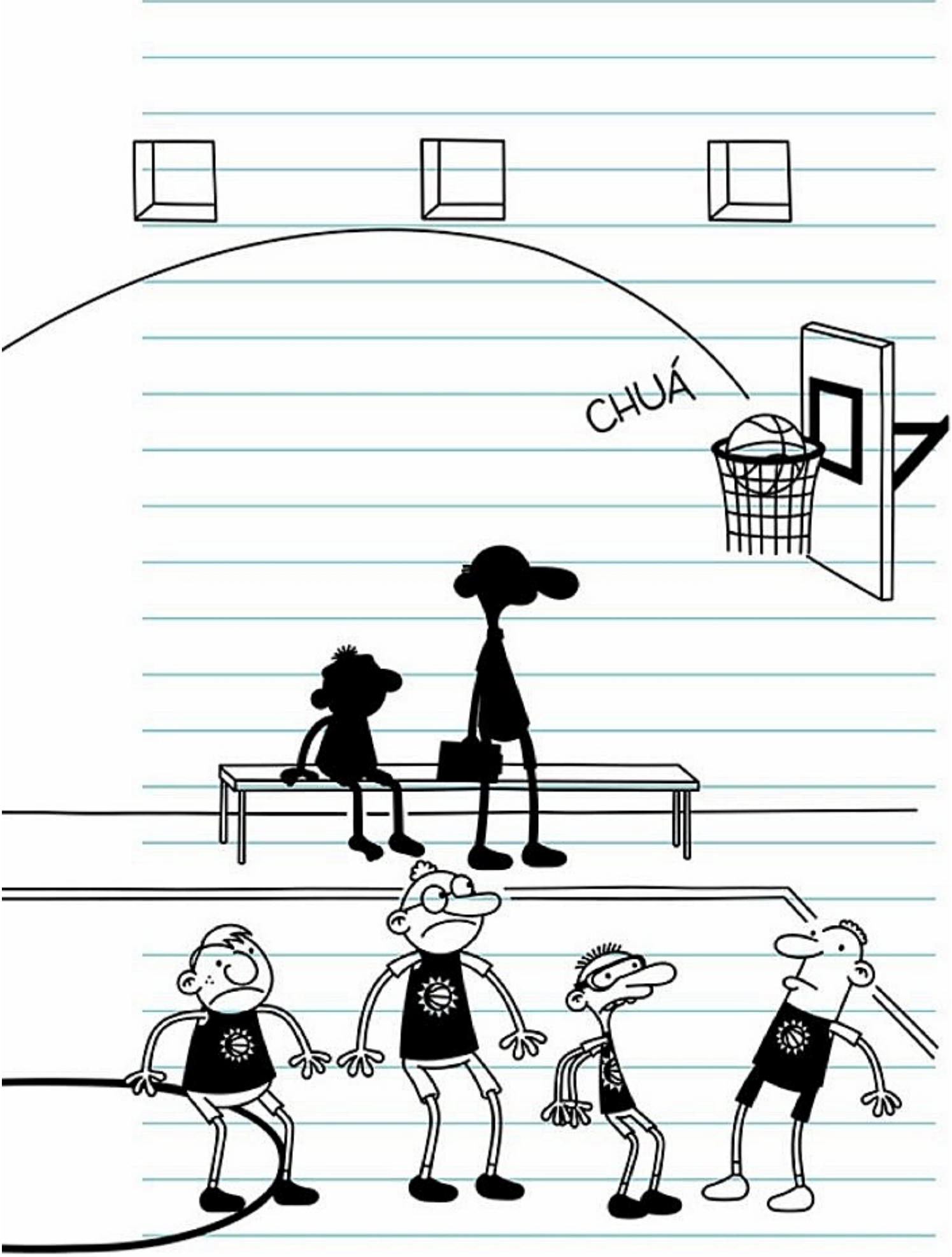
Aí joguei a bola com toda força.

Quando arremessei, todo mundo PARALISOU, e foi como se o tempo estivesse em câmera lenta. Ninguém fez nada além de ver a bola voar pelos ares.

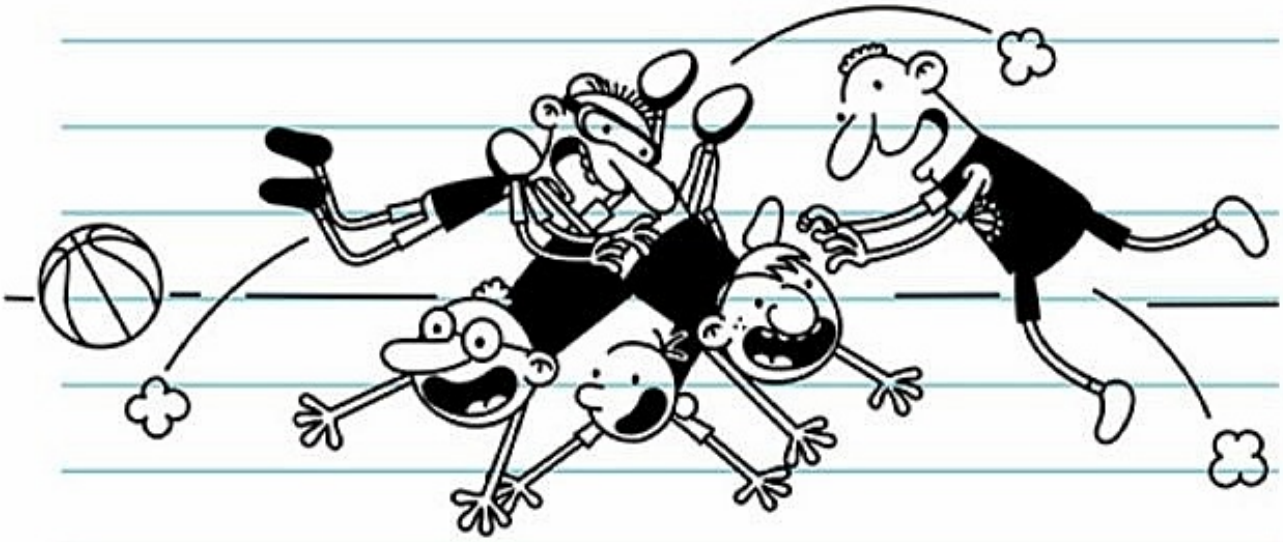


E, quando a bola acertou a cesta do outro lado da quadra, o silêncio foi total.




CHUÁ

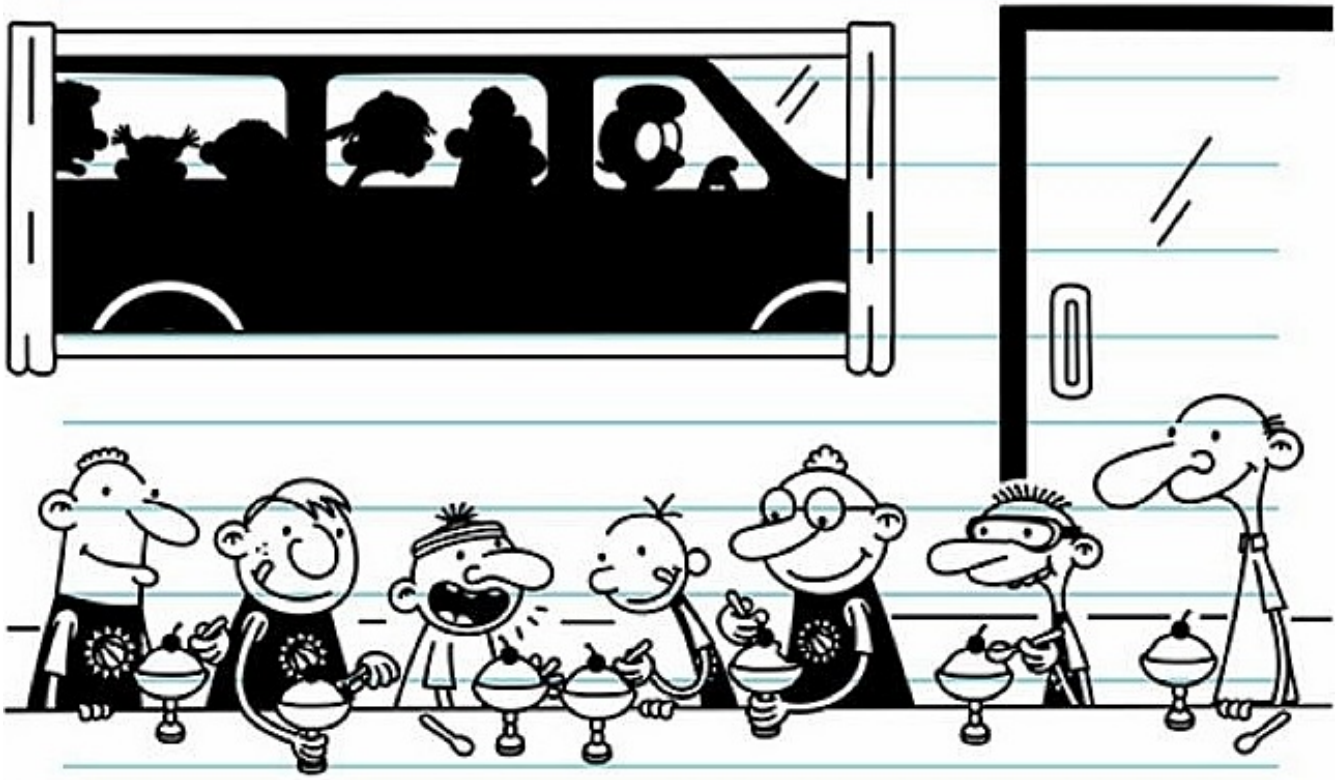
Marquei três pontos, o que colocou os Cestinhas Estilosos um ponto à frente. E, quando o tempo acabou, meus novos parceiros PULARAM em mim.



Finalmente fui o HERÓI pela primeira vez na vida e entendi por que as pessoas gostam tanto de esportes.

Inclusive achei que isso daria um bom FILME. Então tratei de conseguir a assinatura dos meus novos colegas.

Admito que a mamãe tinha razão quando disse que os esportes unem as pessoas. Depois do jogo, eu e o pessoal do time fomos tomar sorvete. E estava tão divertido que a gente até REPETIU.



Cogitamos até disputar a PRÓXIMA temporada juntos. Mas, apesar de pensar que isso poderia ser legal, acho que é melhor parar enquanto ainda estou por cima.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a minha esposa, Julie, por me apoiar e encorajar, e obrigado a toda a minha família por estar ao meu lado todos esses anos.

É preciso muita gente para fazer um livro! Agradeço a Charlie Kochman por seu cuidado e sua ajuda especializada para tornar estes livros os melhores que podem ser. Obrigado a todos na Abrams, especialmente Michael Jacobs, Andrew Smith, Elisa Gonzalez, Hallie Patterson, Melanie Chang, Kim Lauber, Mary O'Mara, Alison Gervais e Borana Greku. Obrigado também a Steve Roman.

Obrigado à equipe Wimpy Kid: Shaelyn Germain-Dupre, Vanessa Jedrej e Anna Cesary. Agradeço a Deb Sundin, Kym Havens e toda a equipe de An Unlikely Story.

Agradecimentos a Rich Carr e Andrea Lucey por seu excelente apoio. Obrigado a Paul Sennott por seus conselhos de especialista. Agradeço a Sylvie Rabineau e Keith Fleer por tudo que vocês fizeram por mim. Obrigado a Roland Poindexter, Ralph Milero, Vanessa Morrison e Michael Musgrave por trazer o mundo de Greg Heffley à vida de uma maneira tão maravilhosa.

Agradeço também a Jess Brallier por seu incentivo e amizade.

SOBRE O AUTOR

Jeff Kinney começou sua carreira desenvolvendo e projetando jogos *online*. Em 2007, lançou a série Diário de um Banana, que chegou a liderar a lista de livros mais vendidos do *New York Times*. Dois anos depois, a revista *Time* indicou Jeff como uma das 100 Pessoas Mais Influentes do mundo. É o criador do site de jogos online Poptropica. Passou sua infância na região de Washington, D.C. e, em 1995, mudou-se para New England. Hoje, Jeff mora no sul do estado de Massachusetts com a mulher e os dois filhos.

Greg Heffley e esportes não se misturam.

Depois de uma competição desastrosa na escola, Greg decide que está oficialmente aposentado de sua carreira como atleta. Mas sua mãe não vai desistir tão fácil e o incentiva a se inscrever na equipe de basquete.

Nos testes de seleção, ele tem certeza de que não vai passar. Mas inesperadamente consegue uma vaga no time da cidade.

Logo no início da temporada, percebe-se que as chances de vencer até mesmo um único jogo parecem mínimas. Mas no esporte tudo pode acontecer.

E, de repente, o lance decisivo cai nas mãos de Greg. Será que ele vai definir a partida ou vai desperdiçar a bola do jogo?

EDITORA